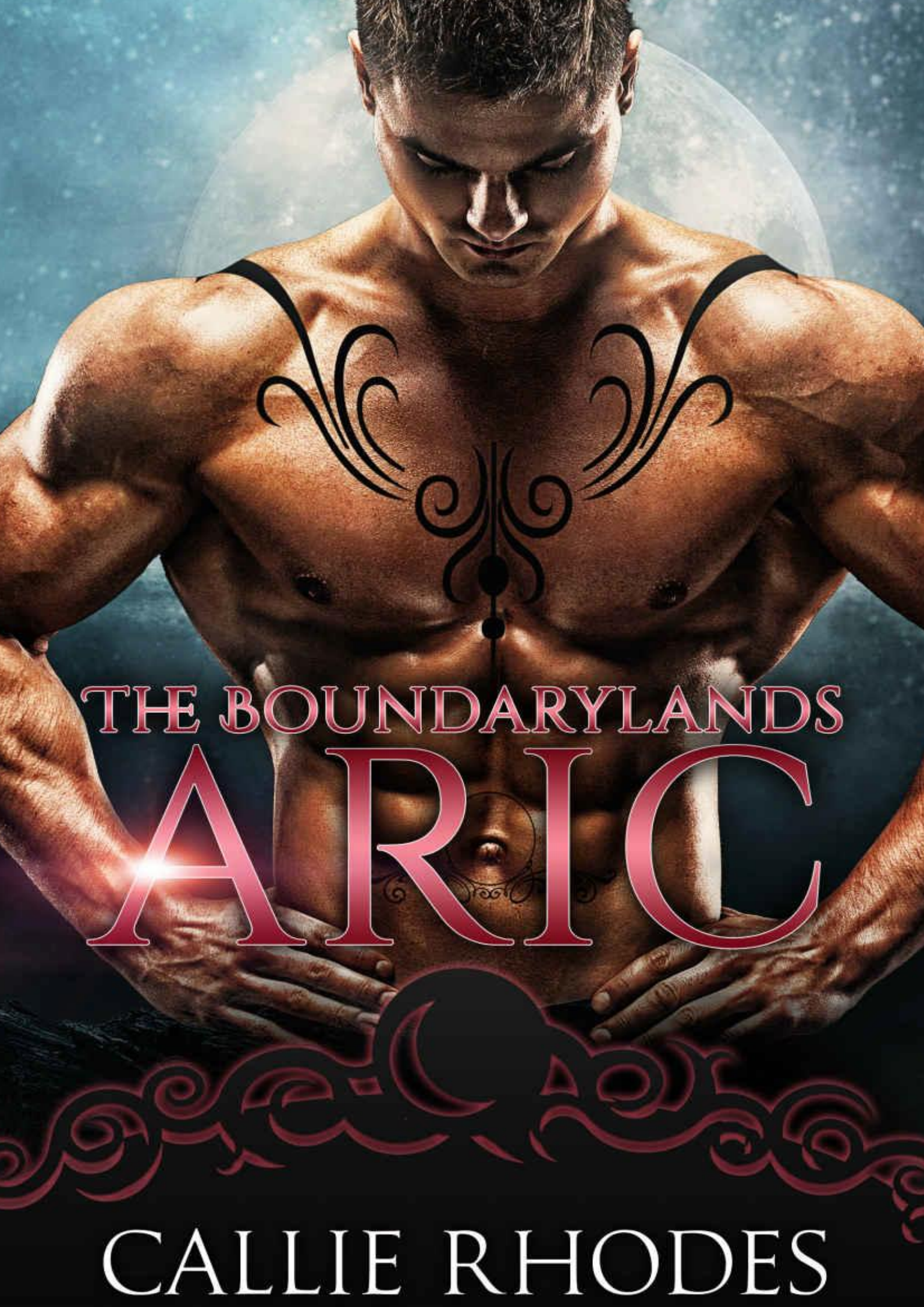




THE BOUNDARYLANDS

ARIC

CALLIE RHODES





AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil.

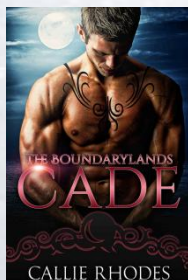
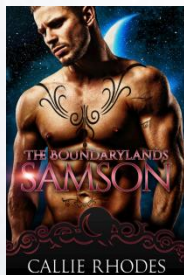
A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras.

Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa dos mesmos.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

THE BOUNDARYLANDS OMEGAVERSE

Callie Rhodes



THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes

STAFF



Disponibilização e TM – *WAS*

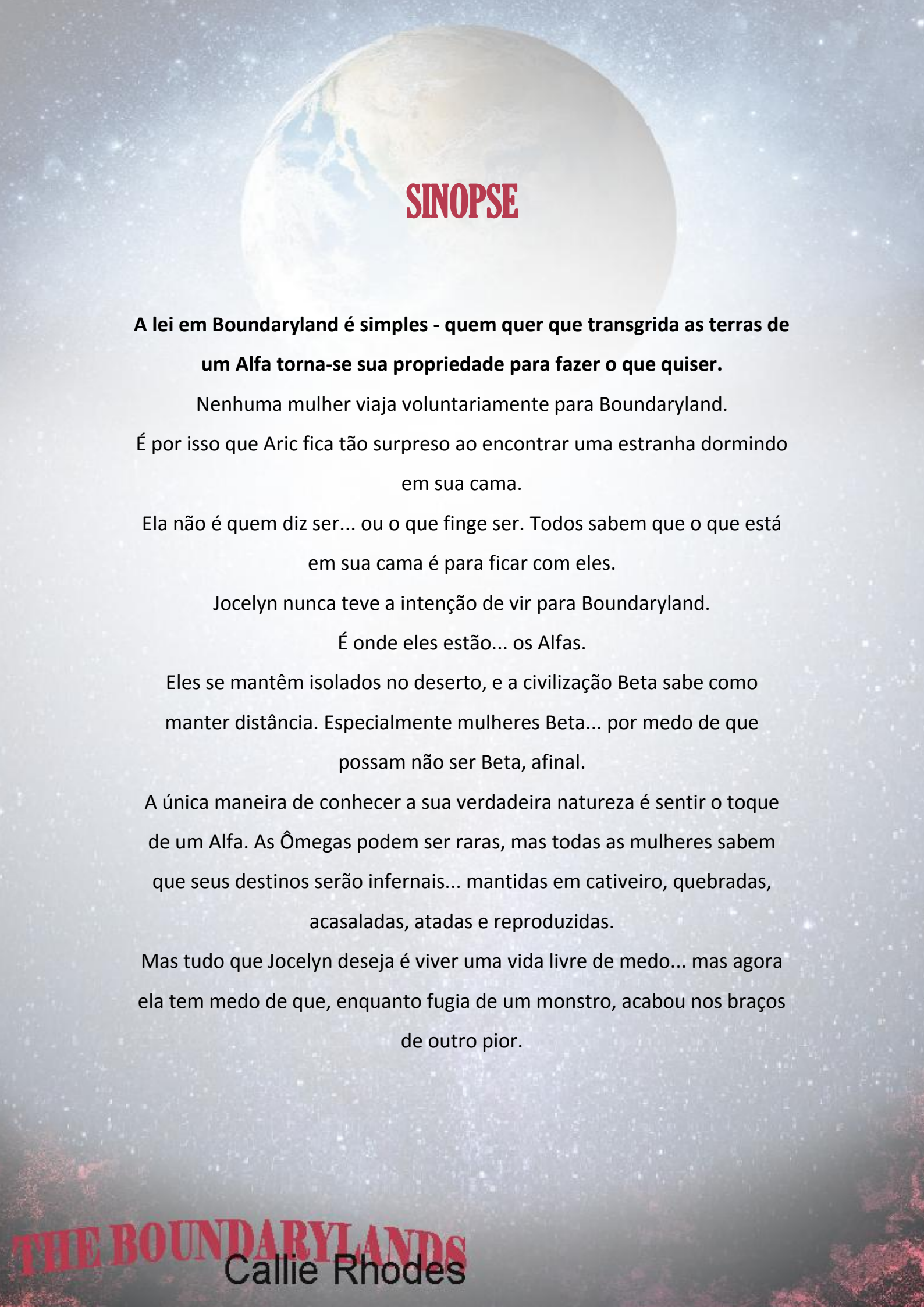
Revisão Inicial – *Gamora Zen (Só Aliens)*

Revisão Final – *Gaia Wings (WAS)*

Leitura Final – *Sidriel Wings (WAS)*

Formatação – *WAS*

Janeiro 2022



SINOPSE

A lei em Boundaryland é simples - quem quer que transgrida as terras de um Alfa torna-se sua propriedade para fazer o que quiser.

Nenhuma mulher viaja voluntariamente para Boundaryland.

É por isso que Aric fica tão surpreso ao encontrar uma estranha dormindo em sua cama.

Ela não é quem diz ser... ou o que finge ser. Todos sabem que o que está em sua cama é para ficar com eles.

Jocelyn nunca teve a intenção de vir para Boundaryland.

É onde eles estão... os Alfas.

Eles se mantêm isolados no deserto, e a civilização Beta sabe como manter distância. Especialmente mulheres Beta... por medo de que possam não ser Beta, afinal.

A única maneira de conhecer a sua verdadeira natureza é sentir o toque de um Alfa. As Ômegas podem ser raras, mas todas as mulheres sabem que seus destinos serão infernais... mantidas em cativeiro, quebradas, acasaladas, atadas e reproduzidas.

Mas tudo que Jocelyn deseja é viver uma vida livre de medo... mas agora ela tem medo de que, enquanto fugia de um monstro, acabou nos braços de outro pior.



CAPÍTULO 1

Jocelyn

— Você deve ser a nova garota.

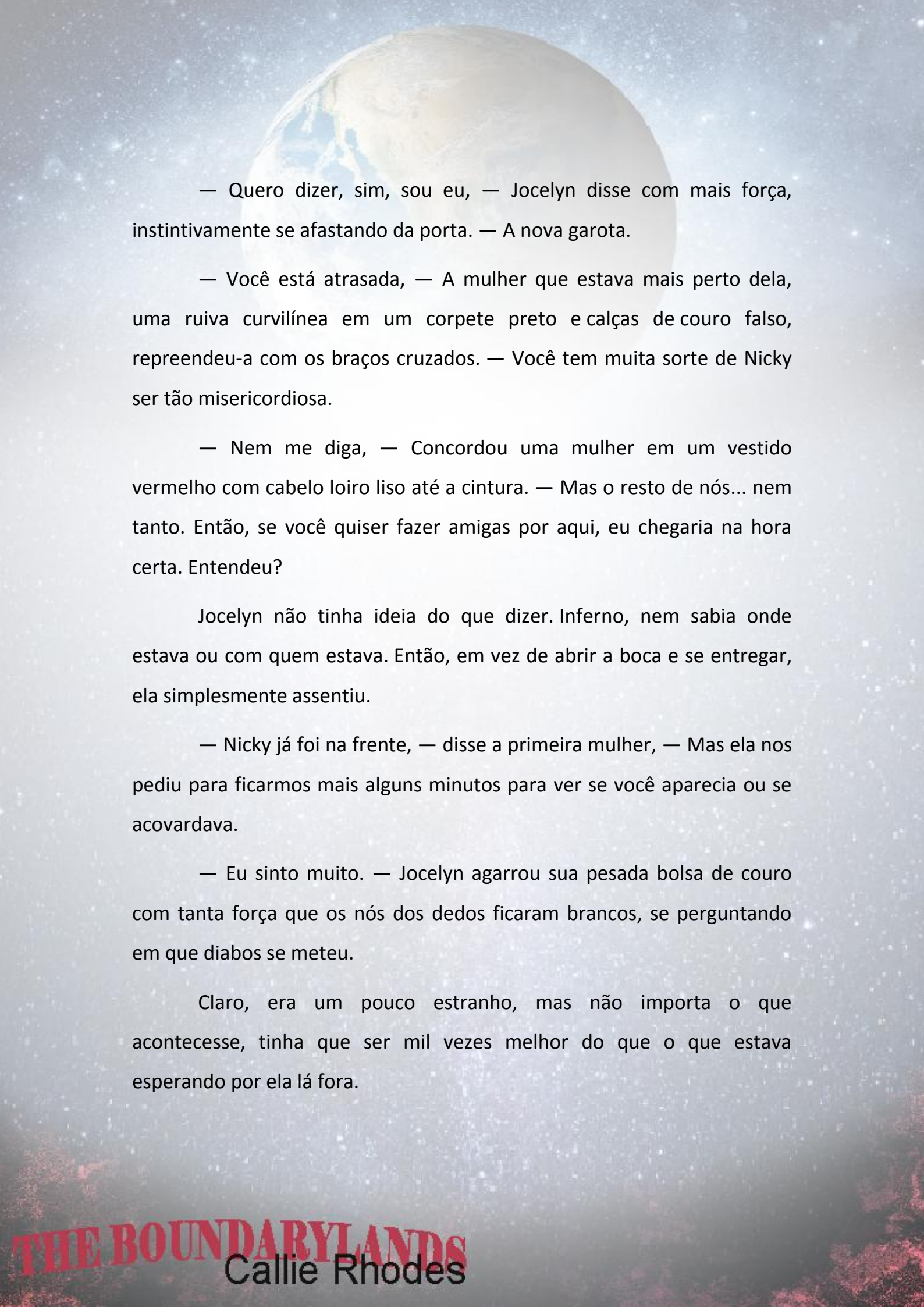
Jocelyn Waters congelou. Ficou surpresa... e muito aliviada... ao encontrar a loja com portas de vidro revestidas de papel destrancada. Tentou abrigo em todas as outras portas neste centro comercial decadente, além do bar degradado que olhou por último, mas estava lotado para a noite.

Ela esperava encontrar o lugar vazio, mas em vez disso, ficou cara a cara com três mulheres de sua idade.

Jocelyn não tinha ideia do que estavam fazendo neste espaço comercial quase vazio, mas estavam todas vestidas para uma noite divertida, com maquiagem pesada, cabelo despenteado e roupas sexy.

— Eu... eu sinto muito, — Jocelyn gaguejou. — Acho que entendi errado...

Mas então ouviu um som que fez seu sangue gelar. Um que esteve correndo por seis horas e vários quilômetros... o rugido inconfundível de um motor muito familiar.



— Quero dizer, sim, sou eu, — Jocelyn disse com mais força, instintivamente se afastando da porta. — A nova garota.

— Você está atrasada, — A mulher que estava mais perto dela, uma ruiva curvilínea em um corpete preto e calças de couro falso, repreendeu-a com os braços cruzados. — Você tem muita sorte de Nicky ser tão misericordiosa.

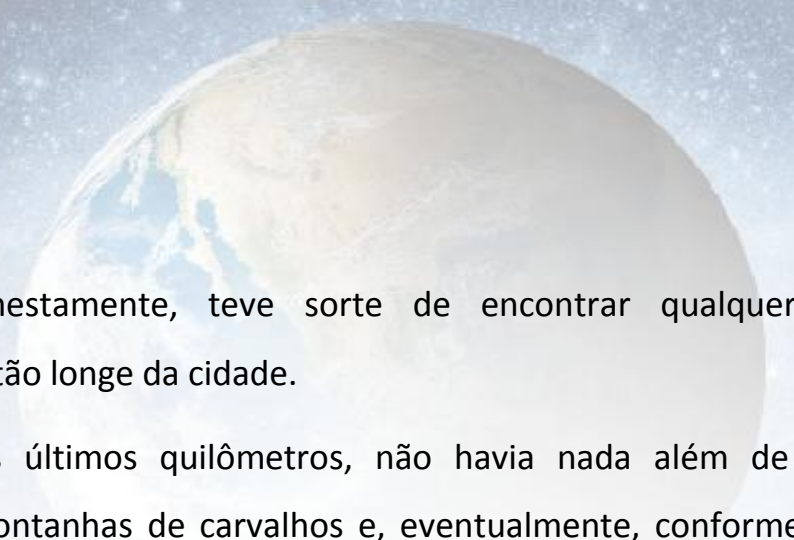
— Nem me diga, — Concordou uma mulher em um vestido vermelho com cabelo loiro liso até a cintura. — Mas o resto de nós... nem tanto. Então, se você quiser fazer amigas por aqui, eu chegaria na hora certa. Entendeu?

Jocelyn não tinha ideia do que dizer. Inferno, nem sabia onde estava ou com quem estava. Então, em vez de abrir a boca e se entregar, ela simplesmente assentiu.

— Nicky já foi na frente, — disse a primeira mulher, — Mas ela nos pediu para ficarmos mais alguns minutos para ver se você aparecia ou se acovardava.

— Eu sinto muito. — Jocelyn agarrou sua pesada bolsa de couro com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos, se perguntando em que diabos se meteu.

Claro, era um pouco estranho, mas não importa o que acontecesse, tinha que ser mil vezes melhor do que o que estava esperando por ela lá fora.



Honestamente, teve sorte de encontrar qualquer sinal de civilização tão longe da cidade.

Nos últimos quilômetros, não havia nada além de pastagens abertas, montanhas de carvalhos e, eventualmente, conforme a rodovia alcançava uma elevação mais elevada, florestas perenes tão densas que até o luar lutava para passar.

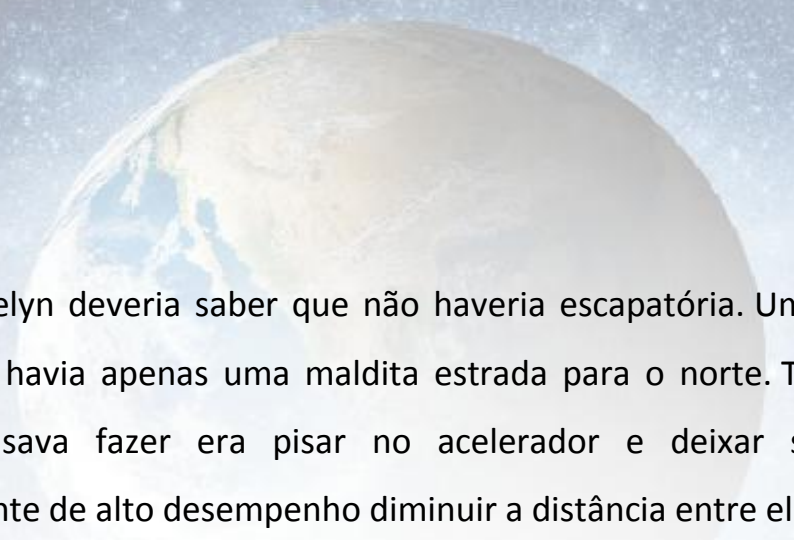
Não era um ótimo lugar para procurar um abrigo... qualquer abrigo... para se esconder. Mas quando ela viu um flash vermelho cereja em seu espelho retrovisor, não teve escolha.

Desde que deixou a cidade, Jocelyn tinha medo de que John estivesse em todos os carros que apareciam em seu espelho retrovisor. Que ele estava a momentos de parar ao lado dela, segurando aquela arma preta feia que encontrou no cofre do escritório, mirando-a através da janela do passageiro e...

Tchau, Jocelyn.

Quando uma hora passou sem que visse nenhum carro vermelho, Jocelyn começou a relaxar, pensando que talvez tivesse conseguido fugir. Mas apenas alguns segundos depois de passar por uma placa anunciando GÁS E COMIDA - PRÓXIMA SAÍDA, Jocelyn viu o brilho do carro esporte vermelho de John crescendo no retrovisor.

Sua sorte havia acabado.



Jocelyn deveria saber que não haveria escapatória. Uma vez fora da cidade, havia apenas uma maldita estrada para o norte. Tudo o que John precisava fazer era pisar no acelerador e deixar seu motor ridiculamente de alto desempenho diminuir a distância entre eles.

Jocelyn se perguntou brevemente por que um assassino profissional teria um carro tão chamativo. Não seria melhor se misturar?

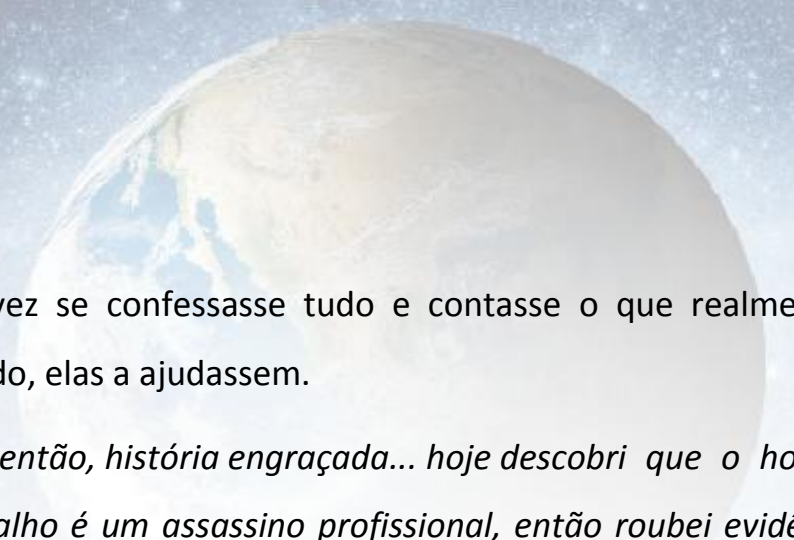
Mas John Barrington estava cheio de surpresas. Nesta manhã, por exemplo, Jocelyn pensava que trabalhava como contadora para um empreiteiro de construção, não um matador de aluguel.

— Eu sou Traci, — a ruiva disse impaciente. — Esta é Hannah e aquela é Courtney.

— Oi, eu sou J... — Jocelyn se conteve. Usar seu nome verdadeiro provavelmente não era a melhor ideia. — Eu sou Jo.

— Vamos, podemos fazer toda essa merda de apresentação no carro, — disse a loira, liderando o caminho para o fundo da loja. — Odeio ser a última escolhida.

— O que isso importa? — Disse Traci. — Não é como se houvesse um ruim. — Jocelyn se conteve enquanto as mulheres avançavam em direção à porta dos fundos, congelada pela indecisão. Não podia simplesmente ir com essas mulheres, não é? Ela não sabia quem elas eram ou para onde estavam indo. E obviamente a haviam confundido com outra pessoa.



Talvez se confessasse tudo e contasse o que realmente estava acontecendo, elas a ajudassem.

Ei, então, história engraçada... hoje descobri que o homem para quem trabalho é um assassino profissional, então roubei evidências para dar às autoridades e dois milhões de dólares em dinheiro de seu cofre para começar uma nova vida, mas ele deve ter descoberto porque está esperando no estacionamento para matar a mim e a qualquer outra pessoa que entrar em seu caminho.

Sim... talvez a honestidade não fosse sua melhor opção.

Jocelyn correu para alcançar as outras, que estavam entrando em um sedã escuro normal estacionado a alguns metros da porta dos fundos. Traci assumiu o volante e Jocelyn sentou-se no banco de trás. Agarrando a bolsa com força contra o peito, ela afundou no assento, deixando seus longos cabelos cobrirem seu rosto.

Música de dança enérgica encheu o carro e Traci pisou no acelerador. No momento em que saíram do estacionamento, Jocelyn se virou em seu assento para ver se John as tinha seguido, mas a estrada estava livre. À distância, ela avistou o carro dele estacionado ao lado do dela no estacionamento.

Jocelyn soltou a respiração que estava segurando enquanto se virava. Isso foi... perto demais.

— Nervosa? — A mulher chamada Hannah perguntou gentilmente. Ela parecia mais legal do que as outras... ou talvez apenas estivesse menos preocupada em ser escolhida por último, o que quer que isso significasse. — Todas tiveram sua primeira vez. Mas não se preocupe, você se sairá bem.

Ótimo, Jocelyn pensou. Agora só tinha que descobrir o que diabos deveria fazer.

— Onde você trabalhou antes disso? — Traci perguntou atrás do volante.

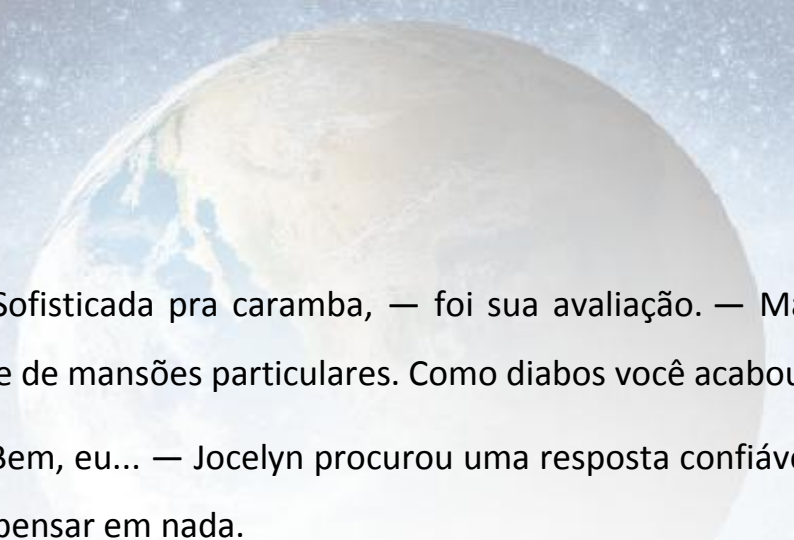
— São Francisco. — Jocelyn estremeceu assim que suas palavras saíram. Ela tinha que cobrir seus rastros melhor, mas suspeitava que não seria melhor em mentir do que em roubar.

— Não brinca, — disse Courtney, olhando por cima do banco do passageiro. — Eu comecei lá também. Que bairro?

— Pacific Heights.

Courtney pareceu surpresa. Ela olhou Jocelyn de cima a baixo avaliando, observando seu vestido azul simples e saltos discretos, seu cabelo preso para trás com uma faixa de tartaruga¹, seus brincos de pérola.





— Sofisticada pra caramba, — foi sua avaliação. — Mas estamos muito longe de mansões particulares. Como diabos você acabou aqui?

— Bem, eu... — Jocelyn procurou uma resposta confiável, mas não conseguiu pensar em nada.

— Deixe-a em paz, Courtney, — disse Hannah. — Você sabe melhor do que ninguém que todos nós temos nossas histórias e nossos segredos.

Courtney se virou em seu assento com uma bufada. — Eu acho que isso explica a bolsa, mas você não vai precisar dela ou de qualquer outro acessório chique aqui.

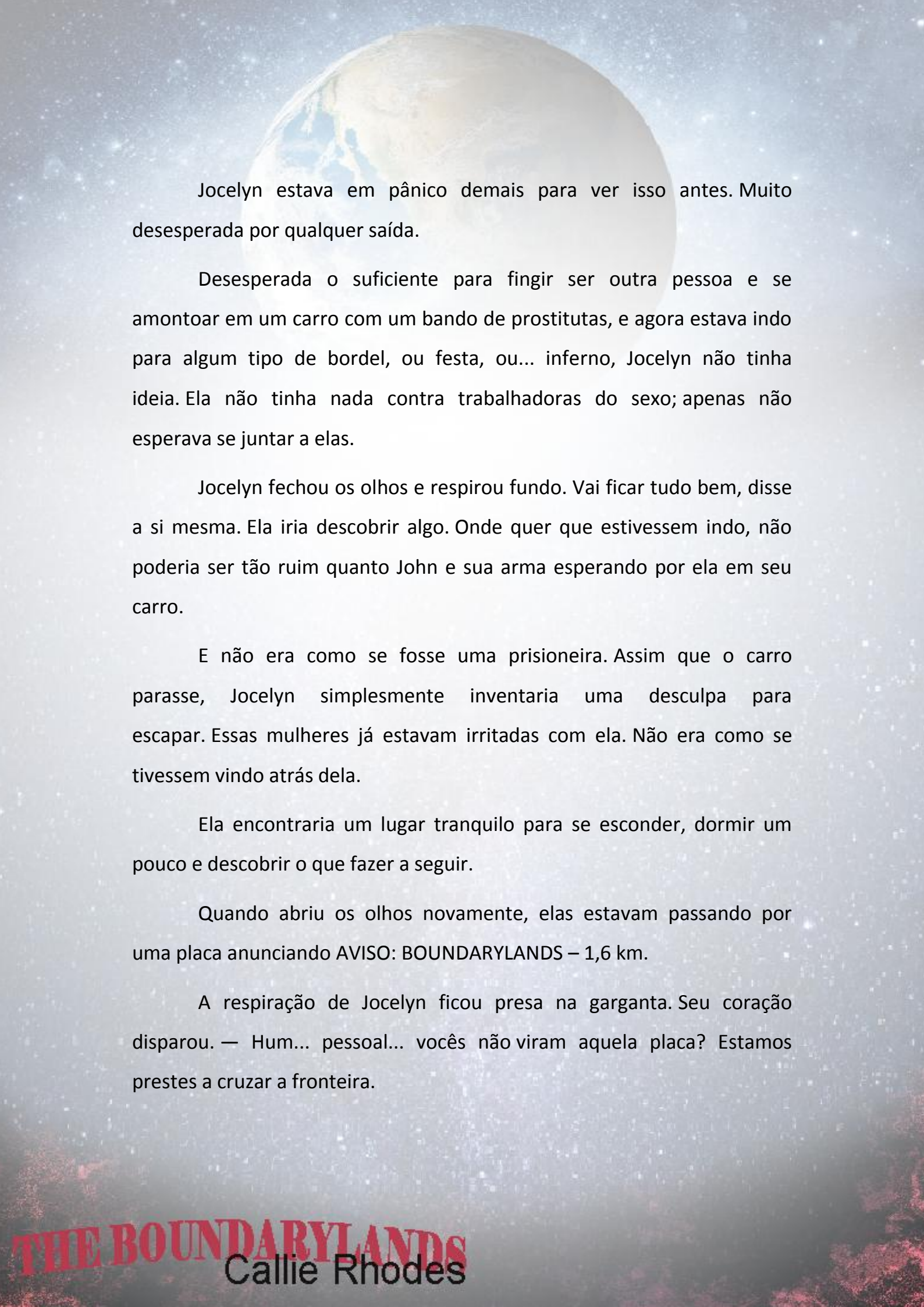
Jocelyn olhou para a bolsa de couro grande e fina que economizou por meses para comprar, se perguntando o que havia de errado com ela, mas Hannah deu um tapinha em sua perna para tranquilizá-la.

— Ela só quer dizer que esses caras gostam de coisas simples.

Esses caras? Jocelyn se perguntou inquieta a quem ela se referia. — Sim, — Traci riu. — Longo, duro e simples. Mesmo se usar cada maldito brinquedo desse saco de truques, ainda vai acordar dolorida amanhã.

Ah merda.

Caras... truques... acordar dolorida amanhã...



Jocelyn estava em pânico demais para ver isso antes. Muito desesperada por qualquer saída.

Desesperada o suficiente para fingir ser outra pessoa e se amontoar em um carro com um bando de prostitutas, e agora estava indo para algum tipo de bordel, ou festa, ou... inferno, Jocelyn não tinha ideia. Ela não tinha nada contra trabalhadoras do sexo; apenas não esperava se juntar a elas.

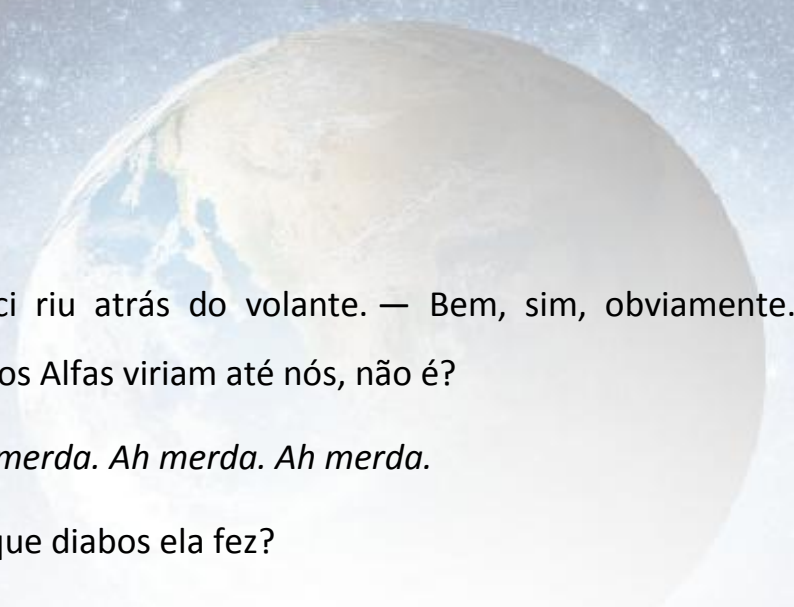
Jocelyn fechou os olhos e respirou fundo. Vai ficar tudo bem, disse a si mesma. Ela iria descobrir algo. Onde quer que estivessem indo, não poderia ser tão ruim quanto John e sua arma esperando por ela em seu carro.

E não era como se fosse uma prisioneira. Assim que o carro parasse, Jocelyn simplesmente inventaria uma desculpa para escapar. Essas mulheres já estavam irritadas com ela. Não era como se tivessem vindo atrás dela.

Ela encontraria um lugar tranquilo para se esconder, dormir um pouco e descobrir o que fazer a seguir.

Quando abriu os olhos novamente, elas estavam passando por uma placa anunciando AVISO: BOUNDARYLANDS – 1,6 km.

A respiração de Jocelyn ficou presa na garganta. Seu coração disparou. — Hum... pessoal... vocês não viram aquela placa? Estamos prestes a cruzar a fronteira.



Traci riu atrás do volante. — Bem, sim, obviamente. Você não achou que os Alfas viriam até nós, não é?

Ah merda. Ah merda. Ah merda.

O que diabos ela fez?

Jocelyn não tinha apenas acidentalmente se juntado ao grupo de prostitutas... ela se juntou *a* prostitutas *Alfa*.

Oh Deus, as coisas não poderiam ficar piores.

Exceto... acabou que podiam. Enquanto o sedan escuro acelerava em direção à fronteira, um leve zumbido ao longe se transformou no ronco de um motor familiar avançando sobre elas. Mesmo antes de Jocelyn se virar, ela sabia o que veria.

Com certeza, pela janela traseira, avistou o carro vermelho cereja de John disparando pela estrada em direção a elas... e alcançando-as rapidamente.

CAPÍTULO 2

Aric

Aric esvaziou o resto de sua cerveja e saiu para desfrutar de uma das primeiras noites amenas de primavera. Encostando em um poste na varanda que percorria toda a extensão do Evander's Bar.

Outra sexta à noite.

Outra chance de se perder por algumas horas em uma pequena e bonita Beta.

As senhoras já começaram a chegar. Nicky havia chegado primeiro em seu Trans Am², e depois um par de garotas vestidas de forma chamativa em uma pequena picape vermelha seguida por outro carro e outro... uma caravana inteira de prostitutas.

Aric observou-as das sombras enquanto se amontoavam e se pavoneavam para o bar, ouvindo os berros e gritos de saudação dos Alfas que esperavam.

Ele conhecia todas as garotas, é claro. Não havia tantas prostitutas Beta dispostas e capazes de atender aos clientes Alfa que não pudesse



2

manter as mulheres em linha reta. Algumas estavam trabalhando neste emprego com Nicky há meses. Algumas anos.

E todas o conheciam também.

— Ei, Aric. — Justine, uma morena fogosa com seios que poderiam encher até às mãos de um Alfa, notou-o sob o beiral e deu-lhe uma piscadela ao passar. — Você me trouxe mais desse seu luar esta noite? Estou quase sem.

Um sorriso apareceu nos cantos dos lábios de Aric com a mentira de Justine. Ele não precisava captar a nuance reveladora em seu cheiro para saber que não estava dizendo a verdade.

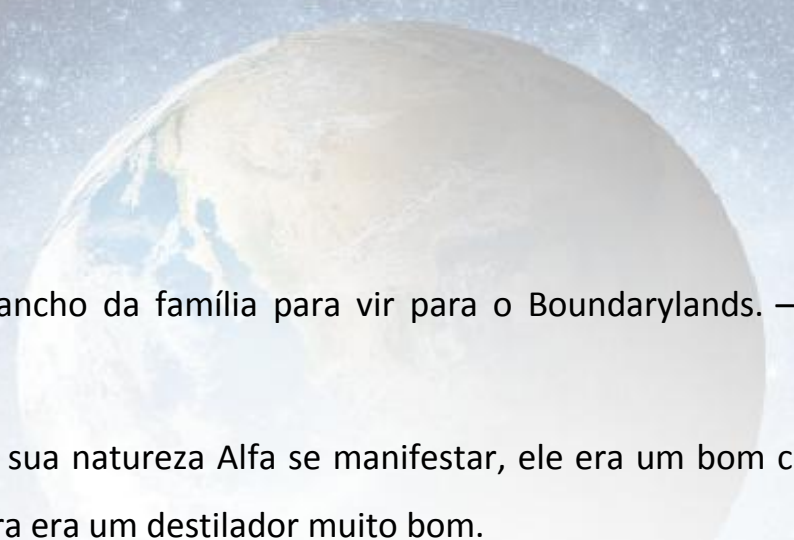
Seu uísque era forte, mesmo para Alfas. Ele deu a Justine uma garrafa na última vez que esteve com ela, que foi apenas algumas semanas atrás. Não havia nenhuma maneira no inferno que mesmo uma mulher robusta como Justine poderia passar por isso tão rapidamente.

Mas ele também podia dizer pelo brilho em seus olhos que a luz da lua não era tudo que ela queria.

— Desculpe, Justine, — disse ele, levantando o chapéu, um Stetson³ preto que seus pais lhe haviam dado como um presente quando



3



deixou o rancho da família para vir para o Boundarylands. — Não essa noite.

Até sua natureza Alfa se manifestar, ele era um bom cavaleiro de touro. Agora era um destilador muito bom.

Justine fez uma careta e acrescentou um balanço extra aos quadris enquanto se dirigia para dentro.

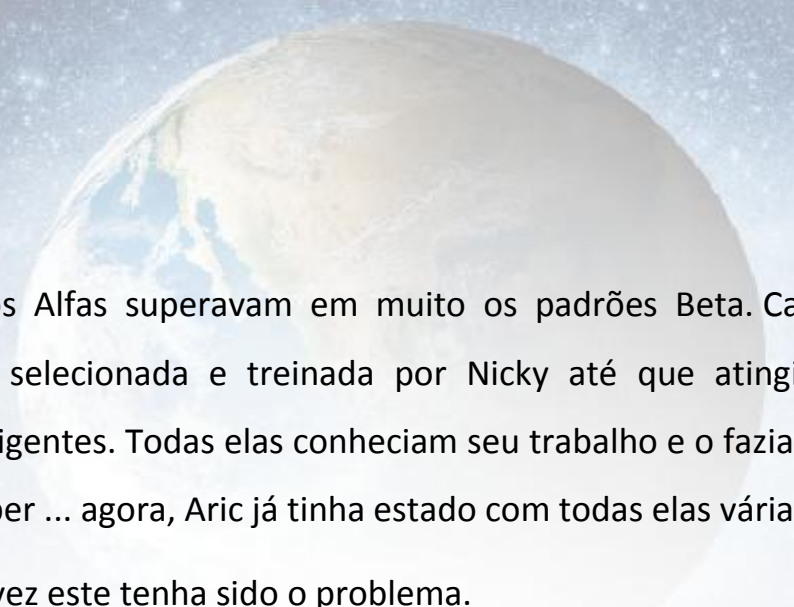
Aric não sabia exatamente o que estava querendo esta noite, mas, aparentemente, não era Justine... ou qualquer uma das dezenas de outras senhoras que desfilaram por ali.

Uma por uma, ele mentalmente as riscou da lista. Algumas eram muito doces para seu humor atual, algumas muito picantes. Outras eram muito altas, muito suaves... muito *alguma coisa*, todas elas.

Logo depois que a última das garotas chegou, começaram a formar pares com seus irmãos Alfa. Em pouco tempo, os casais começaram a vagar pelo pátio, flertando e bebendo antes de desaparecerem na floresta ou nas caminhonetes dos Alfas para o que seriam horas de prazer para ambas as partes.

Aric não sabia por que estava sendo tão exigente esta noite. Não era como se houvesse uma escolha ruim entre as garotas de Nicky.

Para as prostitutas que podiam lidar com as demandas do sexo com Alfas, era um show cobiçado. Não apenas as garotas sabiam que seriam tratadas com respeito, mas a resistência e habilidade sexual da



maioria dos Alfas superavam em muito os padrões Beta. Cada mulher tinha sido selecionada e treinada por Nicky até que atingissem seus padrões exigentes. Todas elas conheciam seu trabalho e o faziam bem. Ele deveria saber ... agora, Aric já tinha estado com todas elas várias vezes.

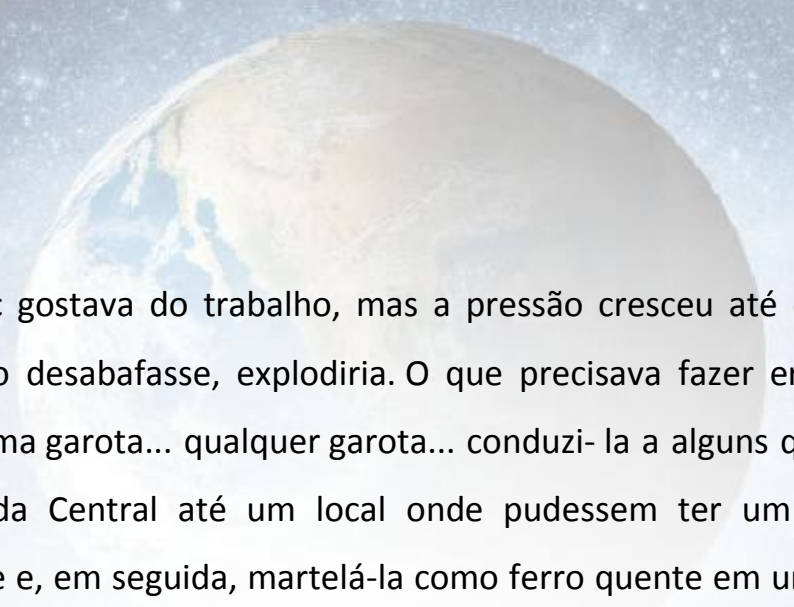
Talvez este tenha sido o problema.

Talvez o que precisasse fosse um pouco de variedade, algo novo para aguçar seu apetite.

Bem, muito ruim pra caralho.

Não era como se Aric gastasse todas as malditas noites de sexta-feira desperdiçando seu dinheiro com cerveja e prostitutas. Mas às vezes um Alfa só precisava transar, para encontrar a liberação para toda a energia e agressão que se acumulava dentro dele com uma mulher que poderia lidar com um Alfa se entregando.

Esta noite era uma daquelas noites. Aric encontrou a chegada da primavera com uma explosão de energia e produtividade reprimidas, colocando seu uísque ainda de volta à produção depois de passar os dias e noites frias e escuras fazendo reparos no depósito de armazenamento, corrigindo sua balança, construindo novos barris e limpando o fermentador e a câmara de descompressão. Seus irmãos Alfa começaram a aparecer com as garrafas que esvaziaram durante o inverno, exigindo recargas.



Aric gostava do trabalho, mas a pressão cresceu até que temeu que se não desabafasse, explodiria. O que precisava fazer era entrar e escolher uma garota... qualquer garota... conduzi-la a alguns quilômetros pela Estrada Central até um local onde pudessem ter um pouco de privacidade e, em seguida, martelá-la como ferro quente em uma bigorna até que seu sangue esfriasse.

Ele tinha acabado de se convencer a entrar e fazer acontecer quando ouviu outro motor vindo pela estrada.

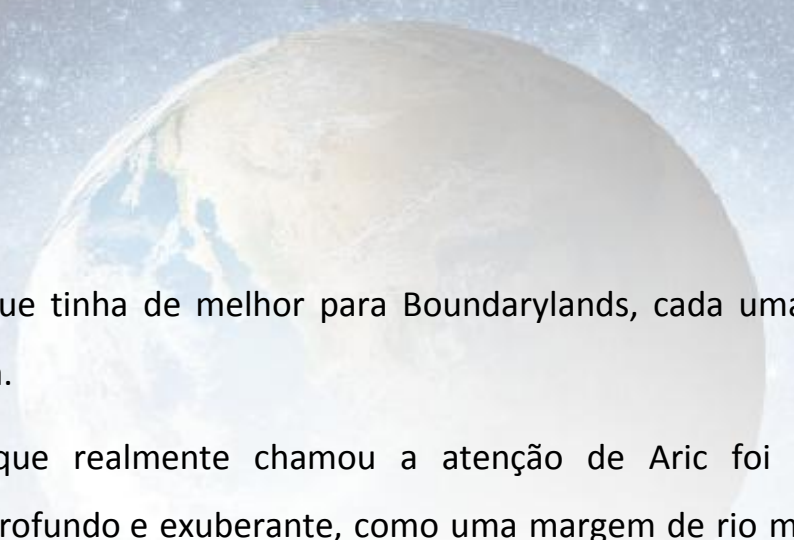
Aparentemente, um dos carros havia ficado para trás, tornando sua tarefa mais fácil. Tudo o que precisava fazer era fazer um acordo com quem tinha chegado atrasado.

Aric encostou-se na parede para esperar e ver quem era. Com certeza, alguns minutos depois, um sedan escuro chegou com quatro mulheres Beta e uma tonelada de perfume.

Ele as observou, se perguntando como poderia ter esquecido sobre Traci, Hannah, Courtney e...

Intrigado, Aric empurrou a parede.

A tripulação trouxe uma nova garota com elas. Ele não conseguia vê-la claramente na parte de trás do carro, mas mesmo assim ficou intrigado. Cabelo preto comprido e brilhante cobria grande parte de seu rosto, obscurecendo seus traços, mas isso não o preocupava ... Nicky só



trouxe o que tinha de melhor para Boundarylands, cada uma delas era uma beleza.

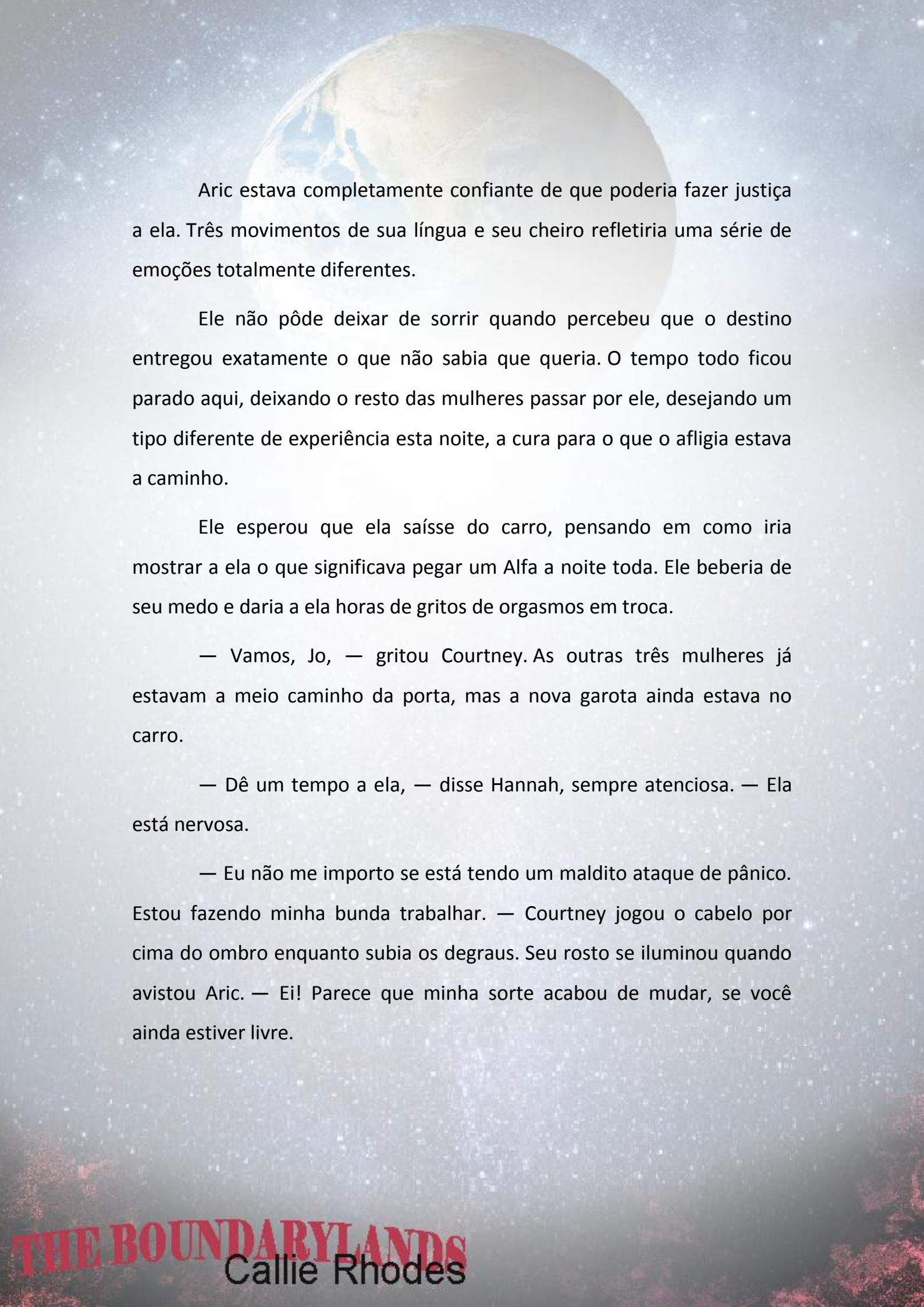
O que realmente chamou a atenção de Aric foi o cheiro da mulher... profundo e exuberante, como uma margem de rio musgoso em um dia de verão. Ele encheu seus pulmões, querendo respirar aquele cheiro por horas, para deixá-lo se infiltrar em seus poros e nublar sua mente, para se perder em seus ricos prazeres.

Mas não foi apenas a flor do perfume natural da mulher que atraiu Aric. Foi também a emoção que o cortou como uma veia de quartzo cintilante em uma pedra rachada.

A nova garota estava com medo.

E por que não estaria? Aric pensou enquanto seu pênis pesado ganhava vida. Esta era provavelmente a primeira vez que ela trabalhava com Alfas.

A ideia de ser o primeiro de sua espécie a tocá-la... algo que nunca havia passado por sua mente antes... deixou Aric duro em segundos. Sua mente disparou enquanto se imaginava pegando todo aquele medo e dando a volta por cima, quebrando-a apropriadamente. Imaginou tocá-la e saboreá-la e fazê-la implorar por mais.



Aric estava completamente confiante de que poderia fazer justiça a ela. Três movimentos de sua língua e seu cheiro refletiria uma série de emoções totalmente diferentes.

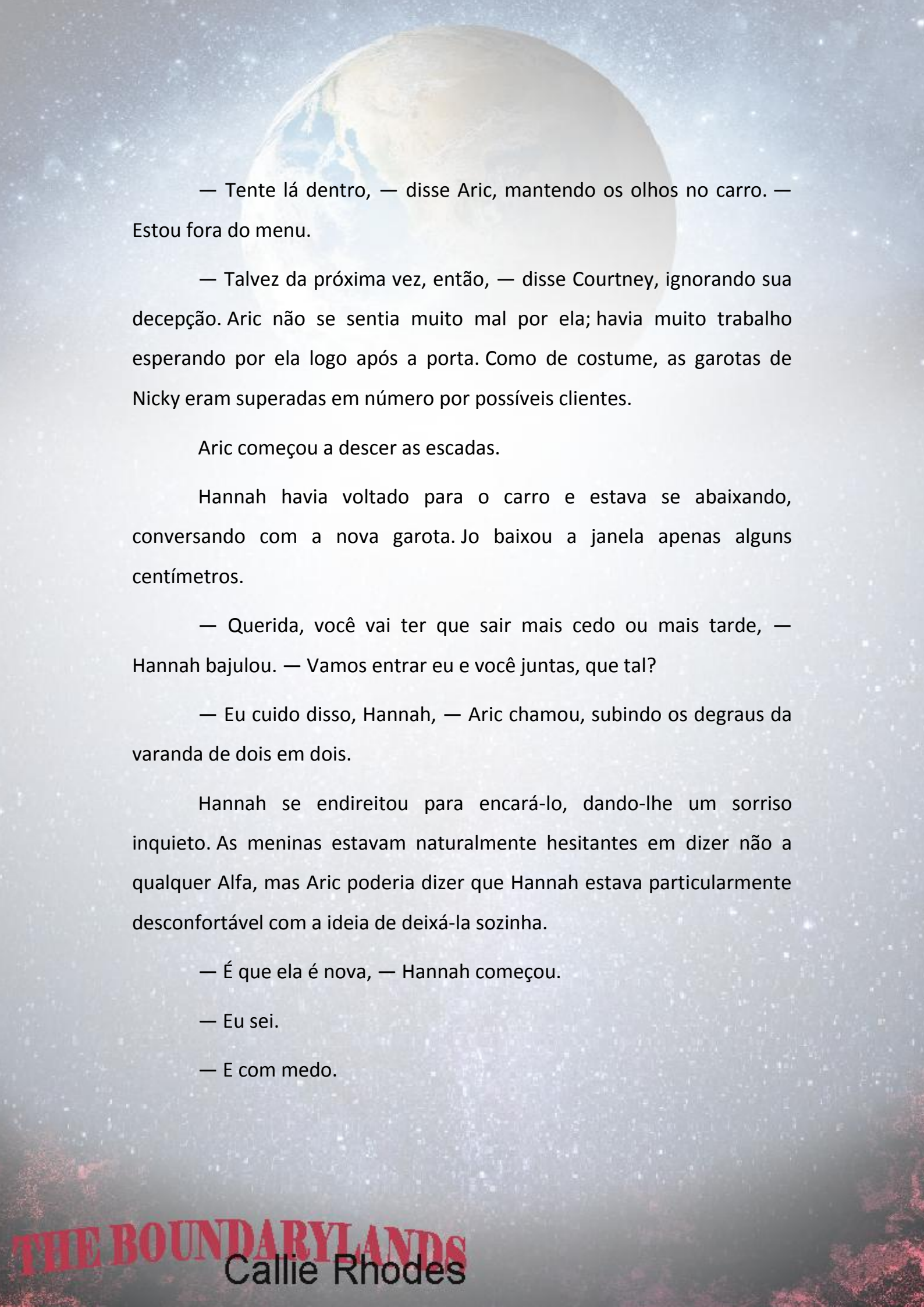
Ele não pôde deixar de sorrir quando percebeu que o destino entregou exatamente o que não sabia que queria. O tempo todo ficou parado aqui, deixando o resto das mulheres passar por ele, desejando um tipo diferente de experiência esta noite, a cura para o que o afligia estava a caminho.

Ele esperou que ela saísse do carro, pensando em como iria mostrar a ela o que significava pegar um Alfa a noite toda. Ele beberia de seu medo e daria a ela horas de gritos de orgasmos em troca.

— Vamos, Jo, — gritou Courtney. As outras três mulheres já estavam a meio caminho da porta, mas a nova garota ainda estava no carro.

— Dê um tempo a ela, — disse Hannah, sempre atenciosa. — Ela está nervosa.

— Eu não me importo se está tendo um maldito ataque de pânico. Estou fazendo minha bunda trabalhar. — Courtney jogou o cabelo por cima do ombro enquanto subia os degraus. Seu rosto se iluminou quando avistou Aric. — Ei! Parece que minha sorte acabou de mudar, se você ainda estiver livre.



— Tente lá dentro, — disse Aric, mantendo os olhos no carro. — Estou fora do menu.

— Talvez da próxima vez, então, — disse Courtney, ignorando sua decepção. Aric não se sentia muito mal por ela; havia muito trabalho esperando por ela logo após a porta. Como de costume, as garotas de Nicky eram superadas em número por possíveis clientes.

Aric começou a descer as escadas.

Hannah havia voltado para o carro e estava se abaixando, conversando com a nova garota. Jo baixou a janela apenas alguns centímetros.

— Querida, você vai ter que sair mais cedo ou mais tarde, — Hannah bajulou. — Vamos entrar eu e você juntas, que tal?

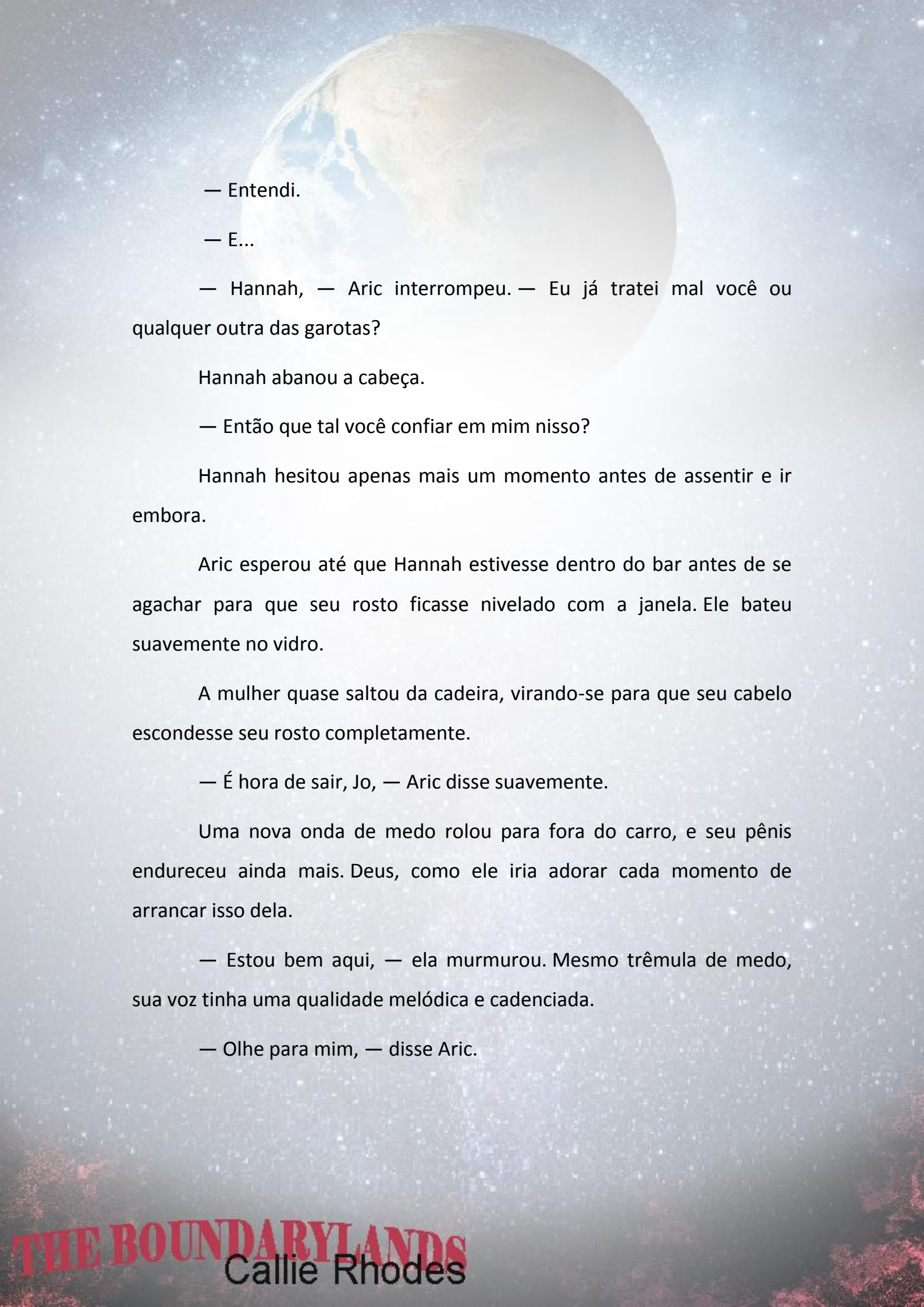
— Eu cuido disso, Hannah, — Aric chamou, subindo os degraus da varanda de dois em dois.

Hannah se endireitou para encará-lo, dando-lhe um sorriso inquieto. As meninas estavam naturalmente hesitantes em dizer não a qualquer Alfa, mas Aric poderia dizer que Hannah estava particularmente desconfortável com a ideia de deixá-la sozinha.

— É que ela é nova, — Hannah começou.

— Eu sei.

— E com medo.



— Entendi.

— E...

— Hannah, — Aric interrompeu. — Eu já tratei mal você ou qualquer outra das garotas?

Hannah abanou a cabeça.

— Então que tal você confiar em mim nisso?

Hannah hesitou apenas mais um momento antes de assentir e ir embora.

Aric esperou até que Hannah estivesse dentro do bar antes de se agachar para que seu rosto ficasse nivelado com a janela. Ele bateu suavemente no vidro.

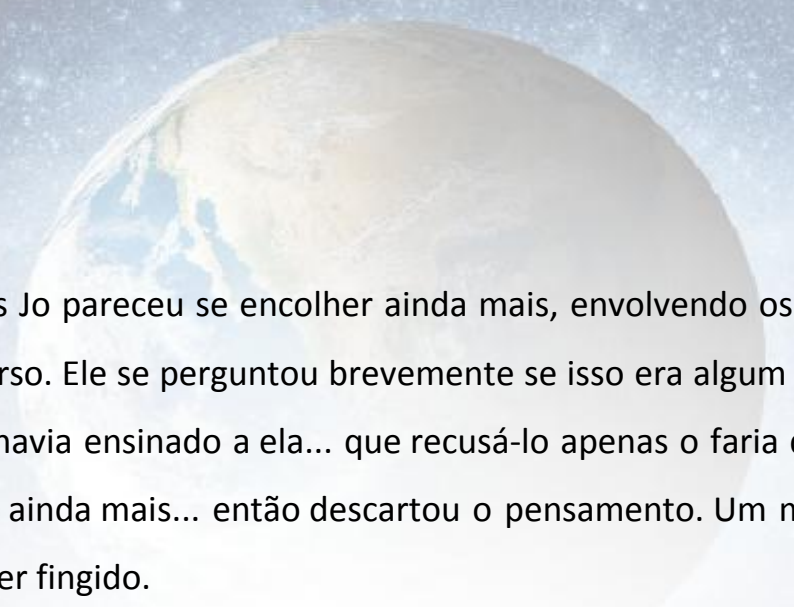
A mulher quase saltou da cadeira, virando-se para que seu cabelo escondesse seu rosto completamente.

— É hora de sair, Jo, — Aric disse suavemente.

Uma nova onda de medo rolou para fora do carro, e seu pênis endureceu ainda mais. Deus, como ele iria adorar cada momento de arrancar isso dela.

— Estou bem aqui, — ela murmurou. Mesmo trêmula de medo, sua voz tinha uma qualidade melódica e cadenciada.

— Olhe para mim, — disse Aric.



Mas Jo pareceu se encolher ainda mais, envolvendo os braços em volta do torso. Ele se perguntou brevemente se isso era algum tipo de ato que Nicky havia ensinado a ela... que recusá-lo apenas o faria desejar sua obediência ainda mais... então descartou o pensamento. Um medo assim não pode ser fingido.

— Olhe para mim, Jo, — ele repetiu em um tom que deixava claro que desta vez era uma ordem, não um pedido.

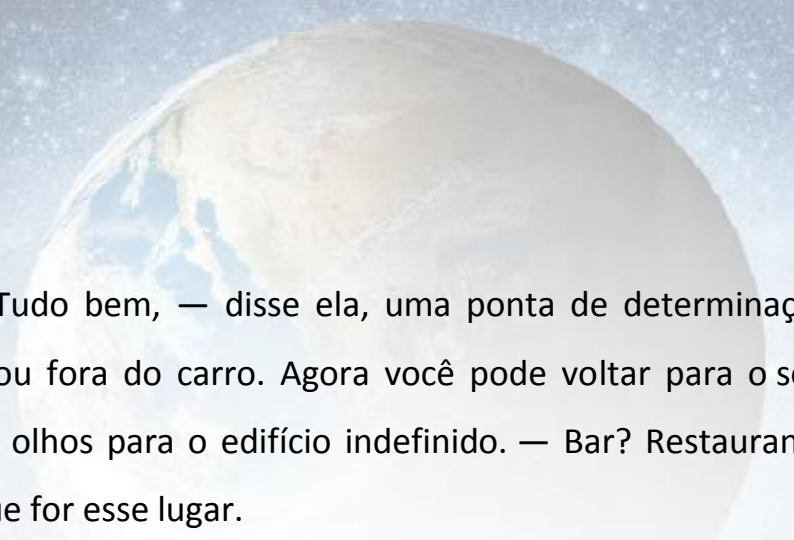
Ele a viu respirar antes de lentamente desenrolar o corpo e encará-lo.

A nova garota era tão bonita quanto Aric esperava, com grandes olhos castanhos e lábios carnudos e rosados que ficariam especialmente bem em volta da cabeça de seu pênis.

— Agora, saia do maldito carro.

Ela fez o que ele pediu... mais ou menos. Em vez de abrir a porta, ela deslizou todo o caminho pelo banco e saiu pelo outro lado, então ficou ali olhando para ele com cautela com o carro entre eles.

Aric não pôde deixar de rir de sua astúcia. Droga, isso ia ser *bom*. Ele iria junto com seus joguinhos por enquanto, mas no momento em que finalmente conseguisse colocá-la debaixo dele, ela teria terminado de fingir ser a chefe. Ele se certificaria de que passasse horas sem parar.



— Tudo bem, — disse ela, uma ponta de determinação em sua voz. — Estou fora do carro. Agora você pode voltar para o seu... — ela apertou os olhos para o edifício indefinido. — Bar? Restaurante? Clube? Seja lá o que for esse lugar.

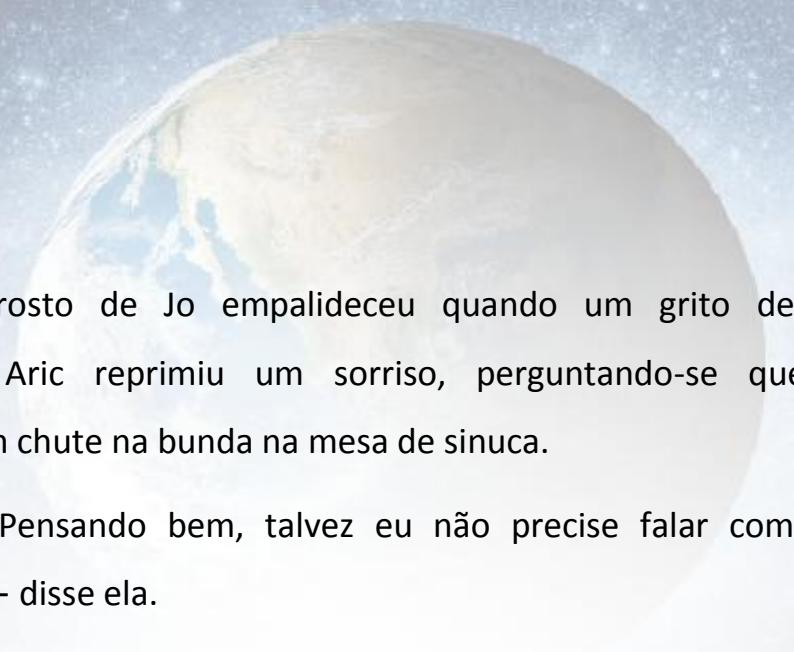
Aric estreitou seu olhar. Esperava que ela relaxasse quando visse que ele não era um ogro, que podia ser cavalheiro e, ao mesmo tempo, deixar claro que a queria. Inferno, pensou que ela poderia até ficar lisonjeada, como algumas das outras prostitutas quando as escolheu.

Mas ele não conseguia superar seu medo por algum motivo. O cheiro de pânico era tão forte que ele não conseguia captar outra coisa.

— Você está tentando me dizer que Nicky não disse onde você estaria trabalhando esta noite? — ele perguntou, embora achasse difícil de acreditar.

Uma centelha de esperança brilhou em seus olhos quando ela agarrou sua grande bolsa marrom com mais força contra o peito. — Escute, eu realmente preciso falar com essa Nicky. Você sabe onde ela está?

— Claro. Ela está lá dentro. — Aric inclinou a cabeça em direção à porta. A varanda agora transbordava de Alfas, alguns com prostitutas nos braços, outros sozinhos, todos em um humor barulhento. A música saiu de dentro, e ele pôde ouvir Mia, a companheira do barman, repreendendo as pessoas para abrirem espaço para ela passar pela multidão.



O rosto de Jo empalideceu quando um grito de excitação aumentou. Aric reprimiu um sorriso, perguntando-se quem estava levando um chute na bunda na mesa de sinuca.

— Pensando bem, talvez eu não precise falar com ela neste segundo, — disse ela.

— Você não precisa dela de jeito nenhum, — Aric assegurou-lhe. — Hannah estava certa. Todo mundo fica nervoso na primeira noite. Mas não te machucarei, eu prometo. Na verdade, vou te fazer tão bem que todos os outros homens que vierem atrás de mim ficarão pálidos em comparação.

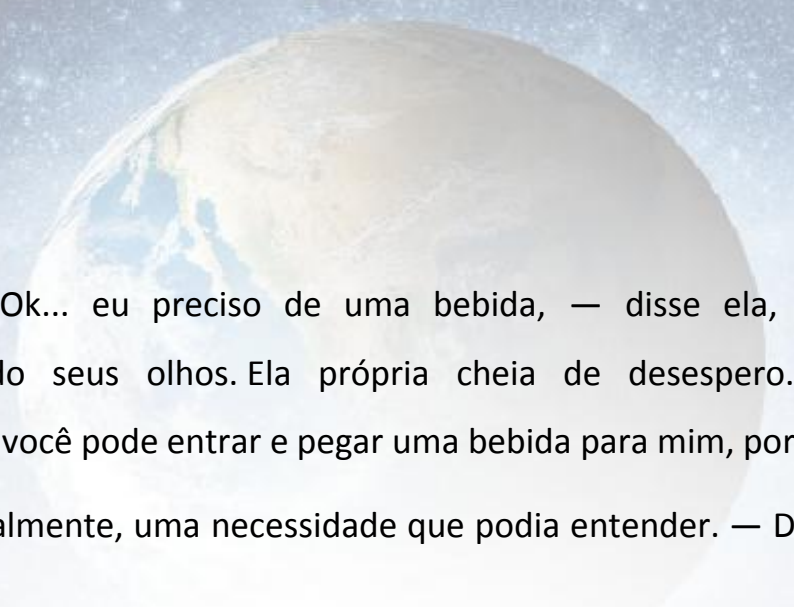
Os olhos de Jo ficaram ainda mais arregalados. — Oh Deus.

— Venha aqui, Jo, — disse ele.

Ela ergueu as mãos, sem se mover do outro lado do carro. — Ok, ouça, sei que você quer me contratar, mas...

— Não, não é isso que quero, Jo, — Aric disse vigorosamente. — O que quero fazer é te foder mais forte e por mais tempo do que você já foi fodida antes. Eu quero te deixar tremendo de prazer, e sim, há uma boa pilha de dinheiro para você, mas acredite em mim, nenhum de nós estará pensando sobre isso quando você estiver pegando meu pau.

O rosto de Jo se iluminou no tom mais bonito de rosa que já tinha visto. Uma prostituta corada? Isso era novo, mas Aric tinha certeza de que poderia se acostumar com isso.



— Ok... eu preciso de uma bebida, — disse ela, finalmente encontrando seus olhos. Ela própria cheia de desespero. — Se eu concordar, você pode entrar e pegar uma bebida para mim, por favor?

Finalmente, uma necessidade que podia entender. — Do que você gosta?

— Eu não me importo. Algo forte.

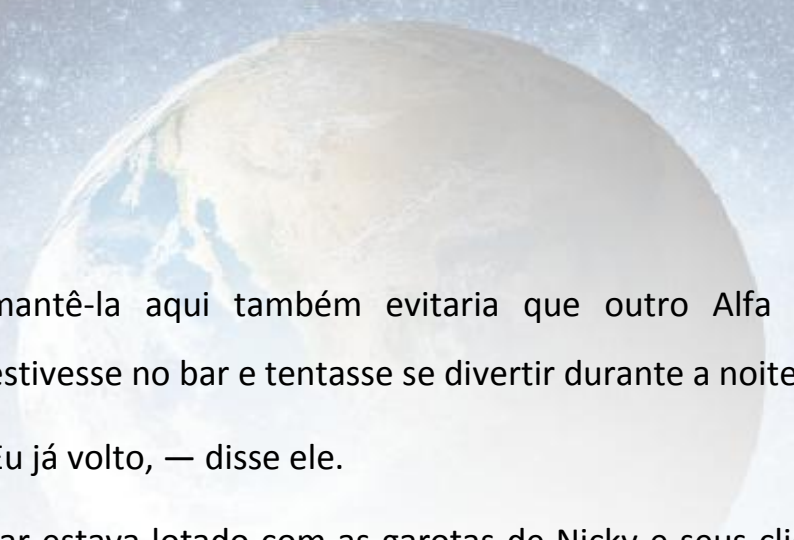
Aric sabia exatamente o que faria o truque. Uma dose de seu uísque era como mágica. Ele soltou mais do que alguns Beta tensos. Merda, depois de alguns goles de seu material, um de seus irmãos Alfa tinha realmente levado uma Beta para casa. Não apenas para sua cama... mas para ser sua *companheira de merda*.

Se alguma coisa ia deixar essa prostituta de bom humor, era o luar de Aric.

— Venha comigo, — disse ele, estendendo a mão.

Jo balançou a cabeça enfaticamente, seu cabelo preto esvoaçando ao redor de seu rosto. — Oh, não, eu não... acho que voltarei para este carro e esperarei por você lá.

Isso fazia sentido para Aric. Toda mulher que entrava pela porta nas noites de sexta-feira, com exceção das companheiras de seus irmãos, era alvo de muita atenção. O fato de ser grato provavelmente não tornava as coisas mais fáceis para uma mulher tão tímida quanto ele julgava que Jo fosse.



E mantê-la aqui também evitaria que outro Alfa aparecesse enquanto estivesse no bar e tentasse se divertir durante a noite.

— Eu já volto, — disse ele.

O bar estava lotado com as garotas de Nicky e seus clientes, bem como um grande grupo reunido ao redor da mesa de sinuca para assistir Zeke e Faith finalmente batalharem. Demorou um pouco para Aric chamar a atenção de Ty.

— Ei, Aric, — Courtney o chamou de alguns banquinhos enquanto ele esperava por suas bebidas. — Eu ainda estou livre se você estiver.

Aric teve que dar pontos à mulher por tentar. — Desculpe, querida, — disse ele, pegando os dois copos e voltando para a porta. — Eu já tenho minha noite marcada.

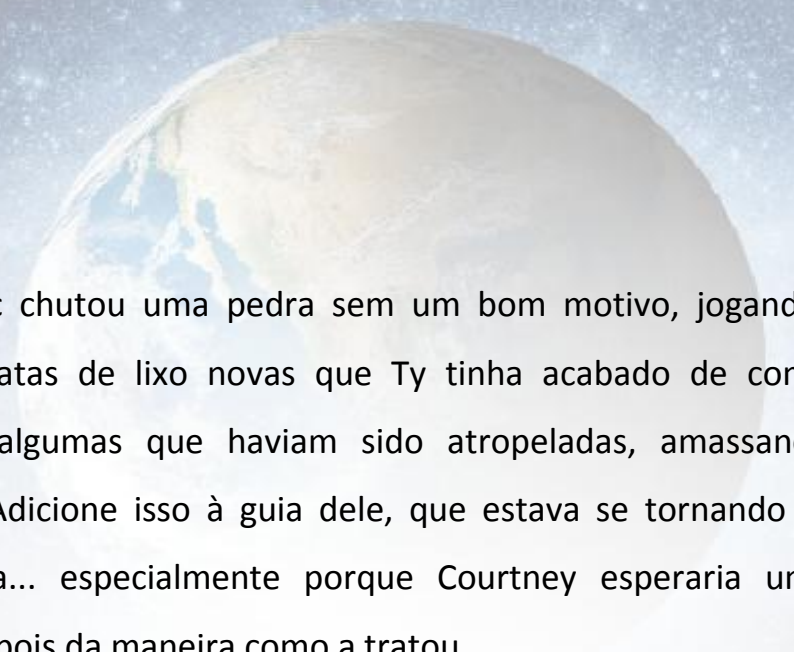
Acontece que ele não deveria ter falado tão cedo. Quando voltou ao carro, ele estava vazio.

Jo não estava em lugar nenhum.

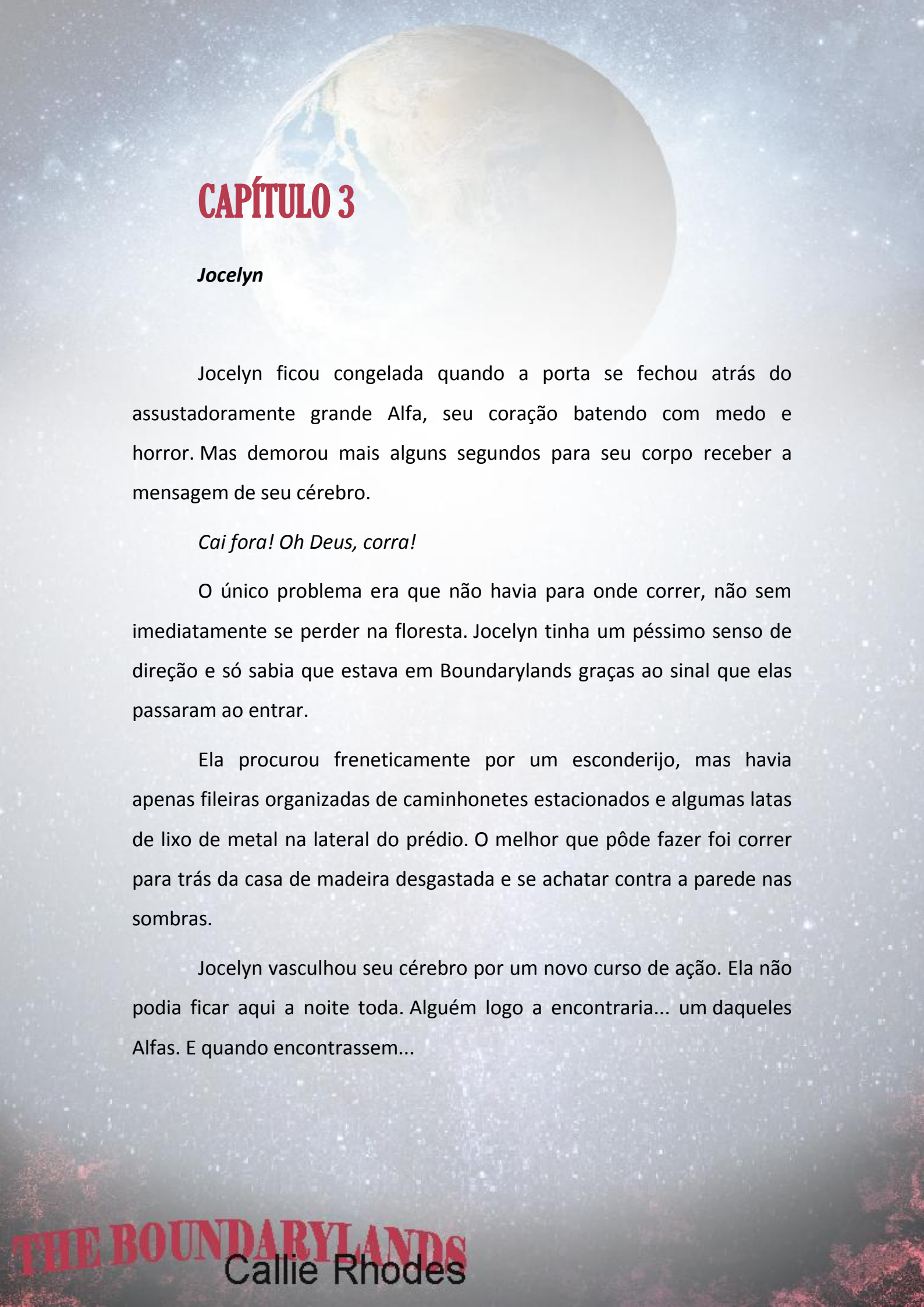
Aric inclinou a cabeça para trás e respirou fundo, mas havia muitos cheiros ... muitos Alfas, muitas mulheres ... para distinguir apenas uma na multidão.

Mas seus olhos lhe disseram tudo o que precisava saber. Seu encontro para a noite havia fugido.

— *Foda-se.*



Aric chutou uma pedra sem um bom motivo, jogando-a contra uma das latas de lixo novas que Ty tinha acabado de comprar para substituir algumas que haviam sido atropeladas, amassando o lado brilhante. Adicione isso à guia dele, que estava se tornando uma noite muito cara... especialmente porque Courtney esperaria uma gorjeta infernal depois da maneira como a tratou.



CAPÍTULO 3

Jocelyn

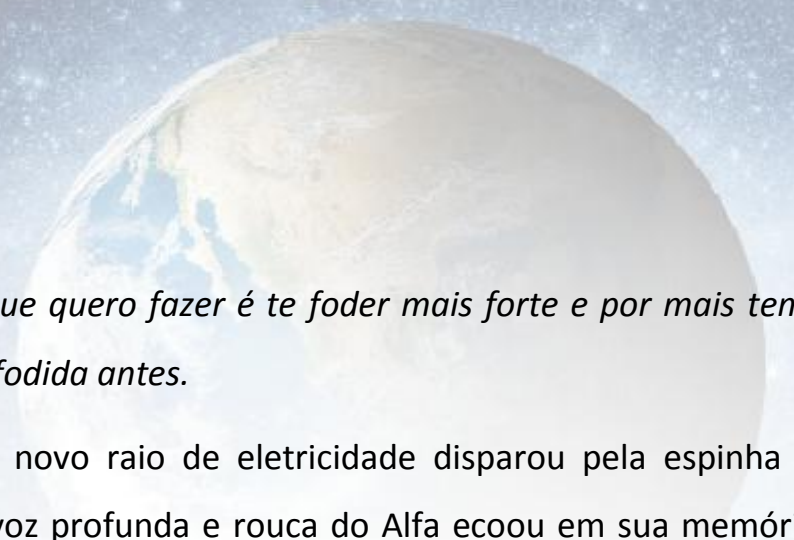
Jocelyn ficou congelada quando a porta se fechou atrás do assustadoramente grande Alfa, seu coração batendo com medo e horror. Mas demorou mais alguns segundos para seu corpo receber a mensagem de seu cérebro.

Cai fora! Oh Deus, corra!

O único problema era que não havia para onde correr, não sem imediatamente se perder na floresta. Jocelyn tinha um péssimo senso de direção e só sabia que estava em Boundarylands graças ao sinal que elas passaram ao entrar.

Ela procurou freneticamente por um esconderijo, mas havia apenas fileiras organizadas de caminhonetes estacionados e algumas latas de lixo de metal na lateral do prédio. O melhor que pôde fazer foi correr para trás da casa de madeira desgastada e se achatar contra a parede nas sombras.

Jocelyn vasculhou seu cérebro por um novo curso de ação. Ela não podia ficar aqui a noite toda. Alguém logo a encontraria... um daqueles Alfas. E quando encontrassem...



O que quero fazer é te foder mais forte e por mais tempo do que você já foi fodida antes.

Um novo raio de eletricidade disparou pela espinha de Jocelyn quando a voz profunda e rouca do Alfa ecoou em sua memória. Isso não tinha sido uma vanglória ou ameaça ociosa. Era uma promessa.

Jocelyn se curvou com as mãos nos joelhos e respirou fundo algumas vezes para evitar hiperventilar. O que diabos tinha feito?

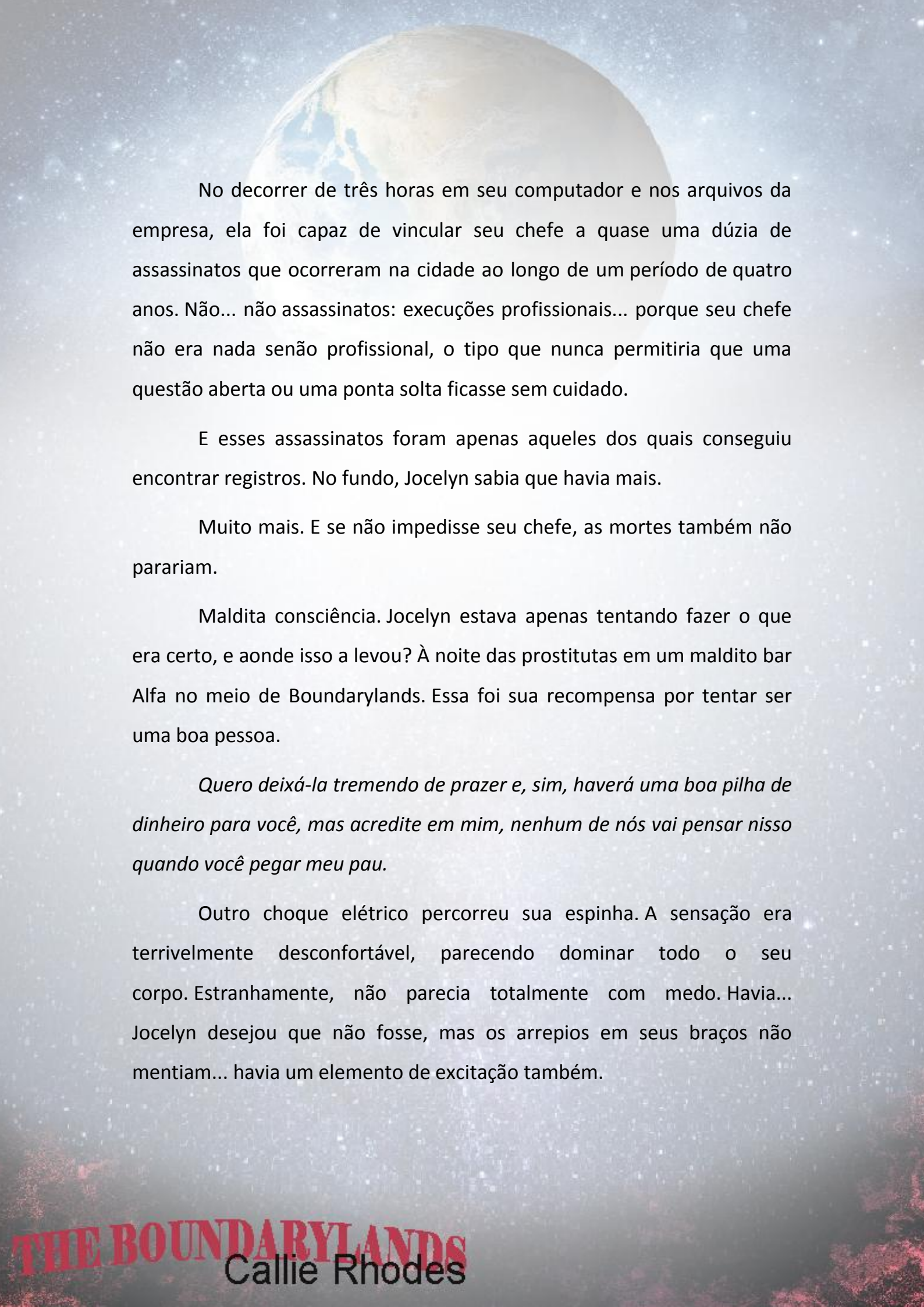
Ela daria qualquer coisa para poder voltar no tempo. Desta vez, iria ignorar as cócegas de suspeita que a incomodaram durante toda a manhã depois que vinculou o site de um assassinato recente que estava em todos os noticiários e o nome em uma fatura de... serviços de consultoria... que cruzou sua mesa no dia antes de.

Stratford Field.

Por que, oh, por que não poderia simplesmente deixar para lá? Ou, pelo menos, parar de cavar quando encontrou a primeira evidência, como faria qualquer pessoa que valorizasse sua própria segurança.

Mas Jocelyn nunca foi capaz de deixar as coisas passarem. Sempre teve que continuar puxando os fios soltos até que as coisas se desvendassem completamente.

E foi exatamente isso o que aconteceu desta vez.



No decorrer de três horas em seu computador e nos arquivos da empresa, ela foi capaz de vincular seu chefe a quase uma dúzia de assassinatos que ocorreram na cidade ao longo de um período de quatro anos. Não... não assassinatos: execuções profissionais... porque seu chefe não era nada senão profissional, o tipo que nunca permitiria que uma questão aberta ou uma ponta solta ficasse sem cuidado.

E esses assassinatos foram apenas aqueles dos quais conseguiu encontrar registros. No fundo, Jocelyn sabia que havia mais.

Muito mais. E se não impedisse seu chefe, as mortes também não parariam.

Maldita consciência. Jocelyn estava apenas tentando fazer o que era certo, e aonde isso a levou? À noite das prostitutas em um maldito bar Alfa no meio de Boundarylands. Essa foi sua recompensa por tentar ser uma boa pessoa.

Quero deixá-la tremendo de prazer e, sim, haverá uma boa pilha de dinheiro para você, mas acredite em mim, nenhum de nós vai pensar nisso quando você pegar meu pau.

Outro choque elétrico percorreu sua espinha. A sensação era terrivelmente desconfortável, parecendo dominar todo o seu corpo. Estranhamente, não parecia totalmente com medo. Havia... Jocelyn desejou que não fosse, mas os arrepios em seus braços não mentiam... havia um elemento de excitação também.

E algo mais. Algo ainda pior. Porque a verdade era que, embora o Alfa fosse terrivelmente grande, ele não era feio.

Longe disso.

Ele lembrava a Jocelyn uma estátua que poderia ter sido esculpida por um antigo escultor romano, com um rosto classicamente bonito, uma mandíbula forte contrastando com uma boca carnuda e exuberante. Ele tinha cabelos ondulados do tipo que seriam rebeldes se crescessem mais, castanhos com reflexos dourados. E seu corpo poderia muito bem ser feito de mármore, considerando quão perfeitamente formados e maciços seus músculos pareciam ser sob seu Henley⁴ azul desbotado.

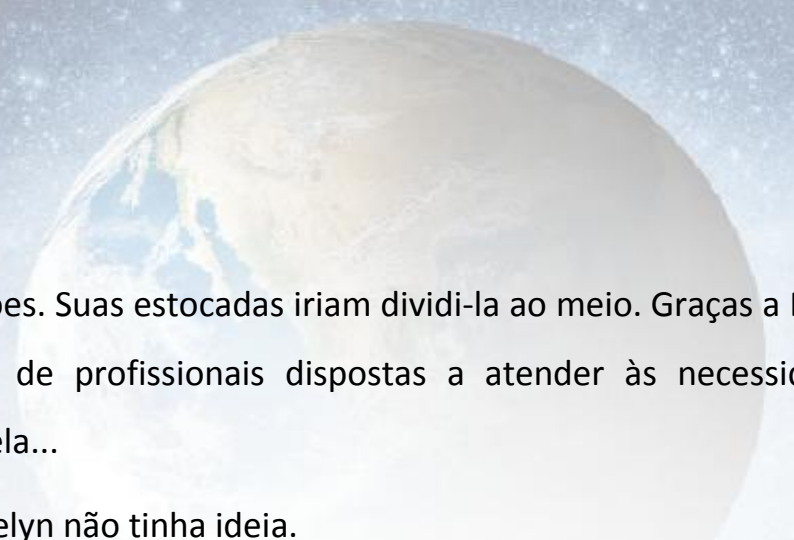
Droga, até mesmo a camisa dele enviava seus sentidos à loucura, implorando para ser tocada. Talvez fosse o contraste entre o tecido macio e muito lavado e a masculinidade poderosa do homem que a atraía e a repelia. Talvez fosse outra coisa.

De qualquer maneira, isso não significava que Jocelyn queria transar com ele. Não havia nenhuma maneira que deixaria aquela criatura tocá-la, não por todo o dinheiro do mundo.

Suas mãos eram tão grandes que podiam esmagar seus ossos. O peso de seu corpo em cima dela quebraria suas costelas e tiraria o ar de



4



seus pulmões. Suas estocadas iriam dividi-la ao meio. Graças a Deus, havia um bando de profissionais dispostas a atender às necessidades dele enquanto ela...

Jocelyn não tinha ideia.

Ela obviamente precisava sair de Boundarylands, mas não tinha carro. Traci tinha levado as chaves com ela, e enquanto Jocelyn não se importava mais se essas mulheres descobrissem que mentiu para elas, ela realmente não queria entrar e correr o risco de encontrar o Alfa.

E mesmo se conseguisse encontrar Traci... e então? Não era como se a mulher pudesse fazer algo por ela. Mesmo se Jocelyn pudesse convencê-la a levá-la de volta ao carro, algo pior estaria esperando.

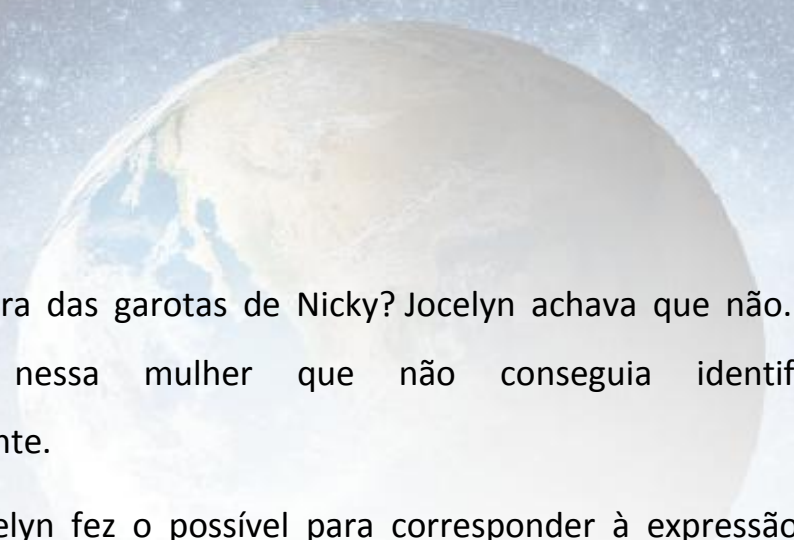
John estaria esperando.

Assolada por um Alfa ou eliminada por um assassino... certamente essas não poderiam ser suas únicas opções.

— Ei, — uma voz suave chamou.

Jocelyn deu um pulo, olhando freneticamente ao redor para ver quem estava falando. O que viu a surpreendeu: não era um Alfa parado a alguns metros de distância, estudando-a com cautela, mas uma mulher.

Uma com cabelo rosa brilhante e um sorriso ainda mais brilhante.



Outra das garotas de Nicky? Jocelyn achava que não. Havia algo diferente nessa mulher que não conseguia identificar. Algo... reconfortante.

Jocelyn fez o possível para corresponder à expressão alegre da mulher, embora todos os músculos de seu rosto parecessem tensos e trêmulos.

— Oh... oi, — disse ela. — Desculpe, eu só estava...

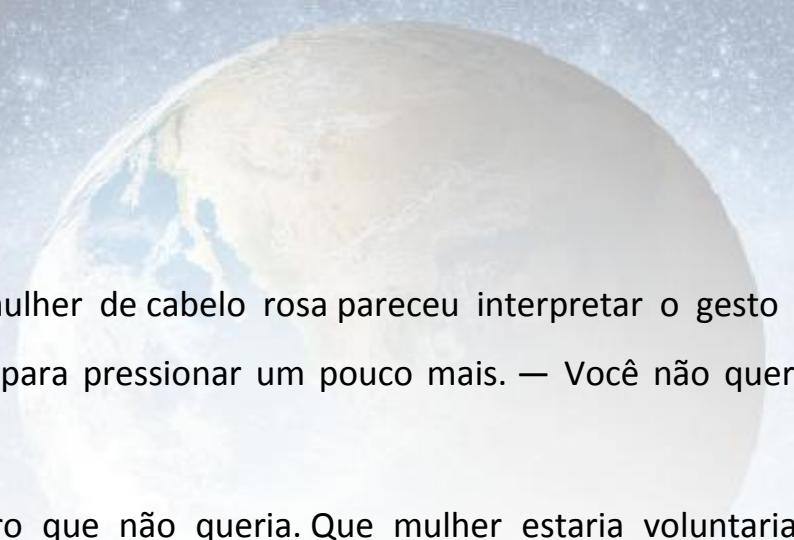
Isso foi o mais longe que conseguiu, incapaz de encontrar uma explicação para o motivo de estar se escondendo atrás de um bar em vez de fazer negócios.

— Está tudo bem, — disse a mulher, dando um pequeno passo à frente. — Eu não te machucarei. Você está com problemas, não está?

Era tão óbvio? E se fosse, por que as outras mulheres não notaram sua angústia?

Jocelyn não sabia se podia confiar nesta estranha, mas pelo menos não estava tentando atacá-la ativamente. Isso tinha que ser um bom sinal.

Além disso, Jocelyn tinha que começar de algum lugar, e não era como se tivesse que compartilhar toda a sua história de vida. Ela se contentou com um aceno de cabeça.



A mulher de cabelo rosa pareceu interpretar o gesto como uma permissão para pressionar um pouco mais. — Você não quer ficar aqui, quer?

Claro que não queria. Que mulher estaria voluntariamente em Boundarylands? Além de uma prostituta bem paga, é claro.

Esta mulher, aparentemente. E já que Jocelyn realmente não queria arriscar ofendê-la, ela simplesmente acenou com a cabeça novamente.

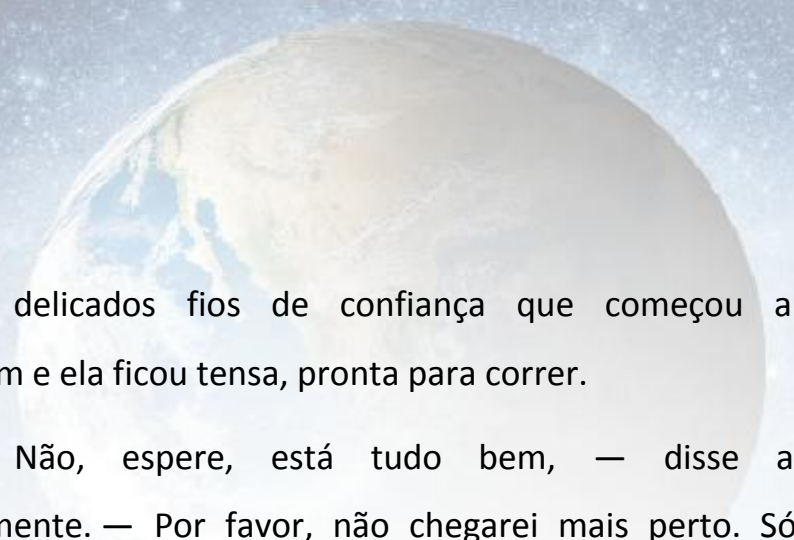
— Alguém está perseguindo você? —

Ok, *não*.

Jocelyn involuntariamente recuou, colocando distância entre elas. Essa pergunta estava muito perto de casa. Como diabos ela poderia saber?

Uma coisa era um estranho ser capaz de dizer que Jocelyn estava em apuros e não queria ser cercada por Alfas bêbados no meio de Boundarylands, mas outra era acertar o alvo no centro do mal alvo de sorte.

Um pensamento horrível ocorreu a ela. Esta mulher de alguma forma sabia sobre John? Ela poderia estar *trabalhando* para ele? Até esta manhã, nunca havia ocorrido a Jocelyn como seria um assassino profissional. Cabelo rosa certamente a ajudaria a ficar acima de qualquer suspeita.



Os delicados fios de confiança que começou a tecer se desgastaram e ela ficou tensa, pronta para correr.

— Não, espere, está tudo bem, — disse a estranha apressadamente. — Por favor, não chegarei mais perto. Só perguntei porque entendo, é como vim aqui também... fugindo de alguém que queria me machucar. Mas posso ajudar. Posso tirar você daqui.

Jocelyn hesitou. Ela não acreditou na história da estranha, pelo menos não completamente. Qual era a probabilidade de *duas* mulheres serem perseguidas até Boundarylands?

Mas não tinha outras opções. E esta mulher estava oferecendo a ela a única coisa que não podia recusar.

Uma saída.

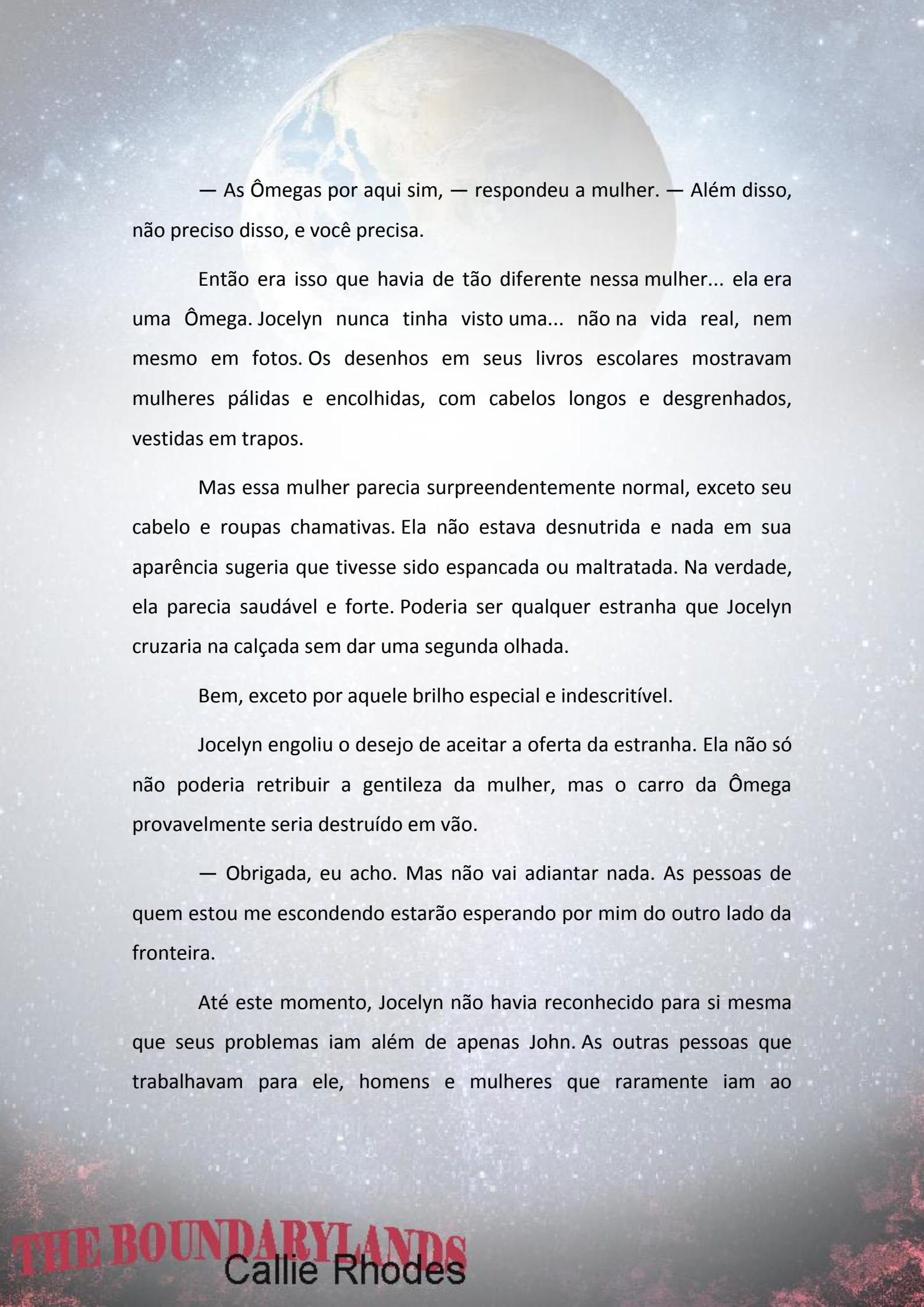
— Como? — Jocelyn perguntou, sua voz uma rouquidão seca.

— Eu tenho um carro...

Oh, *inferno*, não. Só Deus sabia onde ela pararia desta vez. — Eu não entrarei no carro com você nem com ninguém.

— Isso é bom. — A mulher ergueu as mãos em sinal de rendição. — Você pode simplesmente pegá-lo. É o carro azul de dois lugares na esquina. As chaves estão na ignição.

Jocelyn estreitou os olhos em suspeita. Nada estava fazendo sentido. — As pessoas não dão carros de graça.



— As Ômegas por aqui sim, — respondeu a mulher. — Além disso, não preciso disso, e você precisa.

Então era isso que havia de tão diferente nessa mulher... ela era uma Ômega. Jocelyn nunca tinha visto uma... não na vida real, nem mesmo em fotos. Os desenhos em seus livros escolares mostravam mulheres pálidas e encolhidas, com cabelos longos e desgrehados, vestidas em trapos.

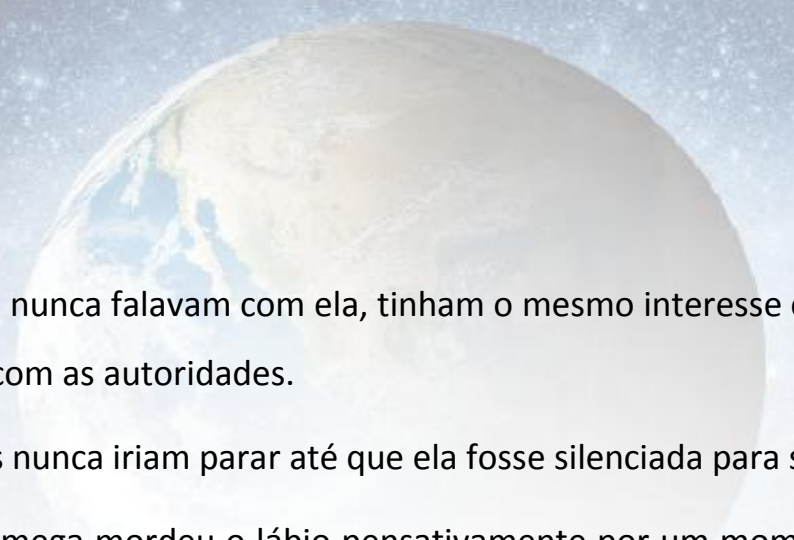
Mas essa mulher parecia surpreendentemente normal, exceto seu cabelo e roupas chamativas. Ela não estava desnutrida e nada em sua aparência sugeria que tivesse sido espancada ou maltratada. Na verdade, ela parecia saudável e forte. Poderia ser qualquer estranha que Jocelyn cruzaria na calçada sem dar uma segunda olhada.

Bem, exceto por aquele brilho especial e indescritível.

Jocelyn engoliu o desejo de aceitar a oferta da estranha. Ela não só não poderia retribuir a gentileza da mulher, mas o carro da Ômega provavelmente seria destruído em vão.

— Obrigada, eu acho. Mas não vai adiantar nada. As pessoas de quem estou me escondendo estarão esperando por mim do outro lado da fronteira.

Até este momento, Jocelyn não havia reconhecido para si mesma que seus problemas iam além de apenas John. As outras pessoas que trabalhavam para ele, homens e mulheres que raramente iam ao



escritório e nunca falavam com ela, tinham o mesmo interesse em impedi-la de falar com as autoridades.

Eles nunca iriam parar até que ela fosse silenciada para sempre.

A Ômega mordeu o lábio pensativamente por um momento antes de parecer chegar a uma conclusão.

— Ok, — ela disse suavemente, um brilho determinado em seus olhos. — Aqui está o que você fará. Entre no carro. Vire à esquerda na Estrada Central. Dirija 4 quilômetros exatamente. Em seguida, vire à direita na garagem.

Jocelyn piscou perplexa. — Do que você está falando?

— Essas são as direções para minha casa, — disse a estranha.

— Por aqui, nós ajudamos uns aos outros.

— Mas...

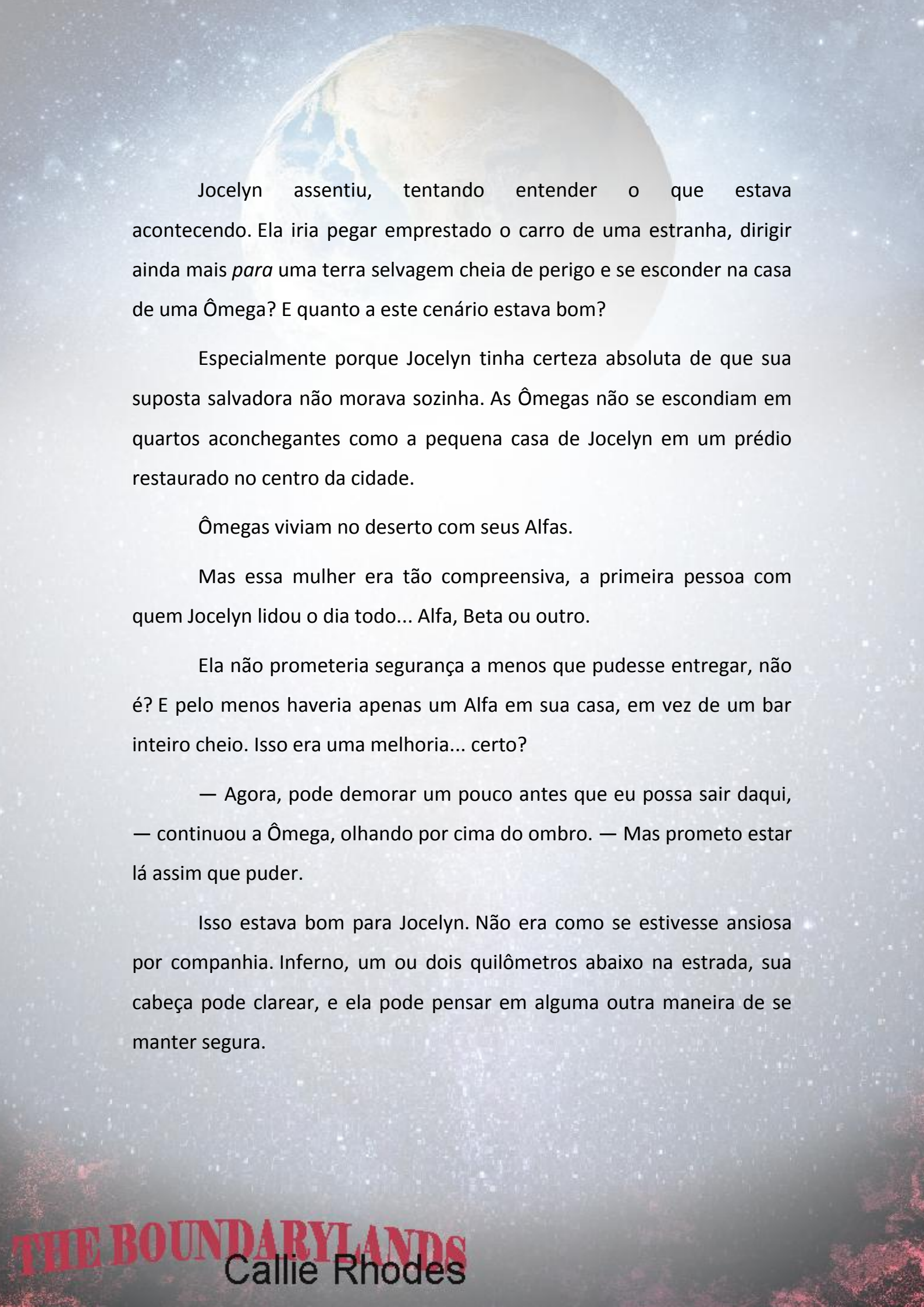
— Eu sei que é difícil, mas estou pedindo que você confie em mim.

— Como se Jocelyn tivesse escolha.

— Dirija por mais um quilômetro e meio e chegará a uma casa à beira de uma grande clareira. A porta da frente não estará trancada e você pode entrar. Você entendeu tudo?

Sim... não... provavelmente.

Uma esquerda. Quatro quilômetros. Então uma direita.



Jocelyn assentiu, tentando entender o que estava acontecendo. Ela iria pegar emprestado o carro de uma estranha, dirigir ainda mais *para* uma terra selvagem cheia de perigo e se esconder na casa de uma Ômega? E quanto a este cenário estava bom?

Especialmente porque Jocelyn tinha certeza absoluta de que sua suposta salvadora não morava sozinha. As Ômegas não se escondiam em quartos aconchegantes como a pequena casa de Jocelyn em um prédio restaurado no centro da cidade.

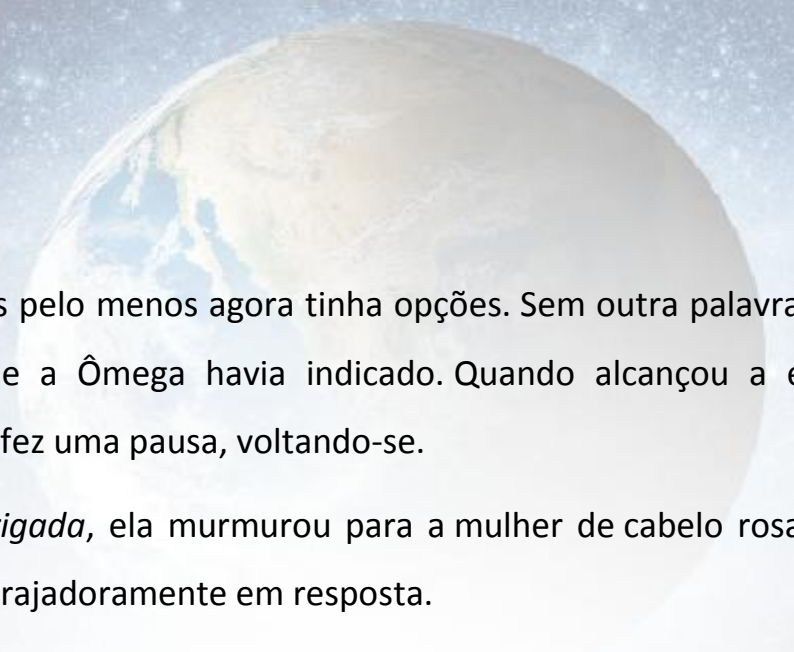
Ômegas viviam no deserto com seus Alfas.

Mas essa mulher era tão compreensiva, a primeira pessoa com quem Jocelyn lidou o dia todo... Alfa, Beta ou outro.

Ela não prometeria segurança a menos que pudesse entregar, não é? E pelo menos haveria apenas um Alfa em sua casa, em vez de um bar inteiro cheio. Isso era uma melhoria... certo?

— Agora, pode demorar um pouco antes que eu possa sair daqui,
— continuou a Ômega, olhando por cima do ombro. — Mas prometo estar lá assim que puder.

Isso estava bom para Jocelyn. Não era como se estivesse ansiosa por companhia. Inferno, um ou dois quilômetros abaixo na estrada, sua cabeça pode clarear, e ela pode pensar em alguma outra maneira de se manter segura.



Mas pelo menos agora tinha opções. Sem outra palavra, ela foi na direção que a Ômega havia indicado. Quando alcançou a esquina do prédio, ela fez uma pausa, voltando-se.

Obrigada, ela murmurou para a mulher de cabelo rosa. A Ômega sorriu encorajadoramente em resposta.

Jocelyn se virou e correu para o carro. Exatamente como a mulher disse, as chaves estavam na ignição e o motor ronronou quando ela o ligou.

Por que alguém daria algo tão bom? *Nunca olhe à boca de um cavalo dado.*⁵

Saindo lentamente da vaga de estacionamento para não chamar atenção para si mesma, Jocelyn dobrou à esquerda na estrada em frente ao bar e pisou no acelerador.

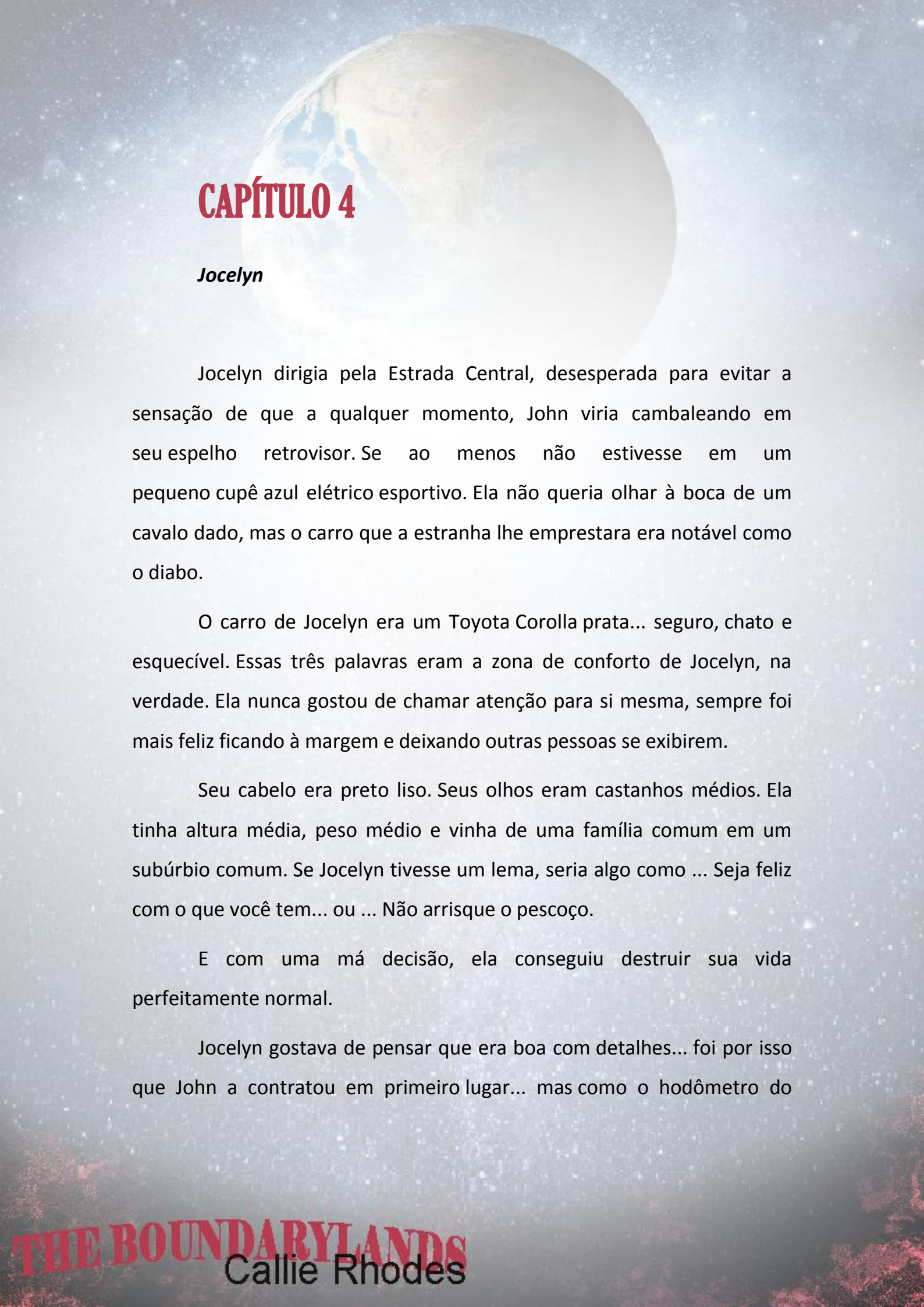
Uma esquerda. Quatro quilômetros. Então uma direita. Ou foi outra esquerda?

A Ômega podia ter sido gentil, mas falava rápido demais. Não, era uma direito, lembrou Jocelyn.

Uma esquerda. Quatro quilômetros exatamente. Então uma direita.

Agora ela tinha.

⁵ Esta expressão faz um chamado a não ser ingrato quando se recebe um presente, ainda que não seja de nosso agrado.



CAPÍTULO 4

Jocelyn

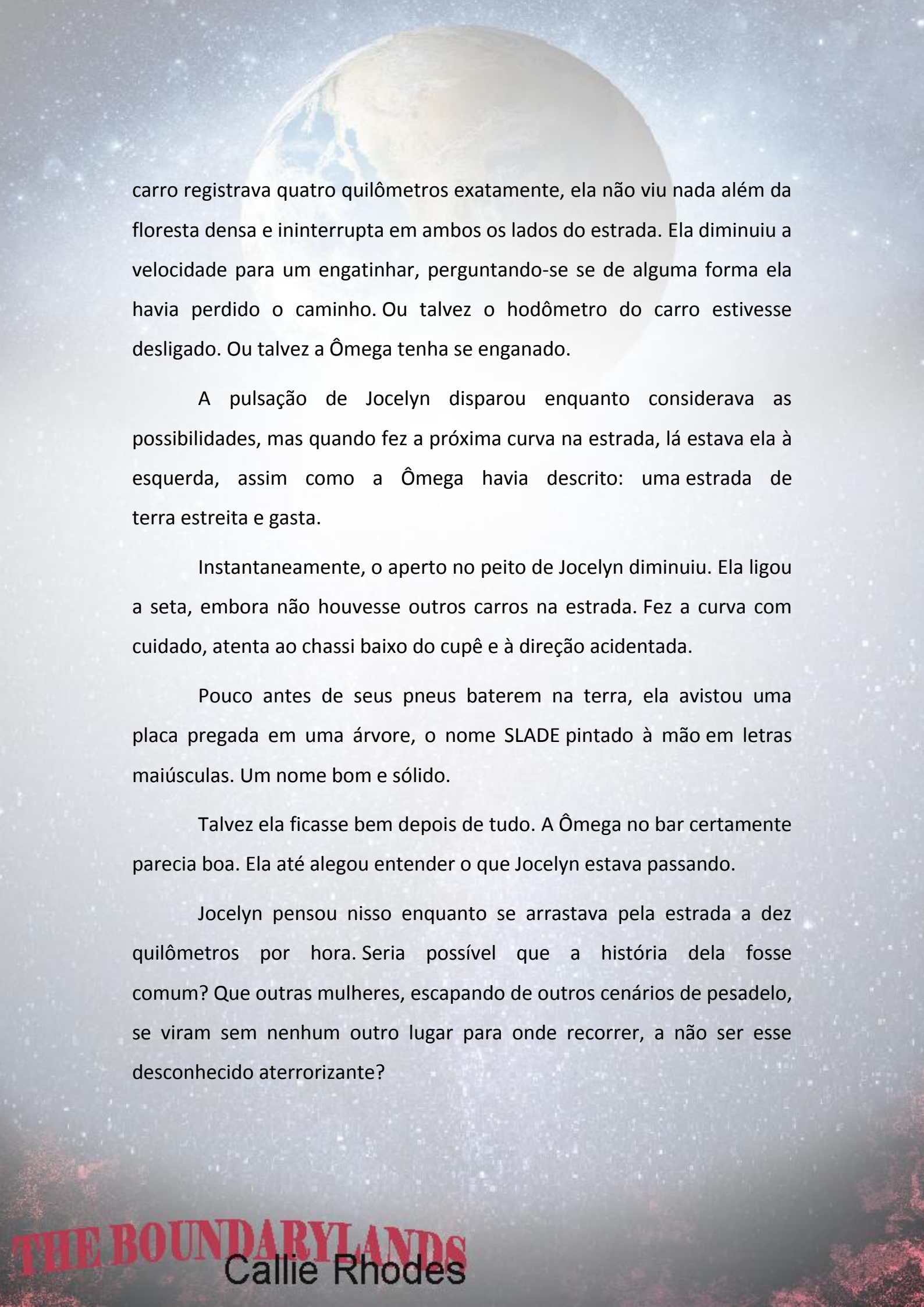
Jocelyn dirigia pela Estrada Central, desesperada para evitar a sensação de que a qualquer momento, John viria cambaleando em seu espelho retrovisor. Se ao menos não estivesse em um pequeno cupê azul elétrico esportivo. Ela não queria olhar à boca de um cavalo dado, mas o carro que a estranha lhe emprestara era notável como o diabo.

O carro de Jocelyn era um Toyota Corolla prata... seguro, chato e esquecível. Essas três palavras eram a zona de conforto de Jocelyn, na verdade. Ela nunca gostou de chamar atenção para si mesma, sempre foi mais feliz ficando à margem e deixando outras pessoas se exibirem.

Seu cabelo era preto liso. Seus olhos eram castanhos médios. Ela tinha altura média, peso médio e vinha de uma família comum em um subúrbio comum. Se Jocelyn tivesse um lema, seria algo como ... Seja feliz com o que você tem... ou ... Não arrisque o pescoço.

E com uma má decisão, ela conseguiu destruir sua vida perfeitamente normal.

Jocelyn gostava de pensar que era boa com detalhes... foi por isso que John a contratou em primeiro lugar... mas como o hodômetro do



carro registrava quatro quilômetros exatamente, ela não viu nada além da floresta densa e ininterrupta em ambos os lados do estrada. Ela diminuiu a velocidade para um engatinhar, perguntando-se se de alguma forma ela havia perdido o caminho. Ou talvez o hodômetro do carro estivesse desligado. Ou talvez a Ômega tenha se enganado.

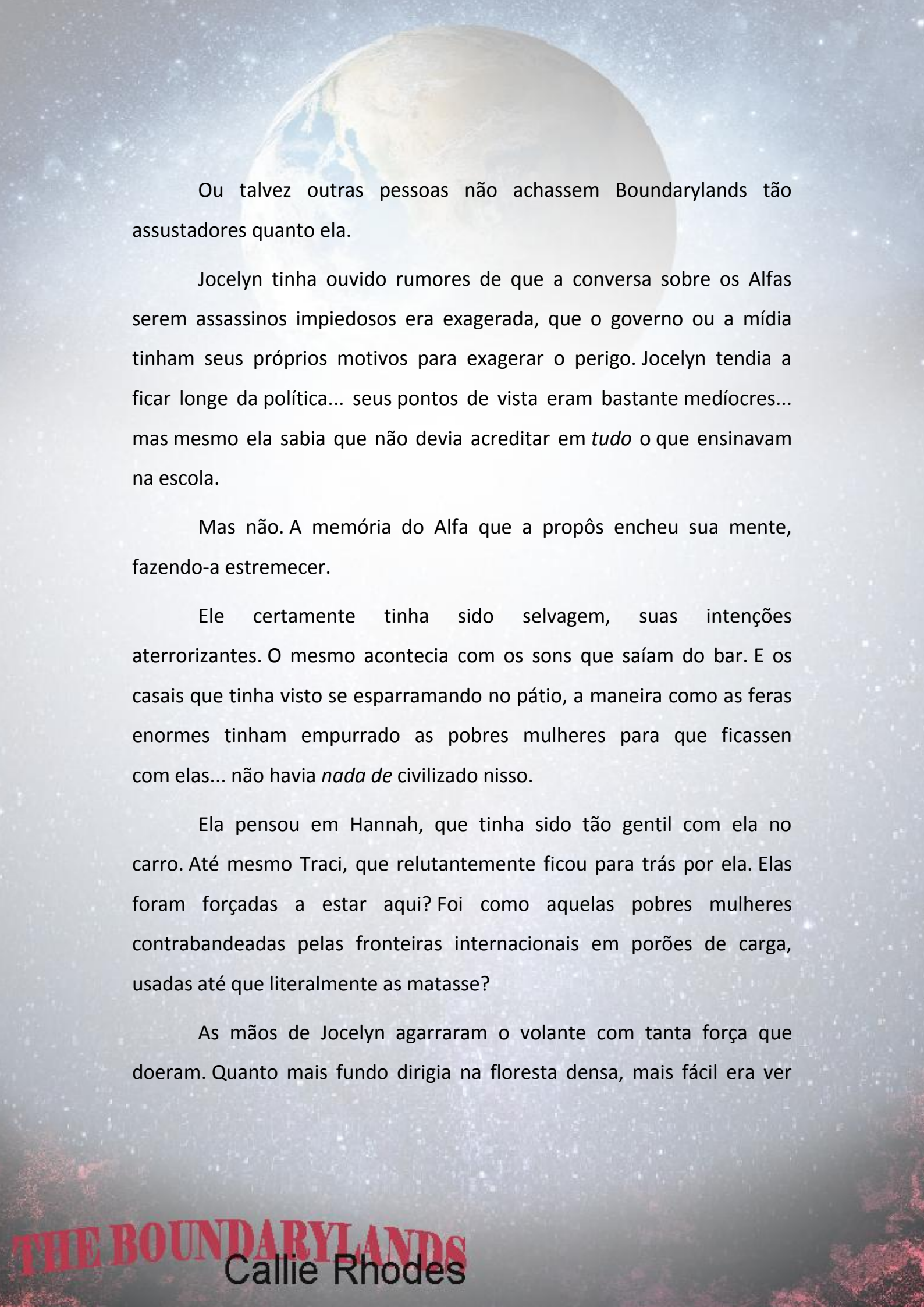
A pulsação de Jocelyn disparou enquanto considerava as possibilidades, mas quando fez a próxima curva na estrada, lá estava ela à esquerda, assim como a Ômega havia descrito: uma estrada de terra estreita e gasta.

Instantaneamente, o aperto no peito de Jocelyn diminuiu. Ela ligou a seta, embora não houvesse outros carros na estrada. Fez a curva com cuidado, atenta ao chassi baixo do cupê e à direção acidentada.

Pouco antes de seus pneus baterem na terra, ela avistou uma placa pregada em uma árvore, o nome SLADE pintado à mão em letras maiúsculas. Um nome bom e sólido.

Talvez ela ficasse bem depois de tudo. A Ômega no bar certamente parecia boa. Ela até alegou entender o que Jocelyn estava passando.

Jocelyn pensou nisso enquanto se arrastava pela estrada a dez quilômetros por hora. Seria possível que a história dela fosse comum? Que outras mulheres, escapando de outros cenários de pesadelo, se viram sem nenhum outro lugar para onde recorrer, a não ser esse desconhecido aterrorizante?



Ou talvez outras pessoas não achassem Boundarylands tão assustadores quanto ela.

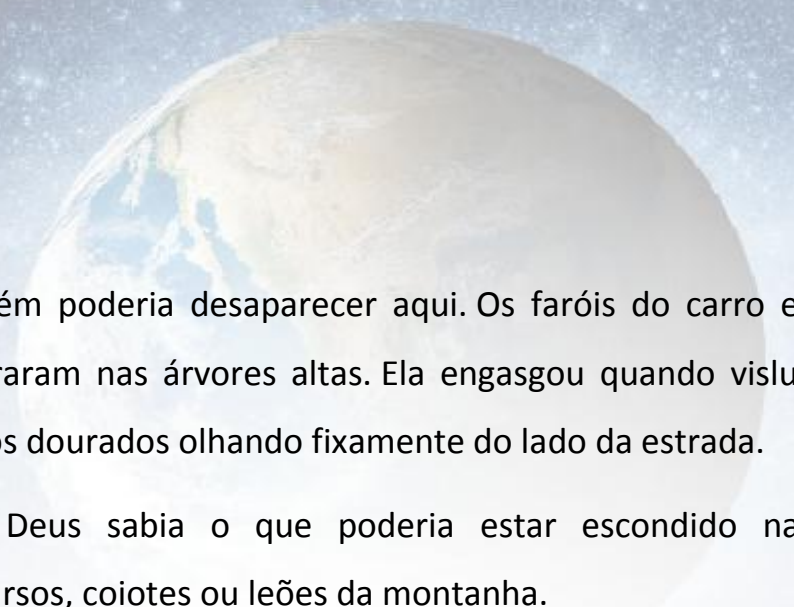
Jocelyn tinha ouvido rumores de que a conversa sobre os Alfas serem assassinos impiedosos era exagerada, que o governo ou a mídia tinham seus próprios motivos para exagerar o perigo. Jocelyn tendia a ficar longe da política... seus pontos de vista eram bastante medíocres... mas mesmo ela sabia que não devia acreditar em *tudo* o que ensinavam na escola.

Mas não. A memória do Alfa que a propôs encheu sua mente, fazendo-a estremecer.

Ele certamente tinha sido selvagem, suas intenções aterrorizantes. O mesmo acontecia com os sons que saíam do bar. E os casais que tinha visto se esparramando no pátio, a maneira como as feras enormes tinham empurrado as pobres mulheres para que ficassen com elas... não havia *nada* de civilizado nisso.

Ela pensou em Hannah, que tinha sido tão gentil com ela no carro. Até mesmo Traci, que relutantemente ficou para trás por ela. Elas foram forçadas a estar aqui? Foi como aquelas pobres mulheres contrabandeadas pelas fronteiras internacionais em porões de carga, usadas até que literalmente as matasse?

As mãos de Jocelyn agarraram o volante com tanta força que doeram. Quanto mais fundo dirigia na floresta densa, mais fácil era ver



como alguém poderia desaparecer aqui. Os faróis do carro emprestado mal penetraram nas árvores altas. Ela engasgou quando vislumbrou um par de olhos dourados olhando fixamente do lado da estrada.

Só Deus sabia o que poderia estar escondido na vegetação rasteira... ursos, coiotes ou leões da montanha.

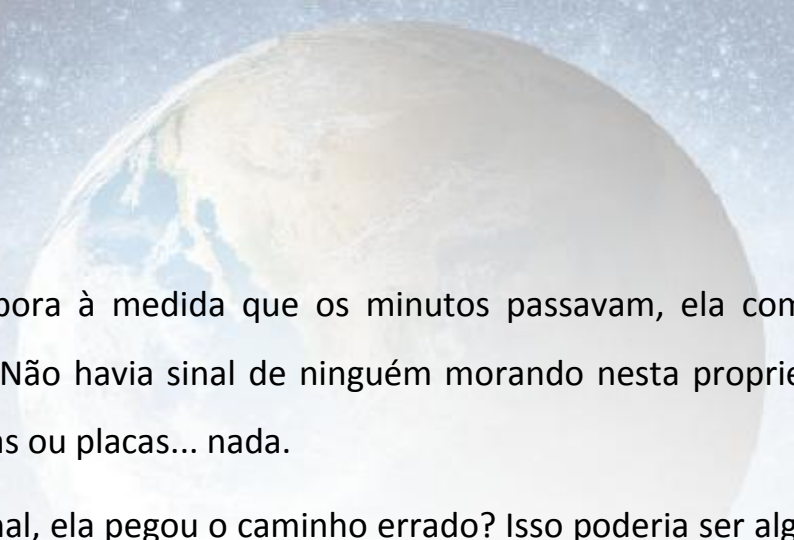
Ou... um pensamento ainda mais terrível... mais Alfas.

Jocelyn tentou empurrar o pequeno carro de dois lugares mais rápido e foi recompensada com sua cabeça batendo no teto do carro ao cair de um galho. Ela quase podia ouvir os pneus estourando se acertasse um desses sulcos com muita força. Ou a trituração de aço retorcido, se houvesse um obstáculo em torno de uma dessas curvas.

Mais uma vez provando que devagar e sempre era o melhor... mesmo aqui, quando sua vida estava em jogo. Como sua mãe sempre dizia, fazer as coisas com pressa significava apenas arrumar uma bagunça mais rápido. Por mais que Jocelyn desejasse estar lá dentro, com uma porta trancada entre ela e o deserto, correr riscos desnecessários era uma má ideia.

Algo em que deveria ter pensado ontem.

A Ômega disse que a casa ficava a apenas um quilômetro e meio da Estrada Central, mas certamente parecia muito mais longe do que isso, e com o hodômetro quebrado, Jocelyn não tinha como ter certeza. Além disso, não era como se fosse perder uma casa aqui no meio do nada.



Embora à medida que os minutos passavam, ela começou a se perguntar. Não havia sinal de ninguém morando nesta propriedade. Sem luzes, cercas ou placas... nada.

Afinal, ela pegou o caminho errado? Isso poderia ser algum tipo de estrada de manutenção? Talvez uma trilha de caça?... e se sim, ela corria o risco de tropeçar em um acampamento cheio de Alfas loucos?

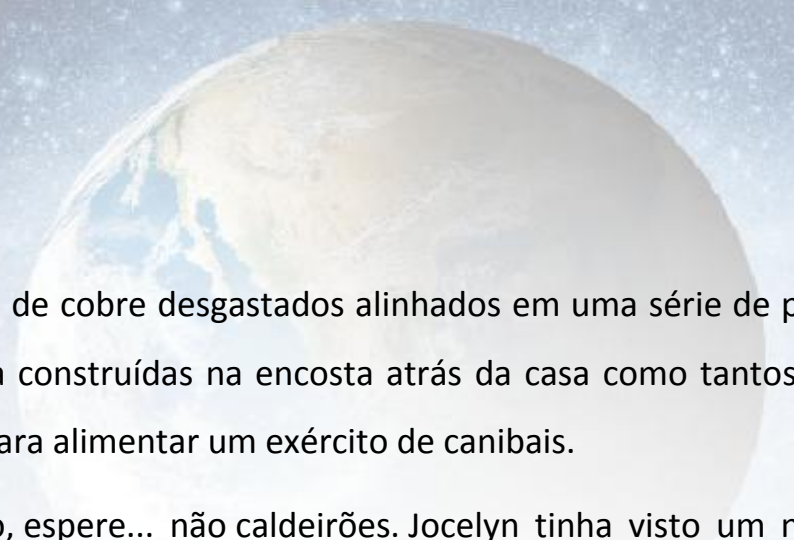
Dúvida transformado em completo pânico. Jocelyn estava prestes a desistir e se virar quando seus faróis iluminaram a lateral de um prédio. Ela tirou o pé do acelerador e o carro lentamente parou. Com o coração batendo forte, ela se inclinou para frente contra o volante, sua mandíbula aberta para a vista através do para-brisa.

O que quer que Jocelyn estivesse esperando... não era isso. Não havia como a doce Ômega com olhos bondosos e um espírito altruísta morar aqui.

Exceto, ela devia, porque aqui estava a casa, bem onde ela disse que estaria... bem, mais ou menos.

No entanto, era difícil chamar essa coisa de casa. Construído com tábuas de madeira escuras e sem umidades, um telhado bem inclinado e janelas como olhos maliciosos, o lugar exalava algumas vibrações de cabana de assassino.

Peles de pele pendurados em ganchos de ferro nos beirais não ajudavam em nada para suavizar a atmosfera ameaçadora. Nem a fileira



de tanques de cobre desgastados alinhados em uma série de plataformas de madeira construídas na encosta atrás da casa como tantos caldeirões fervendo para alimentar um exército de canibais.

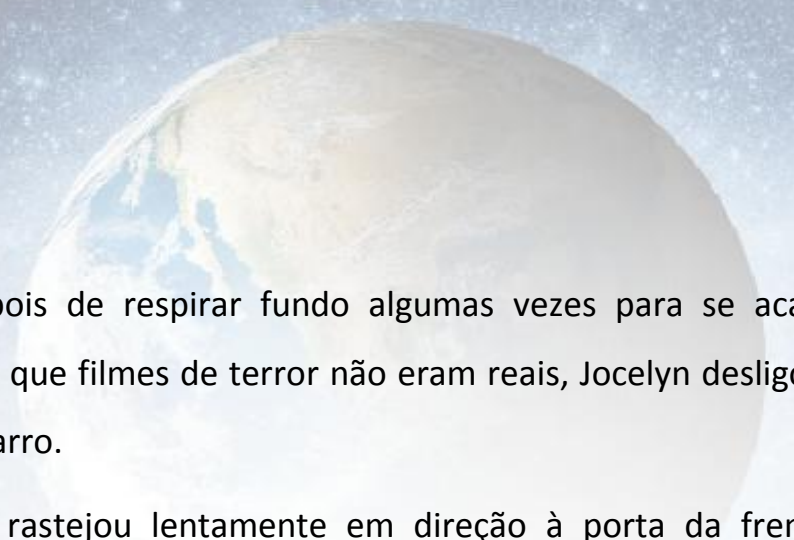
Não, espere... não caldeirões. Jocelyn tinha visto um navio como aquele antes, em suas últimas férias solo decepcionantes nas montanhas Smoky. A brochura mostrava belas vistas de um deck de sequóia, mas o quarto dela cheirava a mofo e dava para o estacionamento, e o — Excursão— foi conduzida por um velho ofegante que agarrou seu traseiro e cheirava a cervejaria enquanto conduzia o grupo para ver um whisky antigo ainda.

A destilaria era exatamente assim.

Oh Deus! No que ela se meteu agora? Nada neste lugar sugeria a presença da Ômega de cabelo rosa que viera em seu auxílio.

A menos... talvez este fosse apenas o jeito que era aqui. Afinal, o que Jocelyn sabia sobre as condições de vida em Boundaryland? Não era como se eles tivessem uma grande loja de ferragens na rua, ou uma associação de proprietários respirando fundo para manter seus gramados limpos e os valores de suas propriedades elevados.

Por tudo que Jocelyn sabia, este poderia ser o lugar mais chique da cidade. Mais importante ainda, foi o único lugar para o qual recebeu um convite ficar... e ela não estava em posição de recusar só porque não gostava do paisagismo.

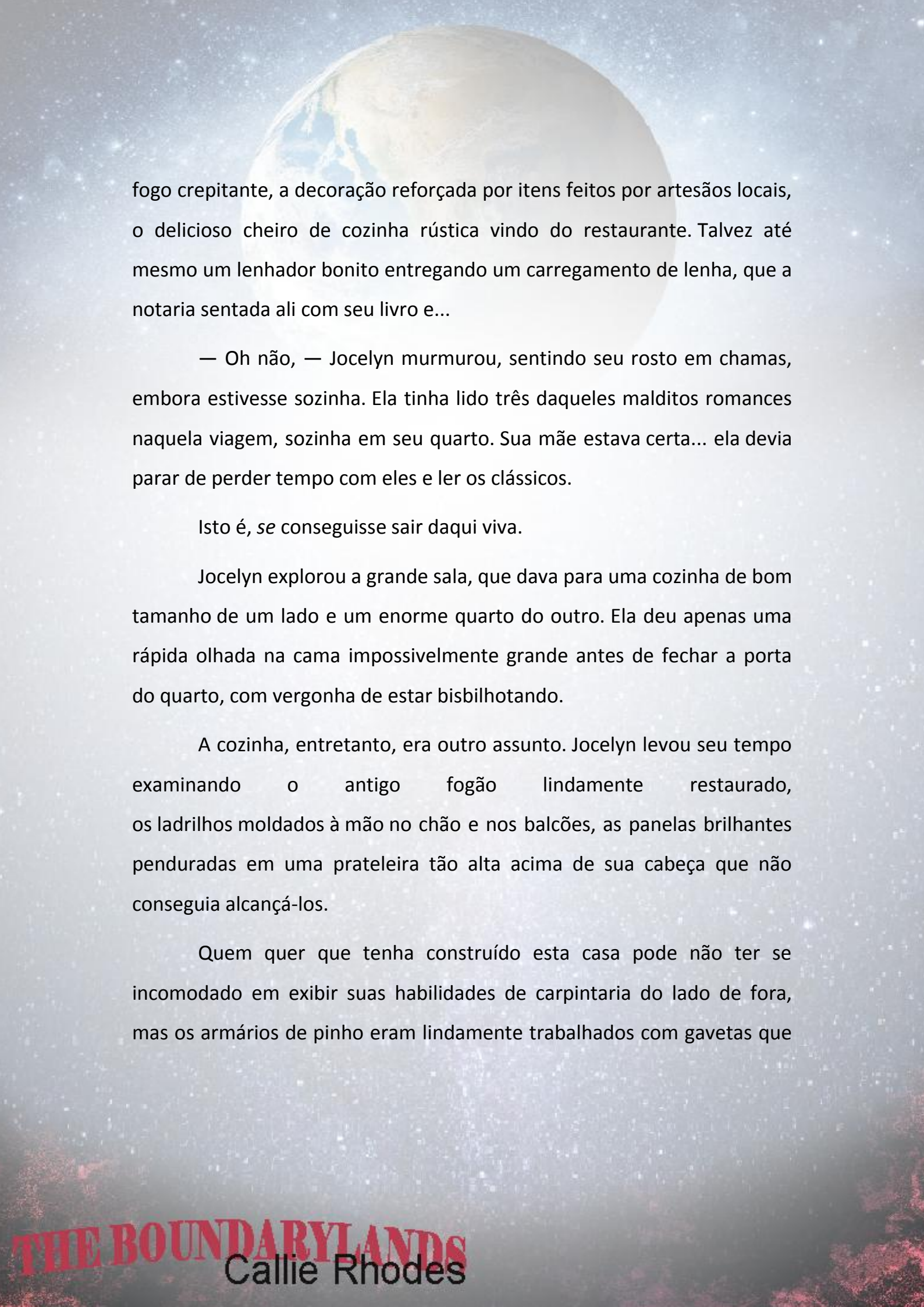


Depois de respirar fundo algumas vezes para se acalmar e se lembrar de que filmes de terror não eram reais, Jocelyn desligou o motor e saiu do carro.

Ela rastejou lentamente em direção à porta da frente, guiada apenas por uma lasca de luar, tentando não se encolher com os sons que pareciam se aglomerar ao seu redor. No escuro, a casa assomava como uma besta esperando para devorá-la, os degraus da varanda rangendo ameaçadoramente enquanto ela os subia. Algo roçou seu ombro, e Jocelyn soltou um grito antes de perceber que era apenas uma das peles de animal penduradas.

Mas a porta estava destrancada, exatamente como a Ômega disse que estaria. Estava ainda mais escuro lá dentro, e Jocelyn usou a luz de seu telefone para iluminar uma grande sala de estar. Um tapete estava centrado no chão de madeira. Duas poltronas de couro maciço rodeavam uma lareira quase grande o suficiente para caber, uma caixa de fósforos e um par de lanternas rústicas de ferro a óleo sobre a lareira de pedra. Jocelyn precisou de algumas tentativas para acendê-los, mas uma vez que sua luz dourada encheu a sala, o lugar parecia muito menos ameaçador.

Na verdade, parecia muito com o chalé apresentado nas fotos daquele folheto de férias em West Virginia, aquele que estava fechado para reforma quando Jocelyn chegou. Isso era o que tinha imaginado quando decidiu sair de sua zona de conforto, por uma vez, imaginando um



fogo crepitante, a decoração reforçada por itens feitos por artesãos locais, o delicioso cheiro de cozinha rústica vindo do restaurante. Talvez até mesmo um lenhador bonito entregando um carregamento de lenha, que a notaria sentada ali com seu livro e...

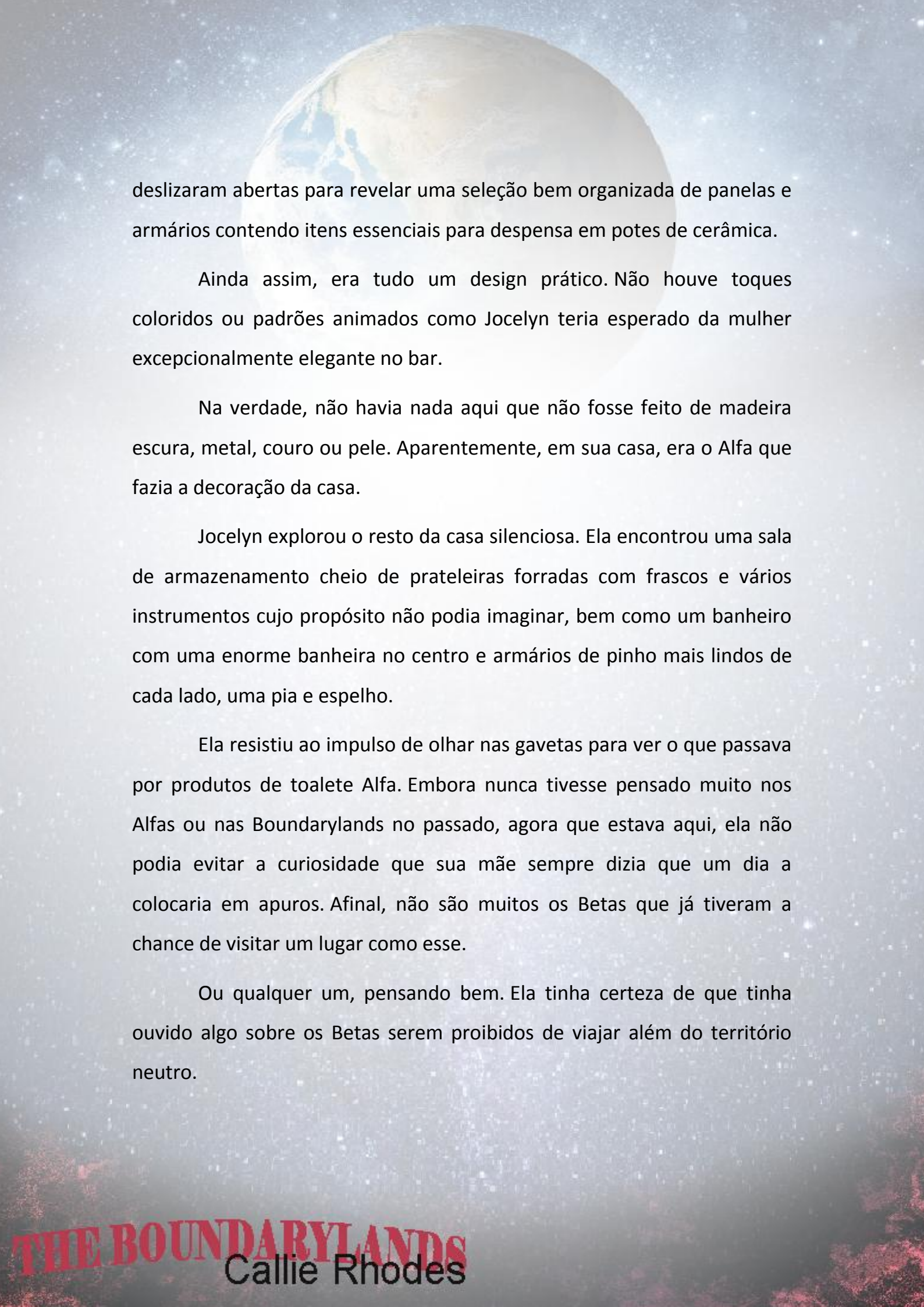
— Oh não, — Jocelyn murmurou, sentindo seu rosto em chamas, embora estivesse sozinha. Ela tinha lido três daqueles malditos romances naquela viagem, sozinha em seu quarto. Sua mãe estava certa... ela devia parar de perder tempo com eles e ler os clássicos.

Isto é, *se conseguisse sair daqui viva.*

Jocelyn explorou a grande sala, que dava para uma cozinha de bom tamanho de um lado e um enorme quarto do outro. Ela deu apenas uma rápida olhada na cama impossivelmente grande antes de fechar a porta do quarto, com vergonha de estar bisbilhotando.

A cozinha, entretanto, era outro assunto. Jocelyn levou seu tempo examinando o antigo fogão lindamente restaurado, os ladrilhos moldados à mão no chão e nos balcões, as panelas brilhantes penduradas em uma prateleira tão alta acima de sua cabeça que não conseguia alcançá-los.

Quem quer que tenha construído esta casa pode não ter se incomodado em exibir suas habilidades de carpintaria do lado de fora, mas os armários de pinho eram lindamente trabalhados com gavetas que



deslizaram abertas para revelar uma seleção bem organizada de painéis e armários contendo itens essenciais para despensa em potes de cerâmica.

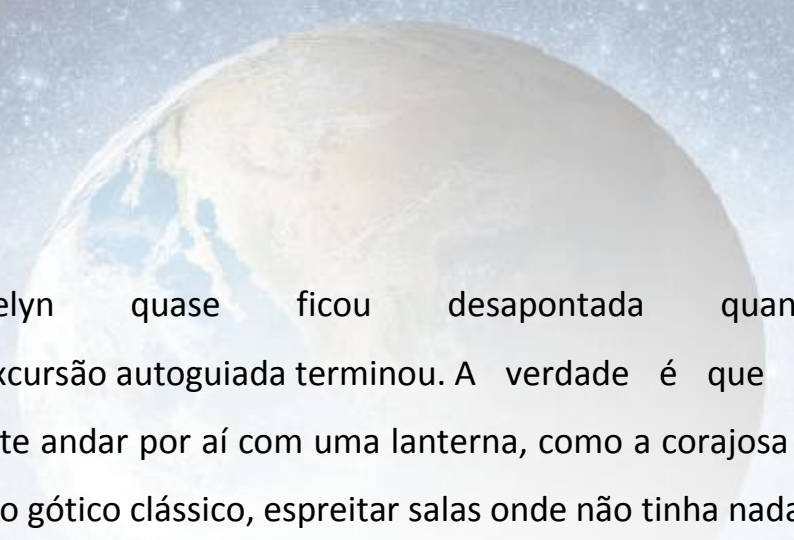
Ainda assim, era tudo um design prático. Não houve toques coloridos ou padrões animados como Jocelyn teria esperado da mulher excepcionalmente elegante no bar.

Na verdade, não havia nada aqui que não fosse feito de madeira escura, metal, couro ou pele. Aparentemente, em sua casa, era o Alfa que fazia a decoração da casa.

Jocelyn explorou o resto da casa silenciosa. Ela encontrou uma sala de armazenamento cheio de prateleiras forradas com frascos e vários instrumentos cujo propósito não podia imaginar, bem como um banheiro com uma enorme banheira no centro e armários de pinho mais lindos de cada lado, uma pia e espelho.

Ela resistiu ao impulso de olhar nas gavetas para ver o que passava por produtos de toalete Alfa. Embora nunca tivesse pensado muito nos Alfas ou nas Boundarylands no passado, agora que estava aqui, ela não podia evitar a curiosidade que sua mãe sempre dizia que um dia a colocaria em apuros. Afinal, não são muitos os Betas que já tiveram a chance de visitar um lugar como esse.

Ou qualquer um, pensando bem. Ela tinha certeza de que tinha ouvido algo sobre os Betas serem proibidos de viajar além do território neutro.



Jocelyn quase ficou desapontada quando sua pequena excursão autoguiada terminou. A verdade é que tinha sido emocionante andar por aí com uma lanterna, como a corajosa heroína de algum conto gótico clássico, espreitar salas onde não tinha nada que fazer.

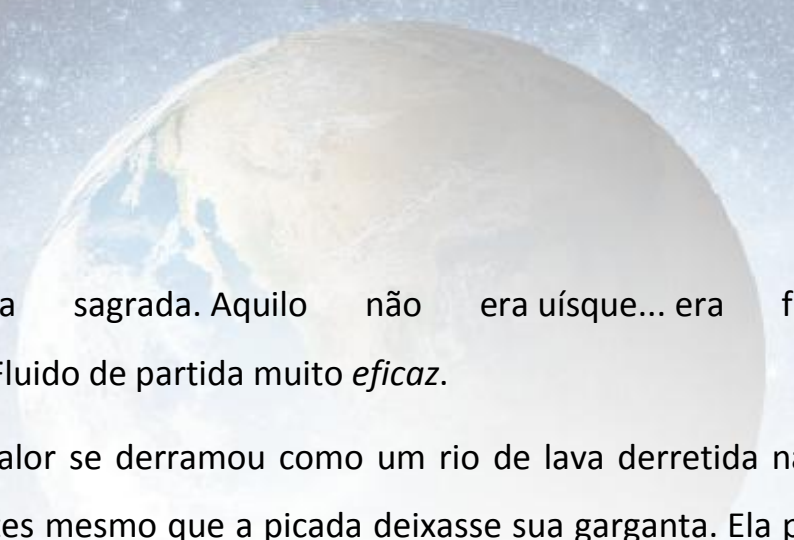
Mas este não era um enorme castelo fictício, apenas uma cabana simples na floresta. A menos que a cômoda gigante de madeira que ela vira no quarto escondesse um tesouro de barras de ouro ou brinquedos sexuais, parecia que o casal vivia uma vida bastante descomplicada.

Embora eles se entregassem a um prazer, aparentemente. Enquanto explorava a cozinha, Jocelyn avistou uma garrafa de vidro no balcão cheia de um fluido âmbar profundo. Ela tirou a rolha da tampa e deu uma cheirada. Imediatamente, seus olhos começaram a lacrimejar.

Fosse o que fosse, era forte. Ela se perguntou se tinha sido feito naquelas alambiques de cobre que vira do lado de fora. Olhando para o garrafa pesada em sua mão, Jocelyn considerou se ousaria tomar um gole.

Ela não mentiu quando disse que precisava de uma bebida no bar Alfa ... mas isso não significava que era uma boa ideia começar a beber quando estava sozinha na casa de um estranho.

Embora a Ômega *tenha* dito a ela para se sentir em casa. Antes que pudesse pensar melhor sobre isso, Jocelyn ergueu a garrafa para os lábios e bebeu... e imediatamente começou a tossir.



Vaca sagrada. Aquilo não era uísque... era fluido de arranque. Fluido de partida muito *eficaz*.

O calor se derramou como um rio de lava derretida nas veias de Jocelyn antes mesmo que a picada deixasse sua garganta. Ela podia sentir seu rosto se iluminando, o calor da bebida derretendo a tensão de seu corpo cansado.

Essas coisas poderiam ser apenas mágicas. Jocelyn se recostou no balcão com um suspiro e deixou suas pálpebras se fecharem enquanto a sensação agradável viajava por ela. Sua respiração ficou relaxada e uniforme.

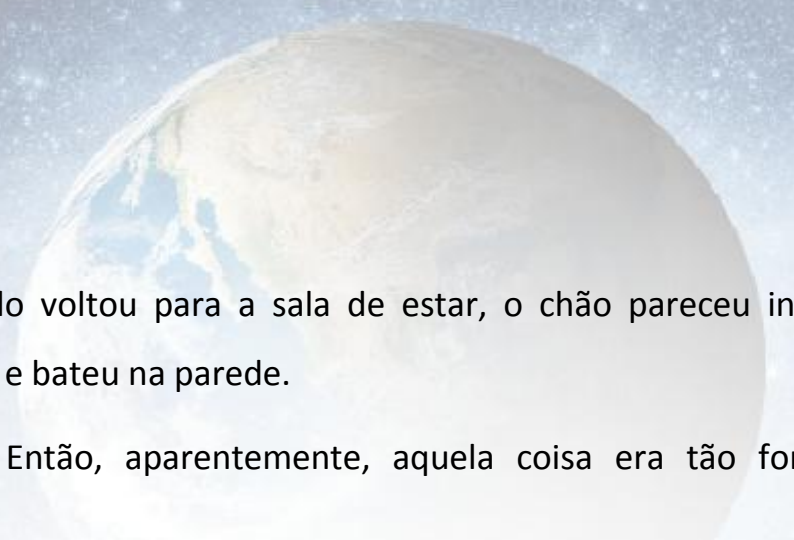
Depois de um tempo, ela abriu um olho e olhou para garrafa cheia de um adorável elixir.

Uma bebida não tinha feito mal a ela. Na verdade, parecia ser exatamente o que precisava.

E se uma fosse boa, então duas fosse melhor.

Jocelyn ergueu a garrafa e tomou outro gole. Sua garganta não queimou tanto desta vez, mas o calor bem-vindo se espalhou ainda mais longe... até a ponta dos dedos das mãos e dos pés. Ela se sentia como se estivesse flutuando em uma nuvem linda e fofa.

Quando tentou colocar a garrafa de volta no balcão, no entanto, ela teve que tentar duas vezes antes que pudesse pousá-la sem derrubá-



la. E quando voltou para a sala de estar, o chão pareceu inclinar para longe dela, e bateu na parede.

OK. Então, aparentemente, aquela coisa era tão forte quanto cheirava.

Ainda assim, Jocelyn estava se sentindo um pouco melhor. O medo e a ansiedade que a perseguiram até aqui diminuíram ligeiramente.

Mas agora que a adrenalina não estava em um ciclo constante em suas veias, percebeu como estava exausta. De pé no centro do grande sala, ela procurou por um lugar para se enrolar... não para dormir, mas simplesmente para descansar os olhos e esperar por seu segundo fôlego.

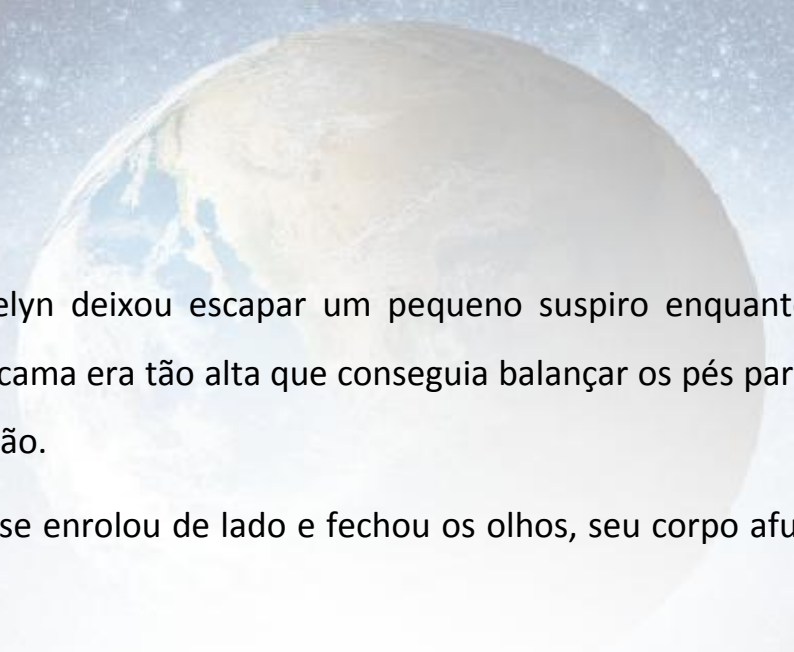
Havia a cadeira de madeira lixada na entrada da cozinha... muito dura.

As enormes cadeiras de couro perto do fogo... muito quentes. Ou...

Jocelyn foi até a porta do quarto que fechou com tanta firmeza um tempo atrás. Ela realmente não queria invadir o espaço privado do casal, mas a cama enorme no centro do quarto era incrivelmente tentadora.

Certamente, seus anfitriões não se importariam se ela se deitasse por um ou dois minutos. Não era como se planejasse passar a noite em sua cama. No segundo que os ouvisse chegando, ela pularia e os encontraria na porta.

Eles nunca precisariam saber.



Jocelyn deixou escapar um pequeno suspiro enquanto subia no colchão. A cama era tão alta que conseguia balançar os pés para fora, sem tocar no chão.

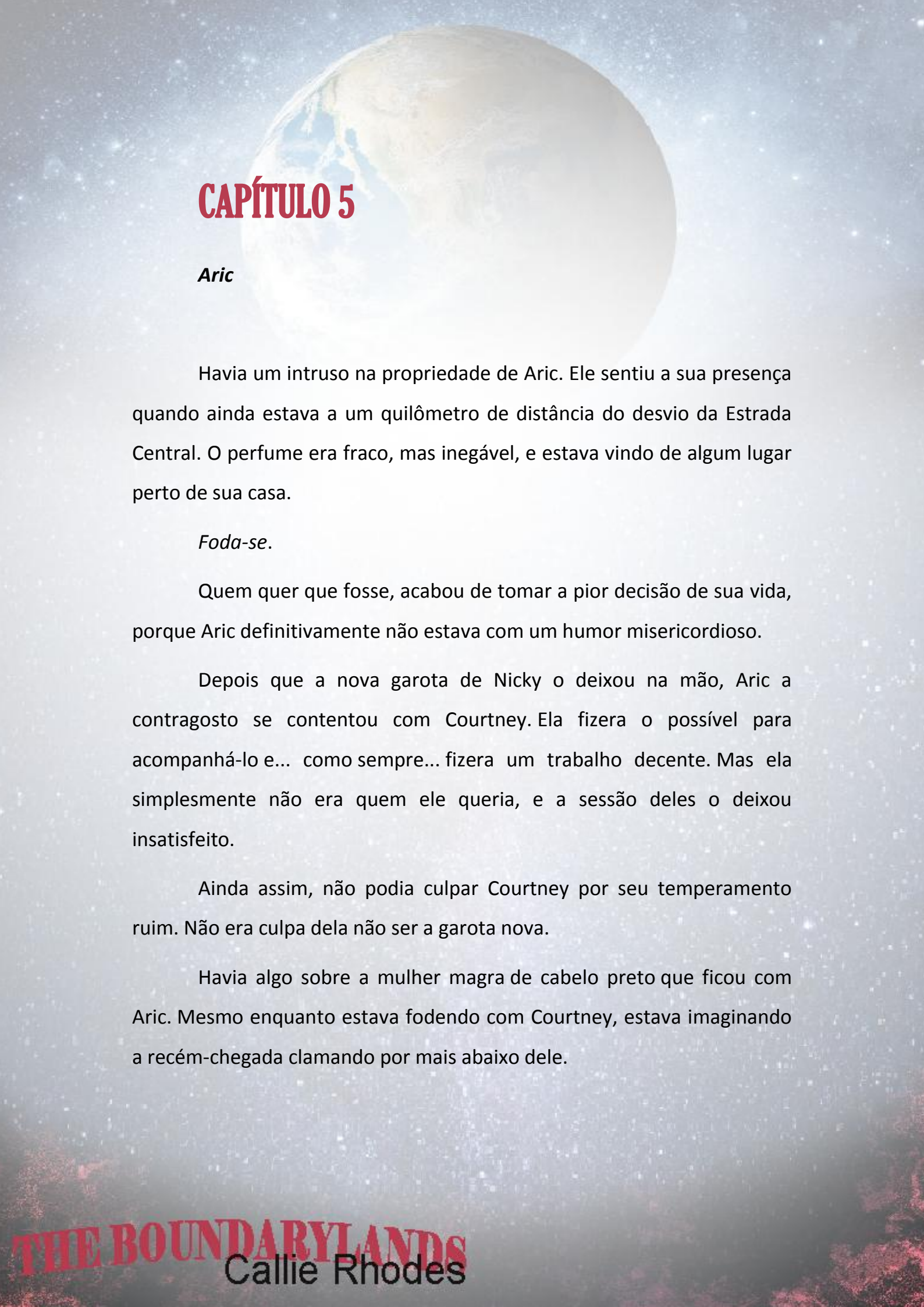
Ela se enrolou de lado e fechou os olhos, seu corpo afundando de alívio.

Apenas alguns minutos de descanso para refrescar sua mente. Então ela seria capaz de descobrir o que fazer a seguir.

Os travesseiros felpudos e o edredom moldaram-se ao redor de seu corpo, embalando-a suavemente, absorvendo a tensão do dia anterior.

Oh, sim... esta cama era perfeita.

Jocelyn poderia ter chorado de prazer se um sono profundo e reconfortante não tivesse tomado conta dela.



CAPÍTULO 5

Aric

Havia um intruso na propriedade de Aric. Ele sentiu a sua presença quando ainda estava a um quilômetro de distância do desvio da Estrada Central. O perfume era fraco, mas inegável, e estava vindo de algum lugar perto de sua casa.

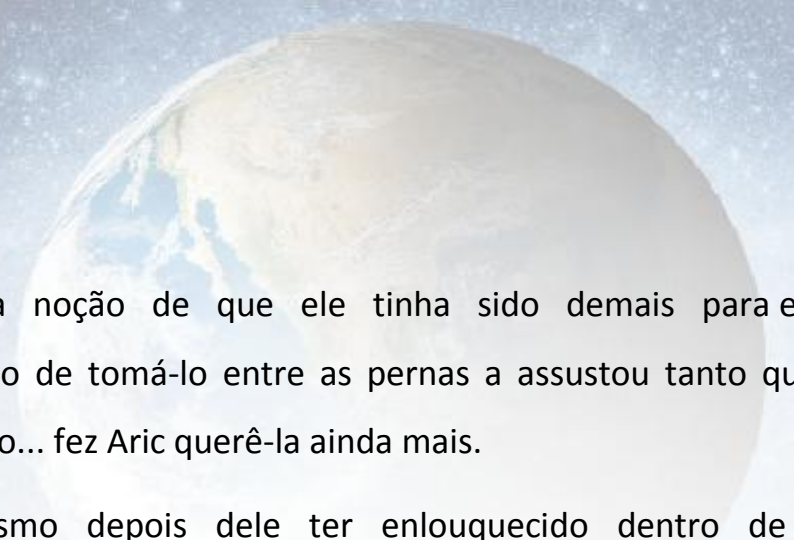
Foda-se.

Quem quer que fosse, acabou de tomar a pior decisão de sua vida, porque Aric definitivamente não estava com um humor misericordioso.

Depois que a nova garota de Nicky o deixou na mão, Aric a contragosto se contentou com Courtney. Ela fizera o possível para acompanhá-lo e... como sempre... fizera um trabalho decente. Mas ela simplesmente não era quem ele queria, e a sessão deles o deixou insatisfeito.

Ainda assim, não podia culpar Courtney por seu temperamento ruim. Não era culpa dela não ser a garota nova.

Havia algo sobre a mulher magra de cabelo preto que ficou com Aric. Mesmo enquanto estava fodendo com Courtney, estava imaginando a recém-chegada clamando por mais abaixo dele.



E a noção de que ele tinha sido demais para ela... que o pensamento de tomá-lo entre as pernas a assustou tanto que fugiu de um trabalho... fez Aric querê-la ainda mais.

Mesmo depois dele ter enlouquecido dentro de Courtney, enchendo-a a ponto de transbordar, o sangue de Aric ainda estava quente. Ele não sentia nada da paz, da calma de sua mente, que a foda geralmente proporcionava, pelo menos por um tempo.

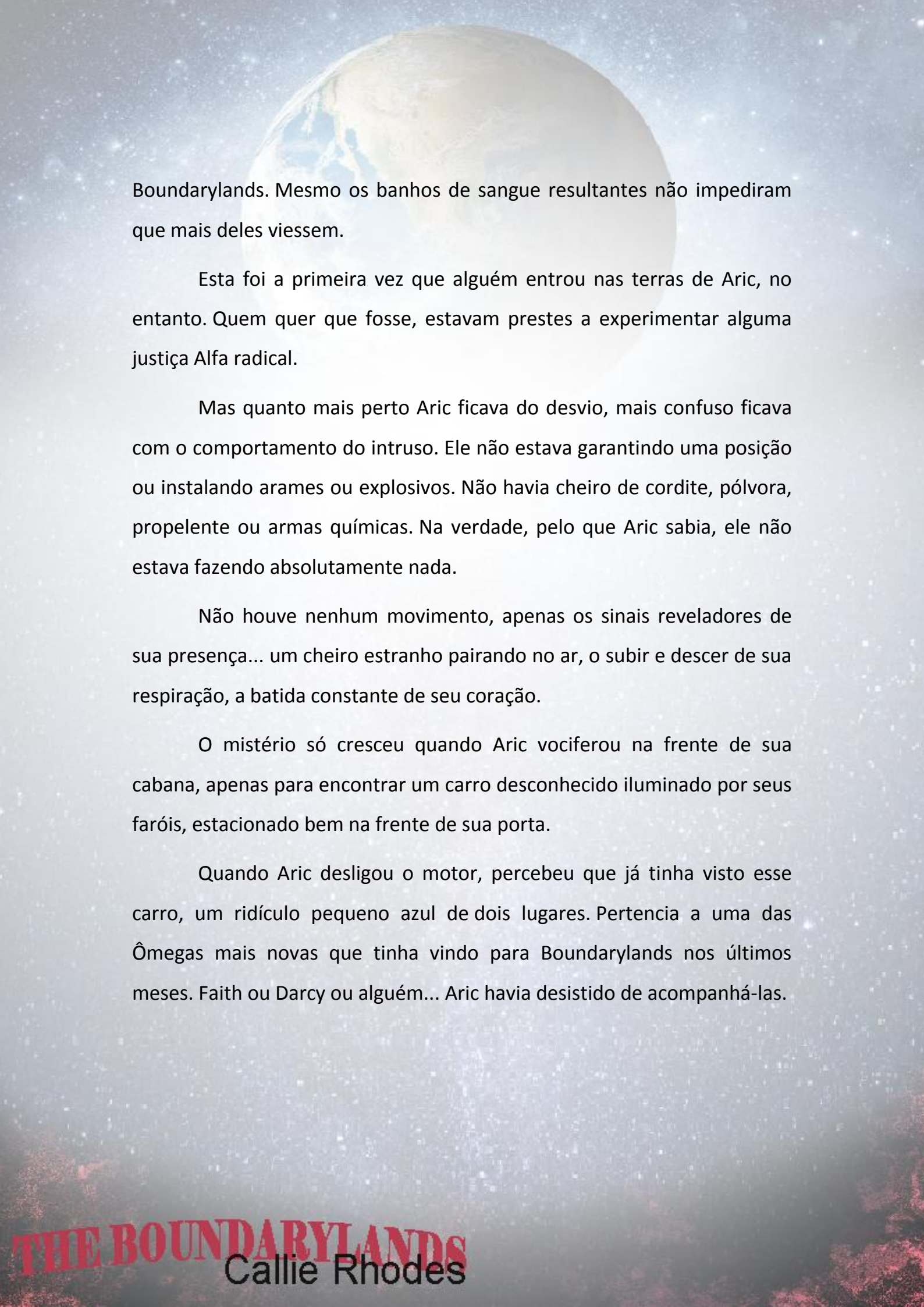
Ele levou Courtney de volta para o Evander's Bar, entregou seu pagamento e disse um adeus mecânico, o tempo todo resistindo à vontade de explodir... se não pra ela, para alguém ou alguma coisa. Com esse humor, ele poderia facilmente escolher uma briga ou destruir algo, nenhum dos quais parecia uma boa ideia.

Então dirigiu para casa, tentando superar a noite decepcionante... até ao ponto em que sentiu o cheiro do intruso.

Então seu mal-estar geral instantaneamente explodiu em raiva.

Em Boundarylands, nada era mais sagrado do que a propriedade de um Alfa. A terra de um homem era sua vida e seu sustento, e qualquer ataque a ela era um ataque ao próprio Alfa, a ser enfrentado com toda a força e fúria justificada.

Isso não impediu meia dúzia de confrontos com uma variedade de invasores mal-intencionados no ano passado, quando os Betas se tornaram cada vez mais ousados em suas incursões a



Boundarylands. Mesmo os banhos de sangue resultantes não impediram que mais deles viessem.

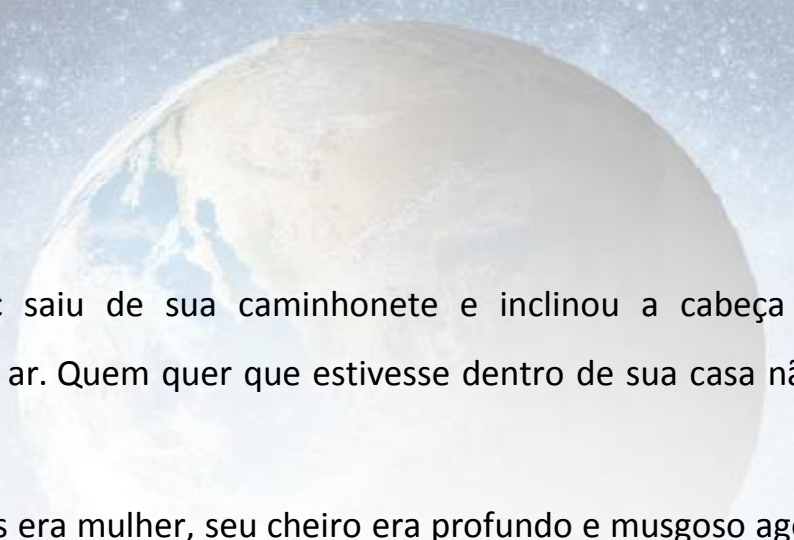
Esta foi a primeira vez que alguém entrou nas terras de Aric, no entanto. Quem quer que fosse, estavam prestes a experimentar alguma justiça Alfa radical.

Mas quanto mais perto Aric ficava do desvio, mais confuso ficava com o comportamento do intruso. Ele não estava garantindo uma posição ou instalando arames ou explosivos. Não havia cheiro de cordite, pólvora, propelente ou armas químicas. Na verdade, pelo que Aric sabia, ele não estava fazendo absolutamente nada.

Não houve nenhum movimento, apenas os sinais reveladores de sua presença... um cheiro estranho pairando no ar, o subir e descer de sua respiração, a batida constante de seu coração.

O mistério só cresceu quando Aric vociferou na frente de sua cabana, apenas para encontrar um carro desconhecido iluminado por seus faróis, estacionado bem na frente de sua porta.

Quando Aric desligou o motor, percebeu que já tinha visto esse carro, um ridículo pequeno azul de dois lugares. Pertencia a uma das Ômeas mais novas que tinha vindo para Boundarylands nos últimos meses. Faith ou Darcy ou alguém... Aric havia desistido de acompanhá-las.



Aric saiu de sua caminhonete e inclinou a cabeça para trás, testando o ar. Quem quer que estivesse dentro de sua casa não era uma Ômega.

Mas era mulher, seu cheiro era profundo e musgoso agora que ele estava perto. E... *familiar*.

Aric balançou a cabeça em descrença. Disparou pela porta da frente, qualquer dúvida remanescente evaporando assim que entrou. O cheiro que o enlouqueceu no estacionamento, que ficou com ele a noite toda, era inegável... assim como a visão que o saudou quando abriu a porta de seu quarto.

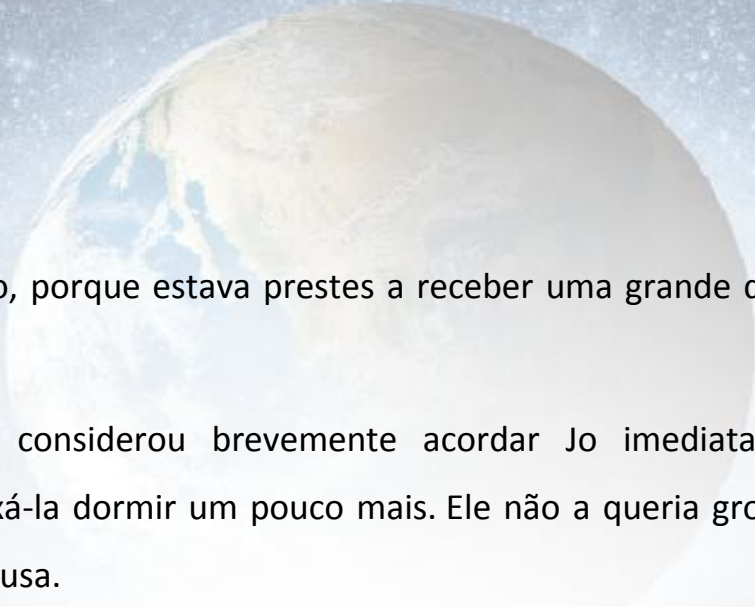
A nova garota... Jo... estava adormecida enroscada no centro de sua cama como um presente do destino.

Ela estava dormindo tão profundamente que nem se mexeu quando a porta bateu na parede. Aric logo percebeu o porquê: cheirando o ar da sala, ele pegou os vapores persistentes do álcool potente.

Alguém estava vasculhando seus armários e bebendo de sua garrafa.

E agora ela estava dormindo em sua cama.

Um sorriso apareceu nos cantos da boca de Aric. Então, sua pequena prostituta... Jo... queria brincar de Cachinhos Dourados? Isso estava bom para ele... embora esperasse que ela não estivesse esperando



o Papa Urso, porque estava prestes a receber uma grande dose de Lobo Mau.

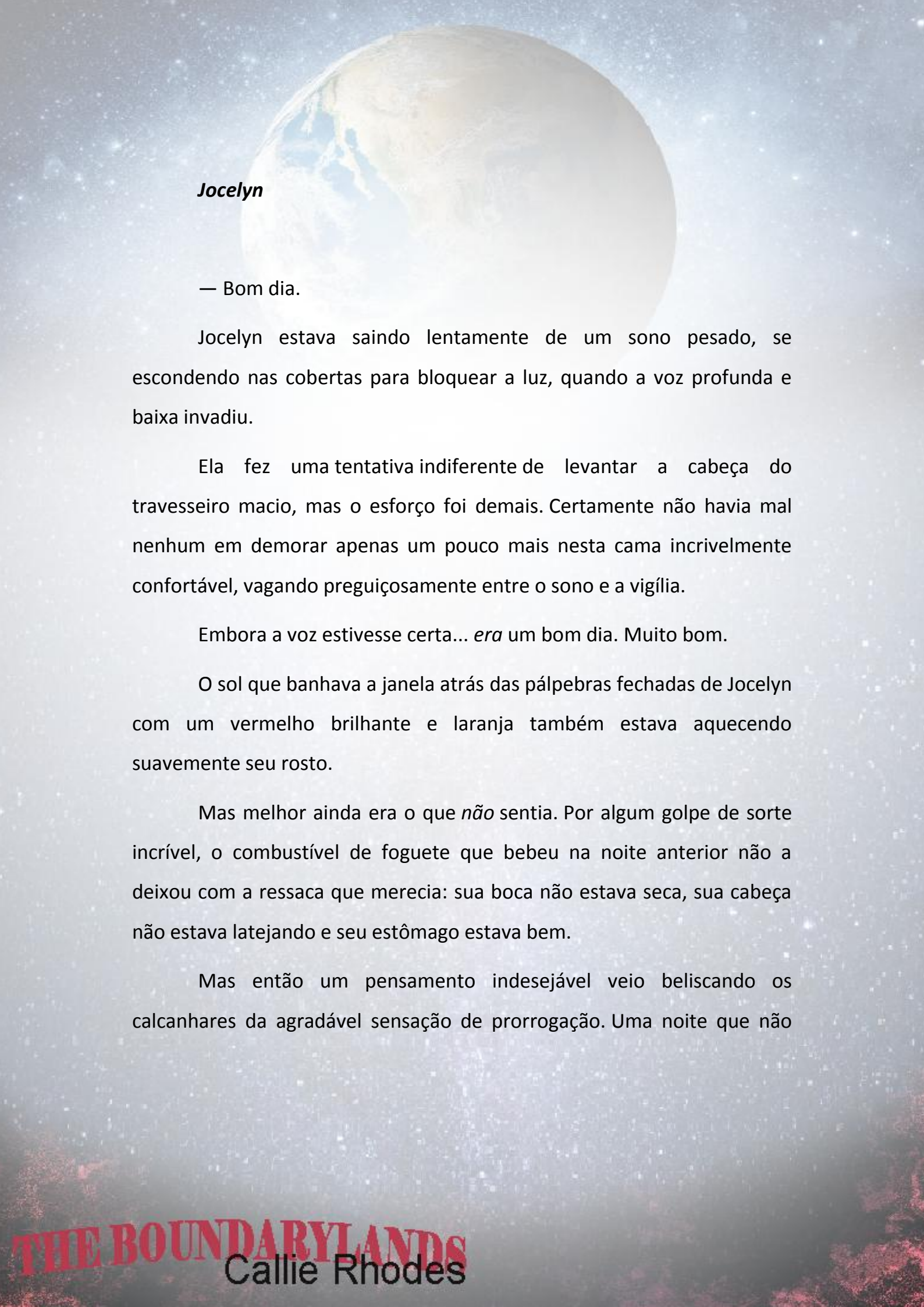
Aric considerou brevemente acordar Jo imediatamente, mas decidiu deixá-la dormir um pouco mais. Ele não a queria grogue e com a cabeça confusa.

Quando a tomasse, ele queria seus olhos bem abertos, seus pensamentos claros como cristal, sem dúvida em sua mente quem estava transando com ela.

Seu pênis ficou rígido como uma placa com o pensamento. Pelo menos ele tinha fodido há uma hora... talvez isso aliviasse um pouco a dor. Aric esperou a noite toda para experimentar a nova garota por si mesmo. Ele poderia esperar mais um pouco.

Ele puxou uma cadeira para o pé da cama e se sentou. Inclinando-se para trás, apoiou os pés no estribo e se acomodou para esperar.

A antecipação só iria tornar isso mais doce.



Jocelyn

— Bom dia.

Jocelyn estava saindo lentamente de um sono pesado, se escondendo nas cobertas para bloquear a luz, quando a voz profunda e baixa invadiu.

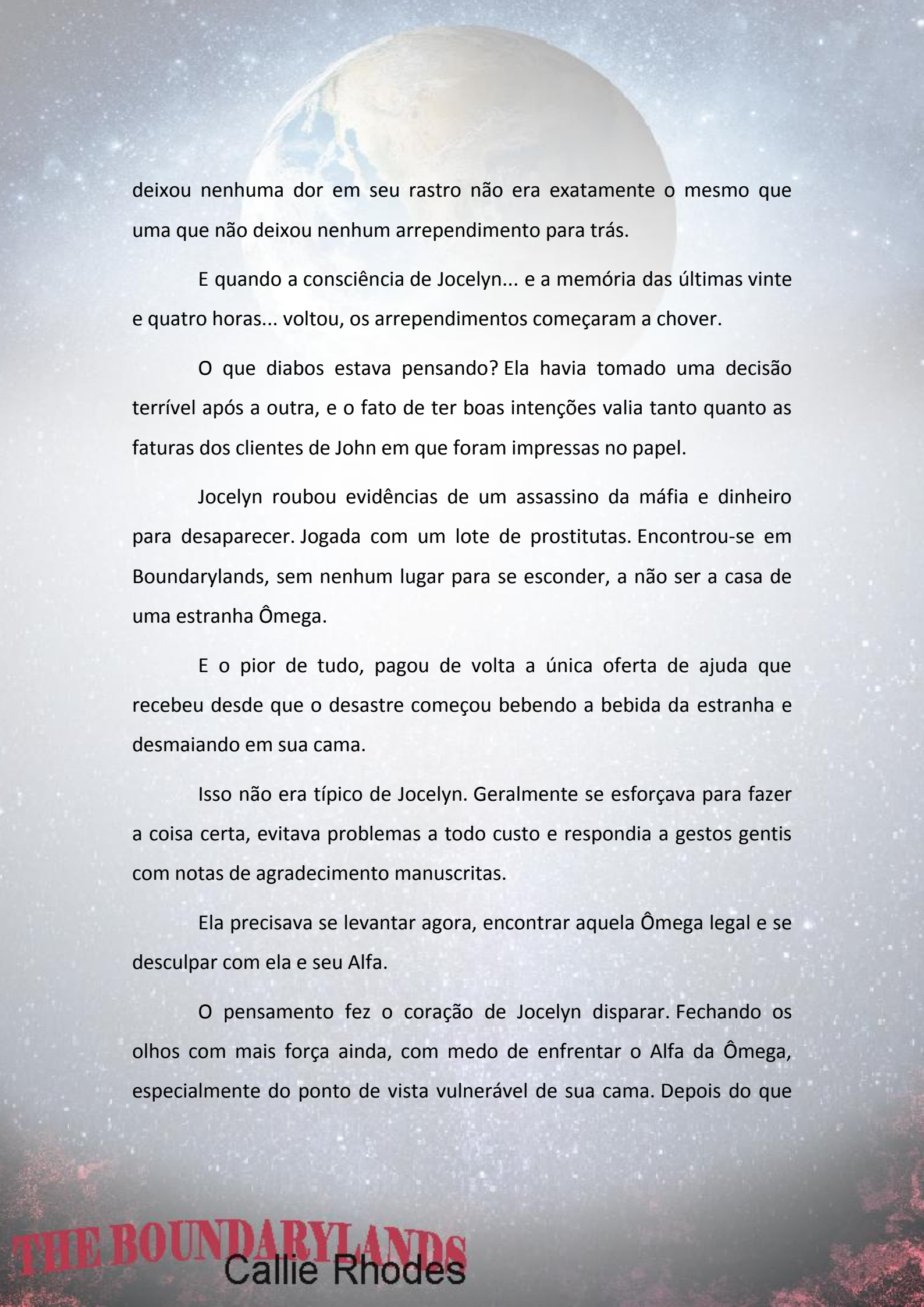
Ela fez uma tentativa indiferente de levantar a cabeça do travesseiro macio, mas o esforço foi demais. Certamente não havia mal nenhum em demorar apenas um pouco mais nesta cama incrivelmente confortável, vagando preguiçosamente entre o sono e a vigília.

Embora a voz estivesse certa... *era* um bom dia. Muito bom.

O sol que banhava a janela atrás das pálpebras fechadas de Jocelyn com um vermelho brilhante e laranja também estava aquecendo suavemente seu rosto.

Mas melhor ainda era o que *não* sentia. Por algum golpe de sorte incrível, o combustível de foguete que bebeu na noite anterior não a deixou com a ressaca que merecia: sua boca não estava seca, sua cabeça não estava latejando e seu estômago estava bem.

Mas então um pensamento indesejável veio beliscando os calcanhares da agradável sensação de prorrogação. Uma noite que não



deixou nenhuma dor em seu rastro não era exatamente o mesmo que uma que não deixou nenhum arrependimento para trás.

E quando a consciência de Jocelyn... e a memória das últimas vinte e quatro horas... voltou, os arrependimentos começaram a chover.

O que diabos estava pensando? Ela havia tomado uma decisão terrível após a outra, e o fato de ter boas intenções valia tanto quanto as faturas dos clientes de John em que foram impressas no papel.

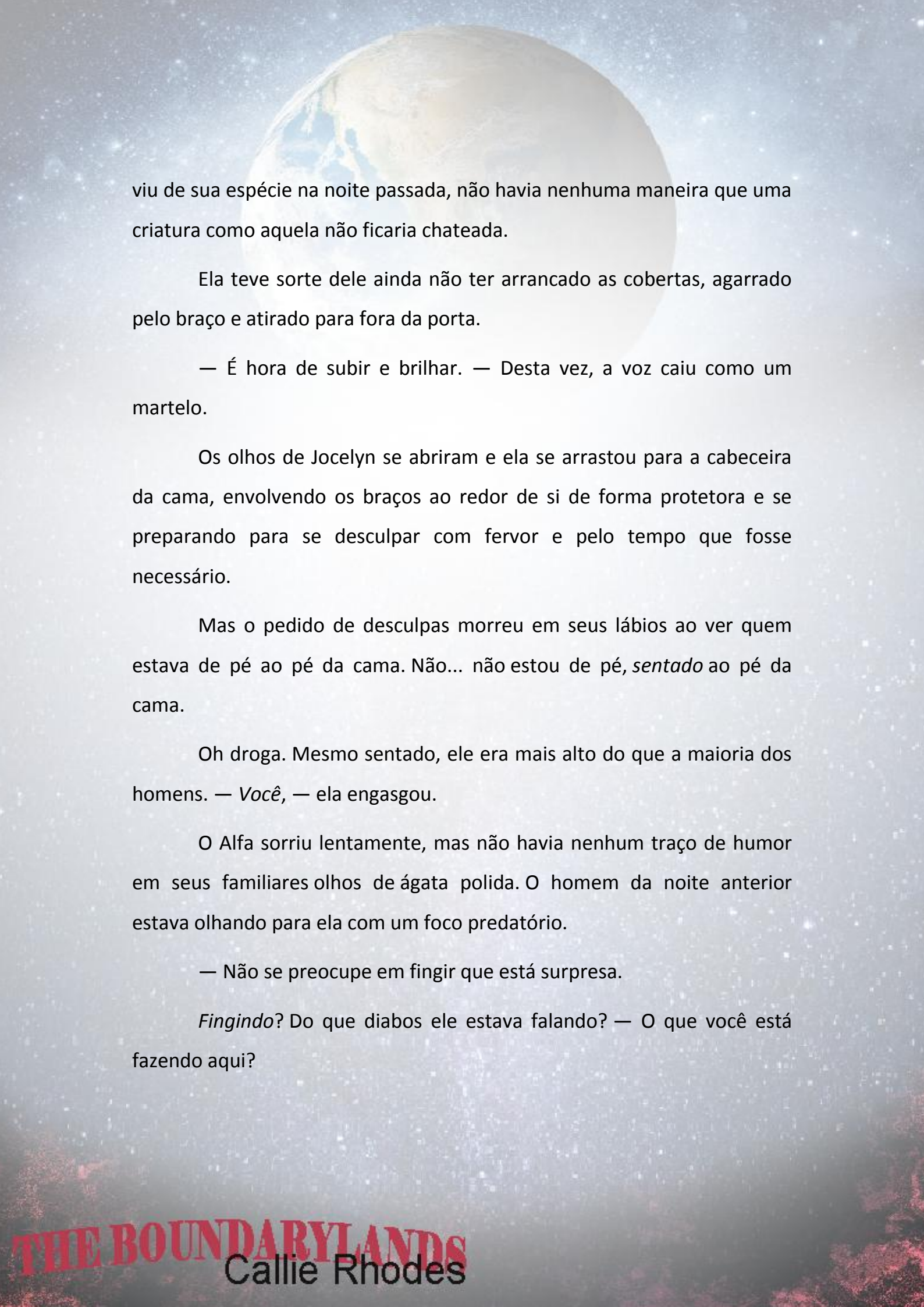
Jocelyn roubou evidências de um assassino da máfia e dinheiro para desaparecer. Jogada com um lote de prostitutas. Encontrou-se em Boundarylands, sem nenhum lugar para se esconder, a não ser a casa de uma estranha Ômega.

E o pior de tudo, pagou de volta a única oferta de ajuda que recebeu desde que o desastre começou bebendo a bebida da estranha e desmaiando em sua cama.

Isso não era típico de Jocelyn. Geralmente se esforçava para fazer a coisa certa, evitava problemas a todo custo e respondia a gestos gentis com notas de agradecimento manuscritas.

Ela precisava se levantar agora, encontrar aquela Ômega legal e se desculpar com ela e seu Alfa.

O pensamento fez o coração de Jocelyn disparar. Fechando os olhos com mais força ainda, com medo de enfrentar o Alfa da Ômega, especialmente do ponto de vista vulnerável de sua cama. Depois do que



viu de sua espécie na noite passada, não havia nenhuma maneira que uma criatura como aquela não ficaria chateada.

Ela teve sorte dele ainda não ter arrancado as cobertas, agarrado pelo braço e atirado para fora da porta.

— É hora de subir e brilhar. — Desta vez, a voz caiu como um martelo.

Os olhos de Jocelyn se abriram e ela se arrastou para a cabeceira da cama, envolvendo os braços ao redor de si de forma protetora e se preparando para se desculpar com fervor e pelo tempo que fosse necessário.

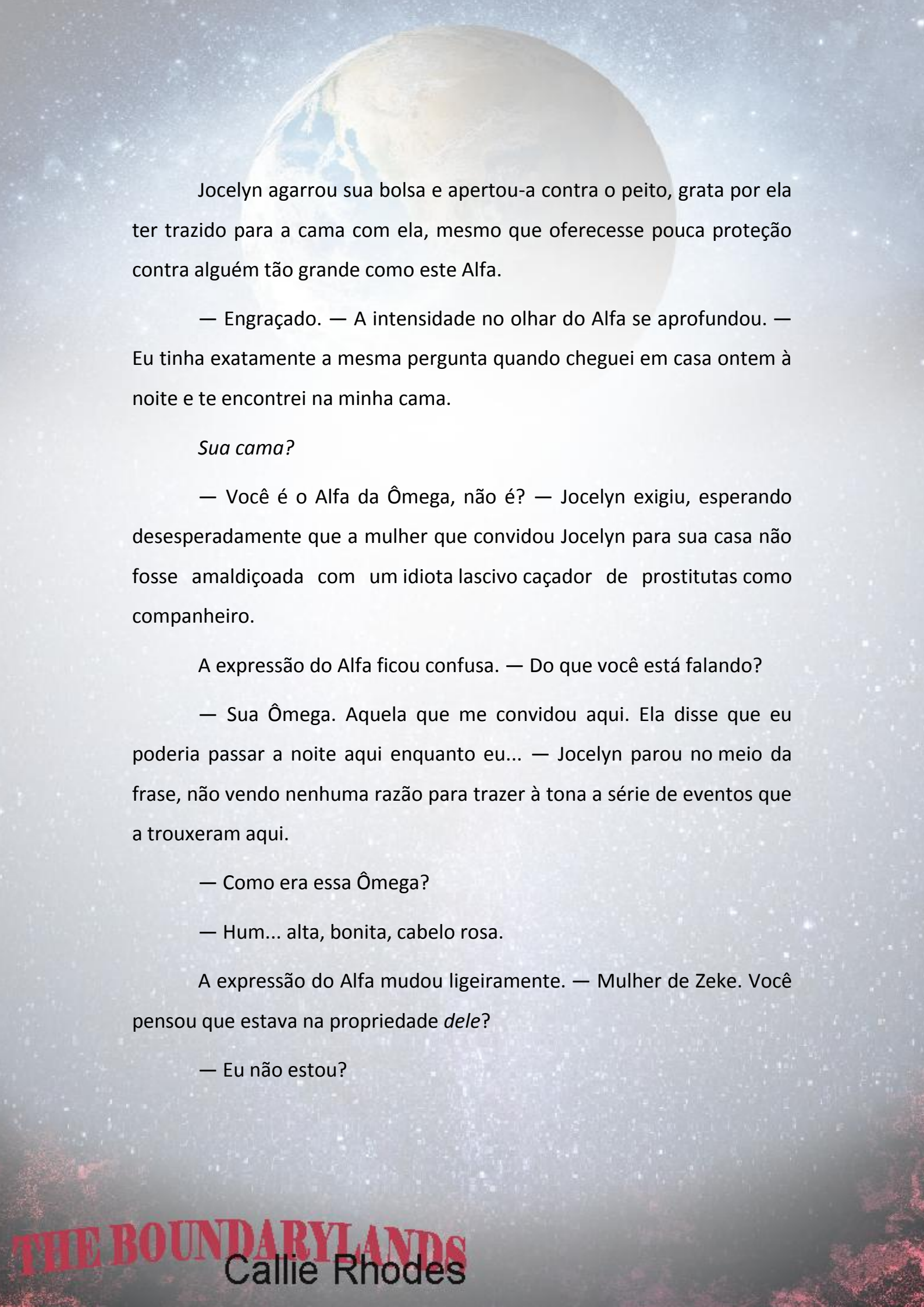
Mas o pedido de desculpas morreu em seus lábios ao ver quem estava de pé ao pé da cama. Não... não estou de pé, *sentado* ao pé da cama.

Oh droga. Mesmo sentado, ele era mais alto do que a maioria dos homens. — *Você*, — ela engasgou.

O Alfa sorriu lentamente, mas não havia nenhum traço de humor em seus familiares olhos de ágata polida. O homem da noite anterior estava olhando para ela com um foco predatório.

— Não se preocupe em fingir que está surpresa.

Fingindo? Do que diabos ele estava falando? — O que você está fazendo aqui?



Jocelyn agarrou sua bolsa e apertou-a contra o peito, grata por ela ter trazido para a cama com ela, mesmo que oferecesse pouca proteção contra alguém tão grande como este Alfa.

— Engraçado. — A intensidade no olhar do Alfa se aprofundou. — Eu tinha exatamente a mesma pergunta quando cheguei em casa ontem à noite e te encontrei na minha cama.

Sua cama?

— Você é o Alfa da Ômega, não é? — Jocelyn exigiu, esperando desesperadamente que a mulher que convidou Jocelyn para sua casa não fosse amaldiçoada com um idiota lascivo caçador de prostitutas como companheiro.

A expressão do Alfa ficou confusa. — Do que você está falando?

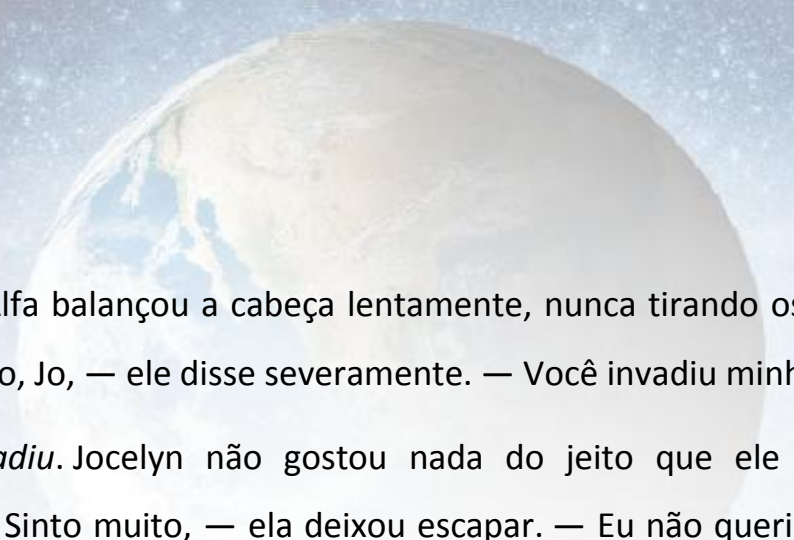
— Sua Ômega. Aquela que me convidou aqui. Ela disse que eu poderia passar a noite aqui enquanto eu... — Jocelyn parou no meio da frase, não vendo nenhuma razão para trazer à tona a série de eventos que a trouxeram aqui.

— Como era essa Ômega?

— Hum... alta, bonita, cabelo rosa.

A expressão do Alfa mudou ligeiramente. — Mulher de Zeke. Você pensou que estava na propriedade *dele*?

— Eu não estou?



O Alfa balançou a cabeça lentamente, nunca tirando os olhos dos dela. — Não, Jo, — ele disse severamente. — Você invadiu minha terra.

Invadiu. Jocelyn não gostou nada do jeito que ele disse essa palavra. — Sinto muito, — ela deixou escapar. — Eu não queria. Devo ter dado a volta sem querer na noite passada. Eu cometi um erro terrível. — ela começou a rastejar pelo colchão em direção à porta, segurando sua bolsa para salvar sua vida. — Eu vou embora agora.

Mas ela nem mesmo conseguiu sair da cama antes que o Alfa se levantasse de sua cadeira e a bloqueasse.

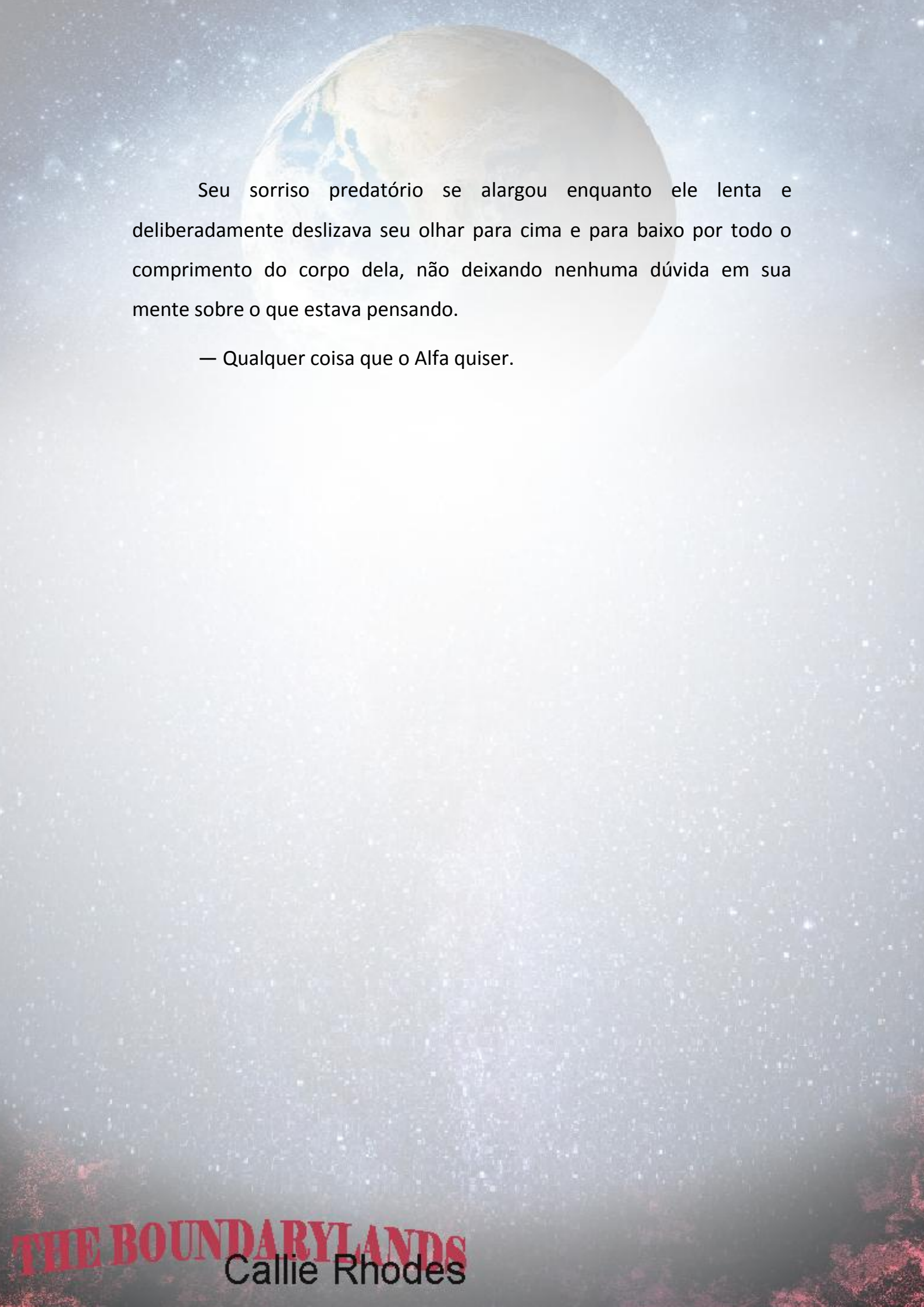
— Não, você não vai. Você sabe o que significa invadir a propriedade de um Alfa, Jo?

Jocelyn voltou correndo para seu lugar na cabeceira da cama. O Alfa parecia muito grande, mesmo na sala espaçosa. Não havia como fugir dele.

— Eu disse que foi um engano. Um acidente. Não tive a intenção de fazer mal. — Seus protestos não pareceram comovê-lo. Na verdade, sua expressão sugeria que invasão de propriedade era um crime muito mais sério em Boundarylands do que na cidade.

— Você sabe o que acontece com quem invade as terras de um Alfa? — ele continuou como se ela não tivesse falado, sua voz um estrondo preguiçoso.

Jocelyn negou, apavorada demais para arriscar um palpite.



Seu sorriso predatório se alargou enquanto ele lenta e deliberadamente deslizava seu olhar para cima e para baixo por todo o comprimento do corpo dela, não deixando nenhuma dúvida em sua mente sobre o que estava pensando.

— Qualquer coisa que o Alfa quiser.



CAPÍTULO 6

Aric

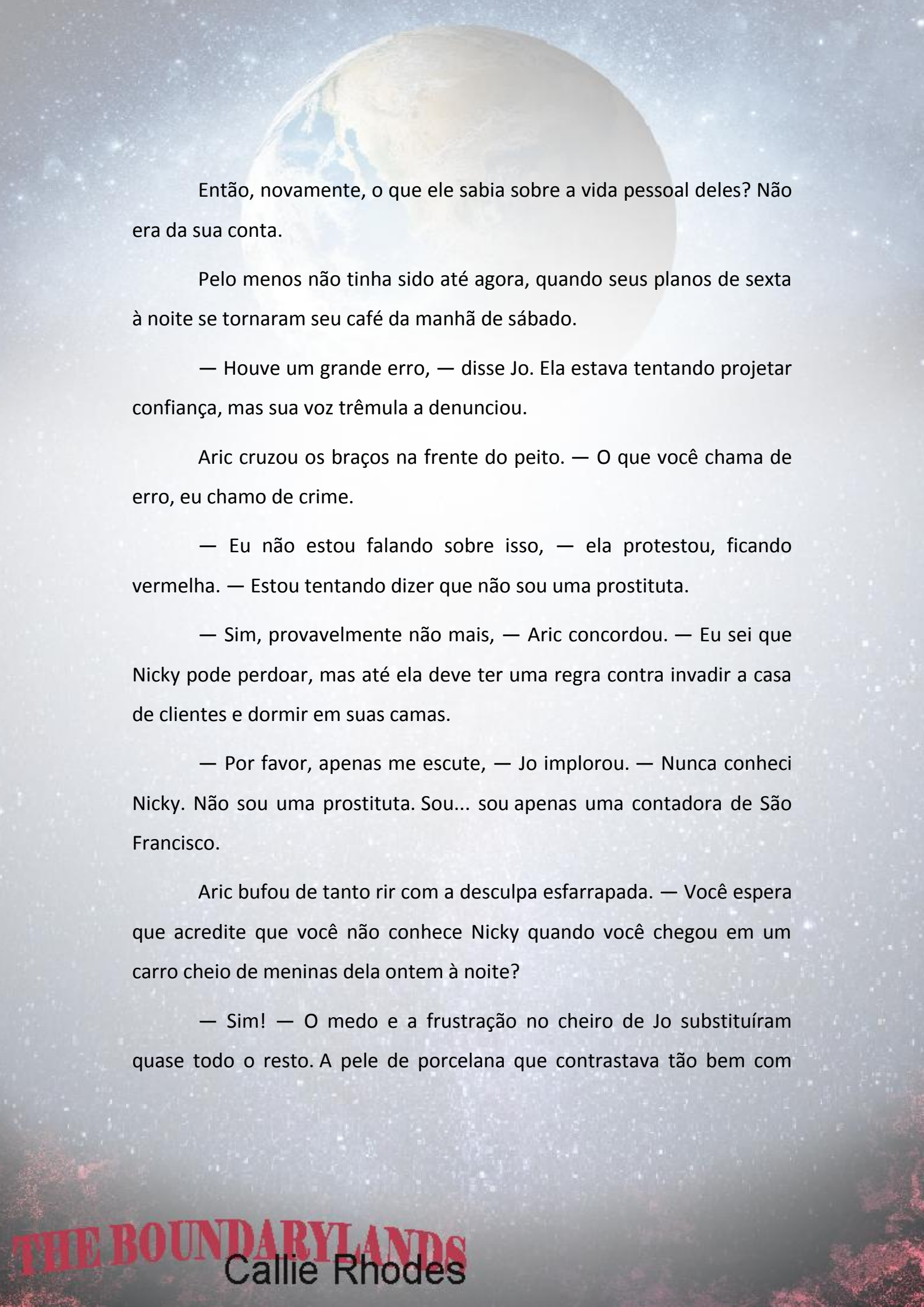
Aric observou Jo rastejar pelo colchão até ao outro lado da cama, segurando sua grande bolsa de couro sem forma como um escudo. Ele supôs que ela estava tentando chegar à porta, mas ela tropeçou na cadeira que arrastara e caiu com força no tapete trançado.

Até agora, as emoções em camadas através de seu cheiro eram relativamente suaves. Embora estivesse preocupada e confusa, nada disso era o suficiente para soar como um alarme.

Mas agora o medo era a nota principal do perfume complexo. Seus olhos brilhavam com isso; seu sangue fervia com ele.

Ela estava finalmente começando a entender a magnitude da linha que cruzou ao invadir suas terras, invadir sua casa e dormir em sua cama.

Era verdade que seu crime não tinha sido intencional. Aric se divertiu um pouco com o erro dela, embora achasse muito difícil acreditar que Zeke tivesse consentido que uma das garotas de Nicky passasse a noite em sua propriedade. Claro, a Ômega de Zeke parecia um pouco mais selvagem do que a maioria... mas não selvagem a ponto de fazer trio com uma prostituta Beta.



Então, novamente, o que ele sabia sobre a vida pessoal deles? Não era da sua conta.

Pelo menos não tinha sido até agora, quando seus planos de sexta à noite se tornaram seu café da manhã de sábado.

— Houve um grande erro, — disse Jo. Ela estava tentando projetar confiança, mas sua voz trêmula a denunciou.

Aric cruzou os braços na frente do peito. — O que você chama de erro, eu chamo de crime.

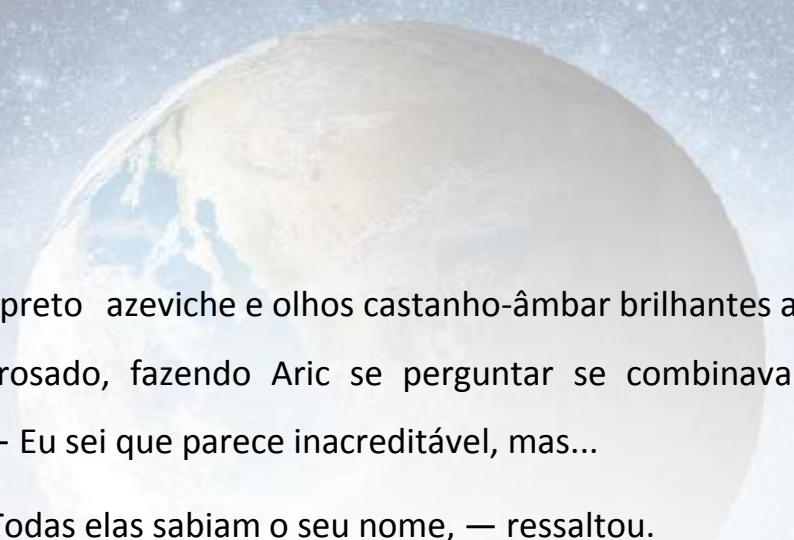
— Eu não estou falando sobre isso, — ela protestou, ficando vermelha. — Estou tentando dizer que não sou uma prostituta.

— Sim, provavelmente não mais, — Aric concordou. — Eu sei que Nicky pode perdoar, mas até ela deve ter uma regra contra invadir a casa de clientes e dormir em suas camas.

— Por favor, apenas me escute, — Jo implorou. — Nunca conheci Nicky. Não sou uma prostituta. Sou... sou apenas uma contadora de São Francisco.

Aric bufou de tanto rir com a desculpa esfarrapada. — Você espera que acredite que você não conhece Nicky quando você chegou em um carro cheio de meninas dela ontem à noite?

— Sim! — O medo e a frustração no cheiro de Jo substituíram quase todo o resto. A pele de porcelana que contrastava tão bem com



seu cabelo preto azeviche e olhos castanho-âmbar brilhantes adquiriu um tom rosa rosado, fazendo Aric se perguntar se combinava com seus mamilos. — Eu sei que parece inacreditável, mas...

— Todas elas sabiam o seu nome, — ressaltou.

— Na verdade não. Não é meu nome *verdadeiro*, mas...

— E você não mencionou nada sobre contabilidade na noite passada quando tentei te contratar.

— Você teria me ouvido se tivesse?

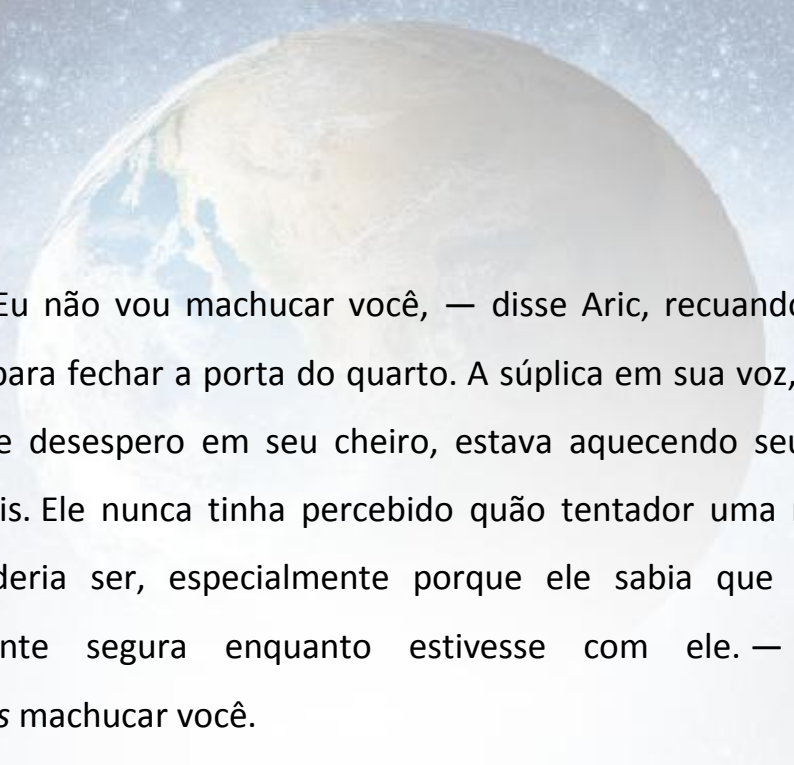
Finalmente... uma faísca de desafio. O pênis de Aric tomou nota, despertando com a perspectiva de uma doce disputa com uma incendiária disposta.

Mas quanto à sua pergunta... *não*. Aric não teria acreditado que ela era uma contadora na noite passada porque era uma história ridícula.

Mas isso não significa que era mentira.

Classificando as emoções avassaladoras que emergiam de sua pele, Aric detectou o cheiro inegável da verdade. Era impossível imaginar que bizarras circunstâncias trouxeram uma contadora de uma cidade grande ao seu quarto... e honestamente, ele não se importava.

— Por favor, — Jo implorou. — Você tem que entender que não queria que nada disso acontecesse. Por favor, não me machuque.



— Eu não vou machucar você, — disse Aric, recuando apenas o suficiente para fechar a porta do quarto. A súplica em sua voz, junto com o crescente desespero em seu cheiro, estava aquecendo seu sangue a novos níveis. Ele nunca tinha percebido quão tentador uma mulher em perigo poderia ser, especialmente porque ele sabia que ela estava perfeitamente segura enquanto estivesse com ele. — Eu farei tudo *menos* machucar você.

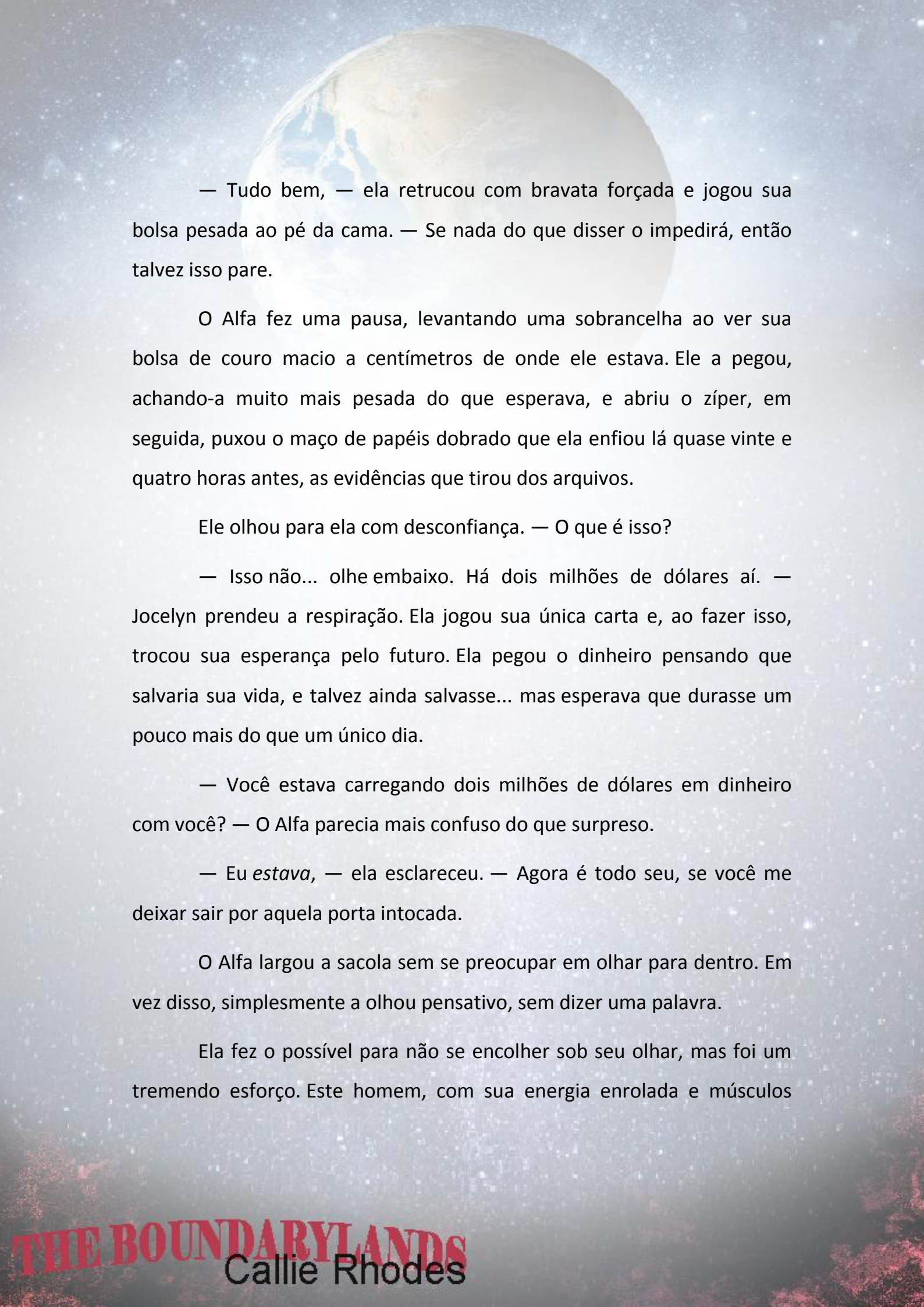
Jocelyn

Isso não poderia estar acontecendo.

Jocelyn fechou a boca escancarada quando a porta de madeira maciça do quarto se fechou com um baque pesado. O Alfa voltou-se para encará-la, com um olhar faminto e calculista.

Sim. Fosse o que fosse, estava cem por cento acontecendo. Ela estava presa. Ninguém ouviria seus gritos. O que quer que ele quisesse dela... e sua mente resistia ao palpite óbvio... ele teria, a menos que ela fizesse algo rápido.

E só tinha uma coisa para trocar.



— Tudo bem, — ela retrucou com bravata forçada e jogou sua bolsa pesada ao pé da cama. — Se nada do que disser o impedirá, então talvez isso pare.

O Alfa fez uma pausa, levantando uma sobrancelha ao ver sua bolsa de couro macio a centímetros de onde ele estava. Ele a pegou, achando-a muito mais pesada do que esperava, e abriu o zíper, em seguida, puxou o maço de papéis dobrado que ela enfiou lá quase vinte e quatro horas antes, as evidências que tirou dos arquivos.

Ele olhou para ela com desconfiança. — O que é isso?

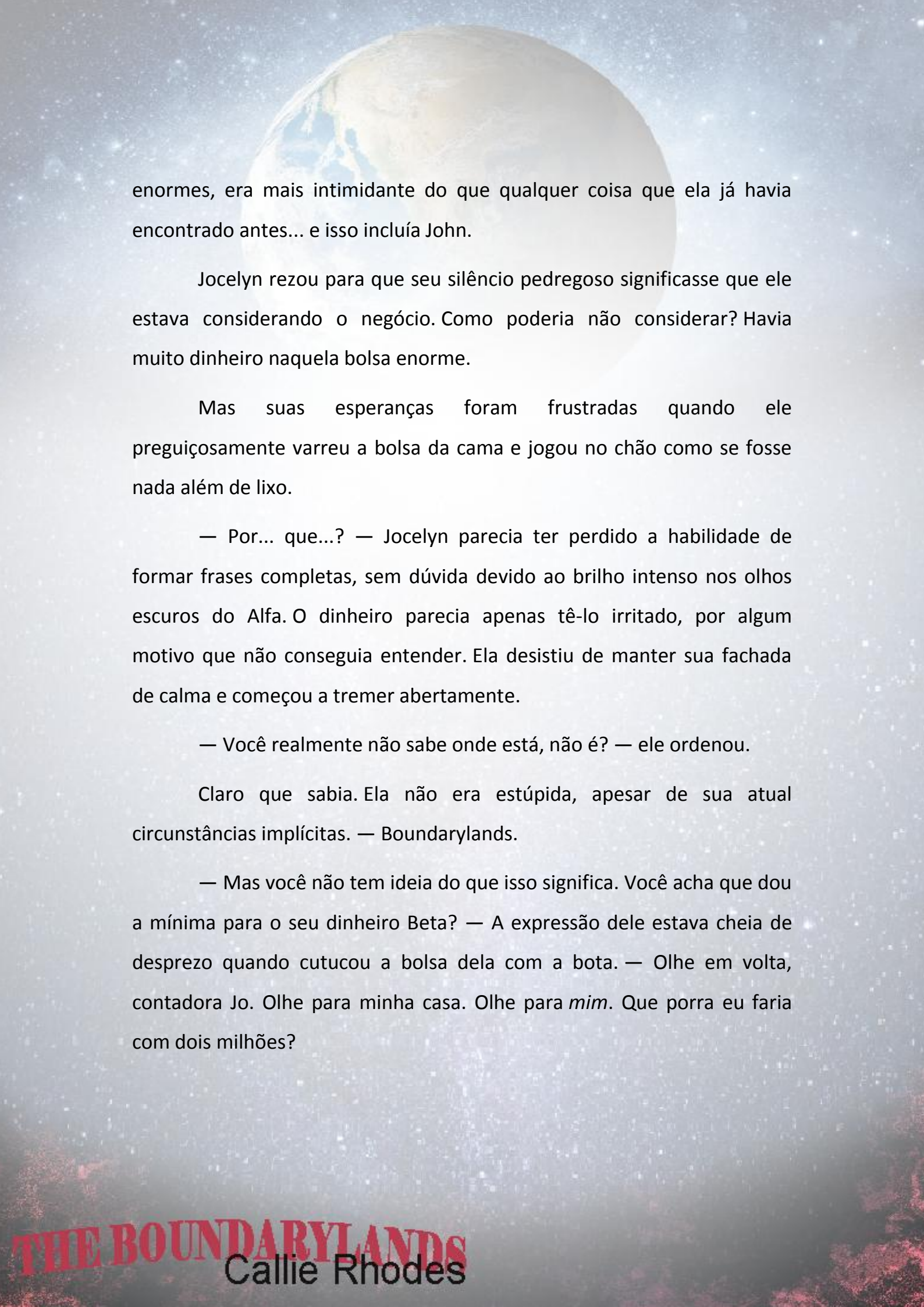
— Isso não... olhe embaixo. Há dois milhões de dólares aí. — Jocelyn prendeu a respiração. Ela jogou sua única carta e, ao fazer isso, trocou sua esperança pelo futuro. Ela pegou o dinheiro pensando que salvaria sua vida, e talvez ainda salvasse... mas esperava que durasse um pouco mais do que um único dia.

— Você estava carregando dois milhões de dólares em dinheiro com você? — O Alfa parecia mais confuso do que surpreso.

— Eu *estava*, — ela esclareceu. — Agora é todo seu, se você me deixar sair por aquela porta intocada.

O Alfa largou a sacola sem se preocupar em olhar para dentro. Em vez disso, simplesmente a olhou pensativo, sem dizer uma palavra.

Ela fez o possível para não se encolher sob seu olhar, mas foi um tremendo esforço. Este homem, com sua energia enrolada e músculos



enormes, era mais intimidante do que qualquer coisa que ela já havia encontrado antes... e isso incluía John.

Jocelyn rezou para que seu silêncio pedregoso significasse que ele estava considerando o negócio. Como poderia não considerar? Havia muito dinheiro naquela bolsa enorme.

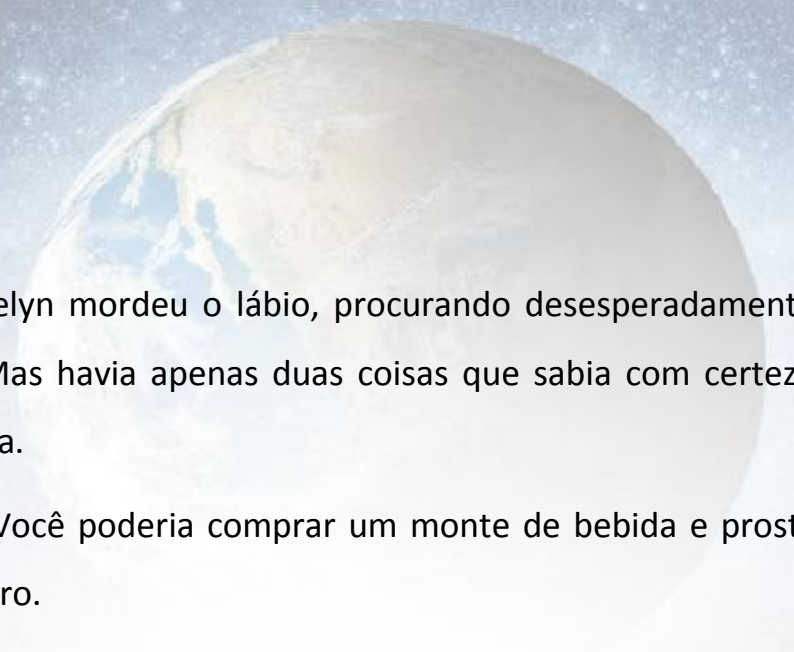
Mas suas esperanças foram frustradas quando ele preguiçosamente varreu a bolsa da cama e jogou no chão como se fosse nada além de lixo.

— Por... que...? — Jocelyn parecia ter perdido a habilidade de formar frases completas, sem dúvida devido ao brilho intenso nos olhos escuros do Alfa. O dinheiro parecia apenas tê-lo irritado, por algum motivo que não conseguia entender. Ela desistiu de manter sua fachada de calma e começou a tremer abertamente.

— Você realmente não sabe onde está, não é? — ele ordenou.

Claro que sabia. Ela não era estúpida, apesar de sua atual circunstâncias implícitas. — Boundarylands.

— Mas você não tem ideia do que isso significa. Você acha que dou a mínima para o seu dinheiro Beta? — A expressão dele estava cheia de desprezo quando cutucou a bolsa dela com a bota. — Olhe em volta, contadora Jo. Olhe para minha casa. Olhe para *mim*. Que porra eu faria com dois milhões?



Jocelyn mordeu o lábio, procurando desesperadamente por uma resposta. Mas havia apenas duas coisas que sabia com certeza que este Alfa gostava.

— Você poderia comprar um monte de bebida e prostitutas com esse dinheiro.

— Eu faço meu próprio maldito uísque, — disse ele, sua voz ficando baixa e rouca de novo. — E por que precisaria sair à procura de prostitutas, agora que preendi uma linda intrusa bem aqui na minha casa?

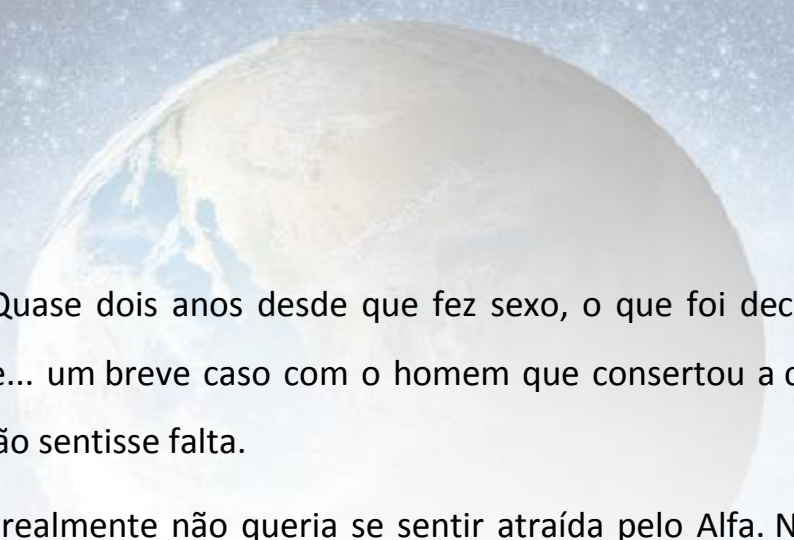
Jocelyn engoliu em seco, seu coração praticamente parando. A situação estava saindo de controle mais rápido do que ela poderia acompanhar. Tudo o que faltava fazer era implorar por misericórdia.

— Por favor, — ela sussurrou. — Por favor.

— Você ainda não começou a me implorar para agradá-la, pequena Jo. — O estrondo tornou-se sedoso. — Espere até que suas pernas estejam enroladas em meus quadris. Até que minha boca esteja em seus mamilos. Até que eu esteja tão profundamente dentro de você que achará que não pode aguentar mais.

Jocelyn empalideceu, congelada em choque... em todos os lugares, menos no fundo de sua barriga, onde um calor traidor e lânguido floresceu.

Parecia muito, muito parecido com desejo, embora já tivesse se passado muito tempo desde que Jocelyn tivera pelo menos um primeiro



encontro. Quase dois anos desde que fez sexo, o que foi decepcionante o suficiente... um breve caso com o homem que consertou a copiadora... para que não sentisse falta.

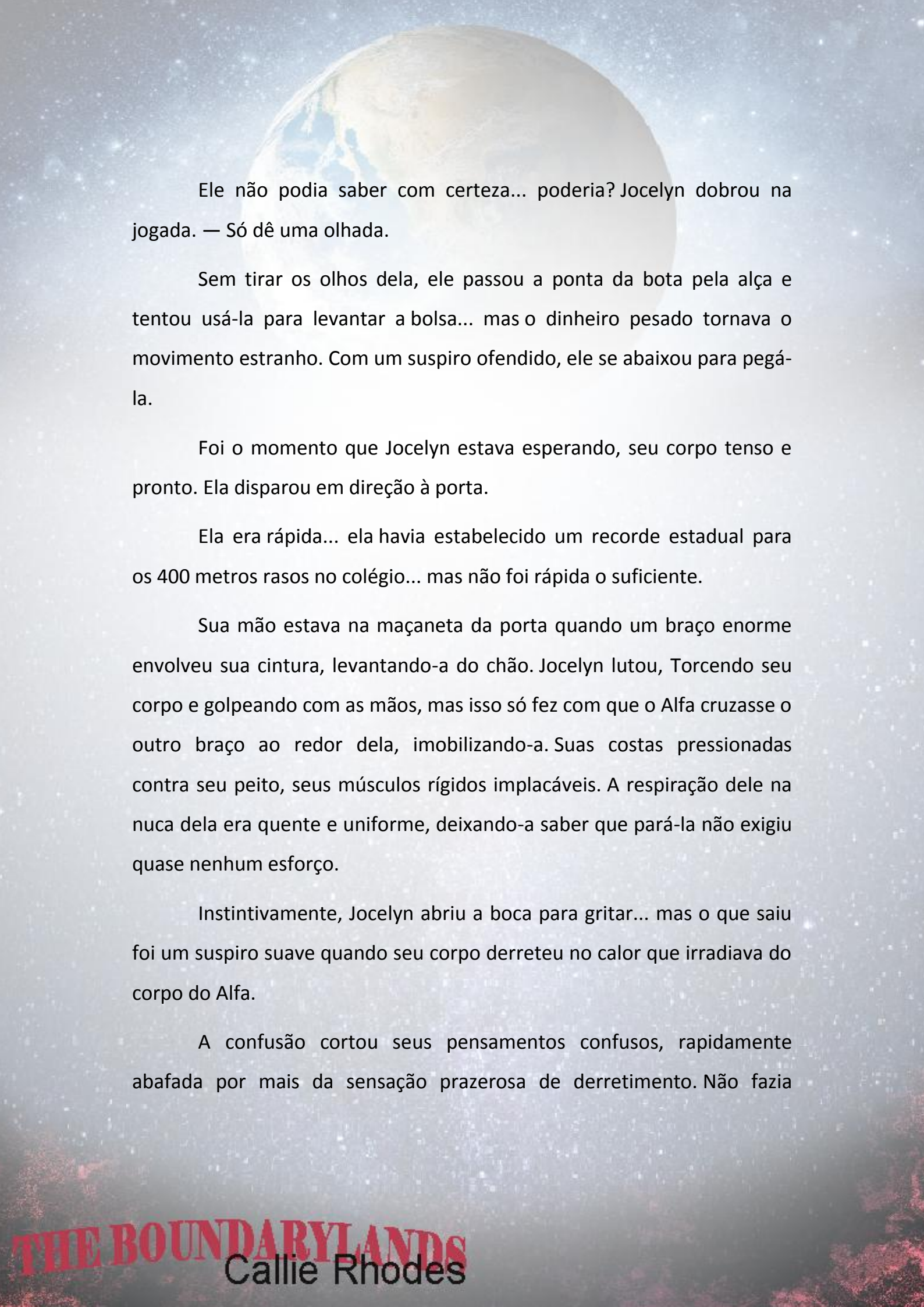
Ela realmente não queria se sentir atraída pelo Alfa. Não quando sentiu os primeiros sinais na noite passada, e definitivamente não agora. Mas parecia que seu corpo não se importava com o que sua mente racional queria. Seu único objetivo era sentir mais daquela sensação suave de zumbido que iluminava suas terminações nervosas toda vez que ele falava naquela voz baixa e sussurrante.

Jocelyn fez um grande esforço para se controlar. Este Alfa estava falando como se ela fosse uma prisioneira. Ele a chamou de *cativa*, pelo amor de Deus. E tudo porque ela cometeu um pequeno erro e confundiu um endereço.

Talvez o Alfa estivesse desequilibrado. Talvez fosse simplesmente um valentão. Mas se ela não fizesse algo rapidamente, ele tinha o poder de machucá-la de uma forma que faria John e os mafiosos para os quais trabalhava parecerem misericordiosos.

— Ok, ok, — Jocelyn disse, pensando rápido. — Eu realmente esperava que não chegasse a esse ponto, mas como você não se preocupa com o dinheiro, talvez devesse dar uma olhada no que está debaixo do dinheiro na bolsa.

O Alfa a olhou com ceticismo. — Não há mais nada na bolsa.



Ele não podia saber com certeza... poderia? Jocelyn dobrou na jogada. — Só dê uma olhada.

Sem tirar os olhos dela, ele passou a ponta da bota pela alça e tentou usá-la para levantar a bolsa... mas o dinheiro pesado tornava o movimento estranho. Com um suspiro ofendido, ele se abaixou para pegá-la.

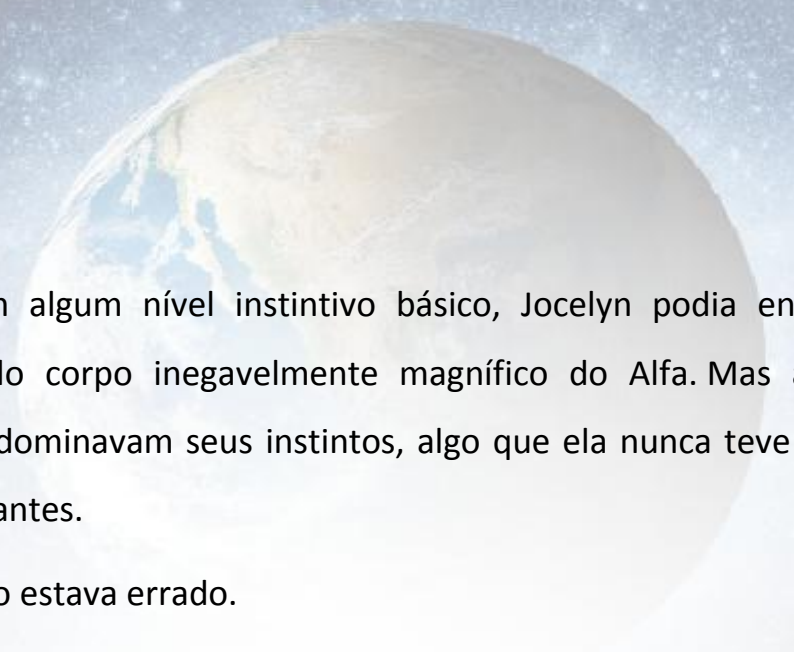
Foi o momento que Jocelyn estava esperando, seu corpo tenso e pronto. Ela disparou em direção à porta.

Ela era rápida... ela havia estabelecido um recorde estadual para os 400 metros rasos no colégio... mas não foi rápida o suficiente.

Sua mão estava na maçaneta da porta quando um braço enorme envolveu sua cintura, levantando-a do chão. Jocelyn lutou, Torcendo seu corpo e golpeando com as mãos, mas isso só fez com que o Alfa cruzasse o outro braço ao redor dela, imobilizando-a. Suas costas pressionadas contra seu peito, seus músculos rígidos implacáveis. A respiração dele na nuca dela era quente e uniforme, deixando-a saber que pará-la não exigiu quase nenhum esforço.

Instintivamente, Jocelyn abriu a boca para gritar... mas o que saiu foi um suspiro suave quando seu corpo derreteu no calor que irradiava do corpo do Alfa.

A confusão cortou seus pensamentos confusos, rapidamente abafada por mais da sensação prazerosa de derretimento. Não fazia



sentido. Em algum nível instintivo básico, Jocelyn podia entender ser atraída pelo corpo inegavelmente magnífico do Alfa. Mas as pessoas civilizadas dominavam seus instintos, algo que ela nunca teve problemas para fazer antes.

Algo estava errado.

Terrivelmente errado.

Conforme os segundos passavam, Jocelyn deu ordens a seu corpo que ele se recusava a seguir. Em vez de apertar para lutar, as mãos dela acariciaram lentamente seus antebraços rígidos. Em vez de arquear em desafio, as costas dela esfregaram contra o peito dele... e logo sua bunda estava esfregando contra a protuberância enorme e dura de sua virilha.

Mas não foi até que um jato abrasador de calor úmido escorreu por suas pernas que Jocelyn parou de fingir que de alguma forma sairia desse problema.

— Oh Deus, sim, — o Alfa vociferou contra seu ouvido, seu corpo tenso. — Eu sabia que você era algo especial. Eu *sabia* disso, porra.

Jocelyn tinha apenas presença suficiente da mente para balançar a cabeça em uma tentativa de negar o que seu corpo já reconhecia como a verdade.

— Uma *Ômega*, — ele gritou. — E você é toda minha.



CAPÍTULO 7

Aric

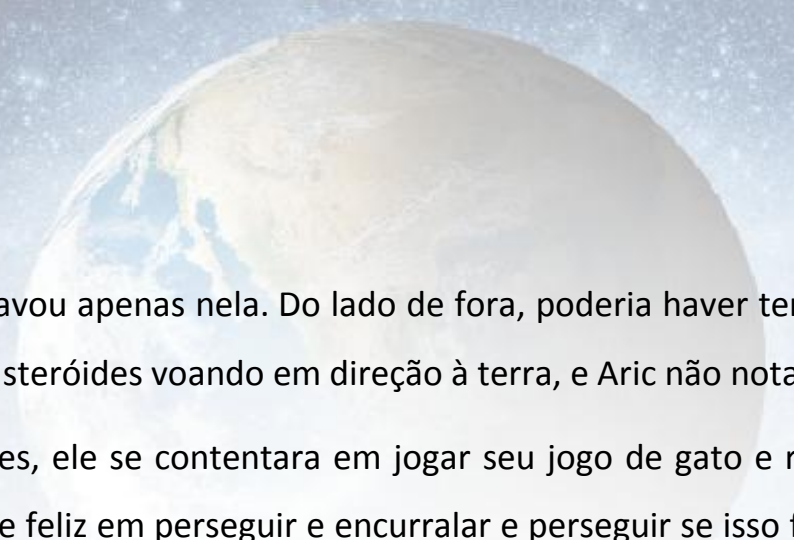
— Toda minha.

Sentia-se incrivelmente bem para gritar, enchendo o quarto com a sua voz então ecoando ao redor deles e sacudindo as paredes e pisos. Isto era o território de Aric, seu domínio sagrado, e nele tinha prendido uma Ômega. Agora estavam indo para fazer o que Alfas e Ômegas eram destinados a fazer de melhor..

Eles iam foder com tanta força e por tanto tempo que nenhum deles jamais esqueceria.

Aric encheu seus pulmões com o cheiro de Jo. Estava mudando a cada segundo que passava, tornando-se mais rico, mais vibrante e mais vivo conforme sua natureza assumia o controle, mudando não apenas sua fisiologia, mas também suas emoções e mente. Estavam se tornando mais fortes, mais complexos... e o vínculo entre eles também.

Aric sentiu seu corpo reagir a cada mudança mínima em Jo como seu próprio. Seu sangue disparou; seu pau inchou; suas terminações nervosas zumbiram de ansiedade. Cada pensamento que não fosse sobre esta mulher e este momento evaporou de sua mente. Cada um de seus



sentidos travou apenas nela. Do lado de fora, poderia haver tempestades, tsunamis, asteróides voando em direção à terra, e Aric não notaria.

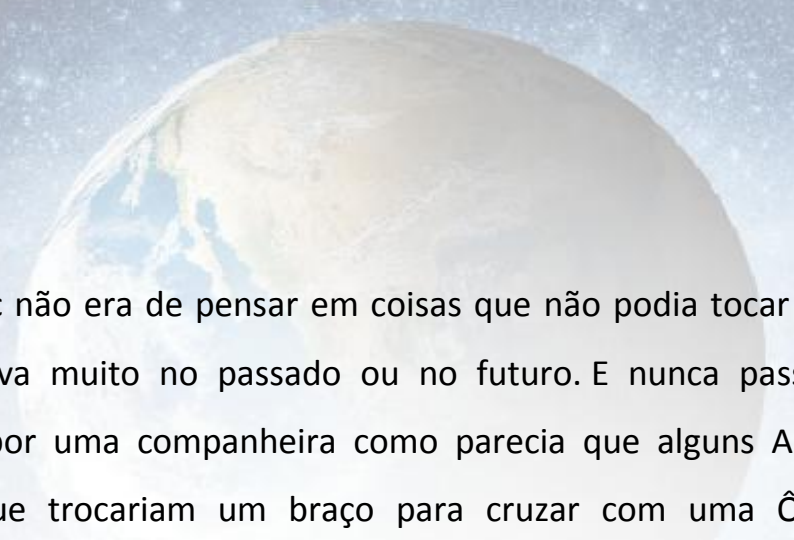
Antes, ele se contentara em jogar seu jogo de gato e rato. Estava mais do que feliz em perseguir e encurralar e perseguir se isso fosse o que afastasse sua prostituta Beta invasora.

Mas agora tudo mudou. Aric não estava mais brincando com alguma intrusa Beta. Este não era um jogo sexual alegre. Na verdade, estava tão longe de ser alegre quanto qualquer coisa poderia ser. Todo seu coração, corpo e alma foram investidos em tomar a Ômega antes dele. Desde que o primeiro Alfa caminhou pela terra, não havia instinto mais poderoso, nenhum propósito mais urgente, do que a necessidade pegando fogo dentro dele.

Mesmo assim, Aric se agarrou a alguns fios de razão. Ele podia não se importar com o que aconteceu fora deste quarto. Mas, por dentro, tudo entrou em foco a laser.

Jo era uma Ômega. Era por isso que ele a queria tanto desde o início, a razão pela qual não conseguia tirá-la da cabeça. Por que ficou tão desapontado por ter que se contentar com Courtney em vez disso.

Mas isso nem era a coisa mais importante: esta criatura arrebatadora moendo contra ele como se estivesse tentando querer seu pênis dentro dela, era *sua* Ômega. Dele e só dele. Feita para ele. Destinada a ele.



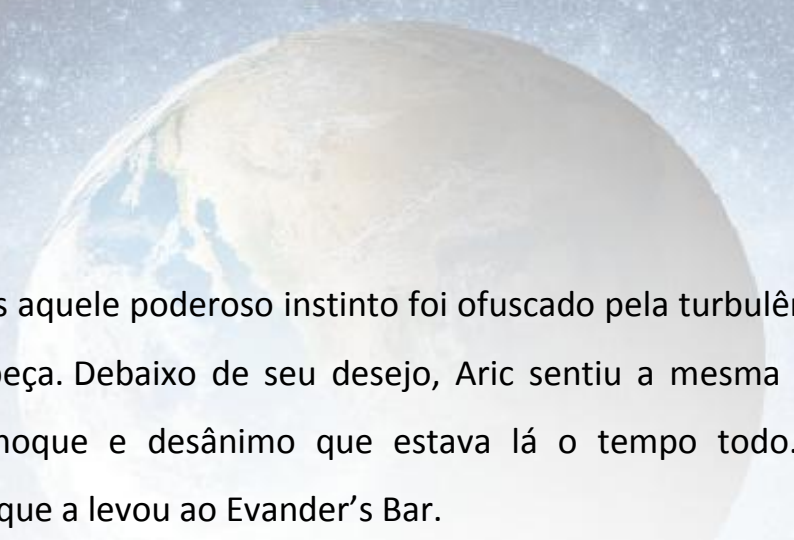
Aric não era de pensar em coisas que não podia tocar ou ver. Ele não pensava muito no passado ou no futuro. E nunca passou tempo ansiando por uma companheira como parecia que alguns Alfas fazem, aqueles que trocariam um braço para cruzar com uma Ômega não reclamada. Na verdade, Aric tinha cerca de meia dúzia de Ômegas que tinham vindo morar em Boundarylands e não sentia mais do que uma inveja passageira de seus irmãos que voltavam para casa com uma boceta quente e acolhedora todas as noites.

Mas agora ele viu que havia entendido completamente mal. A Ômega em seus braços não era apenas um recipiente para desfrutar sempre que quisesse.

Ela era seu destino.

Aric soltou outro rugido primitivo, agarrando seus quadris e puxando aquela bunda redonda doce contra sua ereção furiosa, a fragrância de sua umidade o deixando selvagem.

Mas o rugido de posse não teve o efeito que esperava em sua Ômega. Oh, seu corpo esguio instintivamente sabia o que fazer: ela se esfregou com mais força; a umidade jorrando dela, encharcando os dois. Suas mãos agarraram as dele, incitando-o. O coração dela batendo forte contra o peito dele; sua respiração se acelerou. Ela queria mais. Ela *precisava de mais*.



Mas aquele poderoso instinto foi ofuscado pela turbulência dentro de sua cabeça. Debaixo de seu desejo, Aric sentiu a mesma mistura de medo e choque e desânimo que estava lá o tempo todo. O mesmo desespero que a levou ao Evander's Bar.

O impulso irresistível de correr e o horror de perceber que ela não podia.

E ela nem mesmo entendia que não eram os braços de Aric ao redor dela que a mantinham cativa. Seu corpo estava reagindo a uma verdade que ela ainda não estava pronta para admitir.

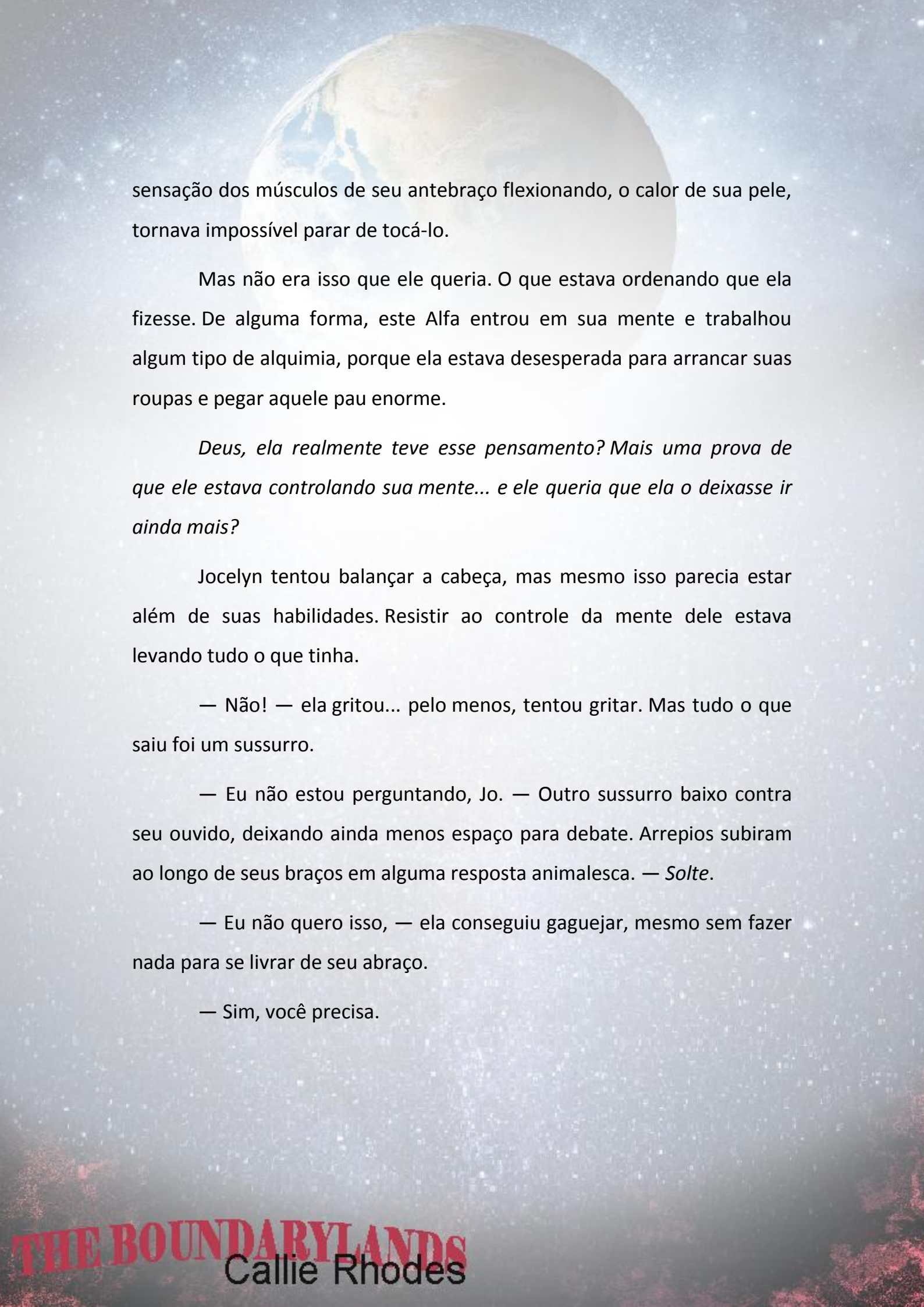
Ela já era dele.

Jocelyn

— Vamos, — o Alfa gemeu contra o ouvido de Jocelyn.

Ela estremeceu com a sensação de sua voz viajando por seu corpo, sua respiração despertando cada nervo em seu pescoço.

De alguma forma, Jocelyn sabia que ele não estava falando sobre as mãos dela, que ela segurou em cima das dele na tentativa de esfregar contra ele o mais humanamente possível. Debaixo de seus dedos, a



sensação dos músculos de seu antebraço flexionando, o calor de sua pele, tornava impossível parar de tocá-lo.

Mas não era isso que ele queria. O que estava ordenando que ela fizesse. De alguma forma, este Alfa entrou em sua mente e trabalhou algum tipo de alquimia, porque ela estava desesperada para arrancar suas roupas e pegar aquele pau enorme.

Deus, ela realmente teve esse pensamento? Mais uma prova de que ele estava controlando sua mente... e ele queria que ela o deixasse ir ainda mais?

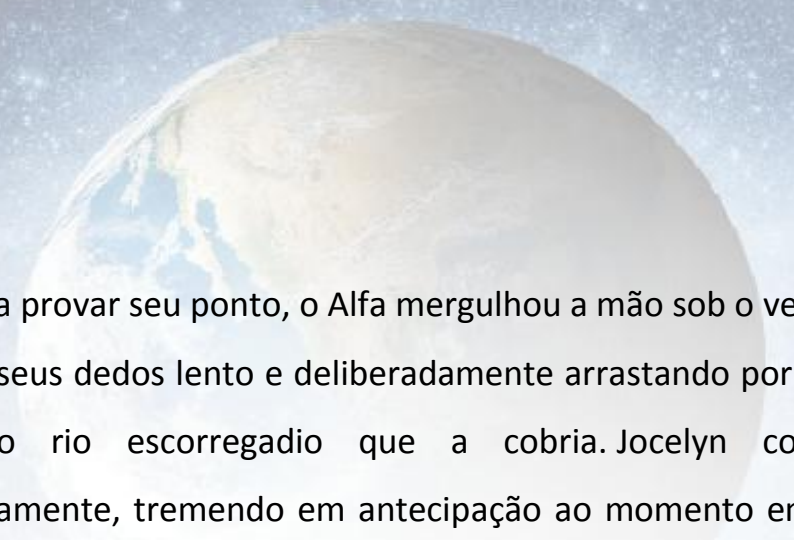
Jocelyn tentou balançar a cabeça, mas mesmo isso parecia estar além de suas habilidades. Resistir ao controle da mente dele estava levando tudo o que tinha.

— Não! — ela gritou... pelo menos, tentou gritar. Mas tudo o que saiu foi um sussurro.

— Eu não estou perguntando, Jo. — Outro sussurro baixo contra seu ouvido, deixando ainda menos espaço para debate. Arrepios subiram ao longo de seus braços em alguma resposta animal. — *Solte.*

— Eu não quero isso, — ela conseguiu gaguejar, mesmo sem fazer nada para se livrar de seu abraço.

— Sim, você precisa.



Para provar seu ponto, o Alfa mergulhou a mão sob o vestido entre as pernas, seus dedos lento e deliberadamente arrastando por suas coxas através do rio escorregadio que a cobria. Jocelyn convulsionou involuntariamente, tremendo em antecipação ao momento em que suas explorações alcançassem o ponto crucial de suas pernas.

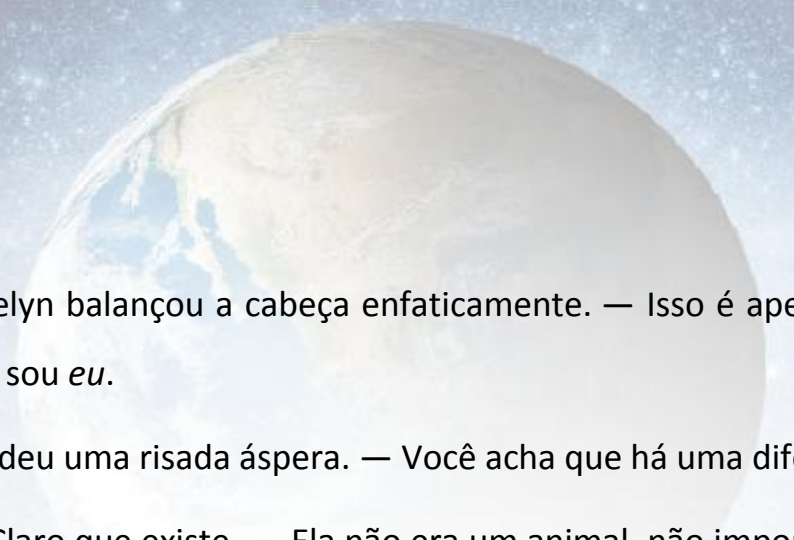
Mas ele parou a centímetros de distância, fazendo Jocelyn gemer de frustração. Ela tentou mexer mais perto das pontas dos dedos dele, mas ele a segurou firmemente no lugar com um braço enquanto trazia seus dedos encharcados a centímetros de seu rosto, forçando-a a testemunhar a prova cintilante de sua excitação.

Ela fechou os olhos com força, mas a imagem estava gravada em seu cérebro.

Um pequeno som estranho escapou de sua garganta. Foi um grito de socorro? Um gemido de desejo? Neste ponto, Jocelyn realmente não tinha ideia.

O Alfa a içou mais alto em seus braços, abençoadamente erguendo seu traseiro acima da protuberância de seu pênis. Ele a segurou em um abraço que poderia ter sido quase casto, sua bochecha pressionada contra a dela, áspero misturado com o cheiro de carvalho envelhecido e uísque... se não pelas palavras que ele repetiu.

— Sim. Você *quer*.



Jocelyn balançou a cabeça enfaticamente. — Isso é apenas o meu corpo. Não sou *eu*.

Ele deu uma risada áspera. — Você acha que há uma diferença?

— Claro que existe. — Ela não era um animal, não importava o que ele queria que ela pensasse. E nem ele, apesar da maneira como estava se comportando. Alfas eram humanos. Eles tinham almas. Podiam superar seus impulsos e instintos, assim como qualquer outra pessoa.

Exceto... Jocelyn mal podia recuperar sua vontade neste momento do que poderia voar. E ele sabia disso.

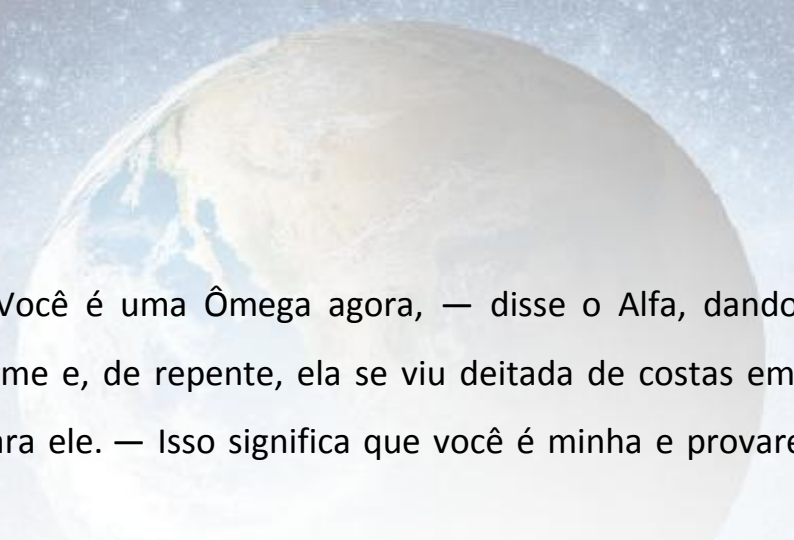
— Você está errado.

A raiva ganhou vida, cortando o medo e pavor. — Eu não sou como você, — ela cuspiu. — Eu não sou apenas alguma... uma *fera no cio*. Sou uma mulher pensante e inteligente.

O próximo vociferar do Alfa teve uma vantagem perigosa, fazendo Jocelyn temer que tivesse ido longe demais.

Mas o que mais deveria fazer? A razão não funcionou. Nem implorou. E algo terrível estava acontecendo dentro dela, algo que não conseguia parar. Era como se estivesse sendo dividida em duas metades... uma primitiva e outra civilizada.

E não havia dúvida de quem estava no controle.

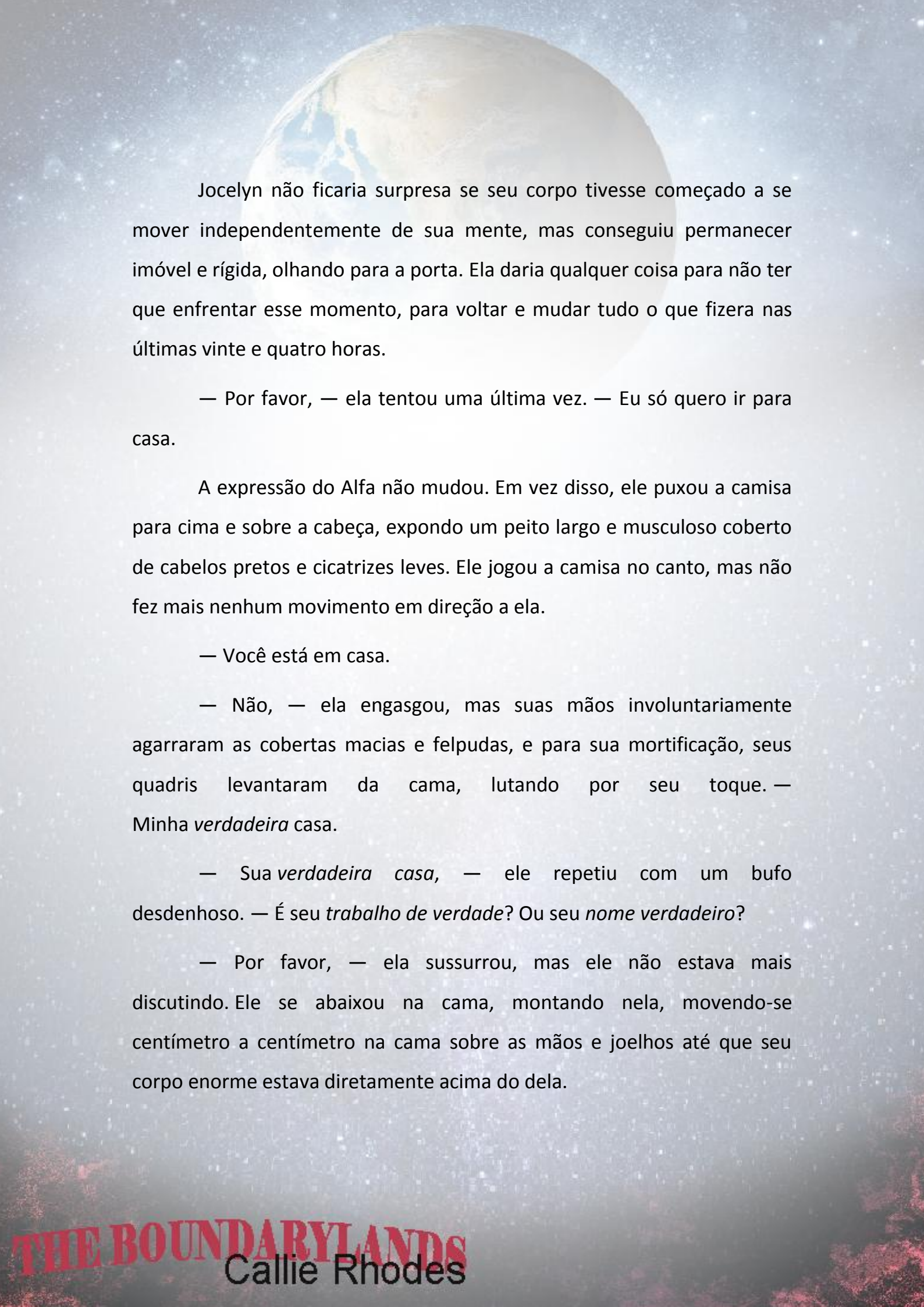


— Você é uma Ômega agora, — disse o Alfa, dando um único passo enorme e, de repente, ela se viu deitada de costas em sua cama, olhando para ele. — Isso significa que você é minha e provarei isso para você.

Jocelyn se encolheu no mesmo ninho de cobertores macios e travesseiros em que estivera felizmente descansando momentos atrás. O Alfa não a machucou. Ele não a forçou a fazer nada. Mas o olhar em seu rosto era predatório e possessivo... e fez seu corpo vibrar com uma energia requintada. *Sim*, estava enviando... *sim, sim, SIM*.

O alarme em seu cérebro foi abafado, como se a bateria precisasse ser trocada. Ela estava exatamente no mesmo lugar de quando acordou: um Alfa estranho estava olhando para ela, sem tocá-la, sem machucá-la. Mas de alguma forma tudo mudou.

Jocelyn olhou em seus olhos, notando as umidades de prata cintilante pálida nas íris cor de carvão. Ela nunca tinha visto olhos assim. Eles não pareciam ter humor, mas não havia nada de engraçado naquele momento. Prometiam nenhuma misericórdia, nenhum compromisso, nenhum perdão... eles prometiam algo que ela não entendia completamente. Mas por alguma razão, sentia suas emoções mudarem. Seu medo se transformou em outra coisa, algo escuro, necessário e desconhecido.



Jocelyn não ficaria surpresa se seu corpo tivesse começado a se mover independentemente de sua mente, mas conseguiu permanecer imóvel e rígida, olhando para a porta. Ela daria qualquer coisa para não ter que enfrentar esse momento, para voltar e mudar tudo o que fizera nas últimas vinte e quatro horas.

— Por favor, — ela tentou uma última vez. — Eu só quero ir para casa.

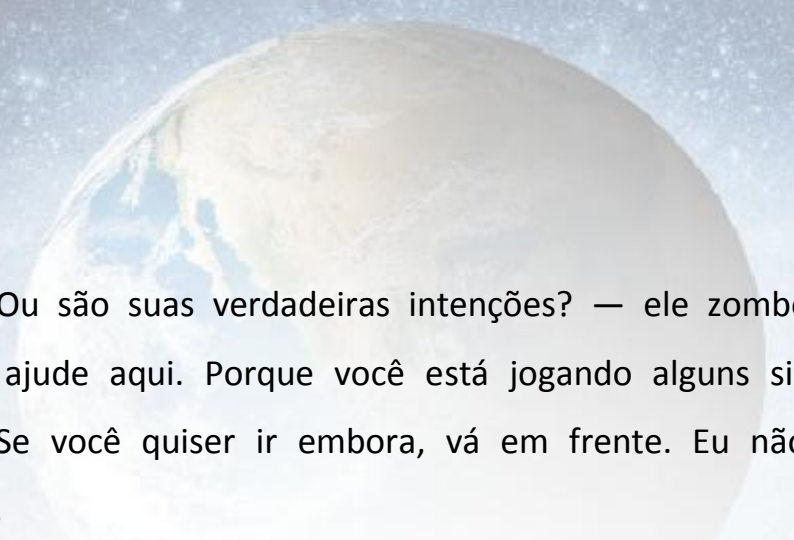
A expressão do Alfa não mudou. Em vez disso, ele puxou a camisa para cima e sobre a cabeça, expondo um peito largo e musculoso coberto de cabelos pretos e cicatrizes leves. Ele jogou a camisa no canto, mas não fez mais nenhum movimento em direção a ela.

— Você está em casa.

— Não, — ela engasgou, mas suas mãos involuntariamente agarraram as cobertas macias e felpudas, e para sua mortificação, seus quadris levantaram da cama, lutando por seu toque. — Minha *verdadeira* casa.

— Sua *verdadeira* casa, — ele repetiu com um bufo desdenhoso. — É seu *trabalho de verdade*? Ou seu *nome verdadeiro*?

— Por favor, — ela sussurrou, mas ele não estava mais discutindo. Ele se abaixou na cama, montando nela, movendo-se centímetro a centímetro na cama sobre as mãos e joelhos até que seu corpo enorme estava diretamente acima do dela.



— Ou são suas verdadeiras intenções? — ele zombou dela. — Sério, me ajude aqui. Porque você está jogando alguns sinais muito confusos. Se você quiser ir embora, vá em frente. Eu não estou te impedindo.

E não estava. Embora suas mãos e joelhos estivessem plantados em cada lado dela, ela poderia facilmente escorregar debaixo dele. Ele nem mesmo a estava tocando.

Pior ainda, Jocelyn acreditou nele. Este Alfa era um homem de palavra... ela estava tão certa disso quanto de seu próprio nome.

A frustração cresceu dentro dela, e se apoiou nela com gratidão. A raiva era muito mais fácil de lidar do que o medo e a incerteza e tudo o mais em sua cabeça.

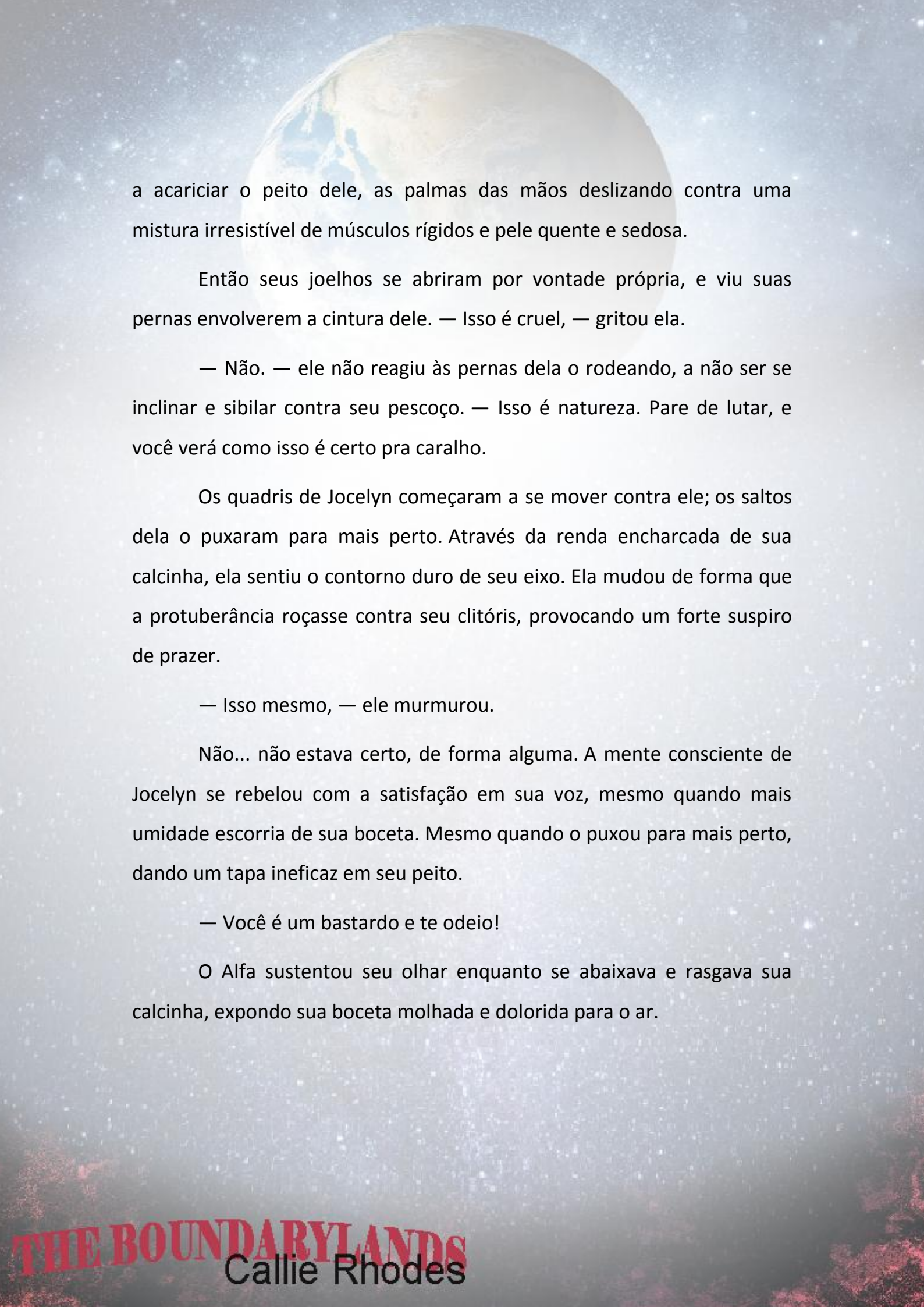
— Eu não sou a porra da sua Ômega! — ela gritou.

O bastardo nem piscou. — Eu só disse para você ir em frente e ir embora. Eu não vou te impedir. Apenas levante-se e vá embora.

Jocelyn tentou... tentou pra caralho. Mas não conseguiu. Seu corpo se recusava absolutamente a ceder.

Não. Isso não era totalmente verdade.

Seu corpo não se movia por *ela*... mas tinha seus próprios desenhos traiçoeiros. Enquanto Jocelyn rangia os dentes e enviava sinais para que suas pernas corresse, suas mãos se estenderam e começaram



a acariciar o peito dele, as palmas das mãos deslizando contra uma mistura irresistível de músculos rígidos e pele quente e sedosa.

Então seus joelhos se abriram por vontade própria, e viu suas pernas envolverem a cintura dele. — Isso é cruel, — gritou ela.

— Não. — ele não reagiu às pernas dela o rodeando, a não ser se inclinar e sibilar contra seu pescoço. — Isso é natureza. Pare de lutar, e você verá como isso é certo pra caralho.

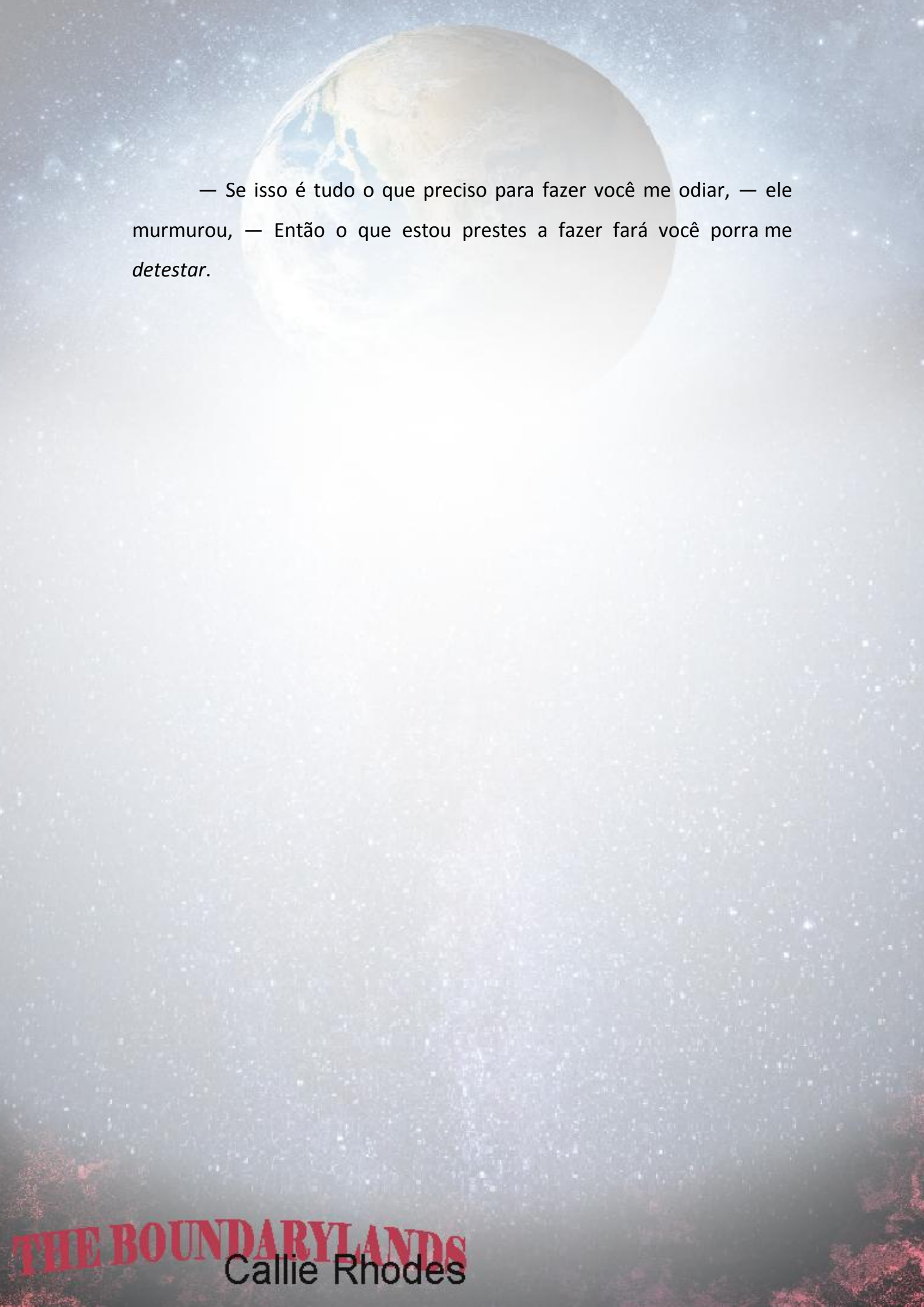
Os quadris de Jocelyn começaram a se mover contra ele; os saltos dela o puxaram para mais perto. Através da renda encharcada de sua calcinha, ela sentiu o contorno duro de seu eixo. Ela mudou de forma que a protuberância roçasse contra seu clitóris, provocando um forte suspiro de prazer.

— Isso mesmo, — ele murmurou.

Não... não estava certo, de forma alguma. A mente consciente de Jocelyn se rebelou com a satisfação em sua voz, mesmo quando mais umidade escorria de sua boceta. Mesmo quando o puxou para mais perto, dando um tapa ineficaz em seu peito.

— Você é um bastardo e te odeio!

O Alfa sustentou seu olhar enquanto se abaixava e rasgava sua calcinha, expondo sua boceta molhada e dolorida para o ar.



— Se isso é tudo o que preciso para fazer você me odiar, — ele murmurou, — Então o que estou prestes a fazer fará você porra me *detestar*.



CAPÍTULO 8

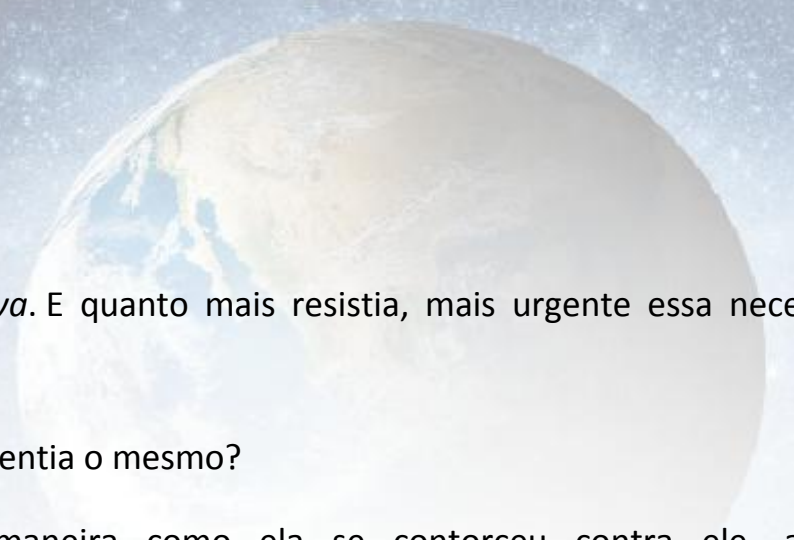
Aric

A umidade escorrendo da boceta de Jo e encharcando a cama de Aric estava fazendo sua cabeça girar, seu cheiro o mudando tanto quanto a estava mudando.

Isso trouxe à mente sua própria transição há muito tempo, quando ele não tinha maturidade para entender completamente as sensações sacudidas. Parecia que alguma força sobrenatural estava mudando seu DNA enquanto sua mente estava em alta. Mas, ao contrário daquele dia, tudo sobre estar na órbita dessa nova Ômega era prazer e necessidade... e o impulso irresistível de porra *possuir* ela.

Aric precisava prová-la... agora. Desde o momento em que percebeu que Jo era uma Ômega, ele estava planejando seduzir lentamente sua mente... mas não achava que poderia aguentar tanto tempo.

Cada célula de seu ser o incitou a mergulhar profundamente dentro dela e nunca mais retornar. Para tomá-la completamente... corpo, mente e alma... e não deixar nenhuma parte dela intocada ou desprazerosa. Não era que Aric quisesse fazer sexo com ela...



ele *precisava*. E quanto mais resistia, mais urgente essa necessidade se tornava.

Jo sentia o mesmo?

A maneira como ela se contorceu contra ele, a umidade escorrendo dela, sinalizou que sentia. Que o corpo dela estava em chamas como o dele. Tentar se conter era tão doloroso para ela quanto para ele.

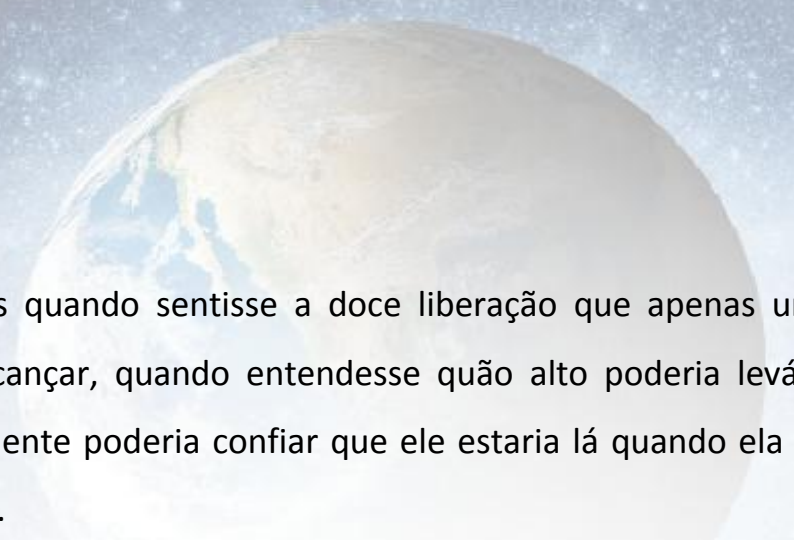
Ele tinha a sensação de que, se não fizesse nada, ainda acabaria transando com ela... parecia inevitável pela maneira como ela se contorcia e apertando-se contra ele com mais e mais urgência, procurando a única coisa que poderia dar sua libertação.

E *ainda assim* sua mente estava no caminho. Não que isso pudesse impedir a liberação que ela ansiava, mas Aric temia que tivesse o poder de roubar o momento de sua alegria. Ele nunca conheceu uma pessoa tão desligada de seu eu físico, nem mesmo durante sua adolescência no mundo Beta.

Mas Aric tinha uma sensação de que poderia trazer dois lados desta Ômega juntos e dar todo... conjunto Jo...o que ela precisava.

Ele já tinha testemunhado a rachadura em suas defesas depois de apenas um gostinho de prazer. Quanto mais empurrava esses limites, oprimindo-os com a sensação, mais cedo eles desmoronariam completamente.

Jo pode odiá-lo por isso... no início.



Mas quando sentisse a doce liberação que apenas uma Ômega poderia alcançar, quando entendesse quão alto poderia levá-la e quão completamente poderia confiar que ele estaria lá quando ela explodisse, entenderia.

Que essa era a única maneira. Que foram feitos para isso, e apenas para isso.

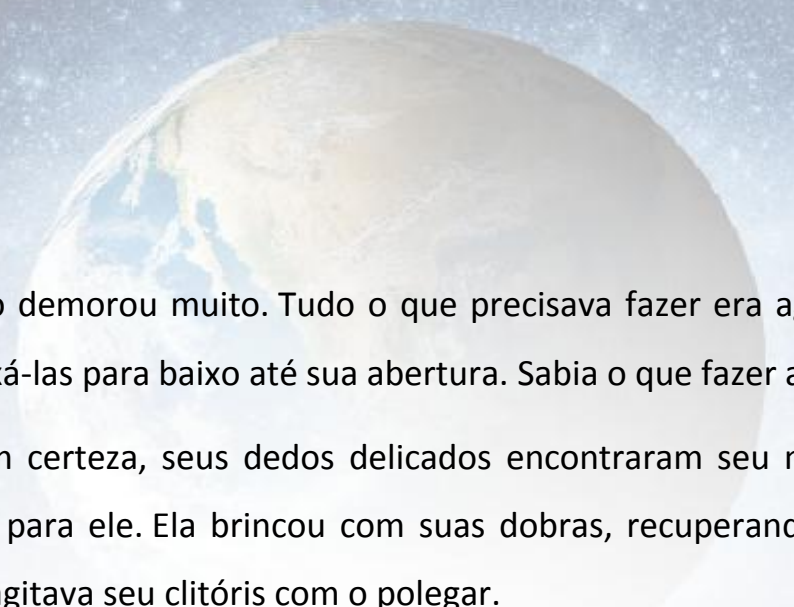
Aric se libertou, desembaraçando-se de seus braços e pernas enquanto ignorava seus gemidos de protesto, e deslizou pelo corpo dela. Ele empurrou o tecido escuro e macio de seu vestido sobre os quadris até que ficasse amontoado em volta de sua cintura. A calcinha dela já tinha sumido... ele se certificou disso... e abriu as pernas dela com força e olhou, com água na boca.

Porra, ela tinha uma boceta bonita... toda rosa, gorda, molhada e brilhante, com dobras como pétalas de flores se abrindo para o sol. Não: se abrindo para *ele*... para seu Alfa.

Achatando as palmas das mãos contra a pele lisa da parte interna das coxas, Aric as separou ainda mais, então não havia como ela esconder qualquer parte de si mesma.

— Mostre-me, — ele ordenou a ela. — Use suas mãos e deixe-me ver tudo isso. Mostre-me como você me quer.

Por um momento, ela não fez nada. A guerra entre sua cabeça e seu corpo chegou a um impasse. Então Aric entrou na luta.



Não demorou muito. Tudo o que precisava fazer era agarrar suas mãos e puxá-las para baixo até sua abertura. Sabia o que fazer a partir daí.

Com certeza, seus dedos delicados encontraram seu monte e se separaram para ele. Ela brincou com suas dobras, recuperando o fôlego enquanto agitava seu clitóris com o polegar.

Ela engasgou, tanto de surpresa quanto de prazer.

Aric se forçou a não se deleitar com o triunfo quando as emoções dela começaram a mudar, tornando-se mais complexas. Mais curiosa.

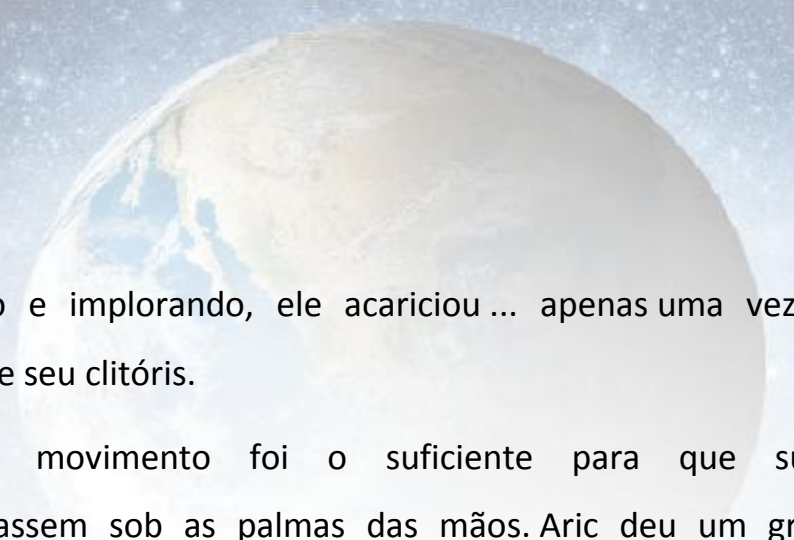
Seu corpo não era mais o de um dia atrás. Havia sido despertado para uma nova linguagem, novas habilidades e novas respostas que ela nem conseguia imaginar.

Mas ele não podia esperar mais.

Ele apertou os dedos em torno das coxas de Jo precisamente no mesmo momento em que baixou a boca para sua boceta. A doce umidade revestiu sua língua quando Jo gritou, mergulhando os dedos em seu cabelo para segurá-lo ali.

Sim. Isso é o que ele queria ouvir... os sons de necessidade e liberação, não mais evasão e desculpas.

Ele traçou sua língua levemente... tão levemente... ao longo do comprimento de seus lábios internos, recuando quando ela resistiu contra ele, provocando-a até um estado frenético. Só quando ela estava



implorando e implorando, ele acariciou ... apenas uma vez... o botão apertado de seu clitóris.

Um movimento foi o suficiente para que suas coxas convulsionassem sob as palmas das mãos. Aric deu um grunhido de satisfação. O destino pode ter enviado a ele uma pequena Ômega argumentativa, mas ela mais do que compensou com sua capacidade de resposta.

E seu sabor ... mais doce que mel, mais complexo que seu uísque de reserva especial em seus valiosos barris centenários.

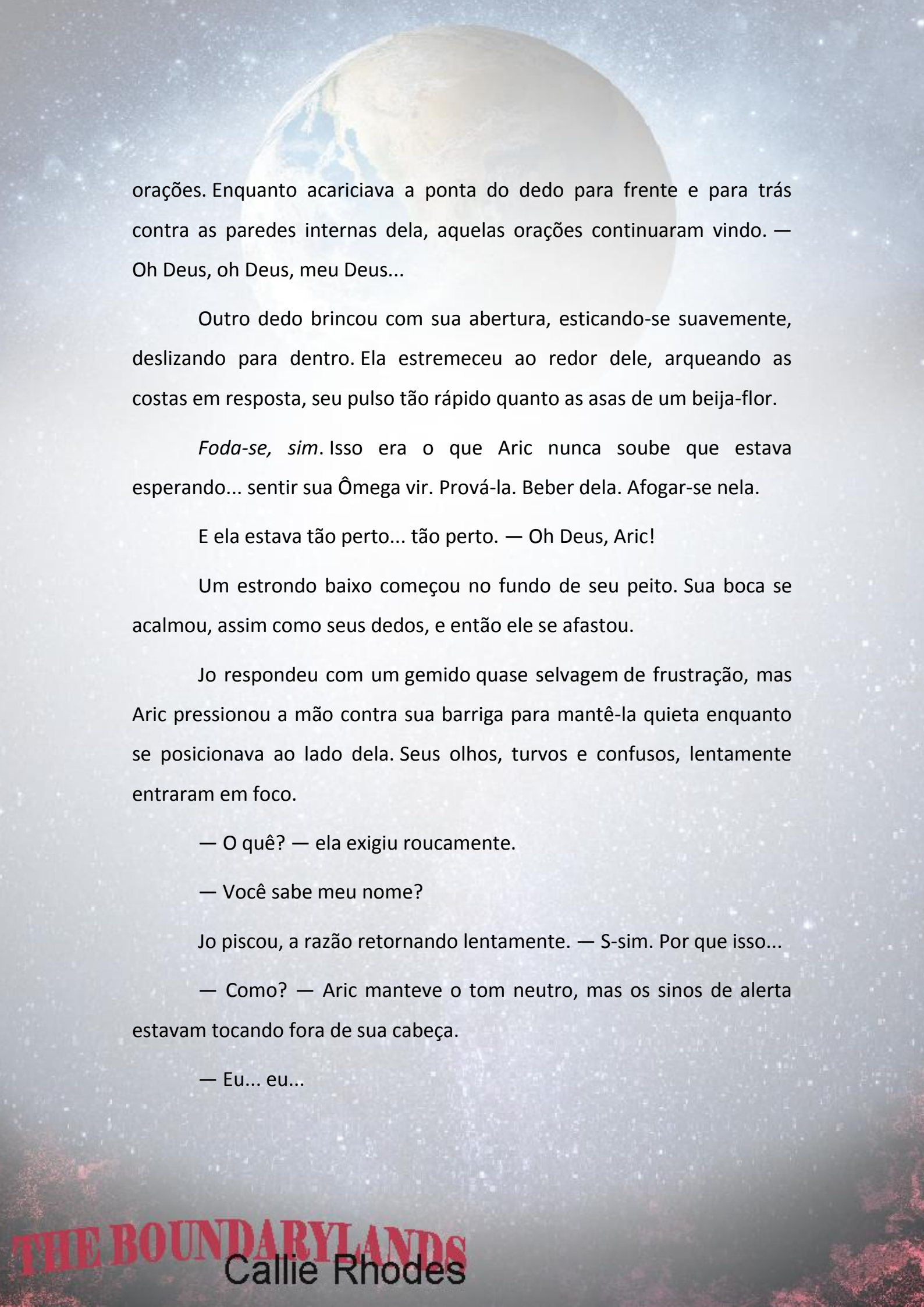
Aric voltou para outra degustação, memorizando-a, marcando-a. E depois outro.

Eventualmente, era hora de parar de atormentá-la. Ele agarrou seu clitóris, lambendo-o com sua língua quente e úmida. Jo o puxou contra ela pelo cabelo, batendo sua cabeça para trás e para frente no travesseiro, se debatendo e resistindo. Era tudo o que ele podia fazer para se segurar.

Mas ele ainda tinha alguns truques.

Aric usou um dedo para traçar sua abertura onde momentos atrás sua boca estivera. Lentamente, avaliando seu progresso pela forma como ela o esbofeteou, incitando-o, ele deslizou um dedo dentro dela, saboreando o calor de sua vagina apertando ao redor dele.

— Oh Deus, — ela gritou acima dele, e Aric não pôde deixar de sorrir com a rapidez com que suas maldições se transformaram em



orações. Enquanto acariciava a ponta do dedo para frente e para trás contra as paredes internas dela, aquelas orações continuaram vindo. — Oh Deus, oh Deus, meu Deus...

Outro dedo brincou com sua abertura, esticando-se suavemente, deslizando para dentro. Ela estremeceu ao redor dele, arqueando as costas em resposta, seu pulso tão rápido quanto as asas de um beija-flor.

Foda-se, sim. Isso era o que Aric nunca soube que estava esperando... sentir sua Ômega vir. Prová-la. Beber dela. Afogar-se nela.

E ela estava tão perto... tão perto. — Oh Deus, Aric!

Um estrondo baixo começou no fundo de seu peito. Sua boca se acalmou, assim como seus dedos, e então ele se afastou.

Jo respondeu com um gemido quase selvagem de frustração, mas Aric pressionou a mão contra sua barriga para mantê-la quieta enquanto se posicionava ao lado dela. Seus olhos, turvos e confusos, lentamente entraram em foco.

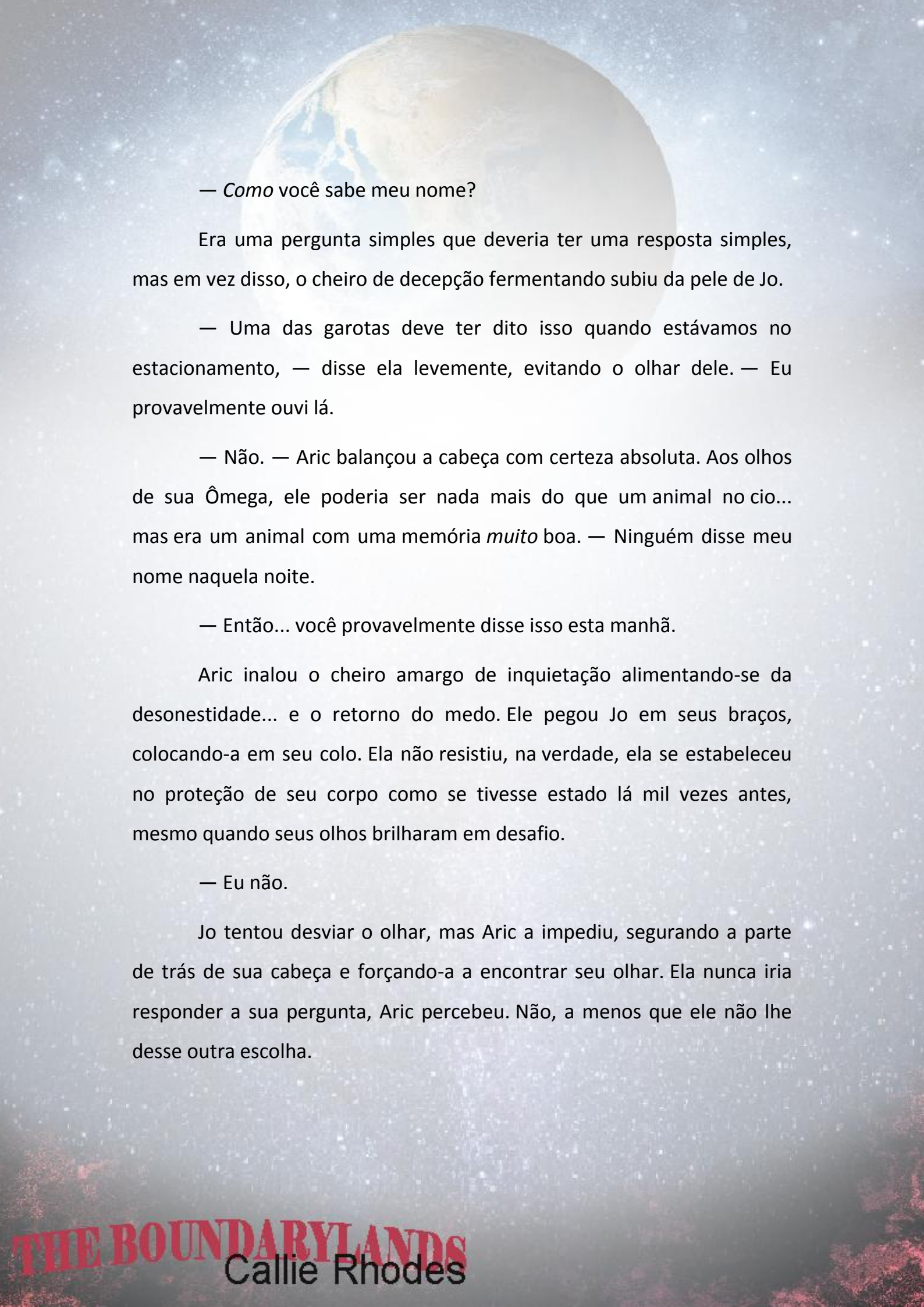
— O quê? — ela exigiu roucamente.

— Você sabe meu nome?

Jo piscou, a razão retornando lentamente. — S-sim. Por que isso...

— Como? — Aric manteve o tom neutro, mas os sinos de alerta estavam tocando fora de sua cabeça.

— Eu... eu...



— *Como* você sabe meu nome?

Era uma pergunta simples que deveria ter uma resposta simples, mas em vez disso, o cheiro de decepção fermentando subiu da pele de Jo.

— Uma das garotas deve ter dito isso quando estávamos no estacionamento, — disse ela levemente, evitando o olhar dele. — Eu provavelmente ouvi lá.

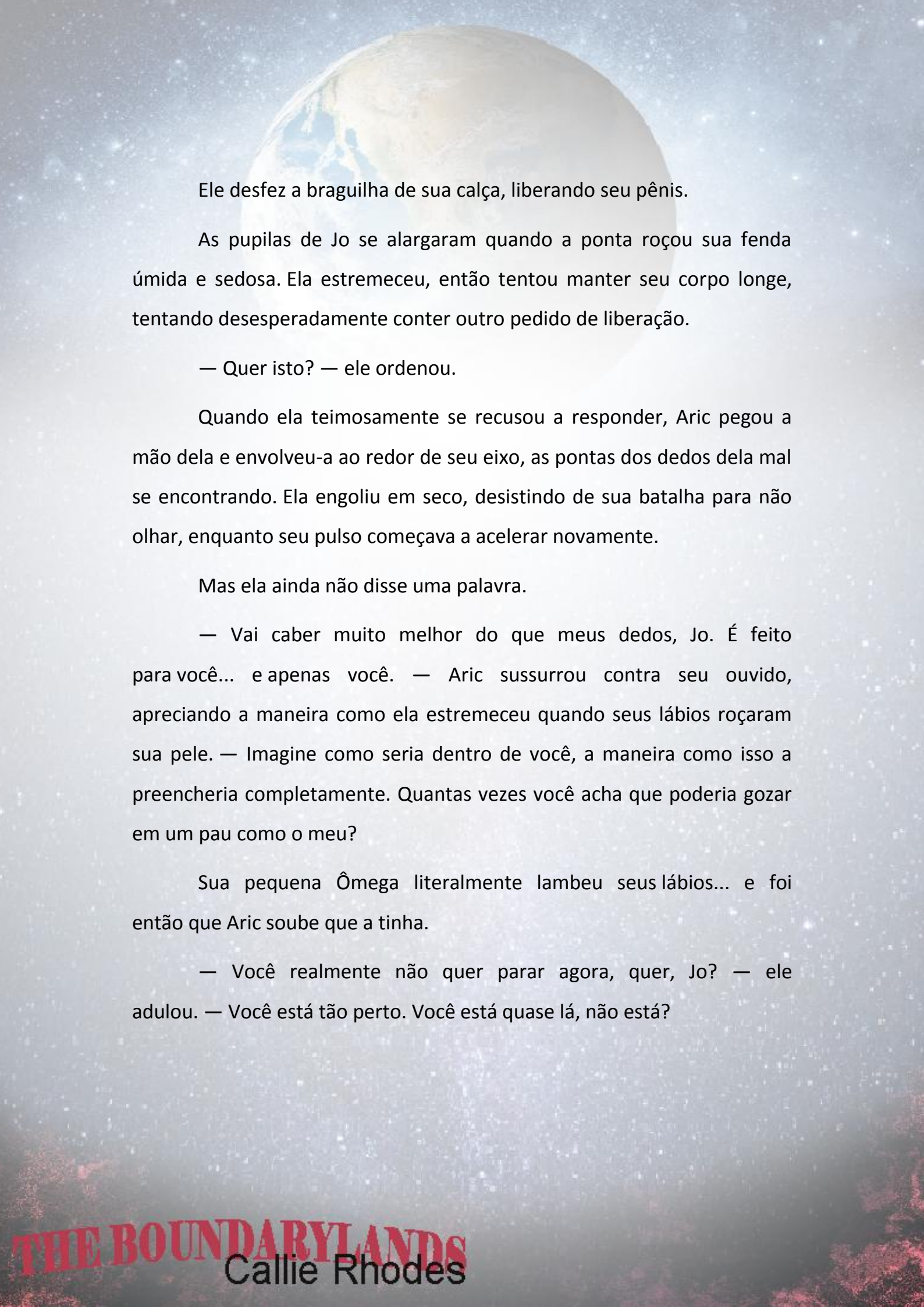
— Não. — Aric balançou a cabeça com certeza absoluta. Aos olhos de sua Ômega, ele poderia ser nada mais do que um animal no cio... mas era um animal com uma memória *muito* boa. — Ninguém disse meu nome naquela noite.

— Então... você provavelmente disse isso esta manhã.

Aric inalou o cheiro amargo de inquietação alimentando-se da desonestidade... e o retorno do medo. Ele pegou Jo em seus braços, colocando-a em seu colo. Ela não resistiu, na verdade, ela se estabeleceu no proteção de seu corpo como se tivesse estado lá mil vezes antes, mesmo quando seus olhos brilharam em desafio.

— Eu não.

Jo tentou desviar o olhar, mas Aric a impediu, segurando a parte de trás de sua cabeça e forçando-a a encontrar seu olhar. Ela nunca iria responder a sua pergunta, Aric percebeu. Não, a menos que ele não lhe desse outra escolha.



Ele desfez a braguilha de sua calça, liberando seu pênis.

As pupilas de Jo se alargaram quando a ponta roçou sua fenda úmida e sedosa. Ela estremeceu, então tentou manter seu corpo longe, tentando desesperadamente conter outro pedido de liberação.

— Quer isto? — ele ordenou.

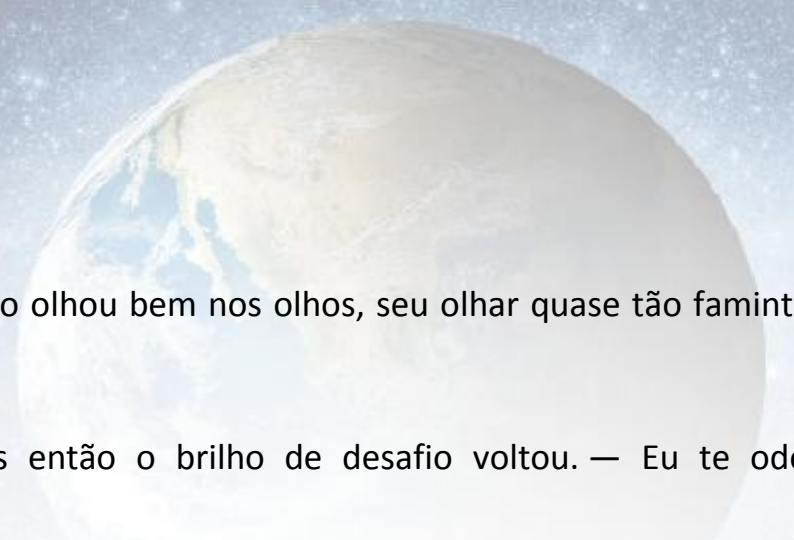
Quando ela teimosamente se recusou a responder, Aric pegou a mão dela e envolveu-a ao redor de seu eixo, as pontas dos dedos dela mal se encontrando. Ela engoliu em seco, desistindo de sua batalha para não olhar, enquanto seu pulso começava a acelerar novamente.

Mas ela ainda não disse uma palavra.

— Vai caber muito melhor do que meus dedos, Jo. É feito para você... e apenas você. — Aric sussurrou contra seu ouvido, apreciando a maneira como ela estremeceu quando seus lábios roçaram sua pele. — Imagine como seria dentro de você, a maneira como isso a preencheria completamente. Quantas vezes você acha que poderia gozar em um pau como o meu?

Sua pequena Ômega literalmente lambeu seus lábios... e foi então que Aric soube que a tinha.

— Você realmente não quer parar agora, quer, Jo? — ele adulou. — Você está tão perto. Você está quase lá, não está?



Ela o olhou bem nos olhos, seu olhar quase tão faminto quanto o dele.

Mas então o brilho de desafio voltou. — Eu te odeio, — ela sussurrou.

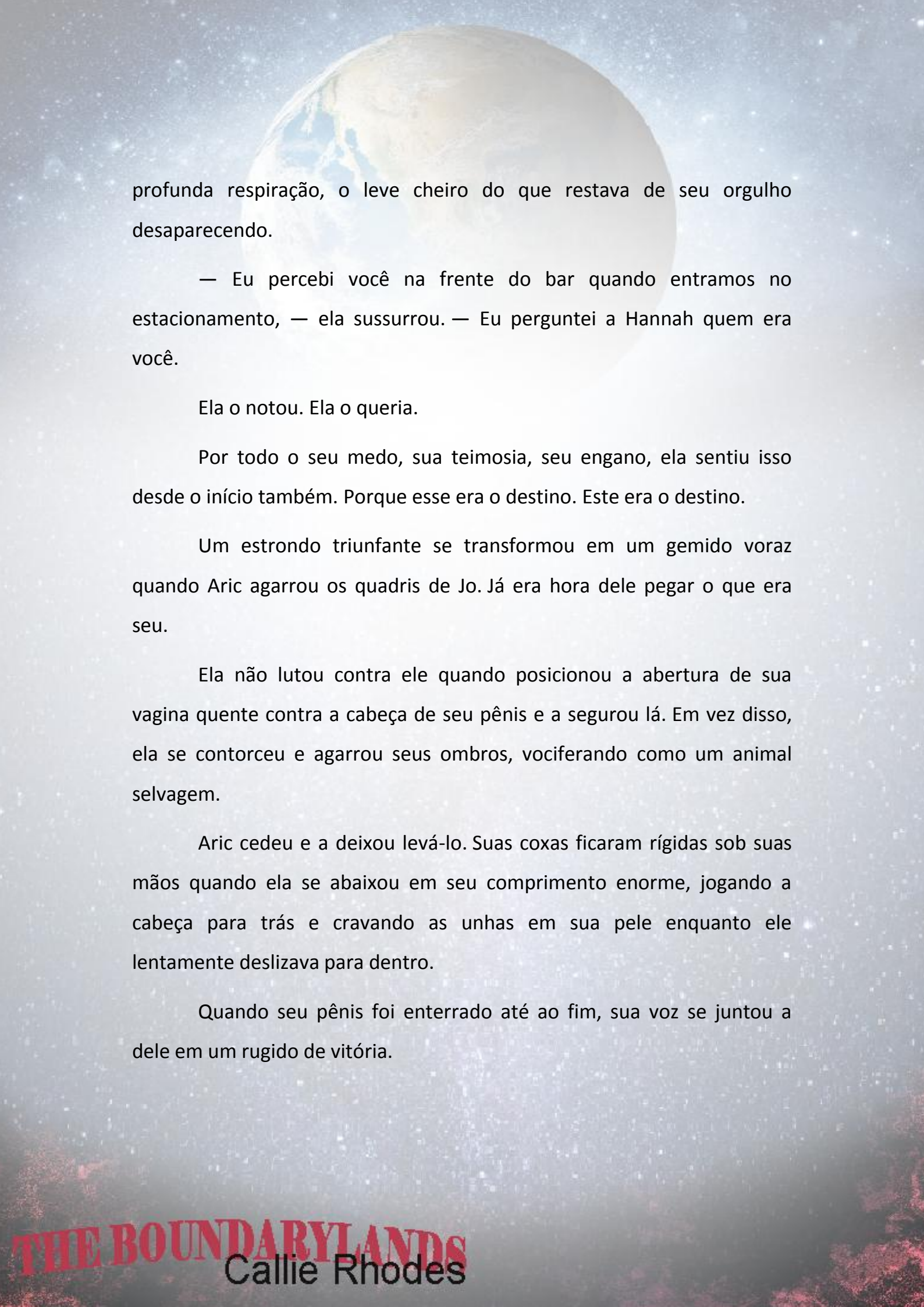
— Eu sei, — Aric disse presunçosamente. — Mas você também precisa do que só eu posso te dar. Então me diga como você sabe meu nome, e pararei com essa tortura.

Enquanto ela considerou, mordendo o lábio e segurando-se rigidamente acima dele, uma camada escorregadia gotejou dela em seu pau... e Aric pensou que poderia quebrar. Se isso continuasse por mais tempo, ele sabia que não seria capaz de se conter ... ele a tomaria forte e por muito tempo até que ambos estivessem esgotados.

Talvez devesse simplesmente ceder. Afinal, não era como se ela fosse a lugar algum. Haveria muito tempo para obter a resposta dela mais tarde.

Mas Aric não queria uma explicação depois... ele queria *agora*. Seus instintos lhe disseram que a resposta os levaria mais longe, mais alto, tornando a liberação ainda mais doce. E então ele se forçou a resistir um pouco mais, seu corpo inteiro se enfurecendo contra si mesmo.

E uma fração de segundo antes de seu testamento quebrar, Jo cedeu. Com um estremecimento final, ela fechou os olhos e deu uma



profunda respiração, o leve cheiro do que restava de seu orgulho desaparecendo.

— Eu percebi você na frente do bar quando entramos no estacionamento, — ela sussurrou. — Eu perguntei a Hannah quem era você.

Ela o notou. Ela o queria.

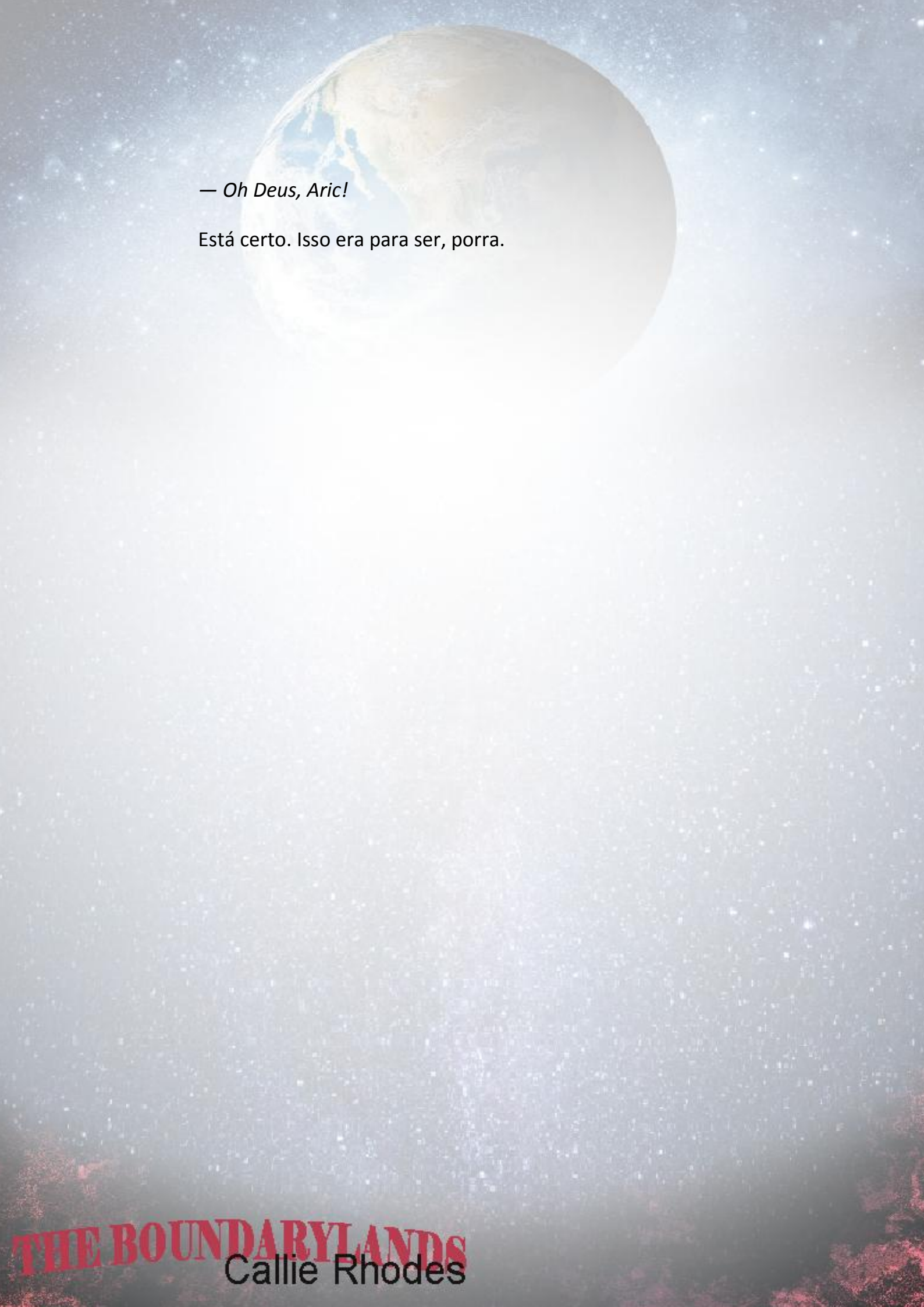
Por todo o seu medo, sua teimosia, seu engano, ela sentiu isso desde o início também. Porque esse era o destino. Este era o destino.

Um estrondo triunfante se transformou em um gemido voraz quando Aric agarrou os quadris de Jo. Já era hora dele pegar o que era seu.

Ela não lutou contra ele quando posicionou a abertura de sua vagina quente contra a cabeça de seu pênis e a segurou lá. Em vez disso, ela se contorceu e agarrou seus ombros, vociferando como um animal selvagem.

Aric cedeu e a deixou levá-lo. Suas coxas ficaram rígidas sob suas mãos quando ela se abaixou em seu comprimento enorme, jogando a cabeça para trás e cravando as unhas em sua pele enquanto ele lentamente deslizava para dentro.

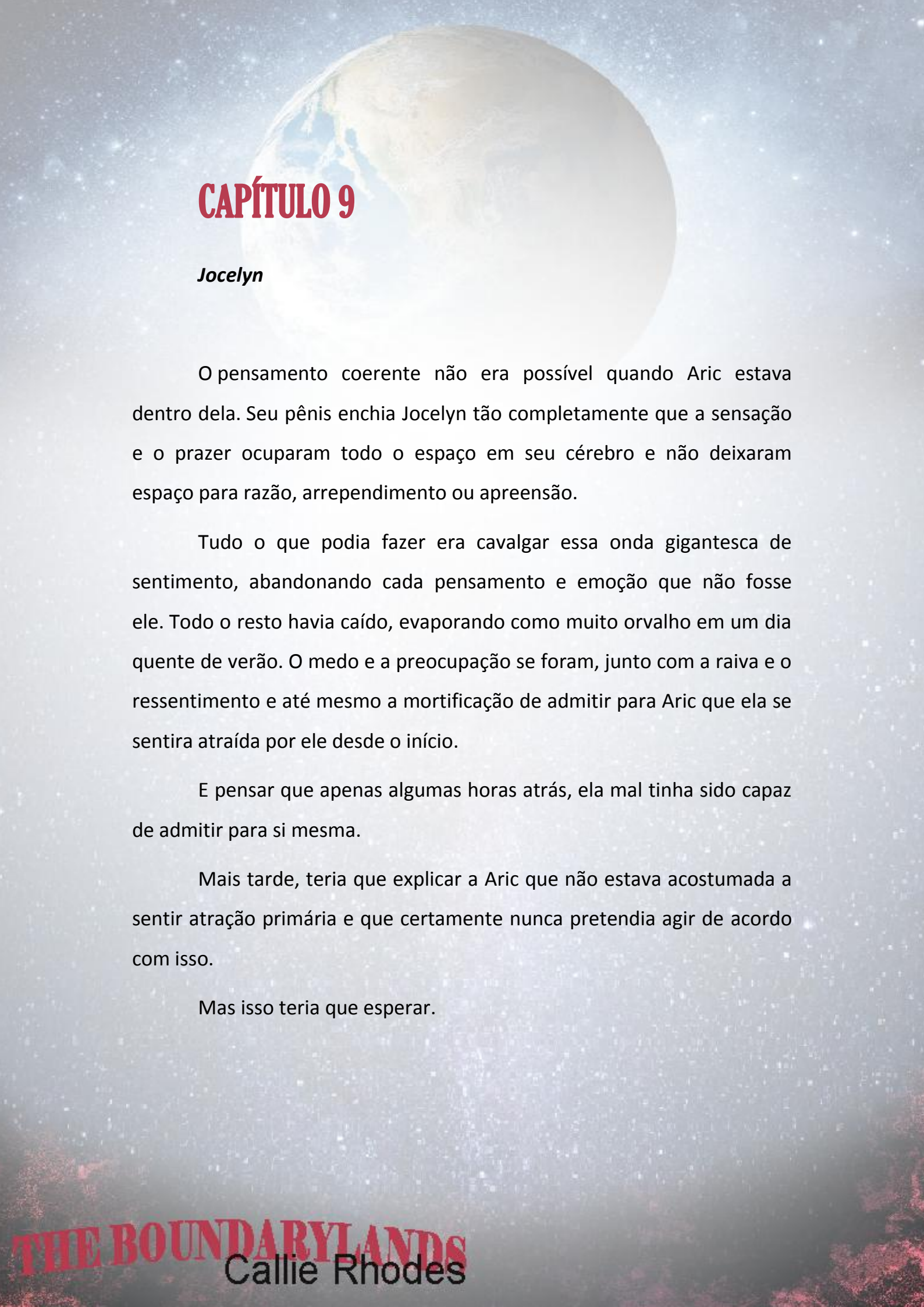
Quando seu pênis foi enterrado até ao fim, sua voz se juntou a dele em um rugido de vitória.



— *Oh Deus, Aric!*

Está certo. Isso era para ser, porra.

THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes



CAPÍTULO 9

Jocelyn

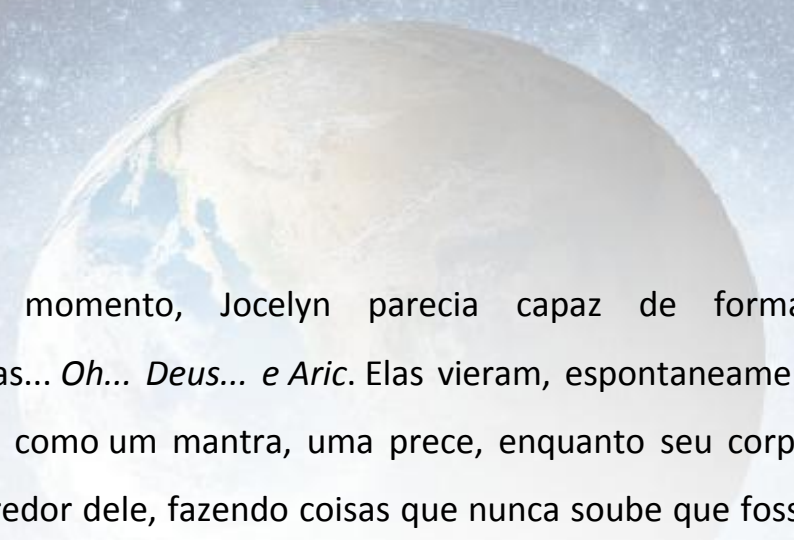
O pensamento coerente não era possível quando Aric estava dentro dela. Seu pênis enchia Jocelyn tão completamente que a sensação e o prazer ocuparam todo o espaço em seu cérebro e não deixaram espaço para razão, arrependimento ou apreensão.

Tudo o que podia fazer era cavalgar essa onda gigantesca de sentimento, abandonando cada pensamento e emoção que não fosse ele. Todo o resto havia caído, evaporando como muito orvalho em um dia quente de verão. O medo e a preocupação se foram, junto com a raiva e o ressentimento e até mesmo a mortificação de admitir para Aric que ela se sentira atraída por ele desde o início.

E pensar que apenas algumas horas atrás, ela mal tinha sido capaz de admitir para si mesma.

Mais tarde, teria que explicar a Aric que não estava acostumada a sentir atração primária e que certamente nunca pretendia agir de acordo com isso.

Mas isso teria que esperar.



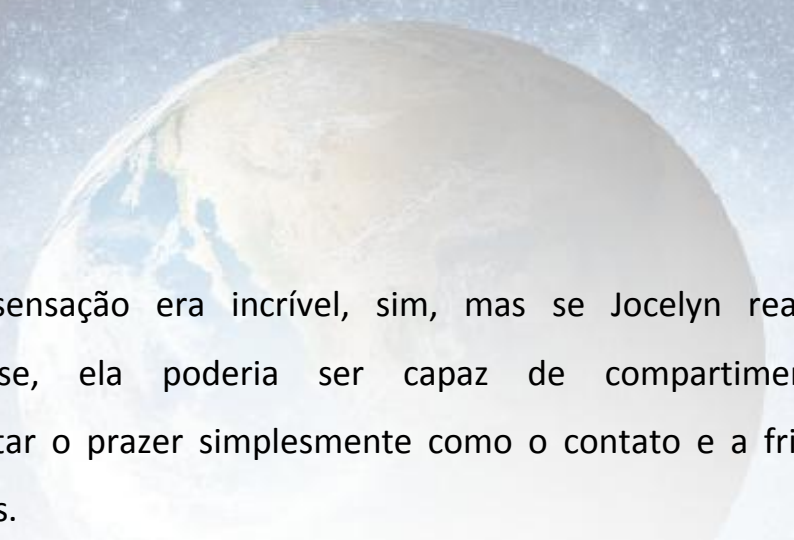
No momento, Jocelyn parecia capaz de formar apenas três palavras... *Oh... Deus... e Aric*. Elas vieram, espontaneamente, uma e outra vez... como um mantra, uma prece, enquanto seu corpo tremia e tremia ao redor dele, fazendo coisas que nunca soube que fosse capaz de fazer. Suas paredes internas relaxaram lentamente para aceitar seu eixo maciço, então cerraram e liberaram, encontrando um ritmo compartilhado quando ele começou lentamente a sair dela antes de mergulhar de volta.

Doce misericórdia, era demais.

Jocelyn tinha estado com um punhado de caras em sua vida. Talvez tenha sido seu azar terminar com os inexperientes e sem inspiração, mas ela sempre recebeu muito mais satisfação de seu vibrador do que qualquer homem em sua cama. Na verdade, nunca teve um orgasmo na presença de um homem, apenas quando estava sozinha, sem ser julgada e observada.

Mas ao lado de Aric, até mesmo seu brinquedo favorito de alta tecnologia com suas sete configurações e milhares de avaliações cinco estrelas era tão impressionante quanto um abridor de latas enferrujado... embora tudo que ele estivesse fazendo fosse simplesmente empurrar enquanto olhava-a nos olhos dela.

Mas Jocelyn sabia que era aquele olhar que a estava levando ao limite.



A sensação era incrível, sim, mas se Jocelyn realmente se concentrasse, ela poderia ser capaz de compartimentá-la. Para experimentar o prazer simplesmente como o contato e a fricção entre seus corpos.

Mesmo enquanto se contorcia, mesmo quando estava dolorosamente perto de gozar, ela foi capaz de manter uma parte de si mesma separada ... o suficiente para que quando ele exigisse respostas dela, ela ainda pudesse mandá-lo para o inferno.

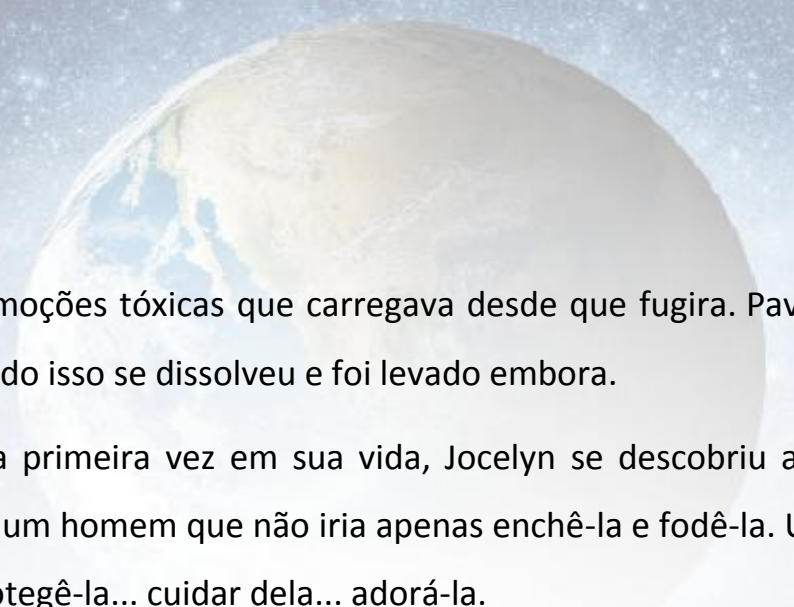
Mas essa resolução rapidamente se desintegrou quando ele a forçou a olhar em seus olhos. Era como se ele tivesse sido dotado de alguma alquimia negra que obliterou sua resistência quando olhou para ele. A cada momento, sentia-se cada vez mais escapulindo.

Seu olhar de alguma forma a *possuiu*. Exigia tudo dela... cada pedaço de seu corpo e alma... e ela deu sem questionar.

A parte mais surpreendente era que tudo o que tinha que fazer era simplesmente fechar os olhos e bloquear a visão dele, e ela poderia escapar dessa magia Alfa.

Mas ela não queria.

Quando Jocelyn olhou nos olhos de Aric, e se sentiu estranhamente calma. Havia uma promessa de segurança em seu controle. Seu poder e força significavam que ela poderia deixar seu fardo,



todas as emoções tóxicas que carregava desde que fugira. Pavor, pânico, agonia... tudo isso se dissolveu e foi levado embora.

Pela primeira vez em sua vida, Jocelyn se descobriu acreditando que existia um homem que não iria apenas enchê-la e fodê-la. Um homem que iria protegê-la... cuidar dela... adorá-la.

A maneira como estava se sentindo adorada agora.

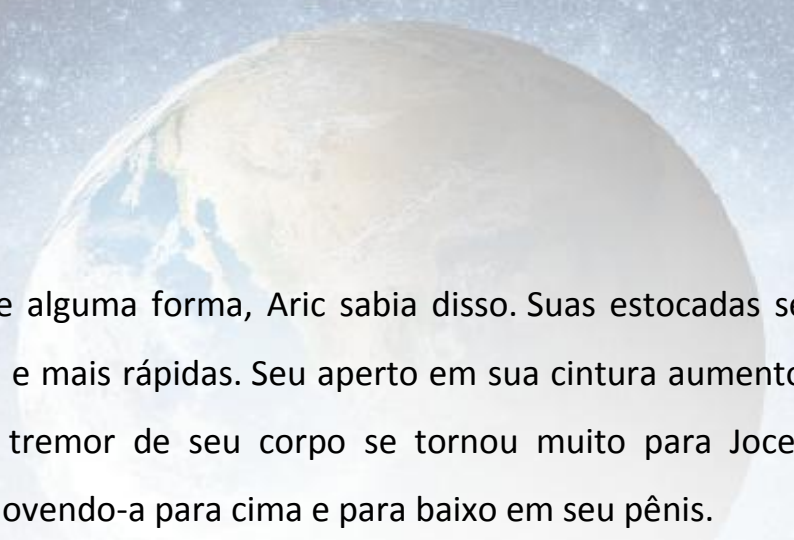
Com cada exalação, Aric avançava todo o caminho dentro dela, apenas para recuar novamente. Lentamente, Jocelyn sentiu as paredes de sua vagina se adaptando ao tamanho dele, banhando-a com uma camada lisa repetidamente.

— Isso mesmo, — ele rangeu os dentes cerrados, nunca quebrando o olhar nem por uma fração de segundo. — Solte. Dê-me o que eu quero.

Suas mãos enormes agarraram a curva de sua cintura, forrando o tecido de seu vestido, e ela teve o pensamento distante de que seria bom arrancar cada fragmento das roupas de Aric e as dela e passar as próximas horas explorando cada centímetro perfeito do corpo dele.

Mas ela imediatamente abandonou a ideia, não querendo perder esse tipo de tempo quando estava tão perto de conseguir o que precisava... o que cada parte dela estava gritando.

Jocelyn estava tão... droga... perto, oscilando à beira de um orgasmo escaldante.



E de alguma forma, Aric sabia disso. Suas estocadas se tornaram mais fortes e mais rápidas. Seu aperto em sua cintura aumentou. Quando o violento tremor de seu corpo se tornou muito para Jocelyn, o Alfa assumiu, movendo-a para cima e para baixo em seu pênis.

Uma última onda... até a crista... e então Jocelyn se espatifou. Sua visão escureceu e então explodiu em faíscas; a sensação partiu de seu próprio núcleo para fora de seu corpo, assumindo o controle completo de cada músculo e nervo. Ela gritou, jorrando umidade enquanto o orgasmo se estendia continuamente, tremendo e destruindo seu corpo, testando seus limites.

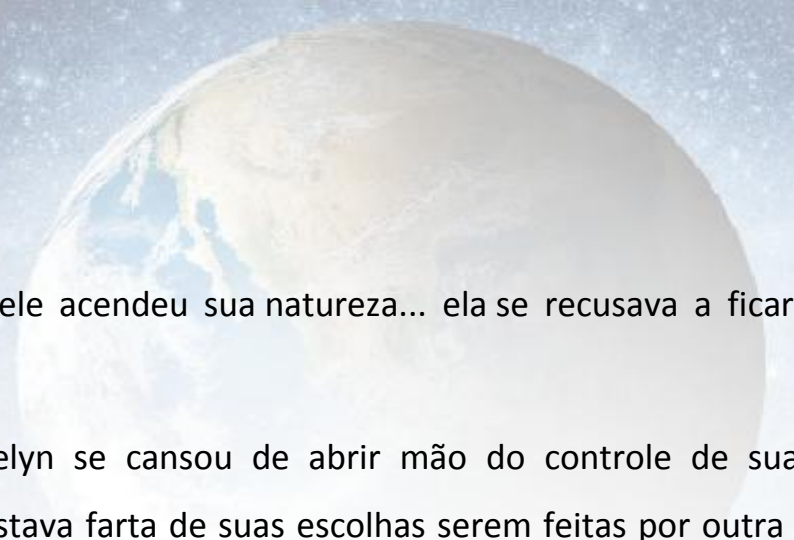
Quando as ondas de prazer finalmente diminuíram, ela ficou devastada, mole, lutando para respirar.

Mas o olhar predatório nos olhos de Aric não se apagou. Se qualquer coisa, brilhou ainda mais.

— *Isso é o que eu faço com você*, — ele vociferou. — *Isso é o que você ganha quando é minha*.

Suas palavras foram como uma marca queimando em sua pele, marcando-a para sempre.

Exceto... o minúsculo núcleo de rebelião não havia sido extinto. Jocelyn sentiu sua presença mesmo quando foi privada de sua voz, sua capacidade de protestar. Ela queria dizer a Aric que não era dele. Que não era de ninguém. E só porque ela era uma Ômega...



só porque ele acendeu sua natureza... ela se recusava a ficar em dívida com ele.

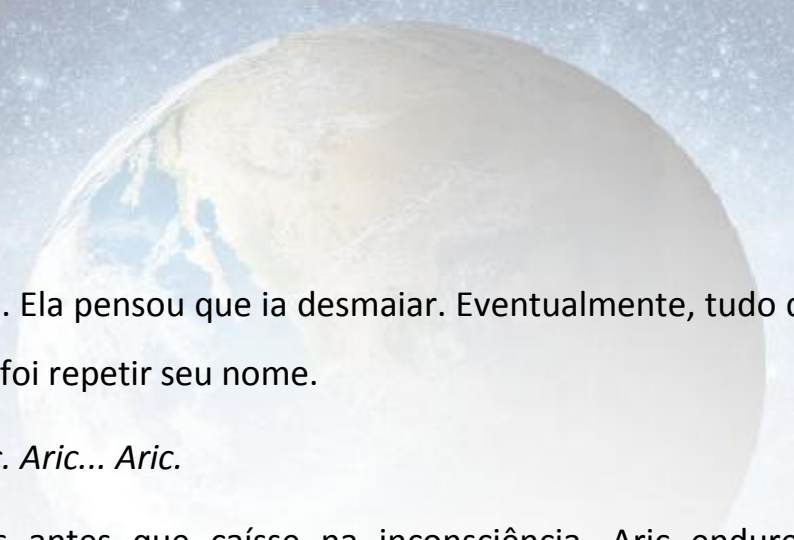
Jocelyn se cansou de abrir mão do controle de sua vida sem lutar. Ela estava farta de suas escolhas serem feitas por outra pessoa. Foi assim que ela acabou trabalhando para um criminoso megalomaníaco. Foi assim que quase perdeu tudo.

Assim que acordar desse sonho febril, ela estava pegando sua bolsa e correndo porta afora e começando uma nova vida em algum lugar longe de Alfas e chefes assassinos mentirosos e chefes da máfia.

Mesmo que tudo o que fosse capaz de fazer era choramingar e balançar a cabeça, aparentemente era o suficiente para mostrar seu ponto de vista. O Alfa deu um vociferar baixo e assustador que reverberou pelas paredes da cabana. Então ele a jogou no colchão, de costas.

Jocelyn não percebeu que Aric estava se segurando até que ele começou a bater nela de verdade. Ela não percebeu que podia sentir o desejo de novo tão rapidamente depois de gozar, até que encontrou cada uma de suas estocadas selvagens com uma explosão de pura sensação.

Ela gozou de novo e de novo. Mais e mais, até que cada nervo de seu corpo parecia em carne viva e exposto. Até que cada respiração era um gemido, cada grama de energia deixada em seu corpo esgotada pelo violento ataque de prazer, apenas para se recompor e gozar novamente. Sua mente ficou confusa e as bordas de sua visão



embaçadas. Ela pensou que ia desmaiar. Eventualmente, tudo que Jocelyn pôde fazer foi repetir seu nome.

Aric. Aric... Aric.

Mas antes que caísse na inconsciência, Aric endureceu acima dela. Um rugido primitivo ecoou ao seu redor enquanto uma nova pressão crescia dentro dela.

Os olhos de Jocelyn se abriram e pensou que poderia literalmente se despedaçar quando a base do pênis de Aric inchou dentro dela.

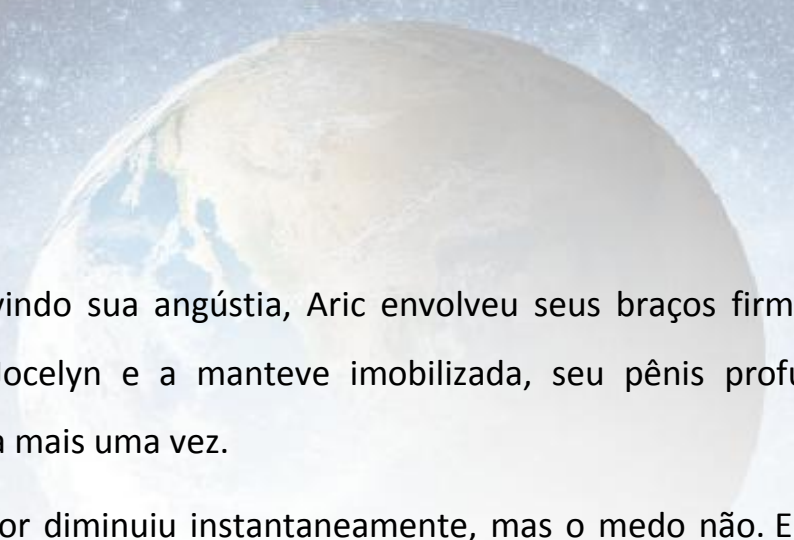
Oh Deus ... seu *nó*.

Ela tinha esquecido tudo sobre o pequeno fato do nó de um Alfa. Ela nunca tinha imaginado em um milhão de anos que realmente encontraria um Alfa, muito menos transar com um.

Mas ela tinha... repetidamente, e agora o inevitável estava acontecendo, muito longe para pará-lo. Seus corpos estavam travados juntos, o nó enorme de Aric se formando dentro dela, preenchendo-a de uma forma que nunca poderia ter imaginado.

Por um momento, o pânico se apoderou de Jocelyn, quente e elétrico. Como uma criança tocando um fogão quente, ela tentou se afastar, mas era impossível.

Pior ainda, lutar causava uma dor lancinante. Quando Jocelyn gritou, não tinha nada a ver com prazer.



Ouvindo sua angústia, Aric envolveu seus braços firmemente ao redor de Jocelyn e a manteve imobilizada, seu pênis profundamente dentro dela mais uma vez.

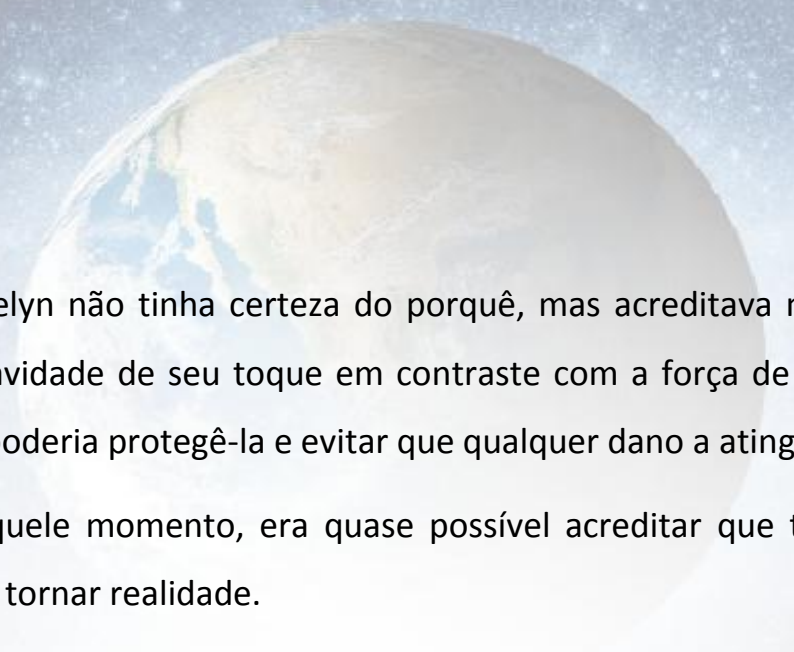
A dor diminuiu instantaneamente, mas o medo não. Ela jogou os braços em volta do pescoço de Aric, desesperada por conforto, por uma pedra de toque, uma âncora. Ela se manteve imóvel e rígida quando ele deu um rugido feroz e gozou dentro dela.

Onda após onda de semente quente a encheu, e no espaço de segundos, ela subiu uma última vez ao pico, apenas para se soltar e cair com ele, seus gritos se misturando aos dele.

Ainda a segurando, Aric girou de costas e embalou Jocelyn em cima dele contra seu peito. Ela não sentiu dor, apenas a presença maciça de seu nó dentro dela, a sensação quente de derretimento de seu gozo. Seu coração ainda martelava, mas Aric a segurou perto, o estrondo profundo de sua respiração como um ronronar calmante contra seu ouvido.

O tempo passou... segundos, minutos, Jocelyn não tinha ideia. Aric acariciou suas costas, seu cabelo, cada toque como uma promessa de cura enquanto ele murmurava segurança.

— Está tudo bem. Relaxe e respire. Não tenha medo. Meu corpo não vai machucar o seu. Eu prometo.



Jocelyn não tinha certeza do porquê, mas acreditava nele. Talvez fosse a suavidade de seu toque em contraste com a força de seu corpo, força que poderia protegê-la e evitar que qualquer dano a atingisse.

Naquele momento, era quase possível acreditar que tal fantasia pudesse se tornar realidade.

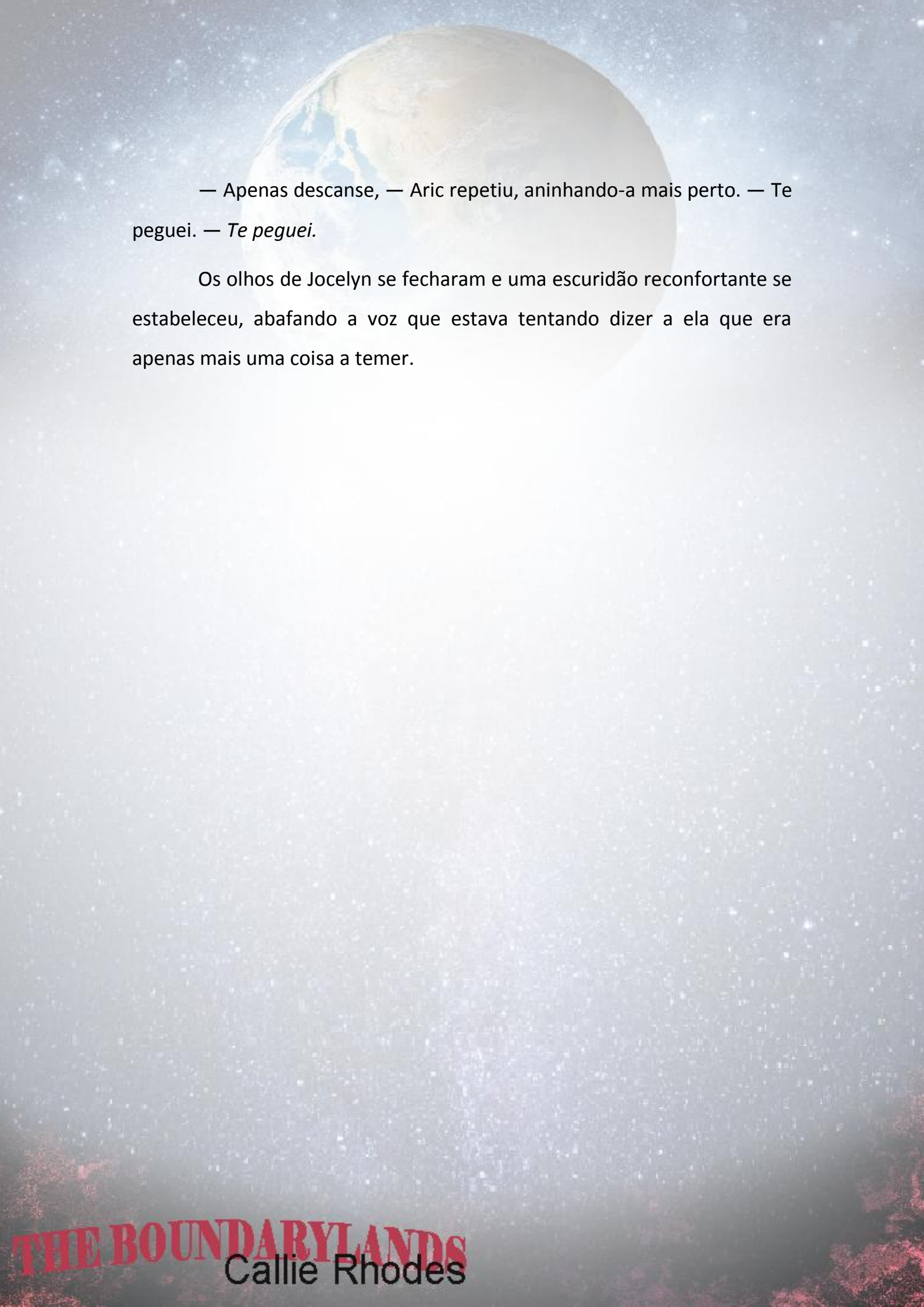
Lentamente, a respiração de Jocelyn se acalmou, seus punhos se abriram e a onda de tensão começou a se desenrolar dentro dela.

E enquanto relaxava, o nó dentro dela parecia moldar-se aos seus contornos como se tivesse sido feito para ela. Como se fosse um pedaço perdido de si mesma que sentiu falta por toda a vida.

— Apenas descanse, — Aric sussurrou em seu ouvido, e sem pensar, ela obedeceu. Tanto sua mente quanto seu corpo estavam exaustos demais para dar sentido a tudo o que acontecera entre eles.

Nos confins de sua mente, uma voz frenética tentava chamar sua atenção, lembrando-a de que ainda estava em perigo, que John ainda estava procurando por ela. Seus instintos de sobrevivência imploravam que se levantasse e corresse como louca para seu carro, para fugir enquanto ainda tinha uma chance.

E ela iria... realmente iria, assim que o nó dele diminuísse... e ela prendeu a respiração... e sua mente começou a funcionar direito novamente.

A large, glowing Earth is centered in the upper half of the image, showing continents and oceans. The background is a deep blue space filled with numerous white stars of varying sizes. The overall mood is serene and cosmic.

— Apenas descanse, — Aric repetiu, aninhando-a mais perto. — Te peguei. — *Te peguei.*

Os olhos de Jocelyn se fecharam e uma escuridão reconfortante se estabeleceu, abafando a voz que estava tentando dizer a ela que era apenas mais uma coisa a temer.



CAPÍTULO 10

Aric

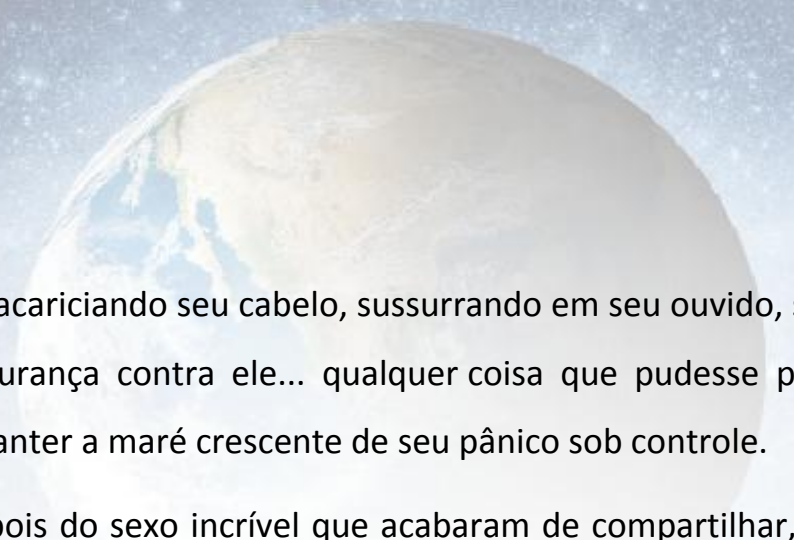
Algo estava errado.

Muito errado.

Mesmo depois que Aric conseguiu acalmar Jo, para evitar que ela se machucasse ao se afastar de seu nó, seu batimento cardíaco frenético não diminuiu. Ele podia sentir a tensão em seu corpo como a ameaça de uma tempestade a horas de distância.

Não era assim que uma Ômega deveria se comportar depois de dar o nó. De acordo com o que tinha ouvido... e garantido, era tudo boato, alimentado por muita bebida e muitos hormônios e poucas mulheres para todos ... ela explodiria como um foguete e então desmaiaria em êxtase, apenas para acordar com fome de mais. Todos os irmãos de Aric que agora estavam acasalados tinham saído do controle durante a primeira bateria das Ômegas, apenas para retornar eventualmente com sorrisos estúpidos em seus rostos.

Mas... pelo menos até agora... não estava acontecendo exatamente assim com *sua* Ômega. Aric podia sentir sua respiração tensa, seus cílios roçando sua pele enquanto seus olhos percorriam a sala. Ele não sabia o que ela estava procurando ou do que tinha medo. Ele apenas



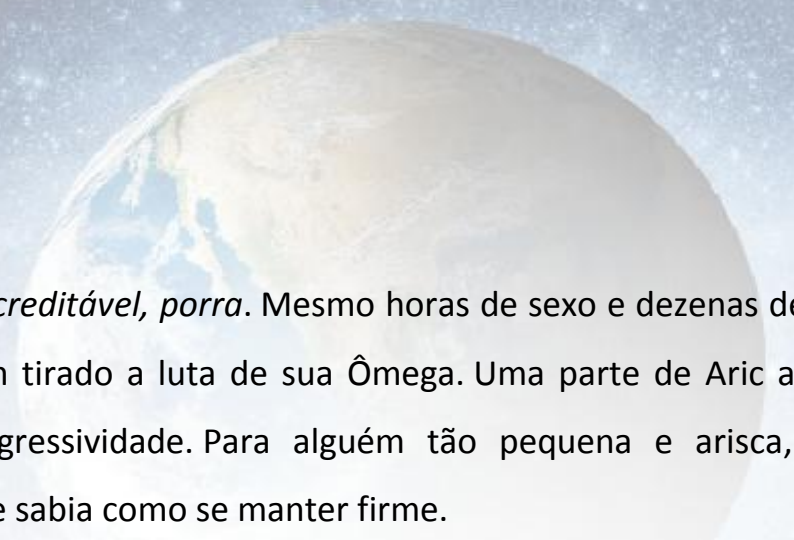
continuou acariciando seu cabelo, sussurrando em seu ouvido, segurando-a com segurança contra ele... qualquer coisa que pudesse pensar para ajudar a manter a maré crescente de seu pânico sob controle.

Depois do sexo incrível que acabaram de compartilhar, ele estava mais do que feliz em dar a Jo qualquer coisa que precisasse se recuperar. Mas conforme os segundos se transformavam em longos minutos e ela não parecia mais confortável, Aric ficou cada vez mais preocupado. Os sinais que vinham de seu corpo simplesmente não faziam sentido.

Jo era uma Ômega... recentemente acordada, é verdade, mas a caminho de seu primeiro cio. Quando isso acontecesse, ela entraria em um frenesi de luxúria que a levaria a acasalar com ele repetidamente. Mas sua natureza já deveria estar se adaptando a ele. Seu toque deveria ser um conforto que buscava, não uma ameaça da qual ela recuasse.

Era possível que houvesse algo errado dentro dela? Alguma condição ou doença que estava impedindo sua natureza Ômega de florescer? Resumidamente, Aric considerou levá-la para ver a companheira de Randall, que tinha se formado como enfermeira... mas apesar de se concentrar o mais que podia, ele não conseguiu detectar nenhum distúrbio em seu cheiro que sinalizasse um problema biológico.

O que deixou apenas uma outra fonte possível para sua angústia... aquela cabeça dela.



Inacreditável, porra. Mesmo horas de sexo e dezenas de orgasmos não tinham tirado a luta de sua Ômega. Uma parte de Aric admirava Jo por sua agressividade. Para alguém tão pequena e arisca, a mulher certamente sabia como se manter firme.

Aric a havia subestimado e não faria isso de novo... mas também não permitiria que seu desafio continuasse. Não apenas ameaçava seu orgulho, mas era realmente perigoso.

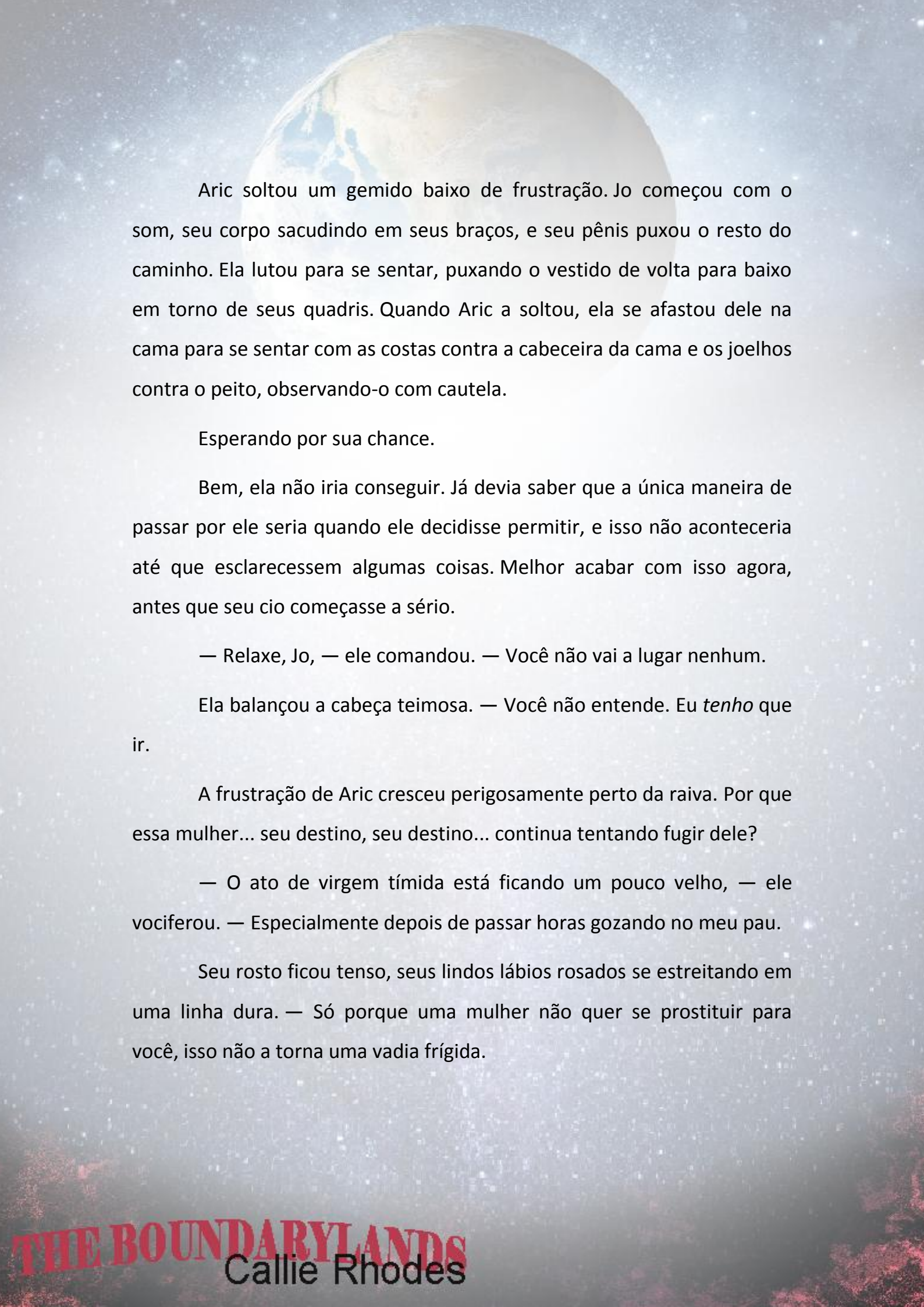
Jo já quase se machucou, tentando se desvencilhar de seu pênis. Se ele não a tivesse impedido, ela poderia ter se machucado gravemente. Só Deus sabia o que aconteceria se ela reagisse dessa forma durante o cio. Ela pode acabar se destruindo.

A pior parte é que era absolutamente desnecessário. Não havia nada a temer, agora que estava com ele. Ela não conseguia entender isso?

Aparentemente não, dada a maneira como estava lutando contra o sono, apesar de sua necessidade desesperada de descanso. Seu batimento cardíaco elevado, os hormônios do estresse introduzindo um amargor em seu cheiro, estavam roubando seu corpo da chance de se refrescar e recarregar.

Aric podia sentir seu nó se afrouxando. Logo, isso escaparia e a libertaria, mas em vez de confortar Jo, a perspectiva a deixou tensa novamente.

Preparando-se para correr... de novo.



Aric soltou um gemido baixo de frustração. Jo começou com o som, seu corpo sacudindo em seus braços, e seu pênis puxou o resto do caminho. Ela lutou para se sentar, puxando o vestido de volta para baixo em torno de seus quadris. Quando Aric a soltou, ela se afastou dele na cama para se sentar com as costas contra a cabeceira da cama e os joelhos contra o peito, observando-o com cautela.

Esperando por sua chance.

Bem, ela não iria conseguir. Já devia saber que a única maneira de passar por ele seria quando ele decidisse permitir, e isso não aconteceria até que esclarecessem algumas coisas. Melhor acabar com isso agora, antes que seu cio começasse a sério.

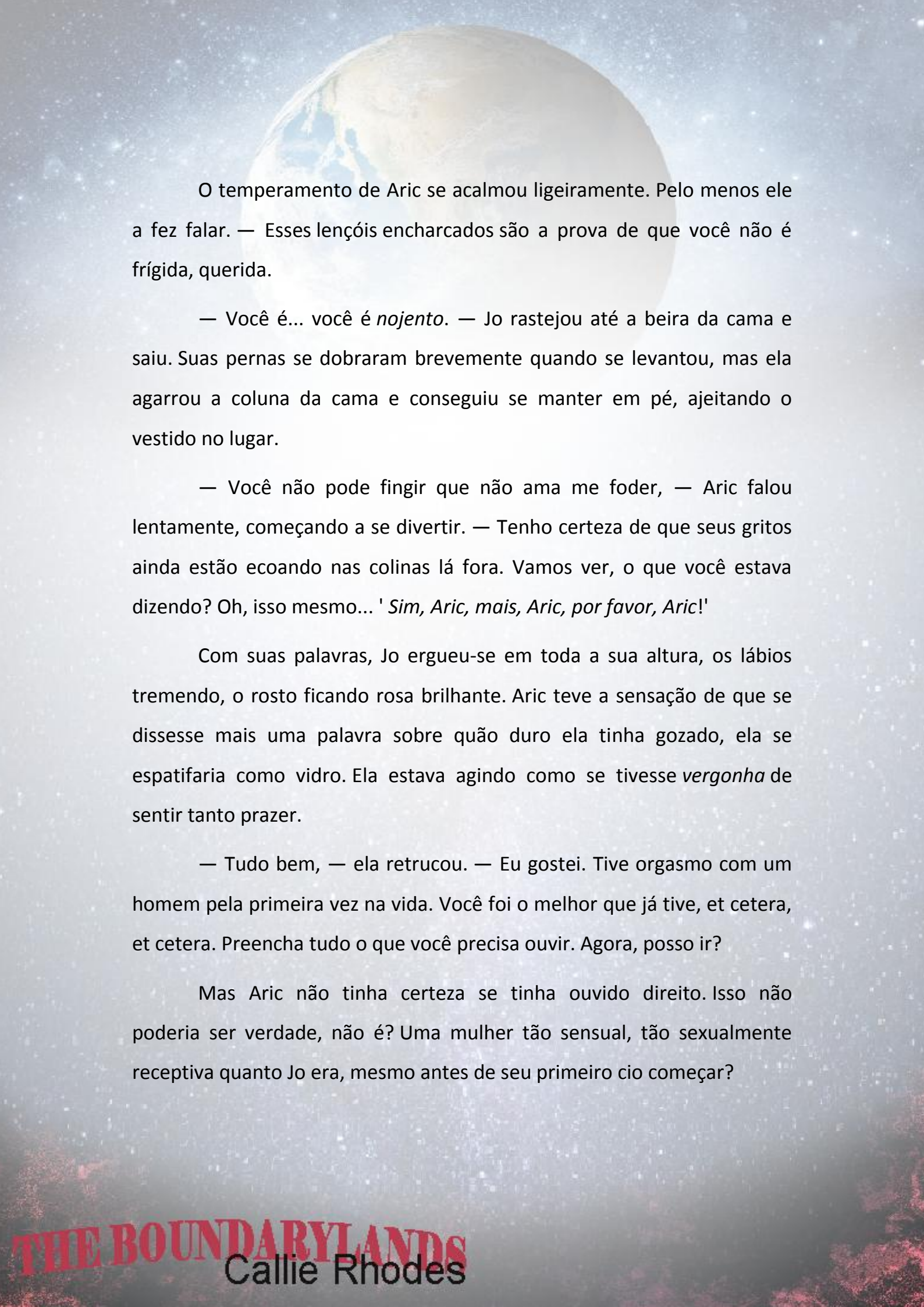
— Relaxe, Jo, — ele comandou. — Você não vai a lugar nenhum.

Ela balançou a cabeça teimosa. — Você não entende. Eu *tenho* que ir.

A frustração de Aric cresceu perigosamente perto da raiva. Por que essa mulher... seu destino, seu destino... continua tentando fugir dele?

— O ato de virgem tímida está ficando um pouco velho, — ele vociferou. — Especialmente depois de passar horas gozando no meu pau.

Seu rosto ficou tenso, seus lindos lábios rosados se estreitando em uma linha dura. — Só porque uma mulher não quer se prostituir para você, isso não a torna uma vadia frígida.



O temperamento de Aric se acalmou ligeiramente. Pelo menos ele a fez falar. — Esses lençóis encharcados são a prova de que você não é frígida, querida.

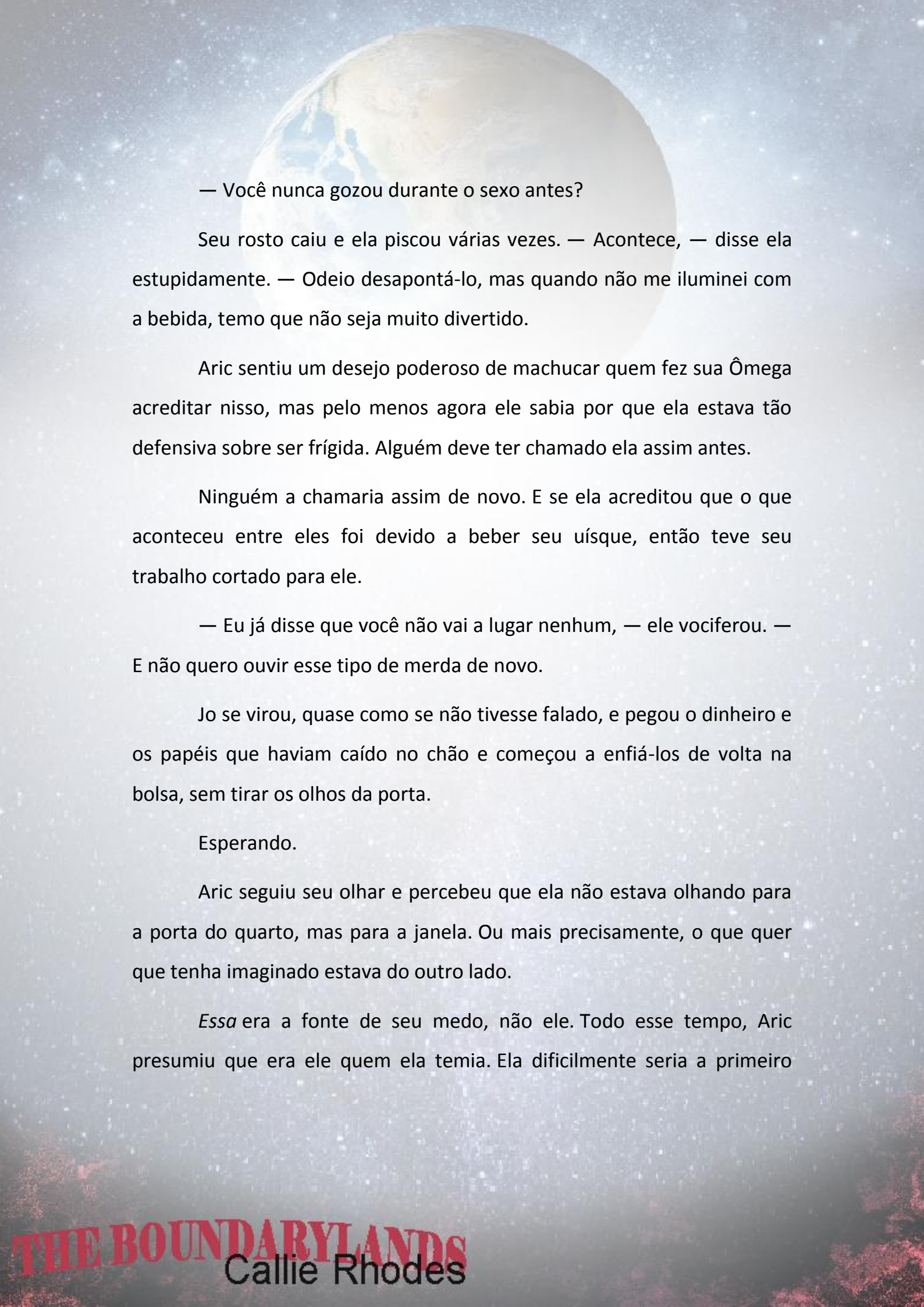
— Você é... você é *nojento*. — Jo rastejou até a beira da cama e saiu. Suas pernas se dobraram brevemente quando se levantou, mas ela agarrou a coluna da cama e conseguiu se manter em pé, ajeitando o vestido no lugar.

— Você não pode fingir que não ama me foder, — Aric falou lentamente, começando a se divertir. — Tenho certeza de que seus gritos ainda estão ecoando nas colinas lá fora. Vamos ver, o que você estava dizendo? Oh, isso mesmo... ' *Sim, Aric, mais, Aric, por favor, Aric!* '

Com suas palavras, Jo ergueu-se em toda a sua altura, os lábios tremendo, o rosto ficando rosa brilhante. Aric teve a sensação de que se dissesse mais uma palavra sobre quão duro ela tinha gozado, ela se espatifaria como vidro. Ela estava agindo como se tivesse *vergonha* de sentir tanto prazer.

— Tudo bem, — ela retrucou. — Eu gostei. Tive orgasmo com um homem pela primeira vez na vida. Você foi o melhor que já tive, et cetera, et cetera. Preencha tudo o que você precisa ouvir. Agora, posso ir?

Mas Aric não tinha certeza se tinha ouvido direito. Isso não poderia ser verdade, não é? Uma mulher tão sensual, tão sexualmente receptiva quanto Jo era, mesmo antes de seu primeiro cio começar?



— Você nunca gozou durante o sexo antes?

Seu rosto caiu e ela piscou várias vezes. — Acontece, — disse ela estupidamente. — Odeio desapontá-lo, mas quando não me iluminei com a bebida, temo que não seja muito divertido.

Aric sentiu um desejo poderoso de machucar quem fez sua Ômega acreditar nisso, mas pelo menos agora ele sabia por que ela estava tão defensiva sobre ser frígida. Alguém deve ter chamado ela assim antes.

Ninguém a chamaria assim de novo. E se ela acreditou que o que aconteceu entre eles foi devido a beber seu uísque, então teve seu trabalho cortado para ele.

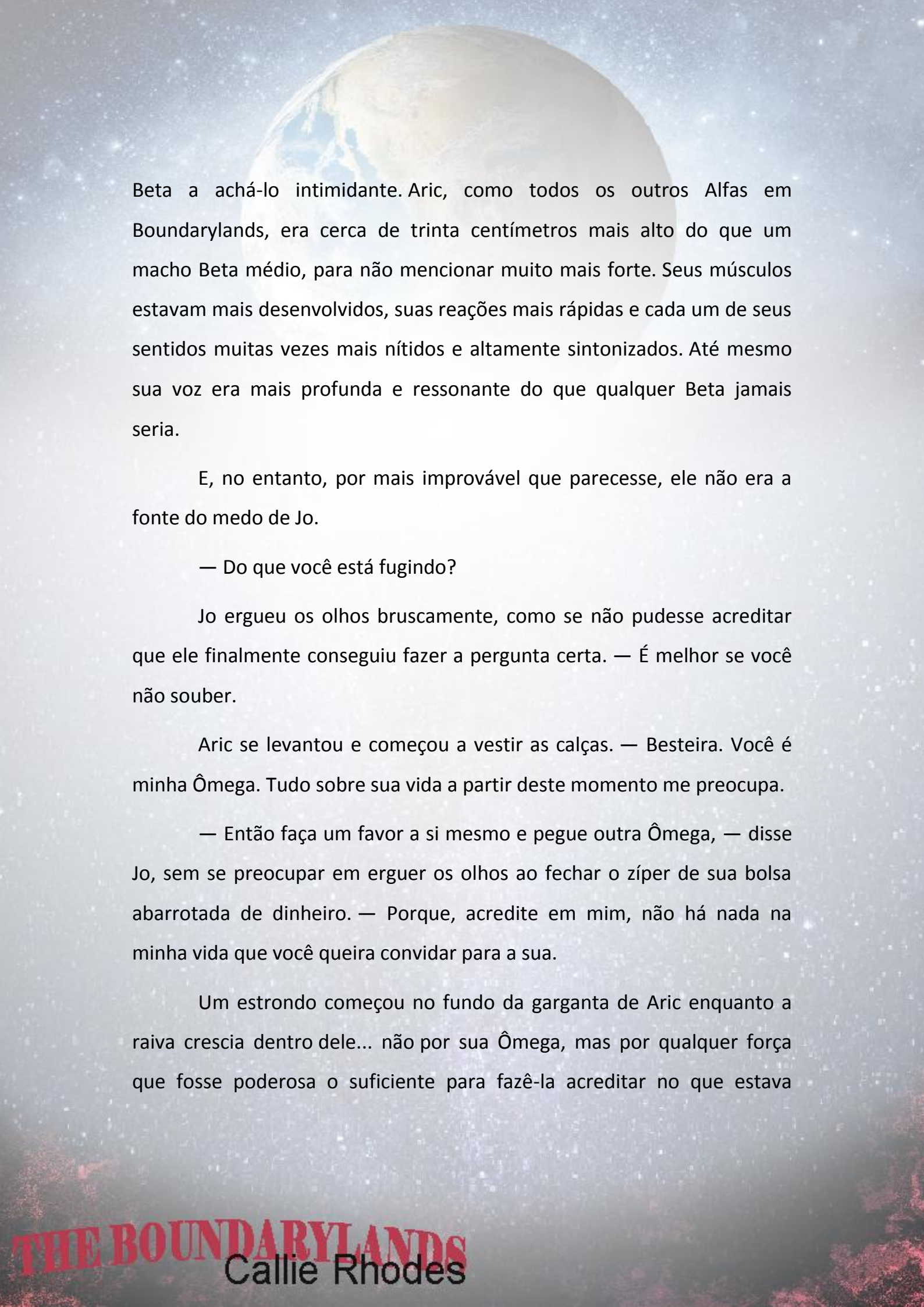
— Eu já disse que você não vai a lugar nenhum, — ele vociferou. — E não quero ouvir esse tipo de merda de novo.

Jo se virou, quase como se não tivesse falado, e pegou o dinheiro e os papéis que haviam caído no chão e começou a enfiá-los de volta na bolsa, sem tirar os olhos da porta.

Esperando.

Aric seguiu seu olhar e percebeu que ela não estava olhando para a porta do quarto, mas para a janela. Ou mais precisamente, o que quer que tenha imaginado estava do outro lado.

Essa era a fonte de seu medo, não ele. Todo esse tempo, Aric presumiu que era ele quem ela temia. Ela dificilmente seria a primeiro



Beta a achá-lo intimidante. Aric, como todos os outros Alfas em Boundarylands, era cerca de trinta centímetros mais alto do que um macho Beta médio, para não mencionar muito mais forte. Seus músculos estavam mais desenvolvidos, suas reações mais rápidas e cada um de seus sentidos muitas vezes mais nítidos e altamente sintonizados. Até mesmo sua voz era mais profunda e ressonante do que qualquer Beta jamais seria.

E, no entanto, por mais improvável que parecesse, ele não era a fonte do medo de Jo.

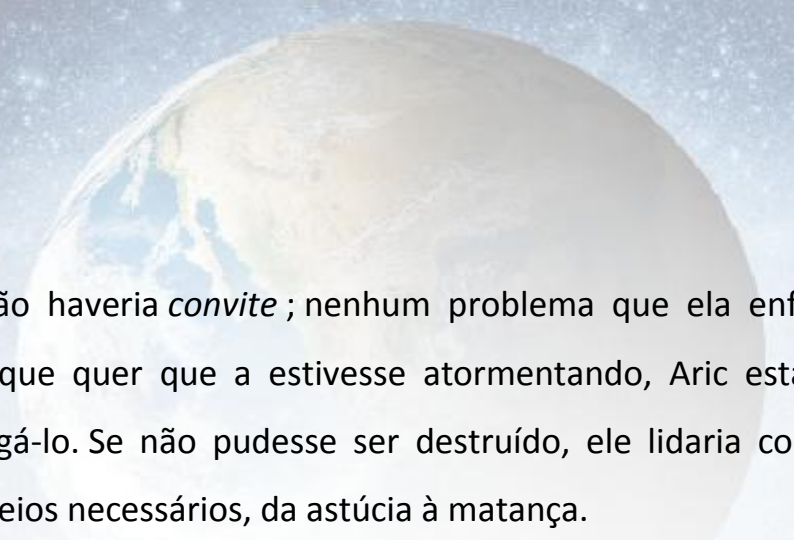
— Do que você está fugindo?

Jo ergueu os olhos bruscamente, como se não pudesse acreditar que ele finalmente conseguiu fazer a pergunta certa. — É melhor se você não souber.

Aric se levantou e começou a vestir as calças. — Besteira. Você é minha Ômega. Tudo sobre sua vida a partir deste momento me preocupa.

— Então faça um favor a si mesmo e pegue outra Ômega, — disse Jo, sem se preocupar em erguer os olhos ao fechar o zíper de sua bolsa abarrotada de dinheiro. — Porque, acredite em mim, não há nada na minha vida que você queira convidar para a sua.

Um estrondo começou no fundo da garganta de Aric enquanto a raiva crescia dentro dele... não por sua Ômega, mas por qualquer força que fosse poderosa o suficiente para fazê-la acreditar no que estava



dizendo. Não haveria *convite* ; nenhum problema que ela enfrentasse o deteria. O que quer que a estivesse atormentando, Aric estava pronto para esmagá-lo. Se não pudesse ser destruído, ele lidaria com isso por todos os meios necessários, da astúcia à matança.

Ele puxou o zíper e avançou para ela, forçando-a a recuar até chegar ao canto, presa.

— Não é assim que funciona. — ele ergueu o queixo dela com os dedos, então deslizou a mão para segurar seu queixo. — Não há nenhuma outra Ômega. Você é isso. Você é minha. Assim como eu sou seu.

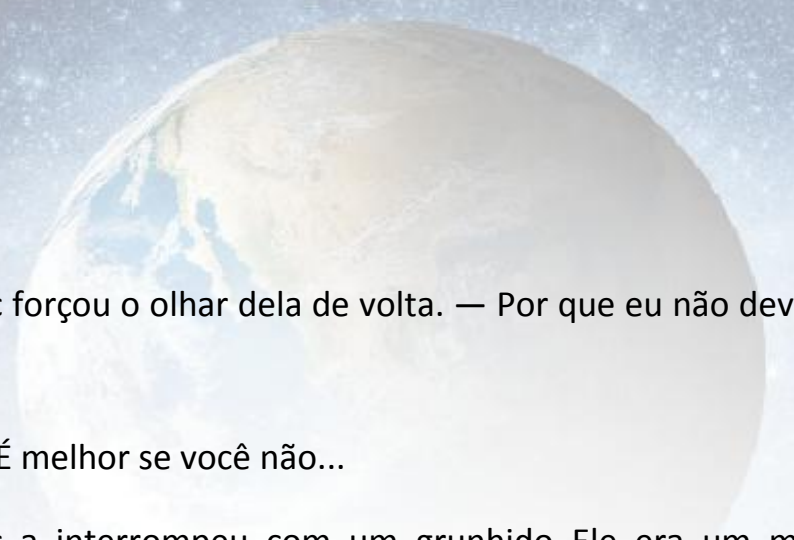
Os olhos de Jo se estreitaram em desconfiança e aversão enquanto tentava se desvencilhar de seu aperto. Mas Aric tinha o número dela agora. Não era ele que inspirava falta de confiança, mas sabia agora que outra pessoa o fazia, e as cicatrizes eram profundas.

— Deixe-me ir, — ela sibilou. — Eu não quero isso.

Isso. Não ele. Havia uma diferença, mesmo que Aric ainda não pudesse separar as camadas.

— Eu sei, — ele disse a ela o mais gentilmente que pôde. — Mas ainda está acontecendo.

— E você não me quer, — ela disse miseravelmente, sua voz falhando. — Confie em mim.



Aric forçou o olhar dela de volta. — Por que eu não deveria querer você?

— É melhor se você não...

Aric a interrompeu com um grunhido. Ele era um maldito *Alfa*, pelo amor de Deus. Topo da cadeia. Não havia nada que não pudesse controlar. — Conte-me.

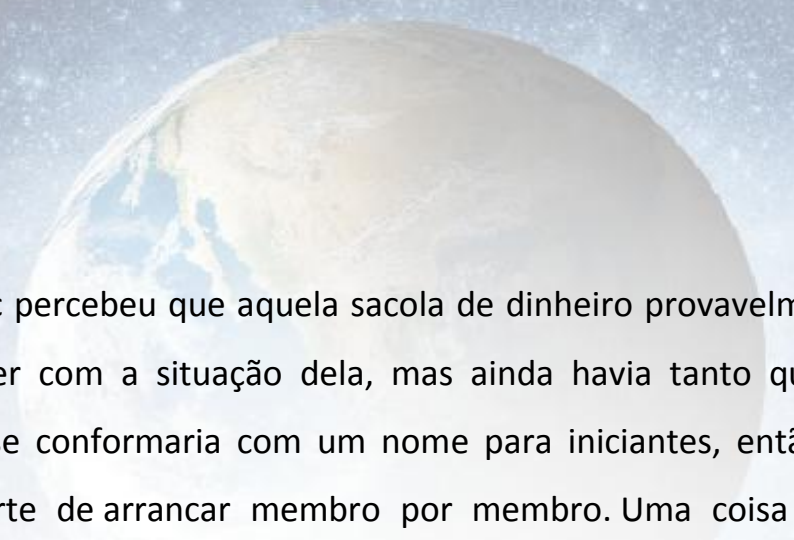
A determinação em seus olhos cintilou e depois desapareceu, e ela respirou fundo, estremecendo. — Meu nome não é Jo, é Jocelyn. Jo é apenas o nome que dei para aquelas prostitutas na noite passada.

— Ok... mas você tem que admitir, não é realmente um grande salto. E 'Jo' se encaixa em você.

— Eu acho, — ela concedeu. — Eu não sou uma grande mentirosa. Não é algo que gosto de fazer.

Isso era óbvio. Mesmo outro Beta saberia que ela estava mentindo. — Se você odeia tanto, como você acabou em Boundarylands fingindo ser uma prostituta com um nome falso em uma noite de sexta-feira?

— Eu não tinha outra escolha. — sua resistência teimosa aumentou, embora tenha desaparecido mais rapidamente do que antes. — Era isso ou acabava morta.



Aric percebeu que aquela sacola de dinheiro provavelmente tinha muito a ver com a situação dela, mas ainda havia tanto que ele não sabia. Ele se conformaria com um nome para iniciantes, então passaria para a parte de arrancar membro por membro. Uma coisa era certa: nenhuma criatura mortal jamais faria mal a sua Ômega novamente. O próprio Aric os arrastaria para o inferno se fosse necessário.

— Quem está tentando matar você?

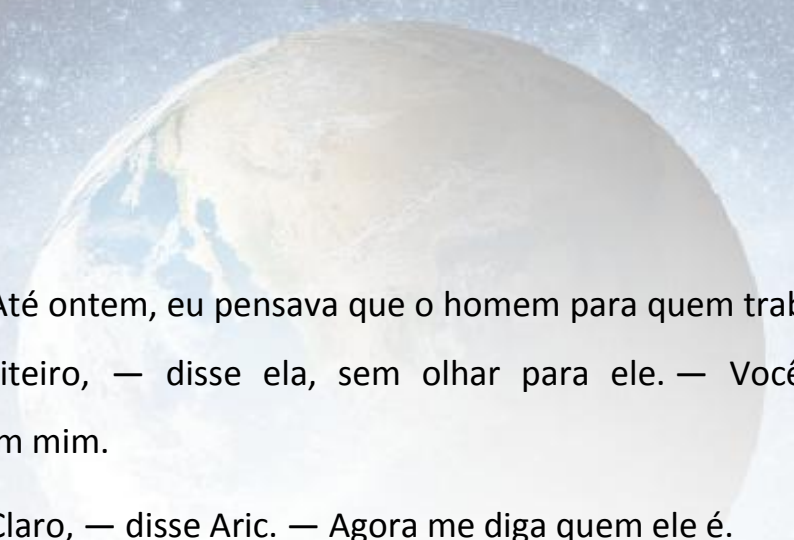
— Meu antigo chefe, — disse Jo pesadamente. — Aquele para quem fui contadora. É o dinheiro dele na sacola. Eu o roubei para ajudar a começar uma nova vida depois de fugir.

Aric estava cético. Nada sobre sua Ômega o levou a acreditar que ela era capaz de roubar. A retidão era a base de seu perfume, desmentindo uma forte bússola moral. — Então, ele quer seu dinheiro. Isso não é um problema. Vejo que ele o receberá de volta. Como eu disse a você, dinheiro não significa muito por aqui.

— Não! — Jo disse rapidamente. — Você não entende. Não se trata de dinheiro.

— Então do que se trata?

Ela se torceu em seus braços, e desta vez, ele a deixou ir, sabendo que sua natureza não permitiria que ela se afastasse muito, mesmo que não tivesse aceitado isso ainda. A vergonha se infiltrou em seu cheiro, sufocando suas outras emoções.



— Até ontem, eu pensava que o homem para quem trabalhava era um empreiteiro, — disse ela, sem olhar para ele. — Você tem que acreditar em mim.

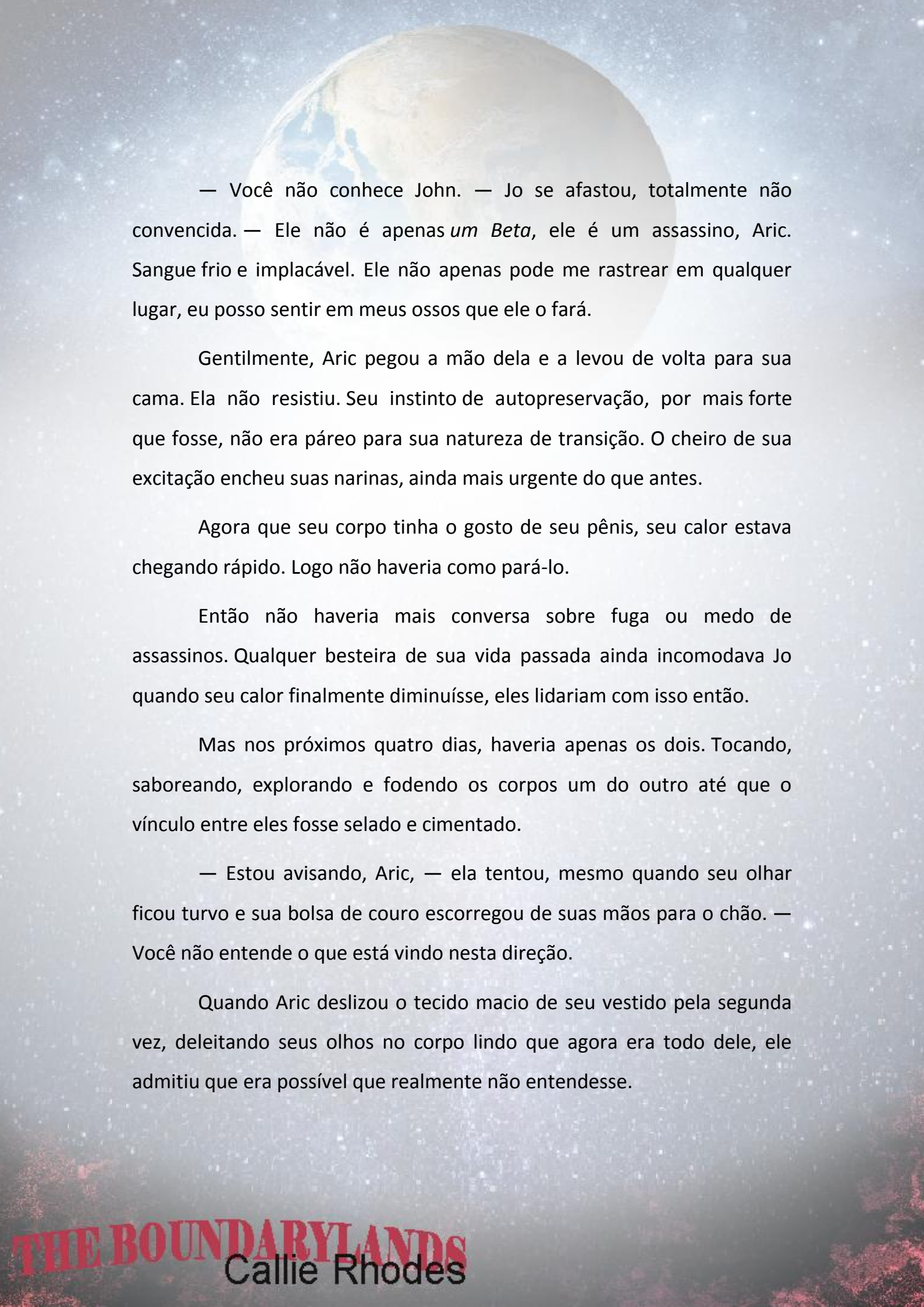
— Claro, — disse Aric. — Agora me diga quem ele é.

Ela mordeu o lábio antes de responder. — Um assassino contratado que é responsável por dezenas de mortes... e essas são apenas as que posso provar. Deus sabe quantas mais aconteceram que ninguém jamais saberá.

— Deixe-me ver se entendi. — Aric tentou manter sua expressão neutra, mas foi um esforço fadado ao fracasso quando a diversão apareceu nos cantos de sua boca. — Você está apavorada porque seu antigo chefe era um assassino profissional?

— Por que você está rindo? — Jo chorou. — Isso não é engraçado. John não é algum vigarista que ameaça partir os polegares das pessoas quando alguém não paga. Ele *assassina* pessoas, pessoas importantes, e os homens que o contratam para fazê-lo são ainda mais importante. Nenhum deles me deixará ir embora, sabendo o que sei.

Aric passou o braço em volta dela e retomou o ronco baixo que ele sabia que iria aliviar sua ansiedade. — E você não entende quem *eu* sou, — ele murmurou contra o pescoço dela. — Eu sou um Alfa... *seu* Alfa. Mesmo que este Beta seja estúpido o suficiente para vir para Boundarylands, ele não ousaria vir para a *minha* terra.



— Você não conhece John. — Jo se afastou, totalmente não convencida. — Ele não é apenas *um Beta*, ele é um assassino, Aric. Sangue frio e implacável. Ele não apenas pode me rastrear em qualquer lugar, eu posso sentir em meus ossos que ele o fará.

Gentilmente, Aric pegou a mão dela e a levou de volta para sua cama. Ela não resistiu. Seu instinto de autopreservação, por mais forte que fosse, não era páreo para sua natureza de transição. O cheiro de sua excitação encheu suas narinas, ainda mais urgente do que antes.

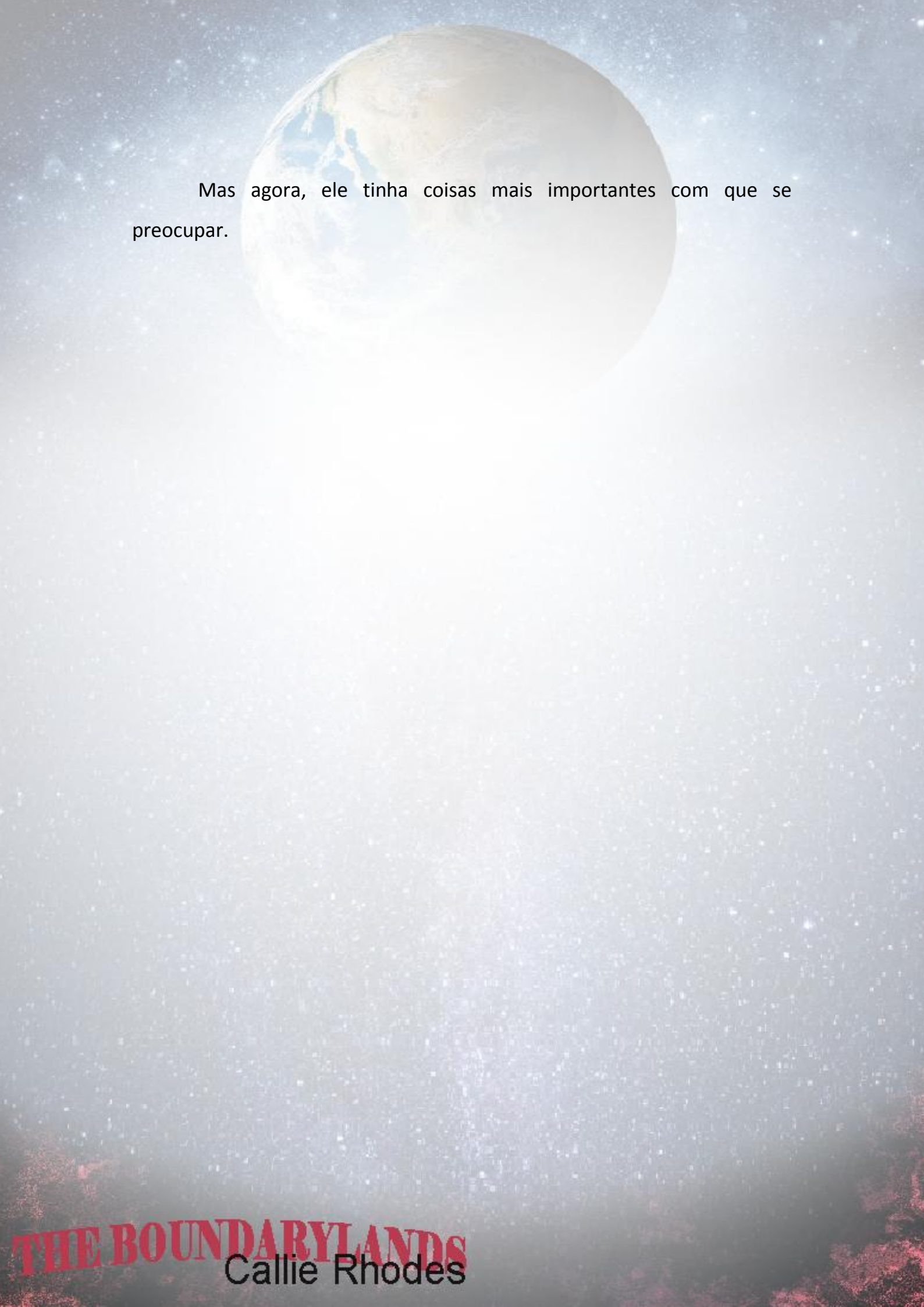
Agora que seu corpo tinha o gosto de seu pênis, seu calor estava chegando rápido. Logo não haveria como pará-lo.

Então não haveria mais conversa sobre fuga ou medo de assassinos. Qualquer besteira de sua vida passada ainda incomodava Jo quando seu calor finalmente diminuísse, eles lidariam com isso então.

Mas nos próximos quatro dias, haveria apenas os dois. Tocando, saboreando, explorando e fodendo os corpos um do outro até que o vínculo entre eles fosse selado e cimentado.

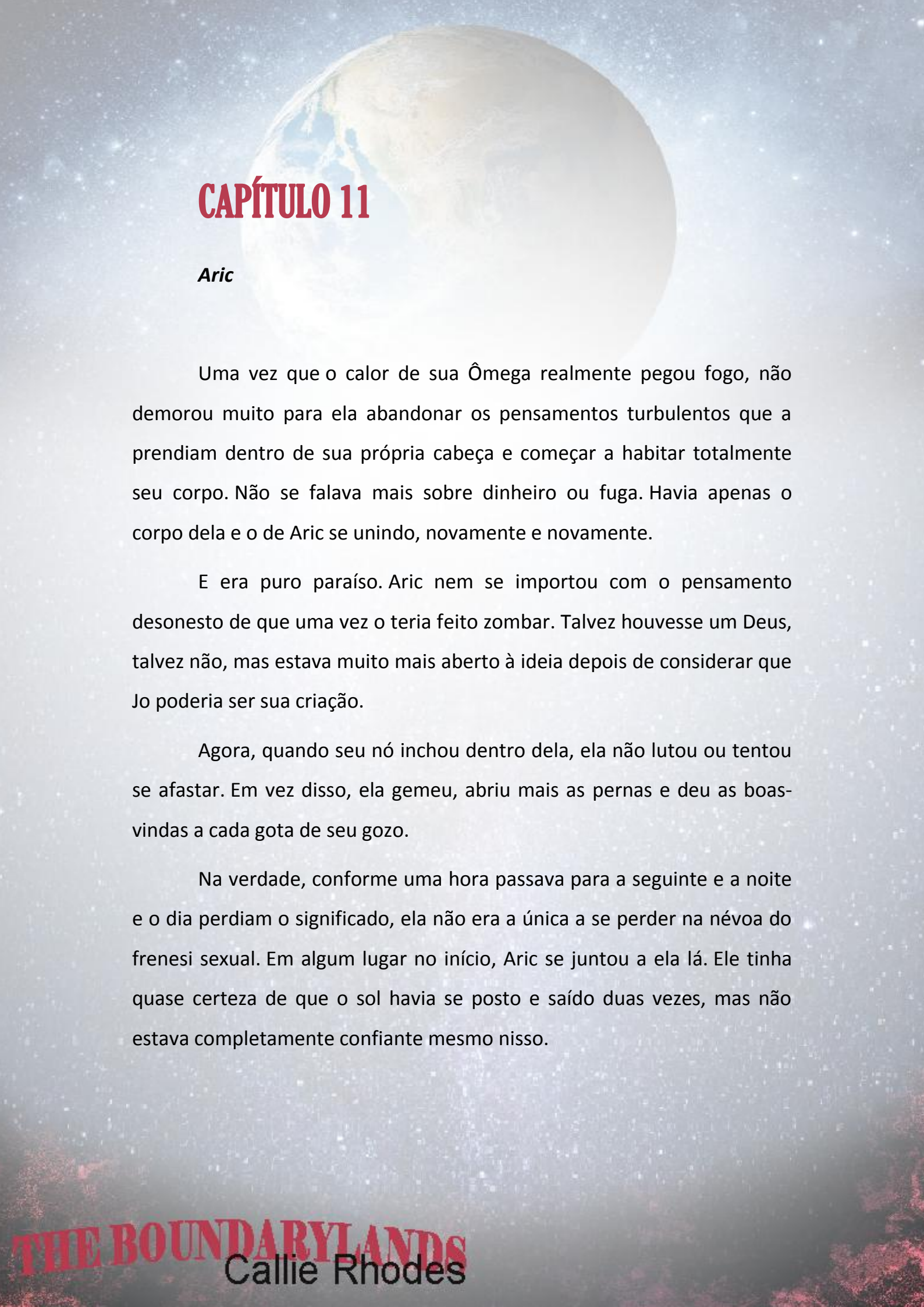
— Estou avisando, Aric, — ela tentou, mesmo quando seu olhar ficou turvo e sua bolsa de couro escorregou de suas mãos para o chão. — Você não entende o que está vindo nesta direção.

Quando Aric deslizou o tecido macio de seu vestido pela segunda vez, deleitando seus olhos no corpo lindo que agora era todo dele, ele admitiu que era possível que realmente não entendesse.



Mas agora, ele tinha coisas mais importantes com que se preocupar.

THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes



CAPÍTULO 11

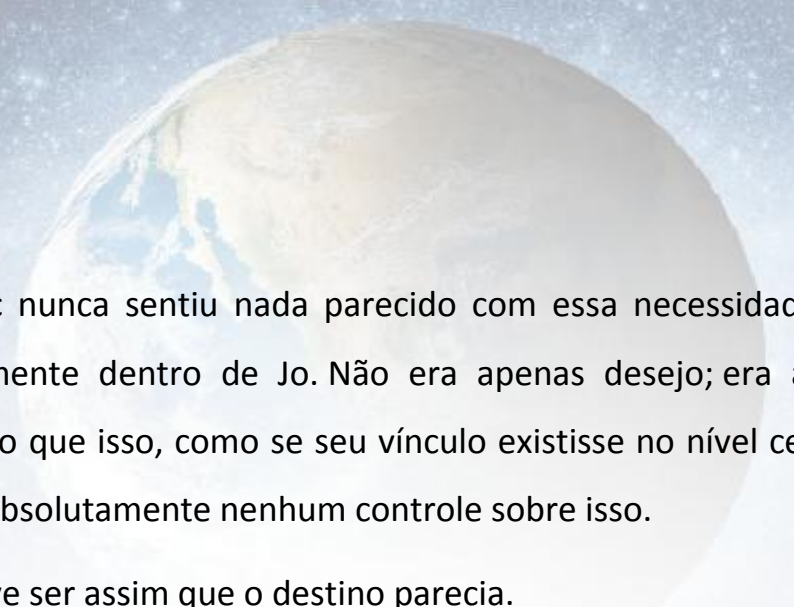
Aric

Uma vez que o calor de sua Ômega realmente pegou fogo, não demorou muito para ela abandonar os pensamentos turbulentos que a prendiam dentro de sua própria cabeça e começar a habitar totalmente seu corpo. Não se falava mais sobre dinheiro ou fuga. Havia apenas o corpo dela e o de Aric se unindo, novamente e novamente.

E era puro paraíso. Aric nem se importou com o pensamento desonesto de que uma vez o teria feito zombar. Talvez houvesse um Deus, talvez não, mas estava muito mais aberto à ideia depois de considerar que Jo poderia ser sua criação.

Agora, quando seu nó inchou dentro dela, ela não lutou ou tentou se afastar. Em vez disso, ela gemeu, abriu mais as pernas e deu as boas-vindas a cada gota de seu gozo.

Na verdade, conforme uma hora passava para a seguinte e a noite e o dia perdiam o significado, ela não era a única a se perder na névoa do frenesi sexual. Em algum lugar no início, Aric se juntou a ela lá. Ele tinha quase certeza de que o sol havia se posto e saído duas vezes, mas não estava completamente confiante mesmo nisso.



Aric nunca sentiu nada parecido com essa necessidade de estar constantemente dentro de Jo. Não era apenas desejo; era ainda mais primitivo do que isso, como se seu vínculo existisse no nível celular. E ele não tinha absolutamente nenhum controle sobre isso.

Deve ser assim que o destino parecia.

Ao contrário de sua Ômega, Aric não teve nenhum problema em ceder o controle de sua natureza. Seus instintos e o corpo que habitava nunca o levaram pelo caminho errado.

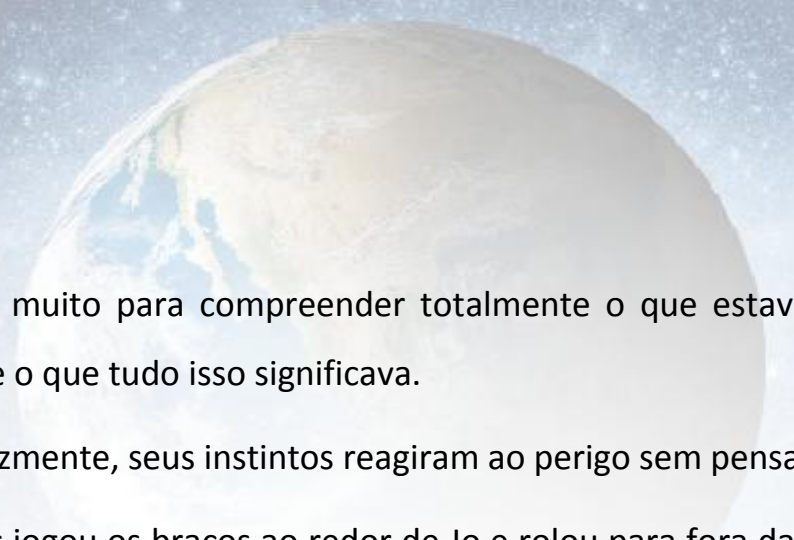
E desta vez eles o trouxeram a um lugar perfeito, um lugar que nunca quis sair. Ele ficaria feliz para sempre entre as pernas de Jo, onde nenhuma criatura viva poderia interrompê-los.

Pelo menos, era nisso que ele acreditava... até que a bala quebrou a janela.

Vidro quebrado choveu no chão de seu quarto quando a bala se alojou profundamente na parede de sequoia, errando a cabeça de Aric por centímetros.

O quê...

Aric lutou para mudar seu cérebro para o modo de ameaça, saindo rápido do estupor nebuloso e cheio de luxúria como um mergulhador emergindo das profundezas. Sua percepção estava lenta... infinitesimalmente, talvez, mas o suficiente para que sua mente



demorasse muito para compreender totalmente o que estava vendo, o que ouvia e o que tudo isso significava.

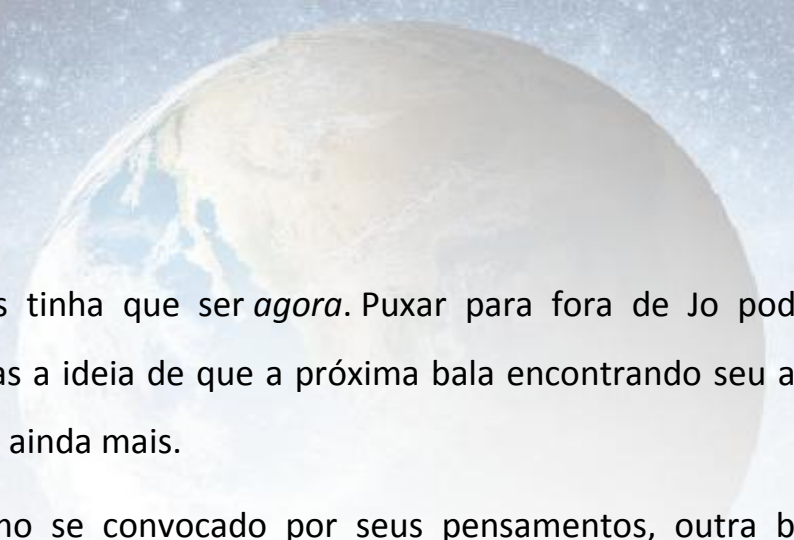
Felizmente, seus instintos reagiram ao perigo sem pensar.

Aric jogou os braços ao redor de Jo e rolou para fora da cama para o chão, protegendo-a com seu corpo. Sua Ômega não reagiu, profunda em seu calor, sua mente em outro lugar, incapaz de sentir qualquer coisa que não fosse seu Alfa. Mesmo quando Aric cobriu seu corpo com o seu, ela ainda se contorcia contra ele, montando em seu pênis por tudo que valia a pena.

Isso não poderia estar acontecendo... não agora.

Aric sabia que precisava ser o único a se afastar dela... do cheiro inebriante de sua umidade, do calor celestial de sua vagina, do doce emaranhado de boas-vindas de seus braços... mas era quase impossível. Ele também estava à mercê do foco de sua natureza em acasalar-se com ela, no cio profundo e duro para não deixar dúvidas de quem ela pertencia. Até o pensamento de se separar dela enviou choques lancinantes de dor por cada nervo.

Aric deu um rugido... meio de raiva contra quem ousou vir atrás dele e de sua Ômega, e meio de frustração com a interrupção desse ato sagrado.



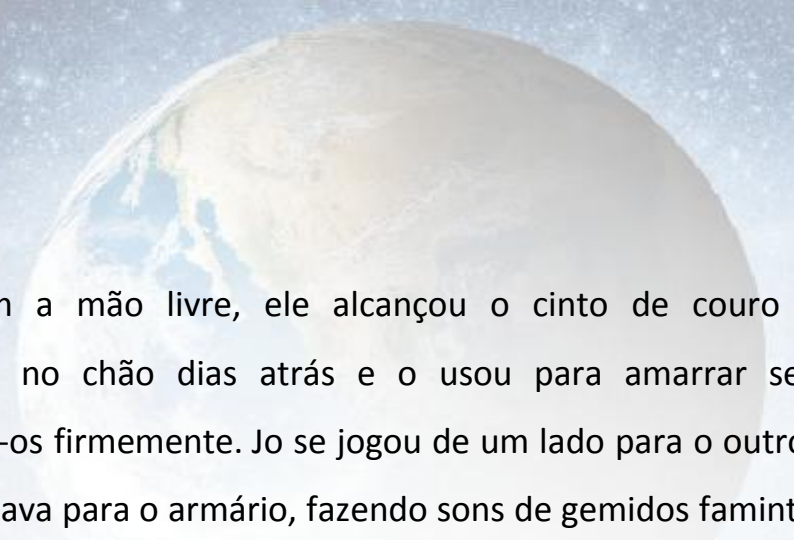
Mas tinha que ser *agora*. Puxar para fora de Jo pode ser uma tortura, mas a ideia de que a próxima bala encontrando seu alvo em sua carne doeu ainda mais.

Como se convocado por seus pensamentos, outra bala passou zunindo acima deles, cravando-se na parede ao lado da primeira.

O choque era exatamente o que Aric precisava para se forçar e voltar ao momento presente, para lidar com quem estava tentando matá-los. Ele se retirou de Jo com um grunhido de frustração e raiva que foi eclipsado por seus próprios uivos de necessidade. Ele não teve escolha a não ser segurá-la pelos pulsos para impedi-la de voltar para cima dele. Mesmo assim, ela torceu o corpo, os ombros e quadris saindo do chão de madeira duro em seus esforços desesperados para alcançá-lo.

Foi preciso cada grama de contenção que Aric possuía para rejeitar a chamada de seu calor, seus dentes cerrados com força suficiente para partir a madeira, os tendões de seu pescoço se destacando como barras de aço. Mas isso não era nada perto da dor em seu pênis, como se estivesse sendo esticado em uma prateleira e incendiado de uma vez.

Ele sabia que não podia simplesmente jogar Jo na cama e correr porta afora... ela estava muito selvagem com a necessidade, um perigo para si mesma. Seu calor a cegou para o perigo, para qualquer coisa diferente de ser preenchida com seu pênis. Se ele não a protegesse de alguma forma, ela seria morta por segui-lo.



Com a mão livre, ele alcançou o cinto de couro que havia descartado no chão dias atrás e o usou para amarrar seus pulsos, prendendo-os firmemente. Jo se jogou de um lado para o outro enquanto ele a arrastava para o armário, fazendo sons de gemidos famintos, mesmo enquanto ele estava prendendo a outra extremidade do cinto na haste do armário.

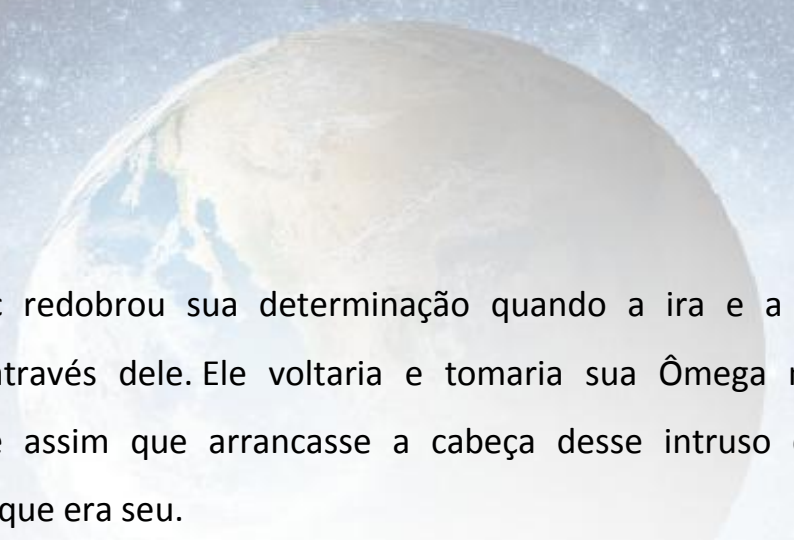
Aric congelou brevemente enquanto se virava para ir embora, boquiaberto ao ver as mãos dela amarradas acima da cabeça, levantando seus seios pesados com seus mamilos rosados e tensos doendo por sua boca. Seus pés arranharam enquanto ela continuava transando no ar, procurando por sensações enquanto a camada escorregadia se acumulava sob ela no chão.

Porra, ela parecia quente assim.

Quando a dor rasgou seu pênis, Aric bateu a porta do armário para não ficar tentado. Atrás da pesada laje de madeira, Jo soltou um grito de desejo e frustração que parecia uma navalha cortando seu coração.

— Desculpe, — ele murmurou, descansando a testa contra a madeira dura brevemente, embora soubesse que ela não podia ouvi-lo.

Nesse estado, não havia como comunicar a ela que era para sua própria segurança. Tudo o que ela sabia era que a única coisa de que precisava a tinha trancado.



Aric redobrou sua determinação quando a ira e a adrenalina surgiram através dele. Ele voltaria e tomaria sua Ômega nos braços novamente assim que arrancasse a cabeça desse intruso que ousou ameaçar o que era seu.

Sem se preocupar com as roupas, Aric foi até a porta e escancarou-a. Plantando os pés e erguendo os punhos bem alto, ele rugiu. O som fez os pássaros subirem das árvores em uma nuvem de asas negras e ecoou nas faces de granito das colinas distantes.

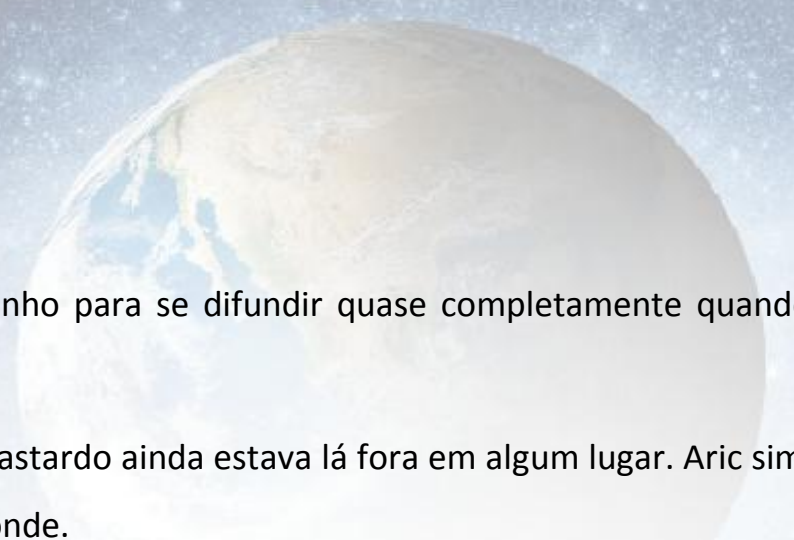
Aric esperou por um tiro em resposta. Mas nenhum veio.

Ele inclinou a cabeça para trás e respirou fundo, mas não sentiu nada de errado no ar.

Não... isso não era totalmente verdade.

Seus sentidos ainda comprometidos por incontáveis horas de prazer, Aric quase perdeu o mais leve indício de uma nota química no vento... um bloqueador de cheiros. Ele encontrou um pela primeira vez alguns meses atrás, enquanto ajudava um irmão Alfa a tirar alguns Betas de sua terra, e gravou o cheiro na memória.

O problema era que o cheiro químico era tão fraco que Aric não conseguia identificar de onde vinha. Sua assinatura química era evasiva o suficiente para que, se não tivesse experimentado uma vez antes, nunca teria notado. Tudo o que sabia com certeza era que tinha de vir de um



longo caminho para se difundir quase completamente quando chegasse ao nariz.

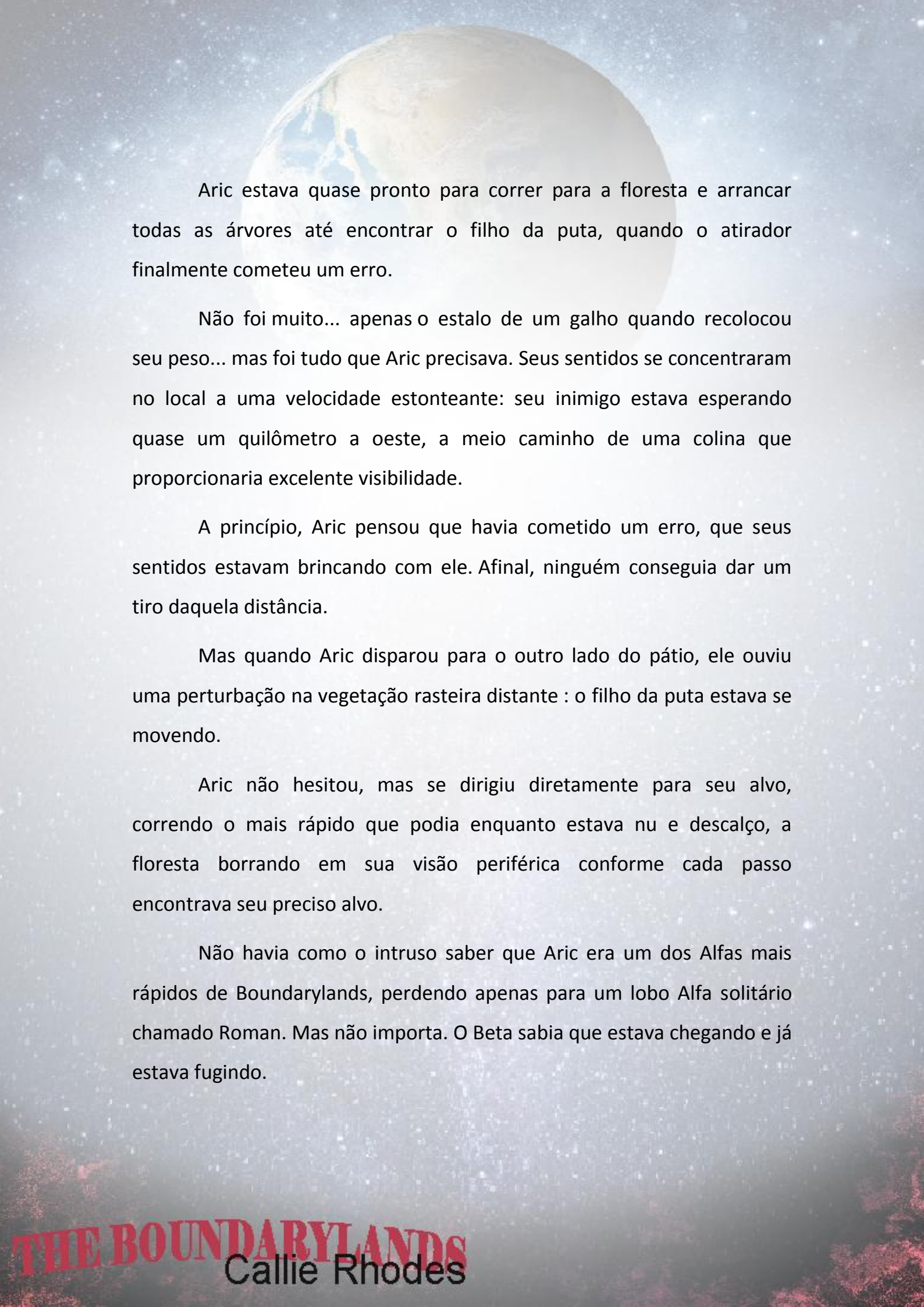
O bastardo ainda estava lá fora em algum lugar. Aric simplesmente não sabia onde.

Ele ficou muito quieto, ouvindo qualquer sinal do atirador... um galho quebrado, um farfalhar de folhas. Nenhum humano poderia permanecer completamente quieto por muito tempo, e os Betas nunca poderiam se igualar a um Alfa furtivo.

Ainda assim, a impaciência eventualmente fez Aric andar de um lado para outro em sua varanda como um animal enjaulado, preparado e pronto, mas sem nada para atacar.

Conforme os momentos passavam, o cheiro do bloqueador químico permaneceu constante, nem diminuindo nem crescendo. Então, o Beta estava esperando, aparentemente acreditando que poderia durar mais que ele.

E o bastardo poderia estar certo. Quanto mais tempo o impasse continuava, mais poderosa era a raiva dentro de Aric. Chegou ao ponto que seu corpo gritou pela liberação da batalha. Ele precisava se mover, precisava golpear, precisava atacar, despedaçar seu inimigo e lavar a terra com seu sangue.



Aric estava quase pronto para correr para a floresta e arrancar todas as árvores até encontrar o filho da puta, quando o atirador finalmente cometeu um erro.

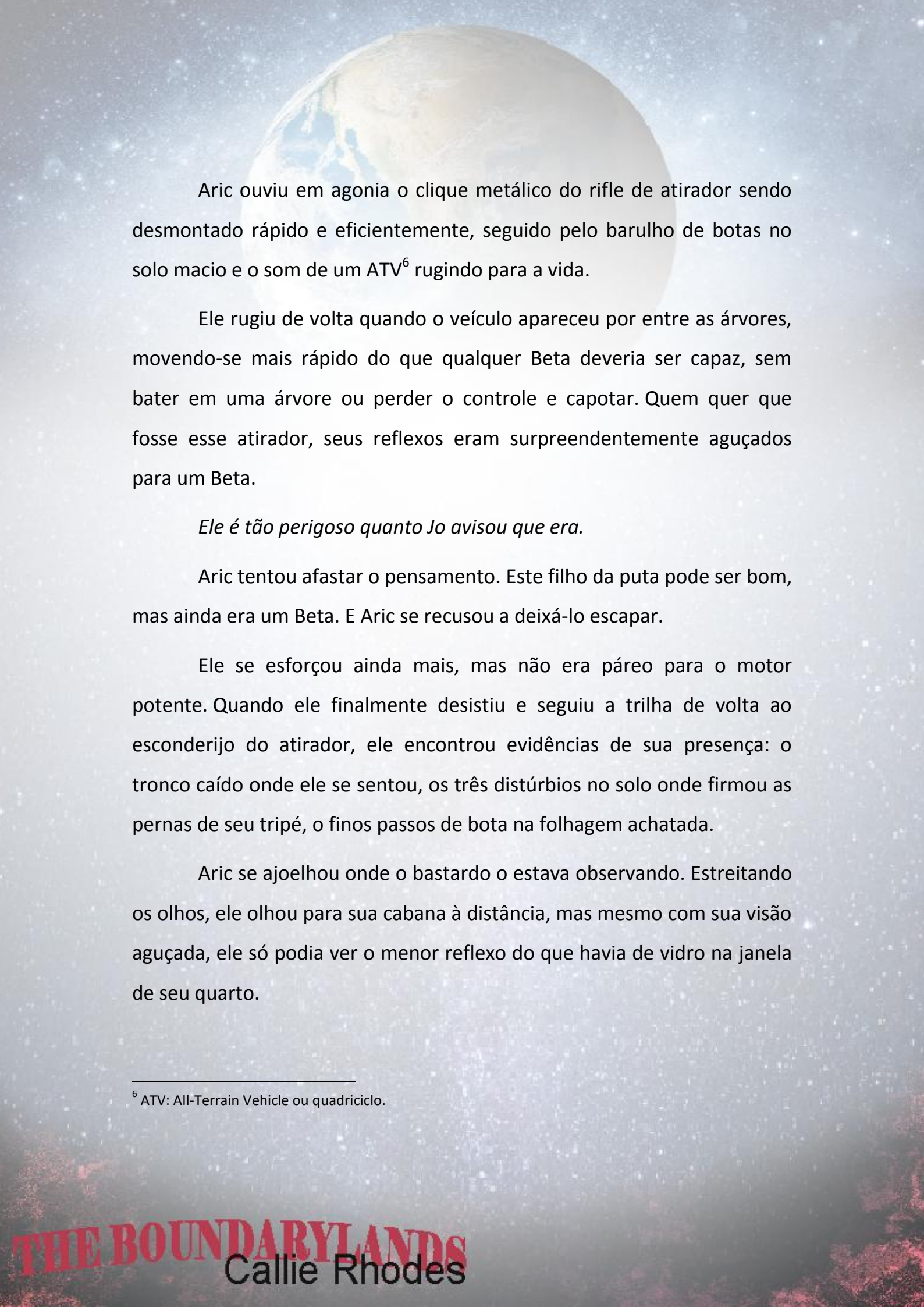
Não foi muito... apenas o estalo de um galho quando recolocou seu peso... mas foi tudo que Aric precisava. Seus sentidos se concentraram no local a uma velocidade estonteante: seu inimigo estava esperando quase um quilômetro a oeste, a meio caminho de uma colina que proporcionaria excelente visibilidade.

A princípio, Aric pensou que havia cometido um erro, que seus sentidos estavam brincando com ele. Afinal, ninguém conseguia dar um tiro daquela distância.

Mas quando Aric disparou para o outro lado do pátio, ele ouviu uma perturbação na vegetação rasteira distante : o filho da puta estava se movendo.

Aric não hesitou, mas se dirigiu diretamente para seu alvo, correndo o mais rápido que podia enquanto estava nu e descalço, a floresta borrando em sua visão periférica conforme cada passo encontrava seu preciso alvo.

Não havia como o intruso saber que Aric era um dos Alfas mais rápidos de Boundarylands, perdendo apenas para um lobo Alfa solitário chamado Roman. Mas não importa. O Beta sabia que estava chegando e já estava fugindo.



Aric ouviu em agonia o clique metálico do rifle de atirador sendo desmontado rápido e eficientemente, seguido pelo barulho de botas no solo macio e o som de um ATV⁶ rugindo para a vida.

Ele rugiu de volta quando o veículo apareceu por entre as árvores, movendo-se mais rápido do que qualquer Beta deveria ser capaz, sem bater em uma árvore ou perder o controle e capotar. Quem quer que fosse esse atirador, seus reflexos eram surpreendentemente aguçados para um Beta.

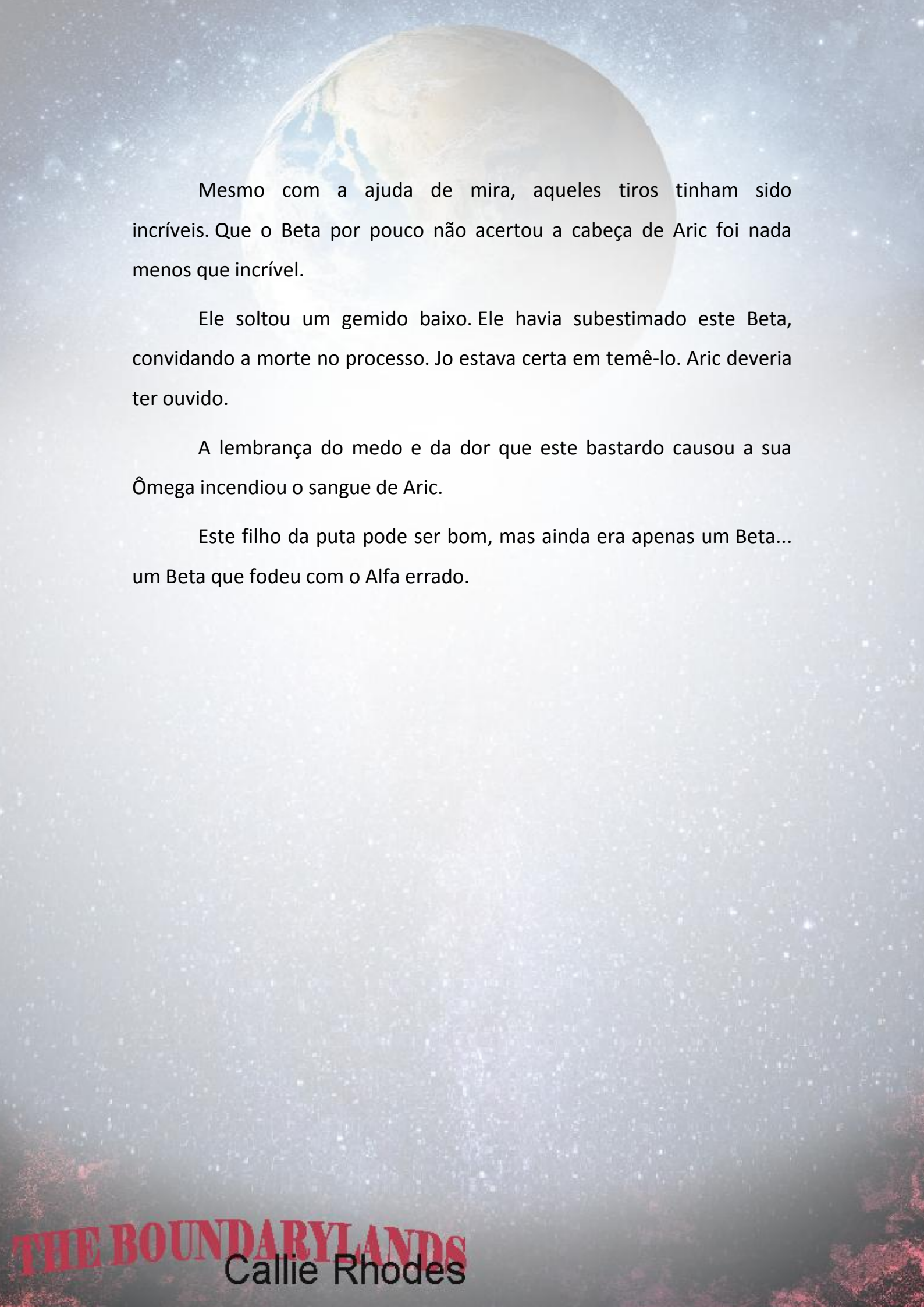
Ele é tão perigoso quanto Jo avisou que era.

Aric tentou afastar o pensamento. Este filho da puta pode ser bom, mas ainda era um Beta. E Aric se recusou a deixá-lo escapar.

Ele se esforçou ainda mais, mas não era páreo para o motor potente. Quando ele finalmente desistiu e seguiu a trilha de volta ao esconderijo do atirador, ele encontrou evidências de sua presença: o tronco caído onde ele se sentou, os três distúrbios no solo onde firmou as pernas de seu tripé, o finos passos de bota na folhagem achatada.

Aric se ajoelhou onde o bastardo o estava observando. Estreitando os olhos, ele olhou para sua cabana à distância, mas mesmo com sua visão aguçada, ele só podia ver o menor reflexo do que havia de vidro na janela de seu quarto.

⁶ ATV: All-Terrain Vehicle ou quadriciclo.

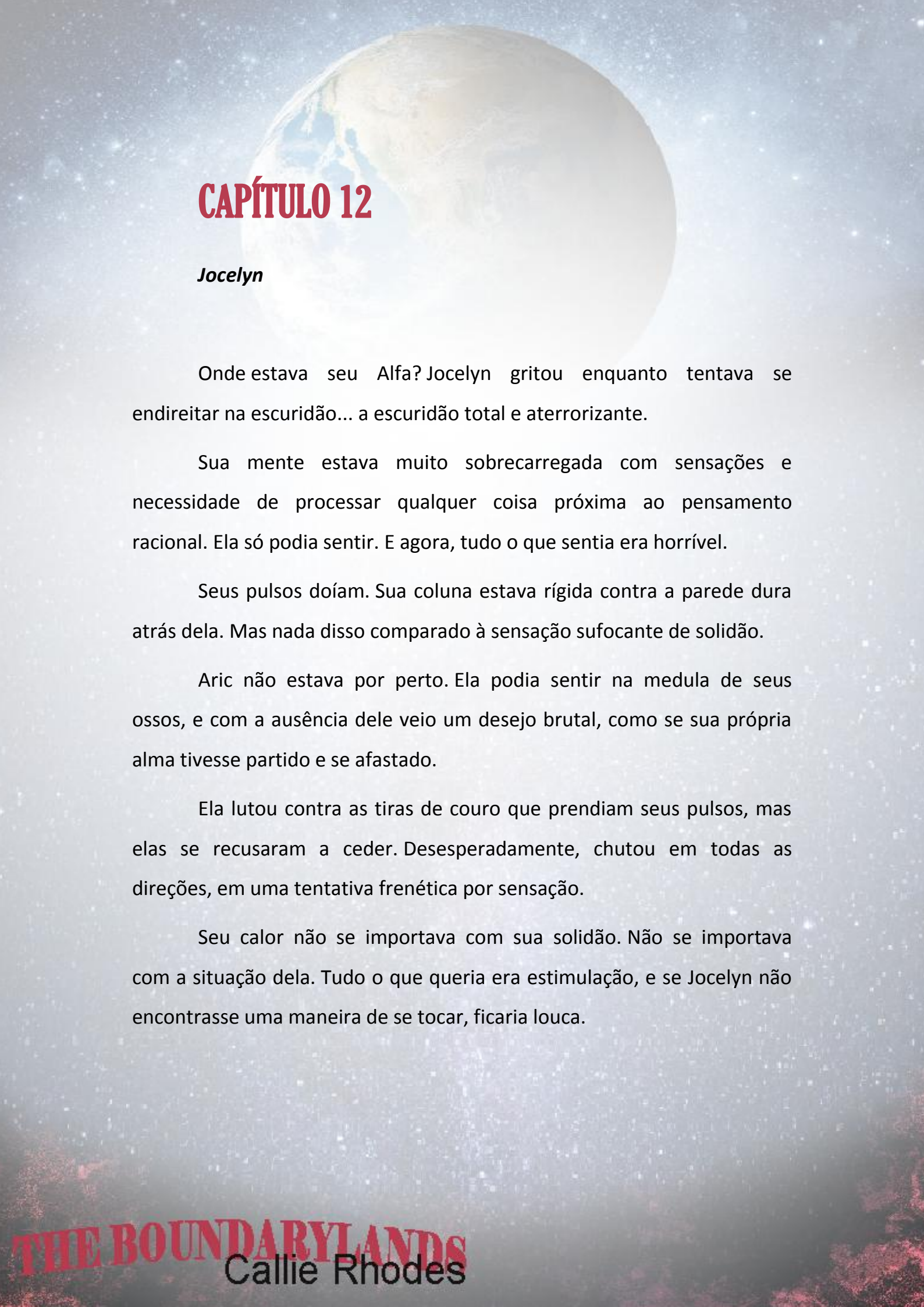


Mesmo com a ajuda de mira, aqueles tiros tinham sido incríveis. Que o Beta por pouco não acertou a cabeça de Aric foi nada menos que incrível.

Ele soltou um gemido baixo. Ele havia subestimado este Beta, convidando a morte no processo. Jo estava certa em temê-lo. Aric deveria ter ouvido.

A lembrança do medo e da dor que este bastardo causou a sua Ômega incendiou o sangue de Aric.

Este filho da puta pode ser bom, mas ainda era apenas um Beta... um Beta que fodeu com o Alfa errado.



CAPÍTULO 12

Jocelyn

Onde estava seu Alfa? Jocelyn gritou enquanto tentava se endireitar na escuridão... a escuridão total e aterrorizante.

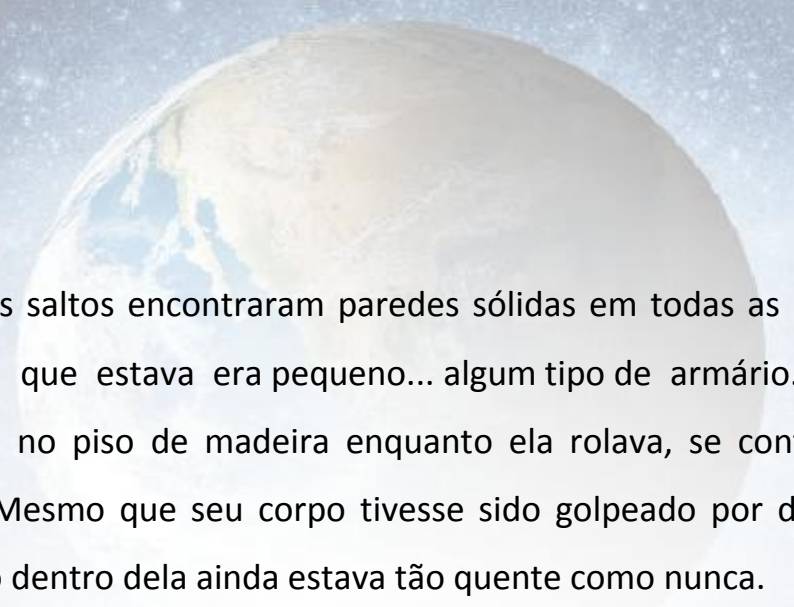
Sua mente estava muito sobrecarregada com sensações e necessidade de processar qualquer coisa próxima ao pensamento racional. Ela só podia sentir. E agora, tudo o que sentia era horrível.

Seus pulsos doíam. Sua coluna estava rígida contra a parede dura atrás dela. Mas nada disso comparado à sensação sufocante de solidão.

Aric não estava por perto. Ela podia sentir na medula de seus ossos, e com a ausência dele veio um desejo brutal, como se sua própria alma tivesse partido e se afastado.

Ela lutou contra as tiras de couro que prendiam seus pulsos, mas elas se recusaram a ceder. Desesperadamente, chutou em todas as direções, em uma tentativa frenética por sensação.

Seu calor não se importava com sua solidão. Não se importava com a situação dela. Tudo o que queria era estimulação, e se Jocelyn não encontrasse uma maneira de se tocar, ficaria louca.



Seus saltos encontraram paredes sólidas em todas as direções. O espaço em que estava era pequeno... algum tipo de armário... mas não havia nada no piso de madeira enquanto ela rolava, se contorcia e se contorcia. Mesmo que seu corpo tivesse sido golpeado por dias, o fogo queimando dentro dela ainda estava tão quente como nunca.

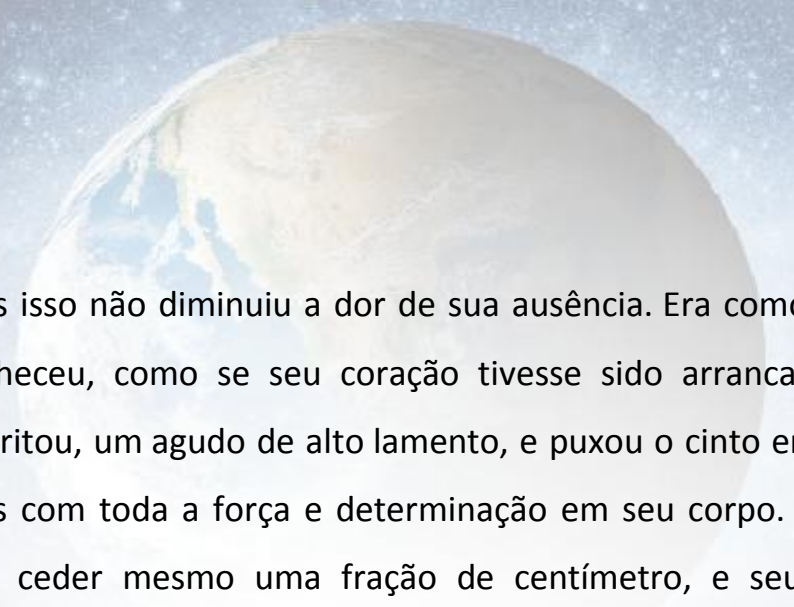
Desde que seu cio começou, ela estava completamente focada no fluxo constante de prazer que Aric proporcionava. Ele tinha sido sua única ligação com o mundo real.

E agora que ele se foi, Jocelyn não tinha ideia do que faria. Ela esfregou as pernas, tentando criar atrito suficiente entre elas para gozar, mas só conseguiu aumentar sua frustração.

Só uma coisa poderia acalmá-la neste estado, e ele se foi. *Ele se foi.*

Oh Deus, o que aconteceu? A imagem de John... borrada e mudando em seu estado mental atual... surgiu em seus pensamentos nebulosos pela primeira vez em dias, trazendo consigo uma onda de terror puro. Mas com a mesma rapidez se dissolveu, deixando para trás apenas uma dor aguda por seu companheiro.

Aric não se machucou. De alguma forma, Jocelyn tinha certeza de que saberia se algum mal tivesse acontecido a ele. Quem quer que a tenha amarrado aqui, seja o que for que tenham feito, não tiveram o melhor com Aric... não ainda, pelo menos.

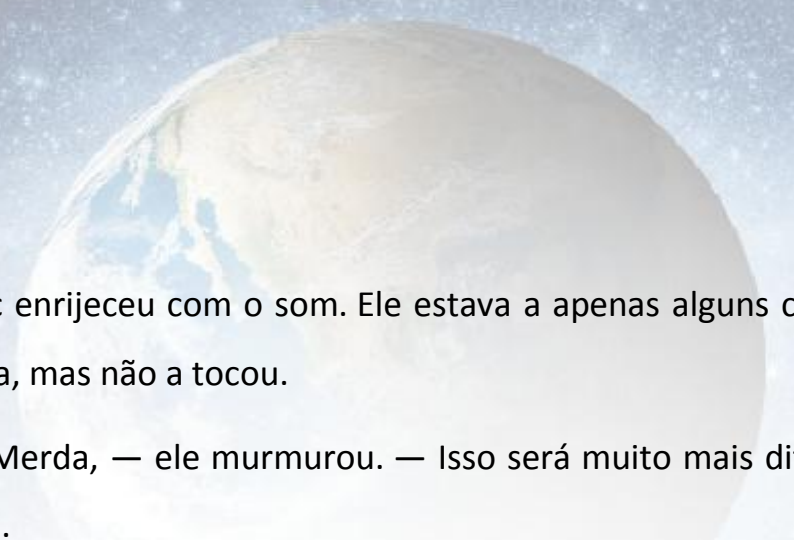


Mas isso não diminuiu a dor de sua ausência. Era como nada que ela já conheceu, como se seu coração tivesse sido arrancado de seu peito. Ela gritou, um agudo de alto lamento, e puxou o cinto em torno de seus pulsos com toda a força e determinação em seu corpo. Mas ele se recusara a ceder mesmo uma fração de centímetro, e seus esforços produziram nada além de uma nova dor.

Há quanto tempo estava presa aqui no escuro? Conforme os momentos passavam em uma agonia de frustração sexual e desejo não resolvido, Jocelyn havia perdido a noção do tempo. Eventualmente, ela desistiu de lutar para se libertar, mas ainda assim seu corpo se contraiu e se sacudiu em seu anseio sem fim, enquanto sua mente deslizava de volta para a névoa.

Então, começando como um mero ponto de brilho na névoa cinzenta, a presença de Aric voltou, uma sensação de que ele estava em algum lugar próximo. Ficando cada vez mais forte, e no momento em que Jocelyn ouviu passos pesados fora da porta, ela estava de joelhos e se esforçando na direção dele.

A porta se abriu e ele apareceu, iluminado por trás da luz do sol forte que a fez piscar furiosamente até que seus olhos se ajustassem. Do lado de fora da porta estava Aric... ela estava trancada em seu armário. Jocelyn não podia falar... essa habilidade havia desaparecido quando seu calor começou a sério... mas sua proximidade desencadeou alegria e alívio, e um grito de desejo animal puro escapou dela.



Aric enrijeceu com o som. Ele estava a apenas alguns centímetros de distância, mas não a tocou.

— Merda, — ele murmurou. — Isso será muito mais difícil do que eu pensava.

Ele cerrou os dentes antes de afrouxar as amarras e levantá-la do chão. Jocelyn experimentou o alívio cegante de seu toque por apenas alguns segundos antes que ele a depositasse em sua cama.

Ela arqueou as costas e choramingou, mas Aric não se juntou a ela. Em vez disso, ele rapidamente prendeu os pulsos dela na cabeceira da cama. Em seguida, usou um segundo cinto para prender os tornozelos dela ao estribo.

Jocelyn o observou sem compreender ou mesmo considerar o que ele estava fazendo. Não ocorreu a ela questionar por que ele a estava aprisionando novamente. Isso não fez diferença para ela.

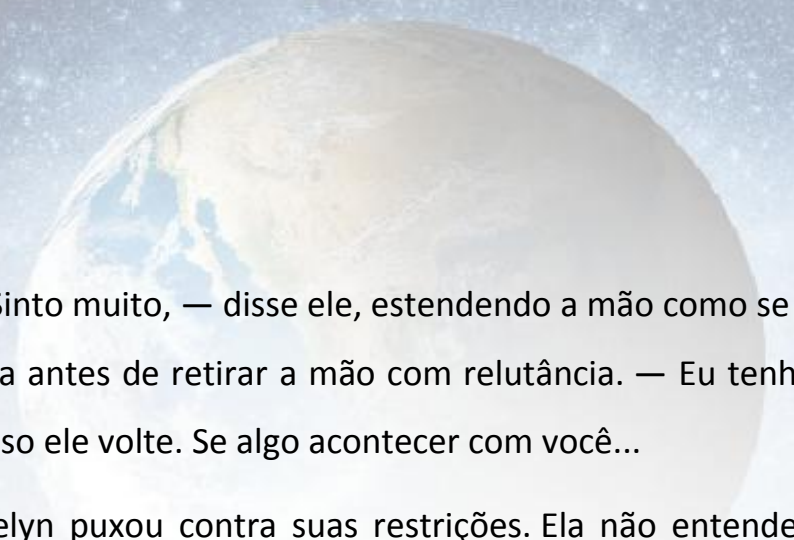
Tudo o que importava era que ele estava com ela novamente. Seu Aric.

Seu Alpha.

Tudo o que faltava fazer agora era voltar a foder, tomando seu gozo, submetendo-se ao seu nó.

Mas isso não aconteceu.

Aric se afastou da cama assim que terminou de amarrá-la.



— Sinto muito, — disse ele, estendendo a mão como se fosse tocar o rosto dela antes de retirar a mão com relutância. — Eu tenho que ficar vigilante caso ele volte. Se algo acontecer com você...

Jocelyn puxou contra suas restrições. Ela não entendeu. Não são suas palavras. Não suas ações. Nada além do fato de que ele não a estava tocando.

Ela gritou por ele enquanto ele lentamente se afastava, seu rosto traindo uma colisão de emoções poderosas. Ela se debateu e gemeu, tentando chamá-lo de volta para onde ela precisava dele... onde ele *pertencia*... mas ele a ignorou quando começou a cobrir as janelas, bloqueando a luz. Então se vestiu rapidamente no escuro e saiu sem dizer outra palavra, fechando a porta com firmeza atrás de si.

O estômago de Jocelyn se revirou ao perceber que Aric a havia deixado. Ele não tinha voltado para ficar com ela depois de tudo. A luz brilhante de sua presença desapareceu na distância, arrastando os fios irregulares de sua conexão atrás dela.

E tudo dentro dela se desfez.



Aric

Quase o matou, mas Aric se afastou.

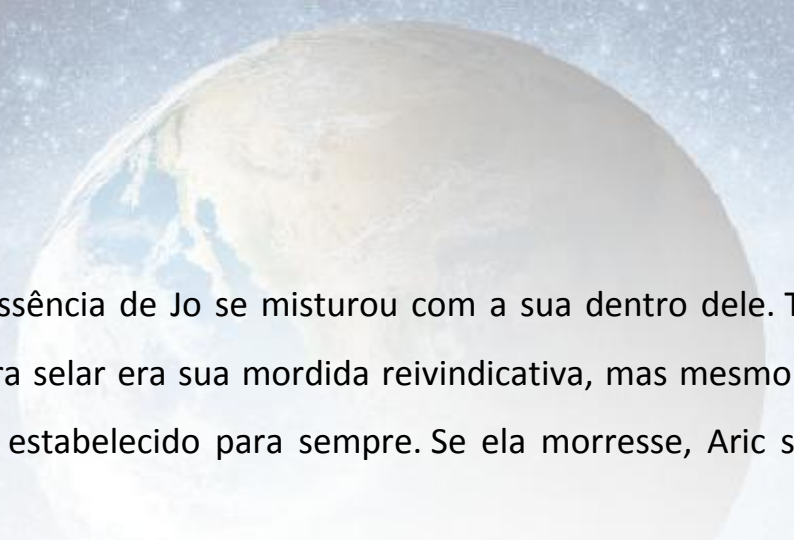
Sua única sensação de passagem do tempo era o movimento da lua no céu noturno, visto pela janela panorâmica de sua sala de estar. Às vezes ele pensava que não conseguiria aguentar mais um segundo, que voltaria correndo pela porta de seu quarto para a Ômega que não tinha parado de gritar por ele, mas então ele pensava no perigo em que ela estava e de alguma forma descobriu a força para endurecer sua determinação.

O amanhecer chegou e o sol nasceu. A casa esquentou; o canto dos pássaros entrava pelas janelas. Aric não sentia fome, cansaço ou sede... apenas a ferida crua da separação, a dor de ignorar os apelos da Ômega para a parte mais profunda de sua natureza Alfa.

O sol se pôs novamente, mas ele ainda não vacilou. De alguma forma, Aric suportou dois dias intermináveis e duas noites excruciantes e insones de sua vigília.

Não havia outra maneira. Se cedesse aos apelos da Ômega, ao seu próprio anseio, e o atirador voltasse para sua terra enquanto ele estava bem dentro dela, alheio a todo o resto...

Bem, ele nunca se recuperaria. E isso não era exagero.



A essência de Jo se misturou com a sua dentro dele. Tudo o que restava para selar era sua mordida reivindicativa, mas mesmo sem ela, o vínculo foi estabelecido para sempre. Se ela morresse, Aric sabia que a seguiria.

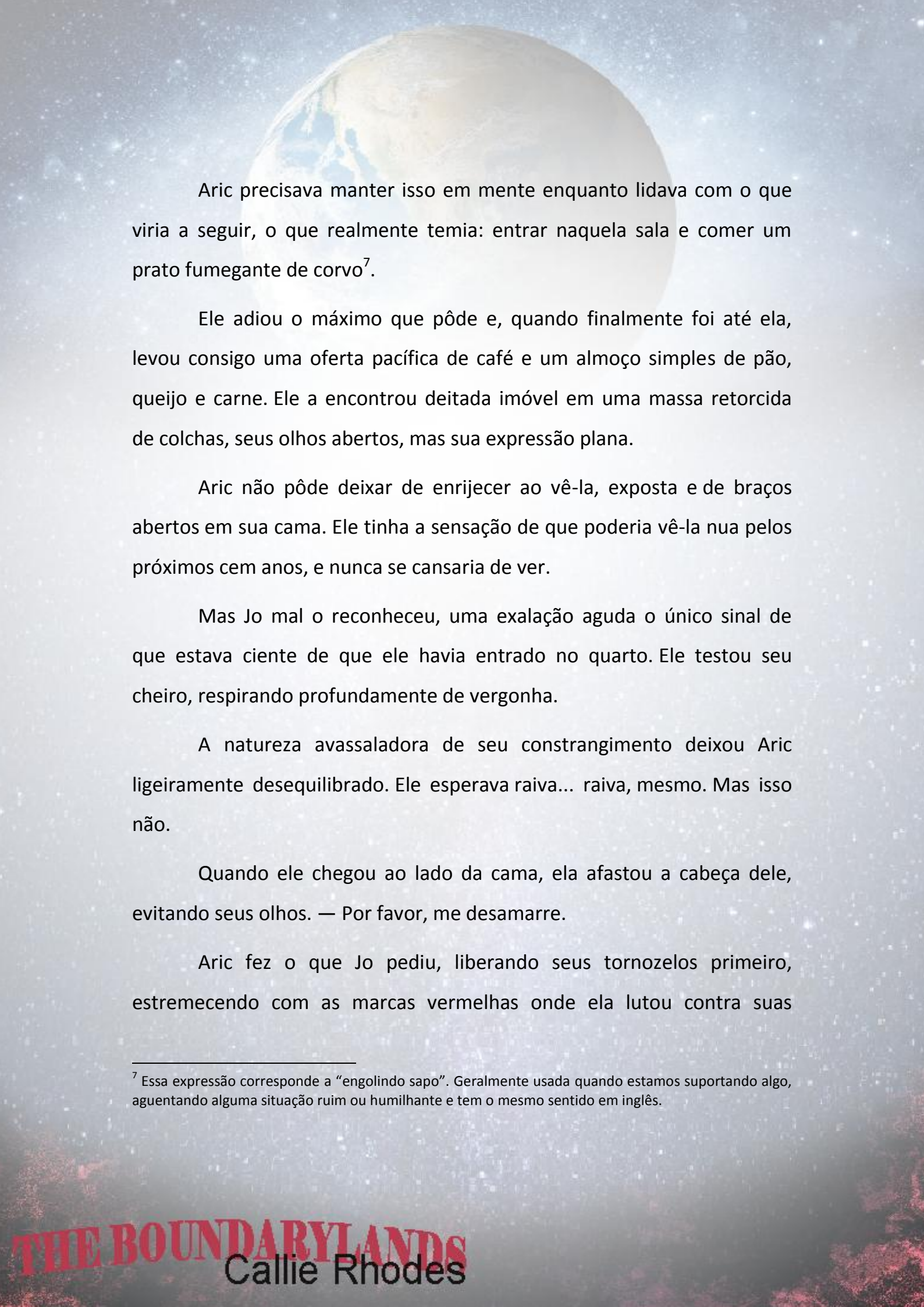
Então ele ficou do lado de fora da porta dela. Ele bebeu litros de café preto e um gole ocasional de luar para entorpecer o rugido de sua luxúria primitiva, e de alguma forma conseguiu sobreviver.

Ao amanhecer do quarto dia, o cheiro avassalador da umidade de Jo começou a diminuir. Seu lamento transformou-se em um gemido rouco, eventualmente se tornando um suspiro irregular ocasional. À tarde, seu cheiro estava quase completamente nivelado de novo, e ela estava de volta ao que era.

Embora não inteiramente. Aric poderia dizer que algo dentro dela havia mudado. Ela ainda estava dominada por uma batida constante de medo e ansiedade, mas o impulso constante de correr havia desaparecido.

Aric tentou ser grato por aquela pequena misericórdia, mas não conseguiu superar sua frustração por não ter sido capaz de arrancar aquele desejo dela como pretendia. Ele queria ser o único a quebrar seu nervosismo e relutância... não sua natureza ou hormônios.

Mesmo assim, os dois ainda estavam aqui. Continuavam vivo. E isso era o que realmente importava.



Aric precisava manter isso em mente enquanto lidava com o que viria a seguir, o que realmente temia: entrar naquela sala e comer um prato fumegante de corvo⁷.

Ele adiou o máximo que pôde e, quando finalmente foi até ela, levou consigo uma oferta pacífica de café e um almoço simples de pão, queijo e carne. Ele a encontrou deitada imóvel em uma massa retorcida de colchas, seus olhos abertos, mas sua expressão plana.

Aric não pôde deixar de enrijecer ao vê-la, exposta e de braços abertos em sua cama. Ele tinha a sensação de que poderia vê-la nua pelos próximos cem anos, e nunca se cansaria de ver.

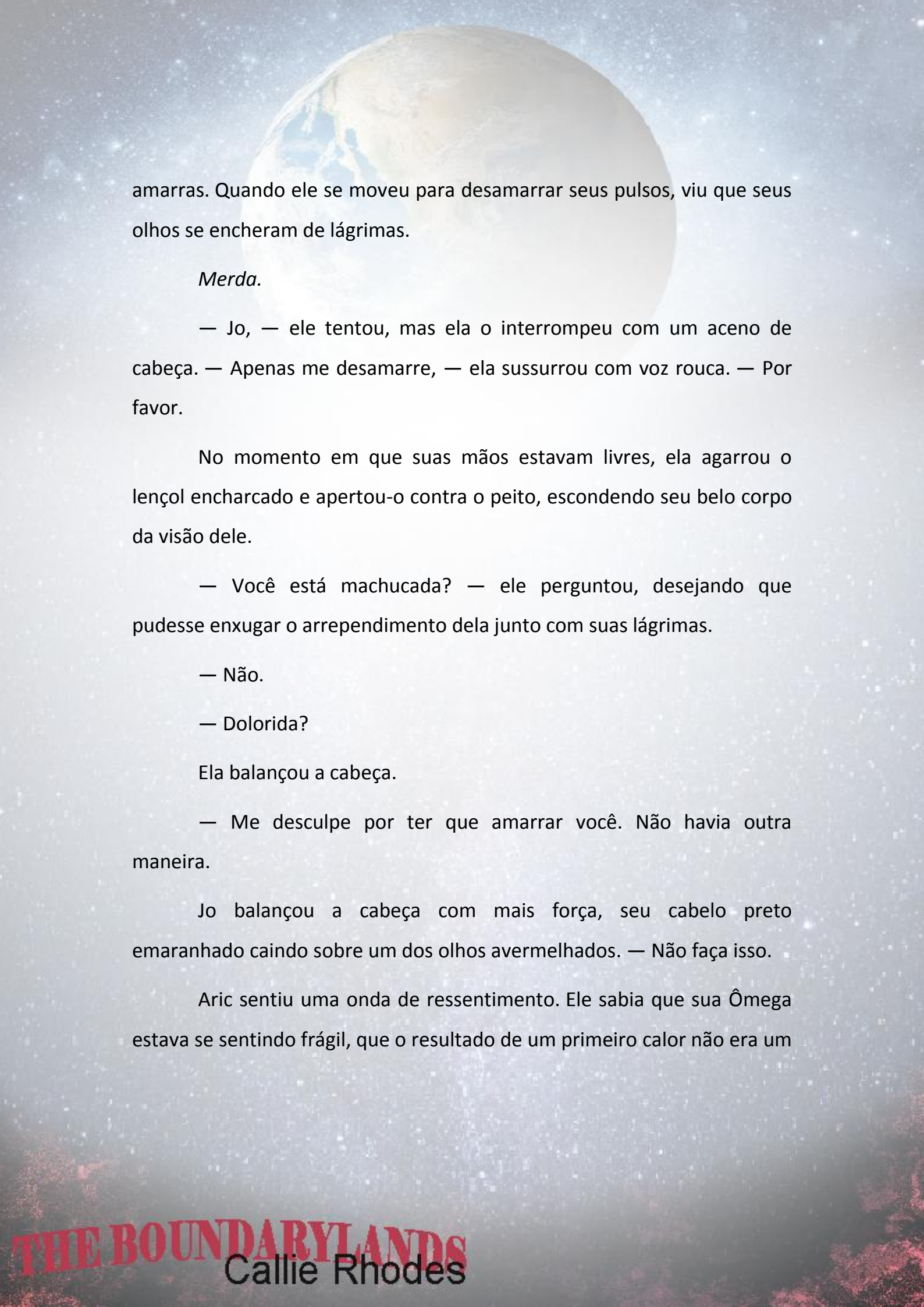
Mas Jo mal o reconheceu, uma exalação aguda o único sinal de que estava ciente de que ele havia entrado no quarto. Ele testou seu cheiro, respirando profundamente de vergonha.

A natureza avassaladora de seu constrangimento deixou Aric ligeiramente desequilibrado. Ele esperava raiva... raiva, mesmo. Mas isso não.

Quando ele chegou ao lado da cama, ela afastou a cabeça dele, evitando seus olhos. — Por favor, me desamarre.

Aric fez o que Jo pediu, liberando seus tornozelos primeiro, estremecendo com as marcas vermelhas onde ela lutou contra suas

⁷ Essa expressão corresponde a “engolindo sapo”. Geralmente usada quando estamos suportando algo, aguentando alguma situação ruim ou humilhante e tem o mesmo sentido em inglês.



amarras. Quando ele se moveu para desamarrear seus pulsos, viu que seus olhos se encheram de lágrimas.

Merda.

— Jo, — ele tentou, mas ela o interrompeu com um aceno de cabeça. — Apenas me desamarre, — ela sussurrou com voz rouca. — Por favor.

No momento em que suas mãos estavam livres, ela agarrou o lençol encharcado e apertou-o contra o peito, escondendo seu belo corpo da visão dele.

— Você está machucada? — ele perguntou, desejando que pudesse enxugar o arrependimento dela junto com suas lágrimas.

— Não.

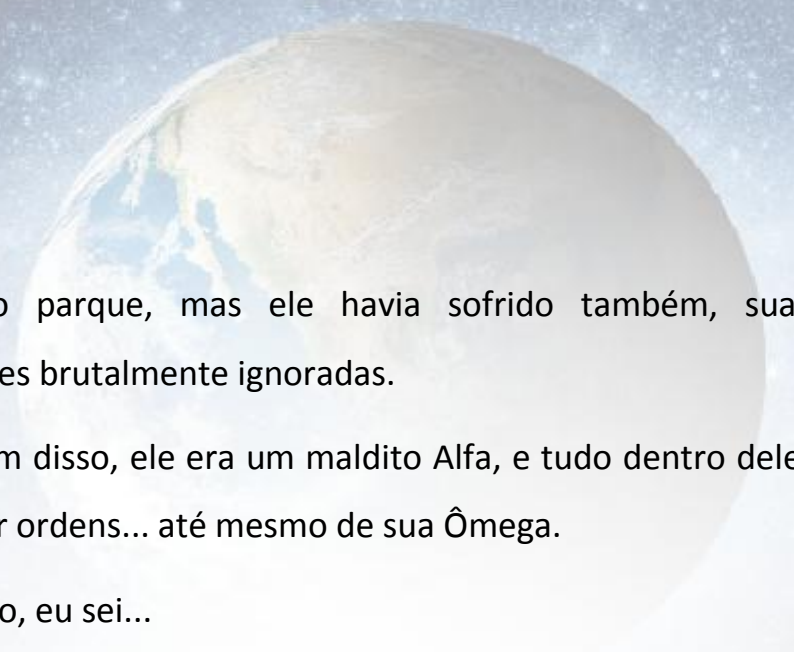
— Dolorida?

Ela balançou a cabeça.

— Me desculpe por ter que amarrar você. Não havia outra maneira.

Jo balançou a cabeça com mais força, seu cabelo preto emaranhado caindo sobre um dos olhos avermelhados. — Não faça isso.

Aric sentiu uma onda de ressentimento. Ele sabia que sua Ômega estava se sentindo frágil, que o resultado de um primeiro calor não era um



passeio no parque, mas ele havia sofrido também, suas próprias necessidades brutalmente ignoradas.

Além disso, ele era um maldito Alfa, e tudo dentro dele se eriçava por receber ordens... até mesmo de sua Ômega.

— Jo, eu sei...

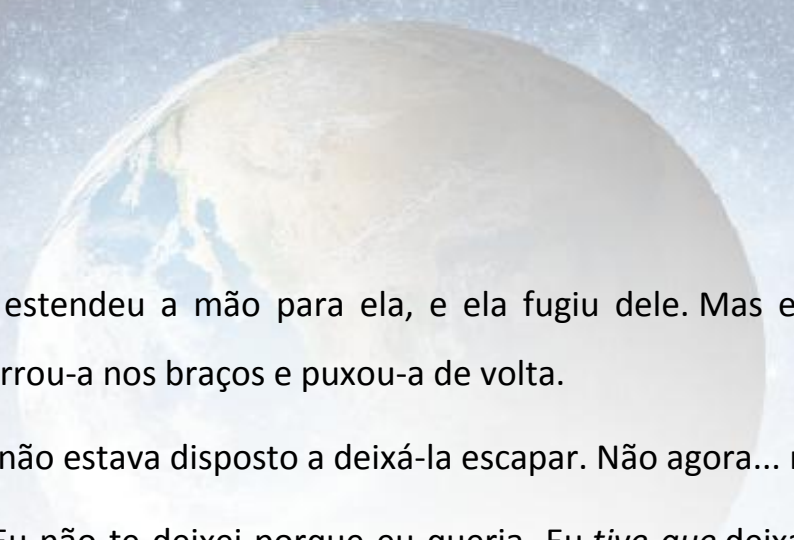
— Eu disse, *não*! — ela o perfurou com um olhar furioso que desmentiu as marcas de lágrimas em suas bochechas. — Você não acha que eu já tive o suficiente? Primeiro, você me transforma em uma Ômega. Então você me arruína para todos os outros homens no mundo. Então, quando você não está satisfeito comigo, você me amarra e vai embora me deixando implorando por dias.

Não está satisfeito? Que merda foi essa? — Não foi isso que aconteceu, Jo.

Seus lábios se apertaram em uma linha dura e plana. — Não me venha com essa merda, Aric. Posso não ter agido como eu, mas ainda estava aqui. Eu sei o que aconteceu.

— Tudo bem, — ele admitiu. — Todas essas coisas aconteceram. Mas *não* porque você não me satisfaz.

Ela olhou para ele com o canto do olho. Aric poderia dizer que ela queria acreditar nele, mas não... ainda não.



Ele estendeu a mão para ela, e ela fugiu dele. Mas ele foi mais rápido, agarrou-a nos braços e puxou-a de volta.

Ele não estava disposto a deixá-la escapar. Não agora... nunca.

— Eu não te deixei porque eu queria. Eu *tive que* deixar. Durante nossa segunda noite juntos, alguém atirou em nós. A bala veio direto sobre nossas cabeças.

Jocelyn enrijeceu em seus braços. Ele sentiu sua mente recuando, seu instinto de voo queimando, mas ele a segurou com força.

— *John*, — ela sussurrou, virando a cabeça para olhar para a parede. — Existem *dois* buracos de bala.

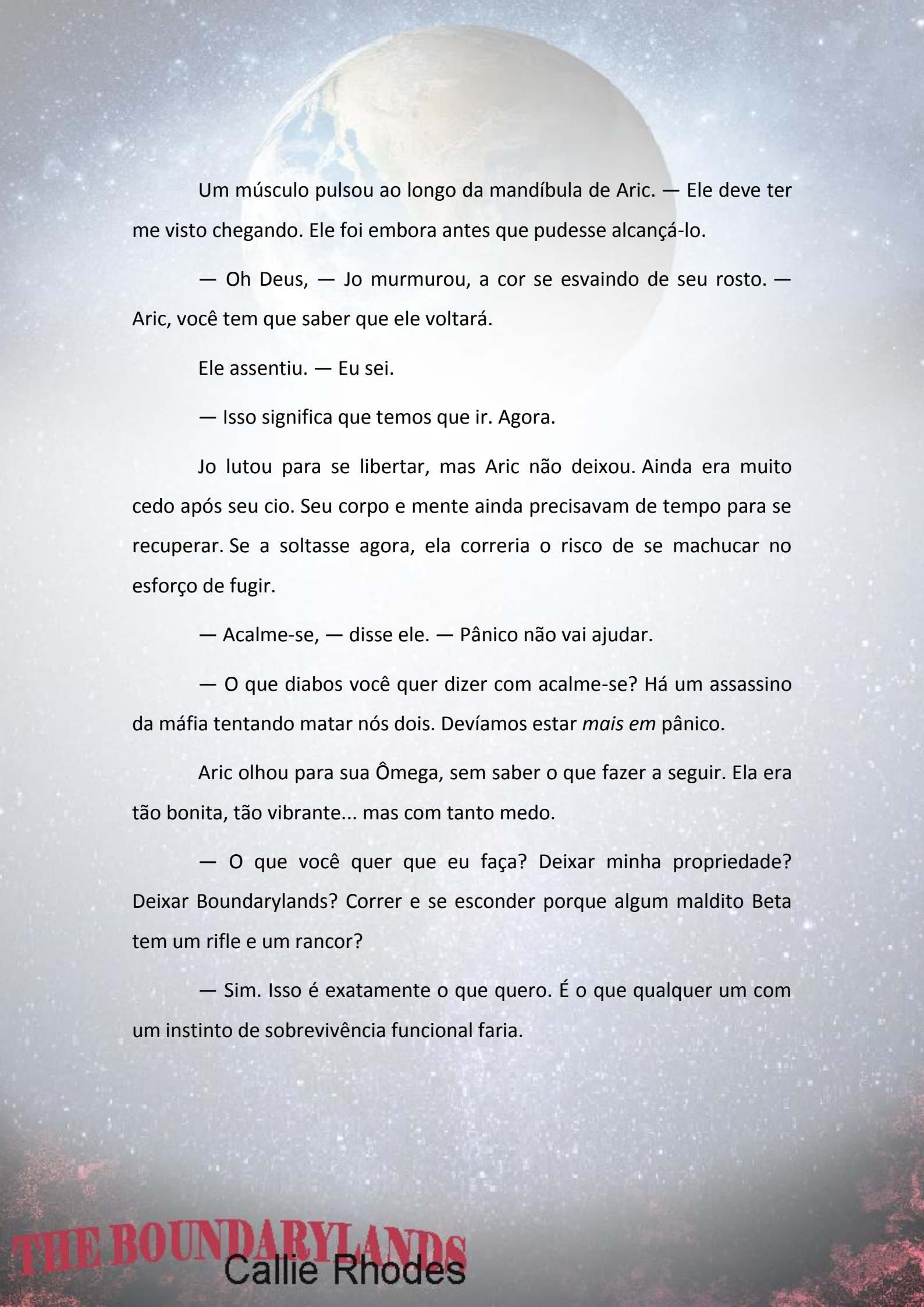
— Sim, — ele admitiu. — Você estava no meio de sua bateria, Jo. Se eu não tivesse amarrado você, você teria me seguido quando eu fui atrás dele.

Seu olhar estalou de volta para ele com horror.

— Você foi atrás dele? O que diabos você estava pensando? Aquele homem é um assassino treinado! — ela esfregou os olhos em descrença. — Dezenas de pessoas morreram em suas mãos. Você poderia ter sido o próximo.

Aric encolheu os ombros. — Ele teve sua chance, e ele errou.

— Você o encontrou?



Um músculo pulsou ao longo da mandíbula de Aric. — Ele deve ter me visto chegando. Ele foi embora antes que pudesse alcançá-lo.

— Oh Deus, — Jo murmurou, a cor se esvaindo de seu rosto. — Aric, você tem que saber que ele voltará.

Ele assentiu. — Eu sei.

— Isso significa que temos que ir. Agora.

Jo lutou para se libertar, mas Aric não deixou. Ainda era muito cedo após seu cio. Seu corpo e mente ainda precisavam de tempo para se recuperar. Se a soltasse agora, ela correria o risco de se machucar no esforço de fugir.

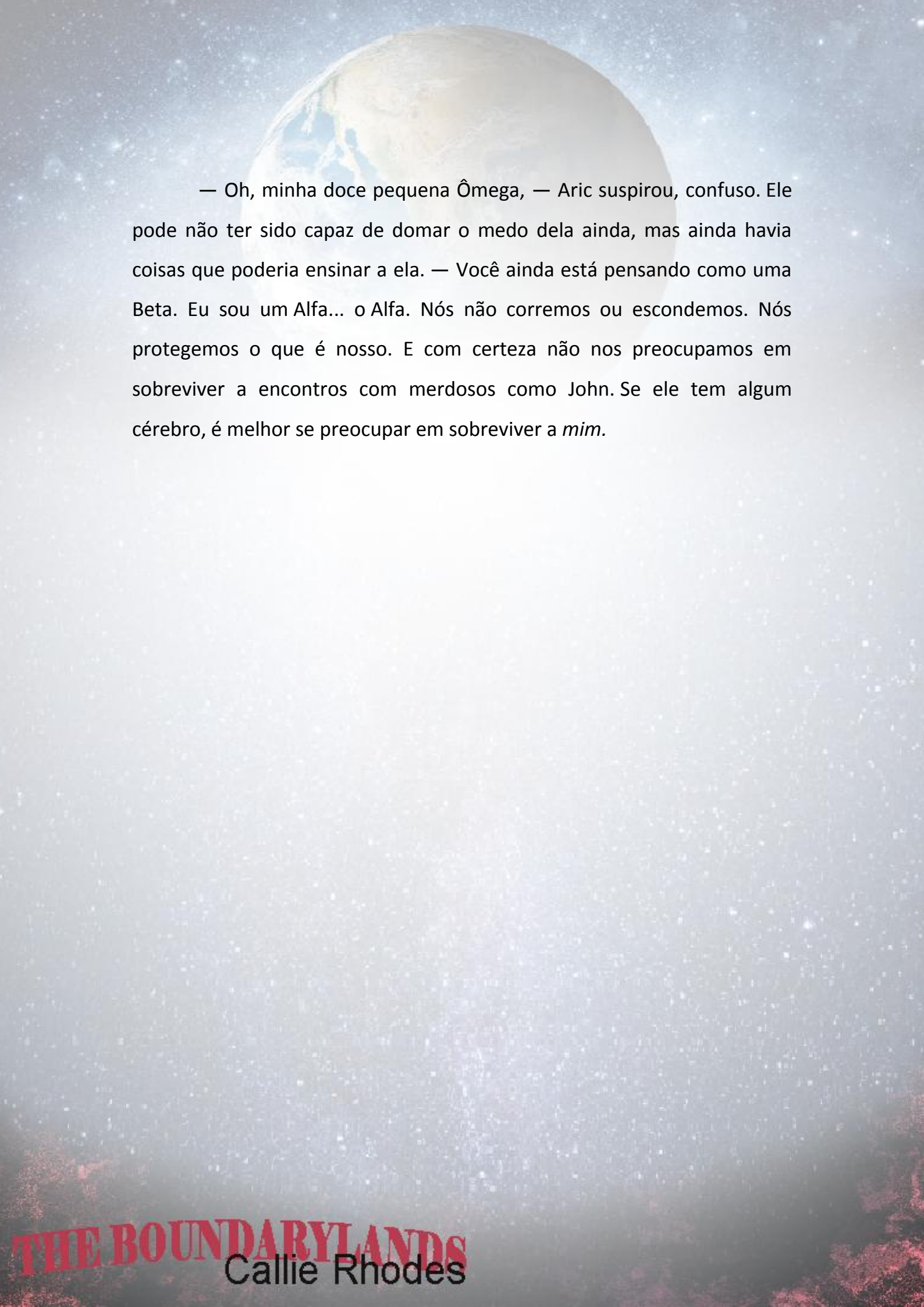
— Acalme-se, — disse ele. — Pânico não vai ajudar.

— O que diabos você quer dizer com acalme-se? Há um assassino da máfia tentando matar nós dois. Devíamos estar *mais em* pânico.

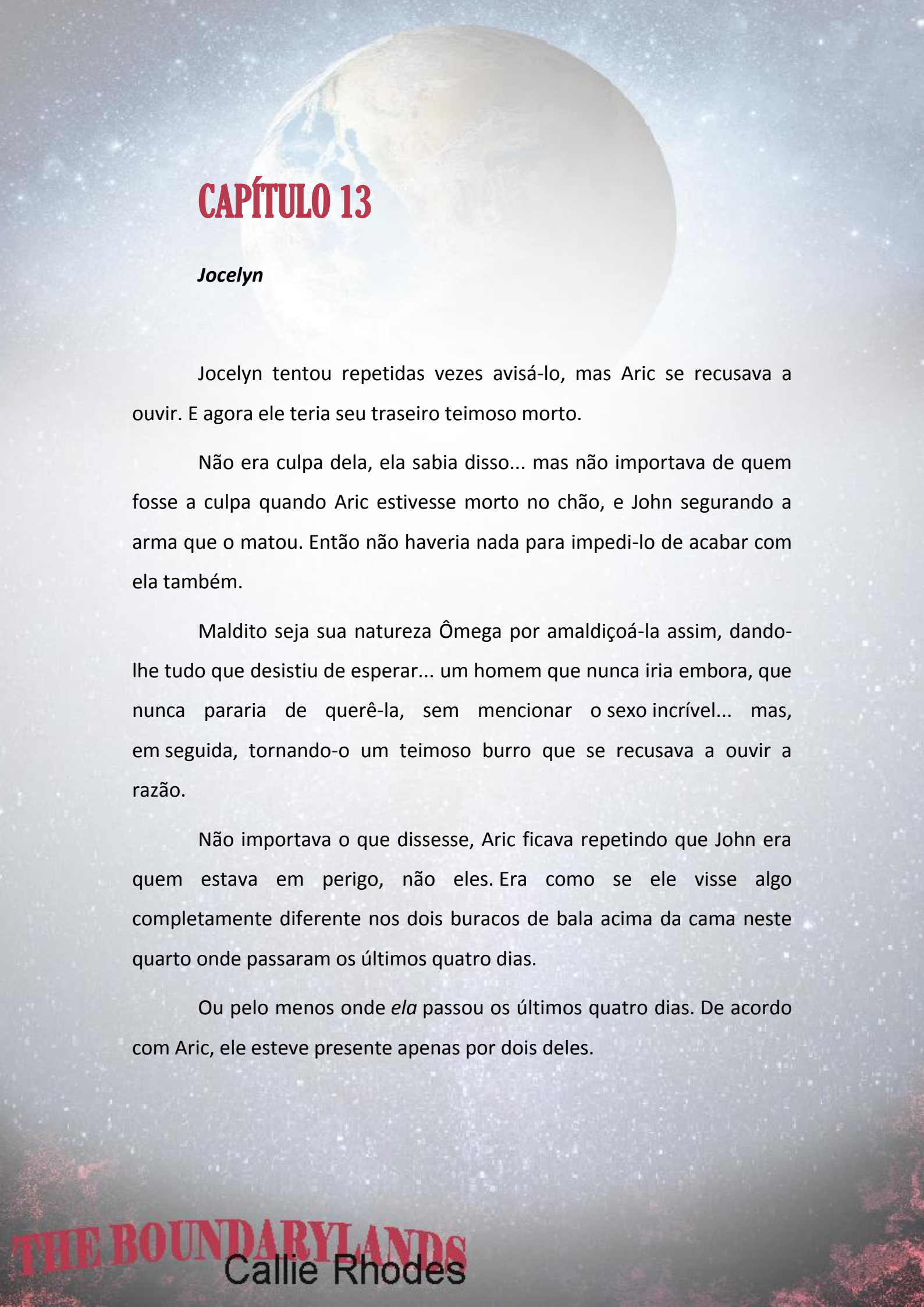
Aric olhou para sua Ômega, sem saber o que fazer a seguir. Ela era tão bonita, tão vibrante... mas com tanto medo.

— O que você quer que eu faça? Deixar minha propriedade? Deixar Boundarylands? Correr e se esconder porque algum maldito Beta tem um rifle e um rancor?

— Sim. Isso é exatamente o que quero. É o que qualquer um com um instinto de sobrevivência funcional faria.



— Oh, minha doce pequena Ômega, — Aric suspirou, confuso. Ele pode não ter sido capaz de domar o medo dela ainda, mas ainda havia coisas que poderia ensinar a ela. — Você ainda está pensando como uma Beta. Eu sou um Alfa... o Alfa. Nós não corremos ou escondemos. Nós protegemos o que é nosso. E com certeza não nos preocupamos em sobreviver a encontros com merdosos como John. Se ele tem algum cérebro, é melhor se preocupar em sobreviver a *mim*.



CAPÍTULO 13

Jocelyn

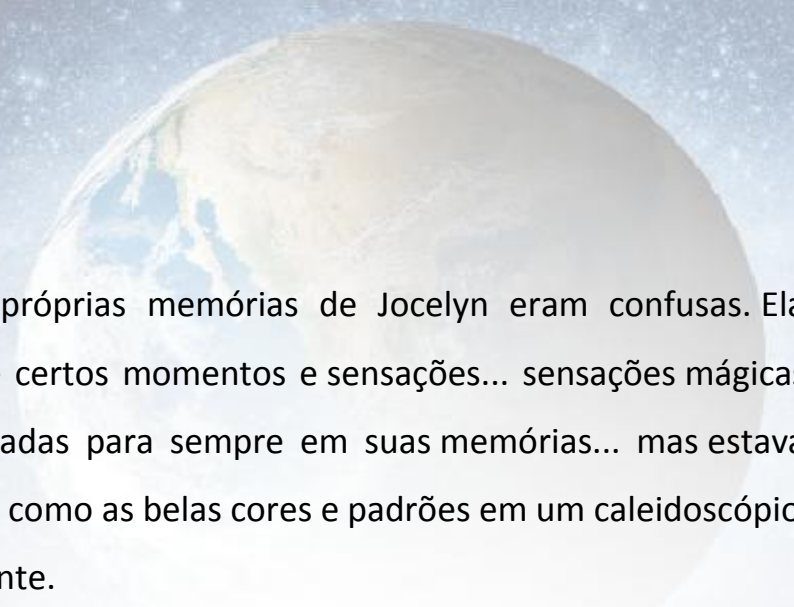
Jocelyn tentou repetidas vezes avisá-lo, mas Aric se recusava a ouvir. E agora ele teria seu traseiro teimoso morto.

Não era culpa dela, ela sabia disso... mas não importava de quem fosse a culpa quando Aric estivesse morto no chão, e John segurando a arma que o matou. Então não haveria nada para impedi-lo de acabar com ela também.

Maldito seja sua natureza Ômega por amaldiçoá-la assim, dando-lhe tudo que desistiu de esperar... um homem que nunca iria embora, que nunca pararia de querê-la, sem mencionar o sexo incrível... mas, em seguida, tornando-o um teimoso burro que se recusava a ouvir a razão.

Não importava o que dissesse, Aric ficava repetindo que John era quem estava em perigo, não eles. Era como se ele visse algo completamente diferente nos dois buracos de bala acima da cama neste quarto onde passaram os últimos quatro dias.

Ou pelo menos onde *ela* passou os últimos quatro dias. De acordo com Aric, ele esteve presente apenas por dois deles.



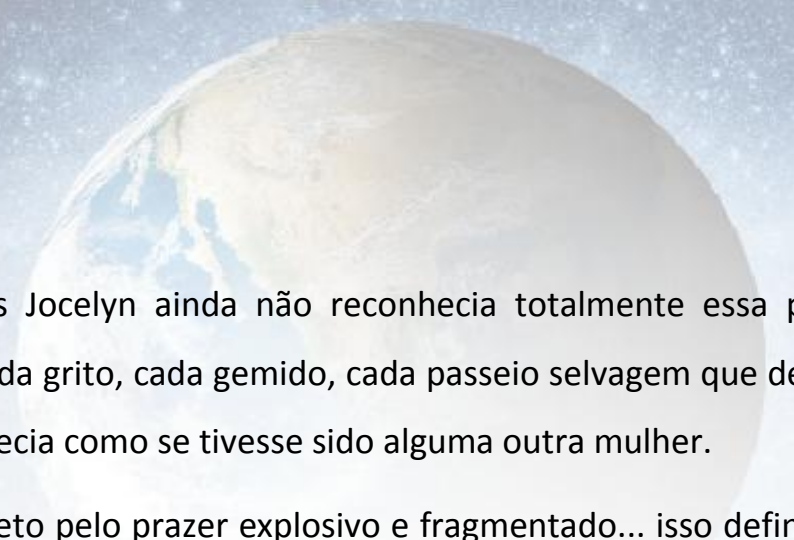
As próprias memórias de Jocelyn eram confusas. Ela podia se lembrar de certos momentos e sensações... sensações mágicas de tirar o fôlego gravadas para sempre em suas memórias... mas estavam todas... *quebradas*, como as belas cores e padrões em um caleidoscópio, mudando em sua mente.

Mesmo agora, pensar sobre essas sensações despertava o desejo que se tornou uma parte permanente dela. Não como durante seu cio, quando se enfureceu tão intensamente e obliterou o pensamento racional. Agora era mais como uma chama baixa constante que poderia acender um fogo com a menor mudança no vento.

Para uma mulher que nunca se considerou particularmente sensual, que nunca alcançou o orgasmo com um homem, Jocelyn não tinha certeza de como se sentia sobre o fato de que poderia igualar a fome sexual de seu Alfa.

Antes, durante as longas horas em que esperou sozinha no armário escuro, Jocelyn tinha queimado com a dolorosa vergonha de não ter sido o suficiente para Aric. Apesar de atingir um pico sexual após o outro, a experiência não tinha sido suficiente nem mesmo para mantê-lo perto.

Então ele voltou e apagou suas dúvidas e a convenceu de que ela era o suficiente para ele. O alívio que sentiu foi avassalador, obscurecendo brevemente até seu terror com John.



Mas Jocelyn ainda não reconhecia totalmente essa parte de si mesma. Cada grito, cada gemido, cada passeio selvagem que deu no pênis de Aric parecia como se tivesse sido alguma outra mulher.

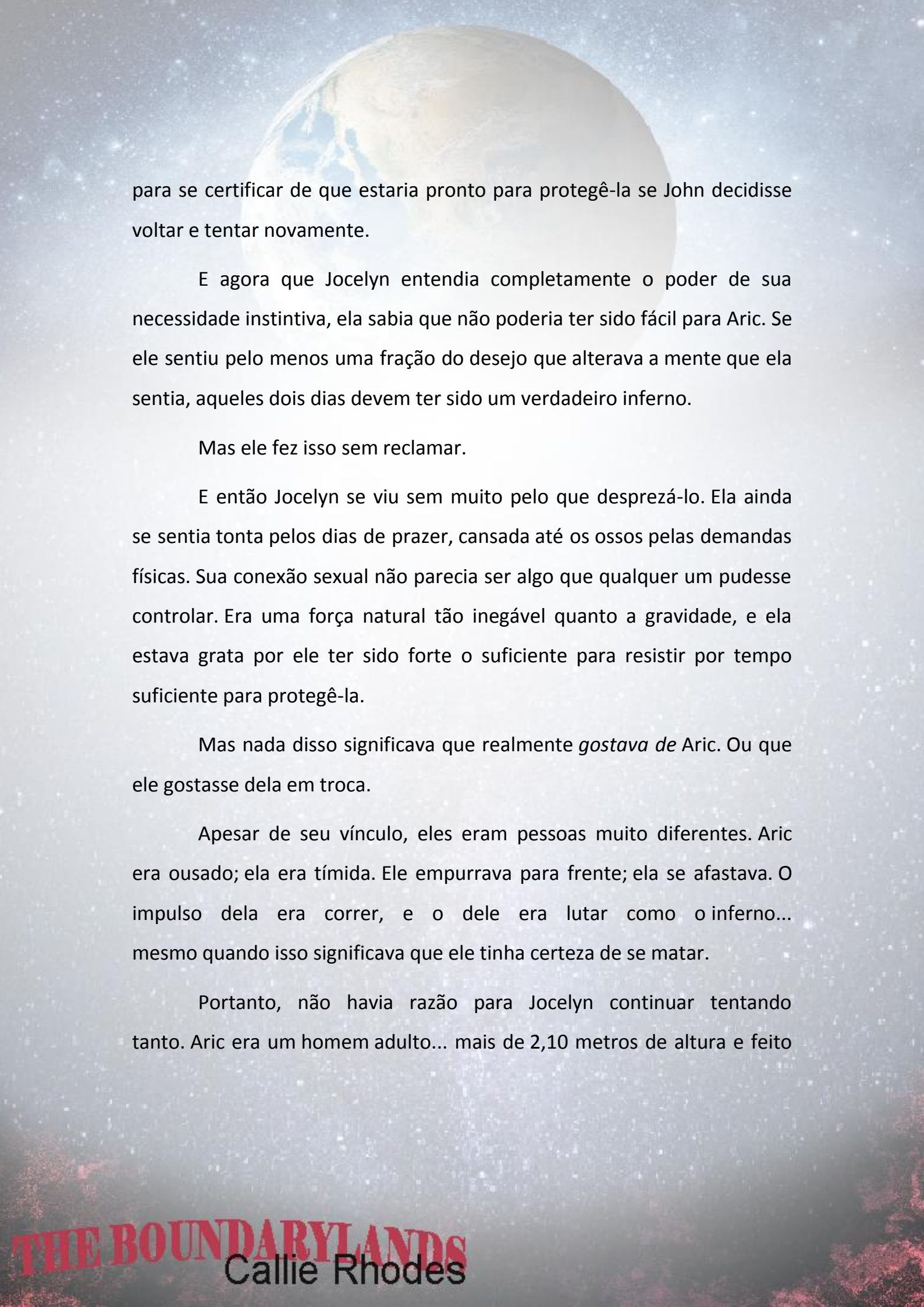
Exceto pelo prazer explosivo e fragmentado... isso definitivamente tinha sido tudo dela. Ela ansiava por isso, lutava por isso, implorava por isso, até que se transformou em alguém que não conhecia.

E o que era pior, Jocelyn estava percebendo que havia se tornado uma estranha para si mesma antes mesmo de colocar os pés em Boundarylands.

Se alguém tivesse perguntado a ela há um mês... mesmo dois dias atrás... se houvesse algo que pudesse fazê-la desistir de sua antiga vida, sua casa, sua família, ela teria achado a pergunta ridícula. Mas Jocelyn deu um beijo de despedida no momento em que tomou a decisão de entregar John aos federais. Por mais ingênua que fosse, até ela sabia que uma pessoa não poderia fazer uma coisa dessas e então esperava aparecer na casa do tio Peter nas férias.

Seria muito mais fácil colocar a culpa por todas as suas pontes queimadas aos pés de Aric. Mas a verdade é que ela queimou todas sozinha.

Enquanto Jocelyn admitia a verdade para si mesma, percebeu que não podia nem odiar Aric por amarrá-la. Ele só fez isso para salvar a vida dela, mesmo ao custo de ficar longe dela por dois dias inteiros apenas



para se certificar de que estaria pronto para protegê-la se John decidisse voltar e tentar novamente.

E agora que Jocelyn entendia completamente o poder de sua necessidade instintiva, ela sabia que não poderia ter sido fácil para Aric. Se ele sentiu pelo menos uma fração do desejo que alterava a mente que ela sentia, aqueles dois dias devem ter sido um verdadeiro inferno.

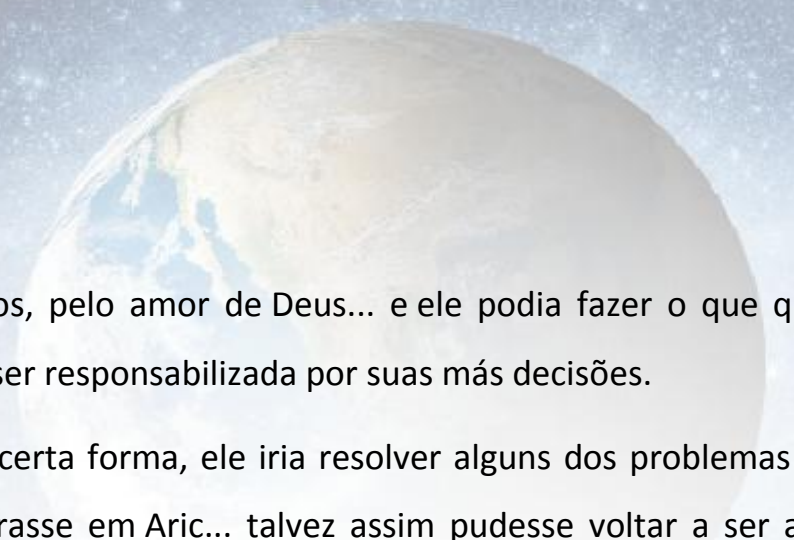
Mas ele fez isso sem reclamar.

E então Jocelyn se viu sem muito pelo que desprezá-lo. Ela ainda se sentia tonta pelos dias de prazer, cansada até os ossos pelas demandas físicas. Sua conexão sexual não parecia ser algo que qualquer um pudesse controlar. Era uma força natural tão inegável quanto a gravidade, e ela estava grata por ele ter sido forte o suficiente para resistir por tempo suficiente para protegê-la.

Mas nada disso significava que realmente *gostava de* Aric. Ou que ele gostasse dela em troca.

Apesar de seu vínculo, eles eram pessoas muito diferentes. Aric era ousado; ela era tímida. Ele empurrava para frente; ela se afastava. O impulso dela era correr, e o dele era lutar como o inferno... mesmo quando isso significava que ele tinha certeza de se matar.

Portanto, não havia razão para Jocelyn continuar tentando tanto. Aric era um homem adulto... mais de 2,10 metros de altura e feito



de músculos, pelo amor de Deus... e ele podia fazer o que quisesse. Ela não podia ser responsabilizada por suas más decisões.

De certa forma, ele iria resolver alguns dos problemas de Jocelyn se John atirasse em Aric... talvez assim pudesse voltar a ser a sua velha chata eu novamente..

Instantaneamente, seu estômago se revirou e a bile ácida subiu por sua garganta, e Jocelyn empurrou a ideia para fora de sua mente o mais rápido que pôde.

Aric se virou e olhou para ela intensamente de seu posto perto da janela. — Você está bem?

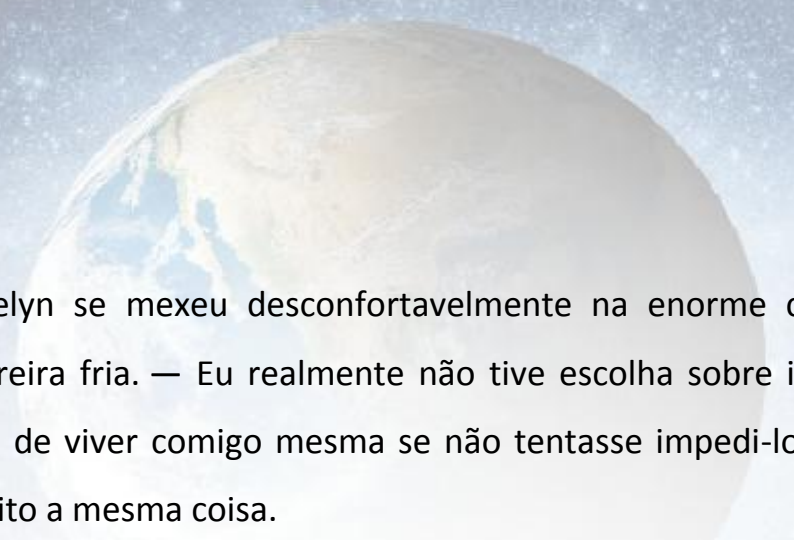
Como ele soube?

— Estou bem, só... — Ela procurou a palavra certa. Apavorada? Sobrecarregada? Sofrendo da crise existencial mais profunda de sua vida? — ...nervosa.

Ele resmungou baixinho antes de voltar sua atenção para a abordagem da casa. — Você sempre teve tanto medo?

— Não, — ela respondeu honestamente. — Então, novamente, nunca fiz nada que me deixasse nervosa.

— Exceto ir atrás de um assassino da máfia sozinha, — disse ele com naturalidade.



Jocelyn se mexeu desconfortavelmente na enorme cadeira em frente à lareira fria. — Eu realmente não tive escolha sobre isso. Nunca seria capaz de viver comigo mesma se não tentasse impedi-lo. Qualquer um teria feito a mesma coisa.

O Alfa deu uma risada baixa. — Não, querida, eles não teriam.

Algo como aborrecimento invadiu os pensamentos de Jocelyn. — Você não sabe disso.

— Claro que sim. Esse seu chefe tem assassinado pessoas há quanto tempo?

— Cinco anos, pelo menos.

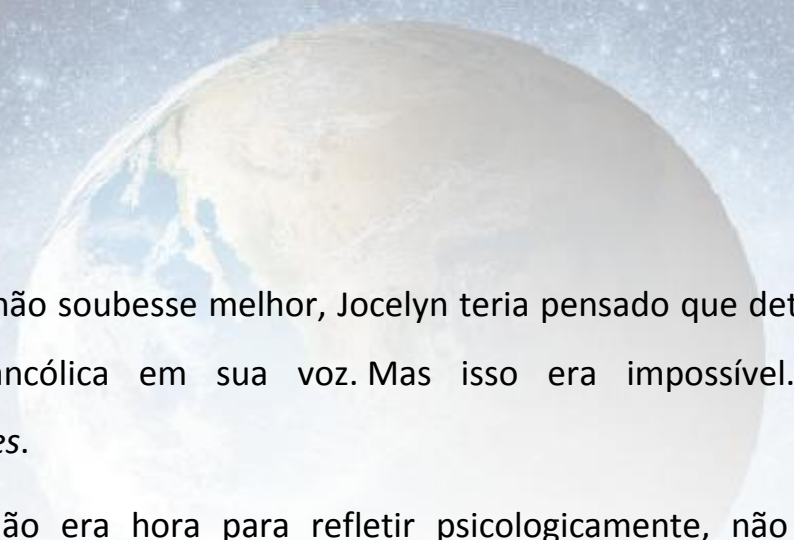
— Cinco anos. — Aric quase parecia impressionado. — E em todo esse tempo, ninguém mais teve coragem de denunciá-lo. E posso te garantir, porra, ninguém mais pensou em roubar dois milhões de dólares do bastardo.

Ele fez soar como se Jocelyn fosse algum tipo de gênio do crime. — Só peguei esse dinheiro para começar uma nova vida em algum lugar remoto onde ninguém me encontraria.

— Boundarylands é muito remota, admito.

— Eu não queria terminar aqui, — protestou Jocelyn.

— Sim, — disse ele, lançando-lhe um olhar sombrio. — Você deixou isso bem claro.



Se não soubesse melhor, Jocelyn teria pensado que detectou uma nota melancólica em sua voz. Mas isso era impossível. Alfas não ficava *tristes*.

E não era hora para refletir psicologicamente, não quando a qualquer segundo poderia trazer um ponto de laser vermelho em seu peito, o estouro de um tiro e tchau Jocelyn.

— Só estou dizendo que os últimos dias não foram a melhor representação da minha verdadeira personalidade, — disse ela.

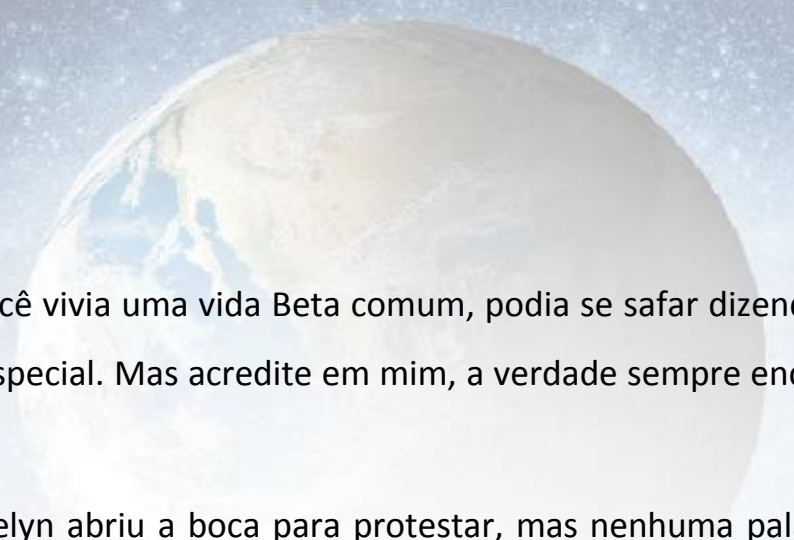
— Eu não sei, querida, — Aric disse com um encolher de ombros. — Talvez eles realmente fossem. Talvez tenham sido todos os anos chatos que vieram antes que não eram realmente você.

— Receio que não haja chance disso, — respondeu Jocelyn. Isso apenas sublinhou quão pouco eles se conheciam. Só alguém que acabou conhecê-la podia ter uma ideia tão ultrajante.

— Quando o problema veio, você ouviu o seu coração, não o seu medo, — Aric insistiu teimosamente.

Jocelyn desejou que ele parasse. Isso só a fez se sentir mais inadequada. Ela não era corajosa... ela nem gostava de filmes de terror. — Essa foi uma circunstância extrema.

Aric arriscou outro olhar, embora seus músculos permanecessem tensos e em guarda. — Você está apenas provando meu ponto de vista. Quando você acha que essa merda importa? Só quando o perigo é real.



Quando você vivia uma vida Beta comum, podia se safar dizendo que não era nada especial. Mas acredite em mim, a verdade sempre encontra uma saída.

Jocelyn abriu a boca para protestar, mas nenhuma palavra veio à mente. Ela não podia discutir com sua lógica e ela *tinha* intensificado quando foi forçada a fazer uma escolha moral, mesmo que soubesse dos riscos que estava tomando.

Decidir entregar John às autoridades, invadir seu escritório seguro, correr para Boundarylands, se esconder com um grupo de prostitutas, morar com um Alfa... uma pessoa comum não faria nada disso.

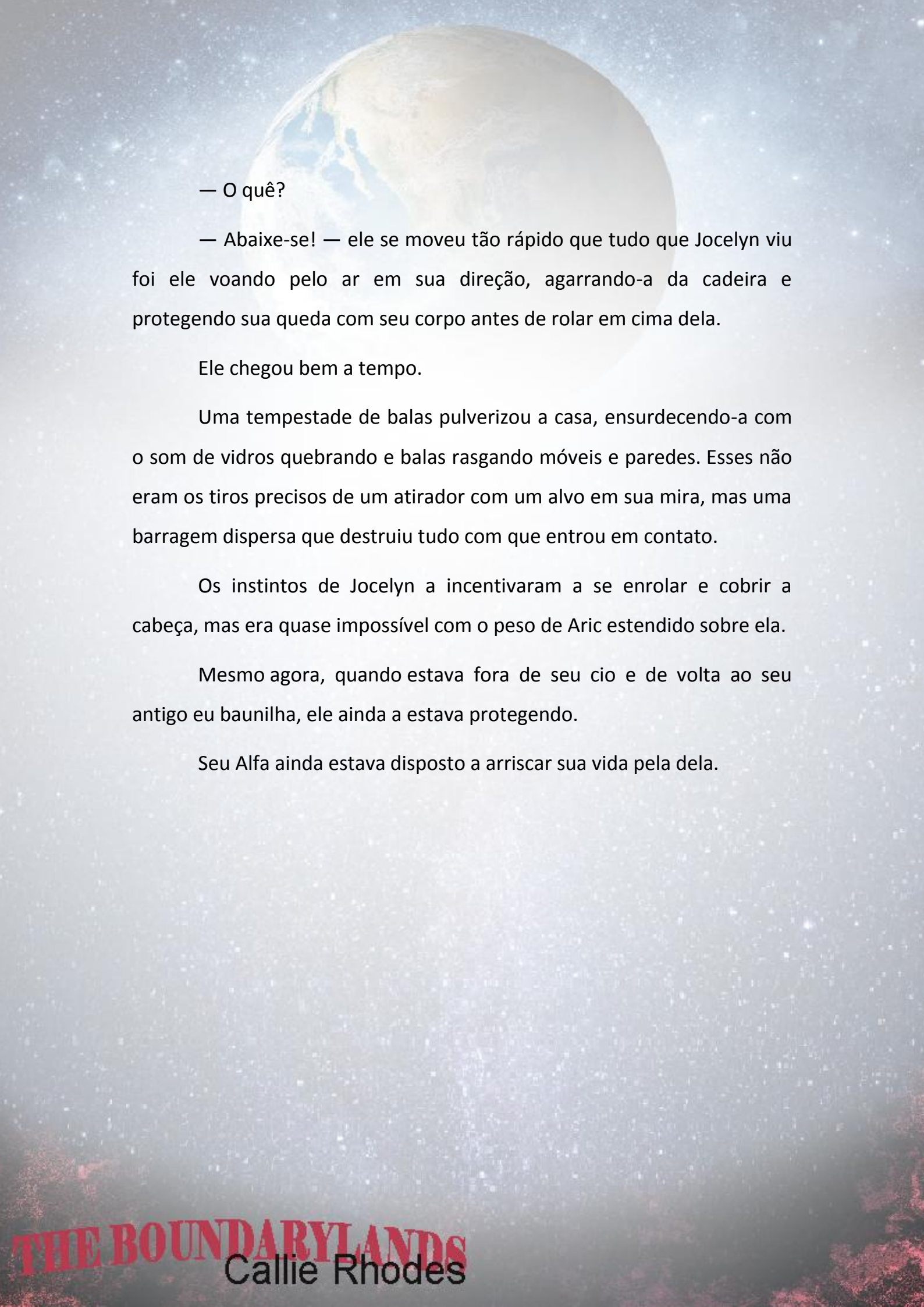
Era possível que Aric pudesse estar um pouco certo sobre ela? Mas não havia como ele conhecê-la melhor do que ela mesma... havia?

Suas ações na última semana não foram as de uma contadora quieta, tímida e profundamente chata.

Elas eram... Jocelyn não conseguia pensar em uma palavra que se encaixasse. E não podia perder mais tempo para descobrir isso agora - porque algo fez Aric virar a cabeça para trás, sua postura sinalizando alerta máximo.

Inclinando a cabeça para trás e erguendo o queixo, ele respirou fundo.

— Abaixese, — ele sussurrou tão baixo que Jocelyn pensou que ela poderia ter ouvido mal.



— O quê?

— Abaix-se! — ele se moveu tão rápido que tudo que Jocelyn viu foi ele voando pelo ar em sua direção, agarrando-a da cadeira e protegendo sua queda com seu corpo antes de rolar em cima dela.

Ele chegou bem a tempo.

Uma tempestade de balas pulverizou a casa, ensurdecendo-a com o som de vidros quebrando e balas rasgando móveis e paredes. Esses não eram os tiros precisos de um atirador com um alvo em sua mira, mas uma barragem dispersa que destruiu tudo com que entrou em contato.

Os instintos de Jocelyn a incentivaram a se enrolar e cobrir a cabeça, mas era quase impossível com o peso de Aric estendido sobre ela.

Mesmo agora, quando estava fora de seu cio e de volta ao seu antigo eu baunilha, ele ainda a estava protegendo.

Seu Alfa ainda estava disposto a arriscar sua vida pela dela.



CAPÍTULO 14

Aric

As balas continuavam chegando.

Por quase um minuto inteiro, tiros rasgaram a casa de Aric, destruindo tudo à vista. Madeira estilhaçada.

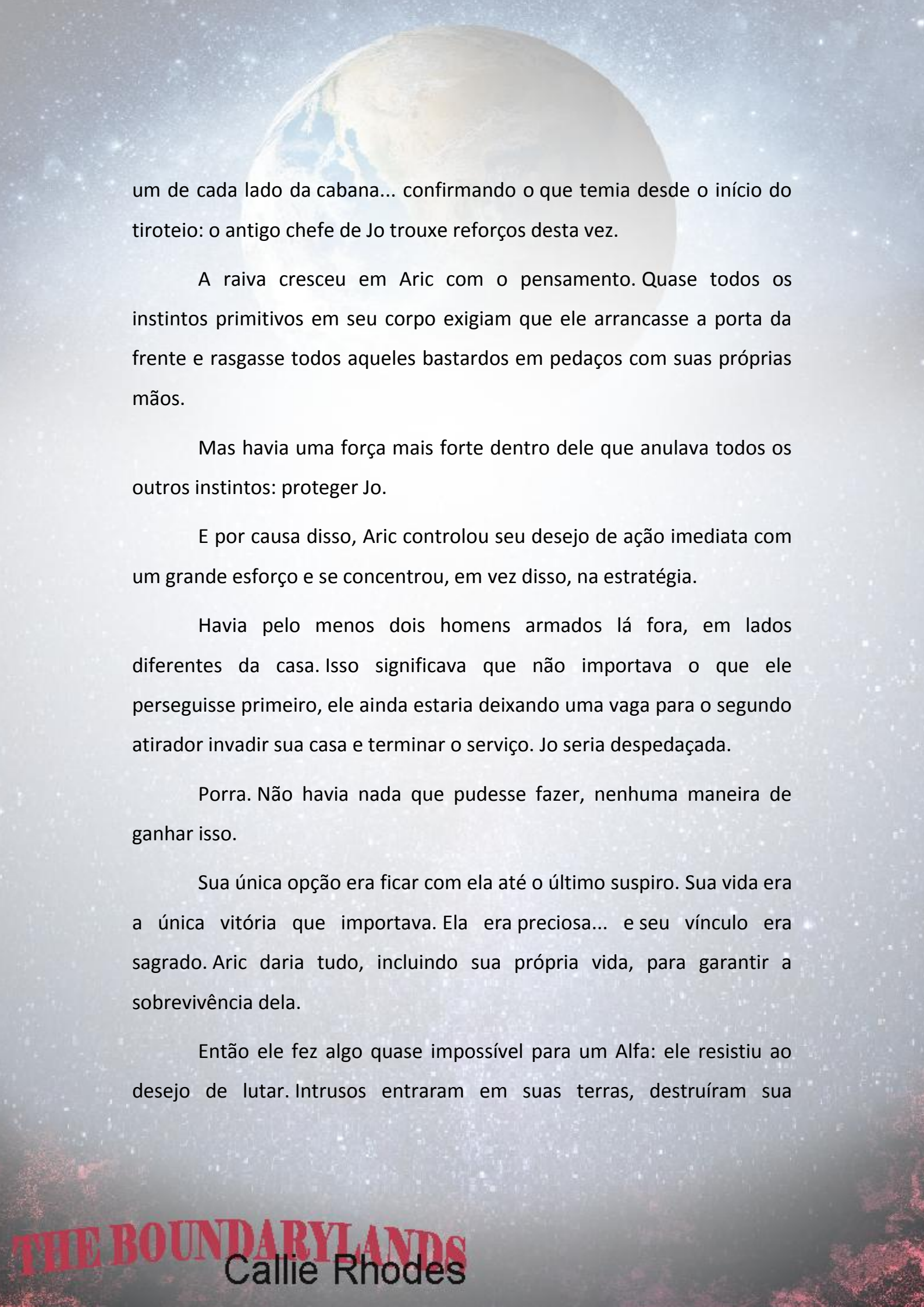
A louça dos armários se espatifou. As paredes estavam cheias de buracos recortados.

Nada disso importava... as posses podiam ser substituídas, as paredes podiam ser reconstruídas. Por tudo isso, Aric tinha um pensamento em um circuito infinito em sua cabeça:

Mantenha-a segura.

Ele estava vagamente ciente de seu tremor embaixo dele, seu corpo dobrado na curva do dele. Ela não disse uma palavra. Mal se moveu, sua respiração superficial, seus olhos bem fechados. Isso era bom. Ficar parada... não se machucar... era seu único trabalho. Todo o resto era com ele.

Quando o tiroteio diminuiu, Aric ergueu o olhar apenas alto o suficiente para ver que as balas vinham de dois pontos de vista distintos,



um de cada lado da cabana... confirmando o que temia desde o início do tiroteio: o antigo chefe de Jo trouxe reforços desta vez.

A raiva cresceu em Aric com o pensamento. Quase todos os instintos primitivos em seu corpo exigiam que ele arrancasse a porta da frente e rasgasse todos aqueles bastardos em pedaços com suas próprias mãos.

Mas havia uma força mais forte dentro dele que anulava todos os outros instintos: proteger Jo.

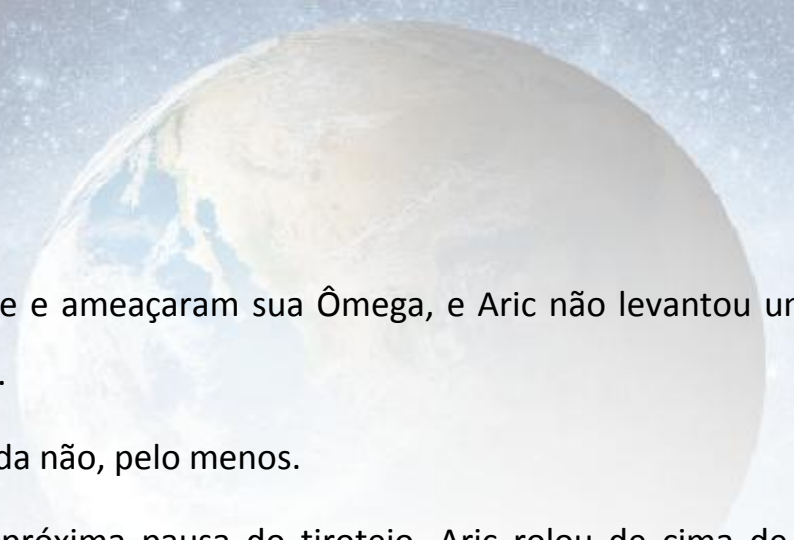
E por causa disso, Aric controlou seu desejo de ação imediata com um grande esforço e se concentrou, em vez disso, na estratégia.

Havia pelo menos dois homens armados lá fora, em lados diferentes da casa. Isso significava que não importava o que ele perseguisse primeiro, ele ainda estaria deixando uma vaga para o segundo atirador invadir sua casa e terminar o serviço. Jo seria despedaçada.

Porra. Não havia nada que pudesse fazer, nenhuma maneira de ganhar isso.

Sua única opção era ficar com ela até o último suspiro. Sua vida era a única vitória que importava. Ela era preciosa... e seu vínculo era sagrado. Aric daria tudo, incluindo sua própria vida, para garantir a sobrevivência dela.

Então ele fez algo quase impossível para um Alfa: ele resistiu ao desejo de lutar. Intrusos entraram em suas terras, destruíram sua



propriedade e ameaçaram sua Ômega, e Aric não levantou um dedo em retribuição.

Ainda não, pelo menos.

Na próxima pausa do tiroteio, Aric rolou de cima de Jo, pronto para causar estragos. Ele estava prestes a se levantar quando Jo o parou com uma mão em seu braço.

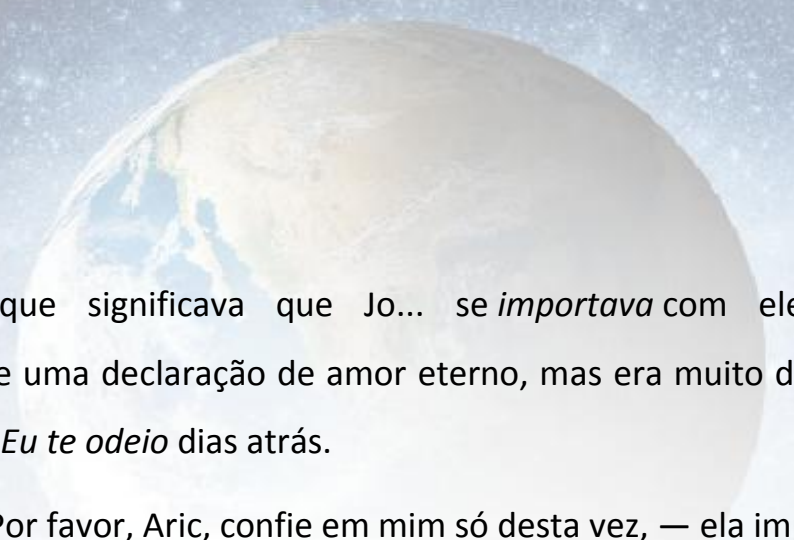
— *Não*, — ela sibilou. — Eles não terminaram. Isso não vai acabar até que John tenha certeza de que estamos mortos.

Um grunhido subiu na garganta de Aric. Quando aqueles bastardos viessem para ele, ele com certeza estaria pronto para rasgá-los ao meio. Ele não tinha ilusões de vencer uma luta contra esse tipo de poder de fogo, mas morreria lutando... *depois de* garantir que Jo escapasse. Com alguma sorte, ele lhes daria algo para se lembrar dele.

Aric estava prestes a se livrar da mão de Jo quando se acalmou ao ver os olhos dela. Ele a tinha visto apavorada antes. Tinha cheirado seu medo e sentido seu fluxo e refluxo de ansiedade.

Mas desta vez, todas essas emoções centradas *nele*.

A compreensão atingiu Aric com força suficiente para detê-lo. Jo havia esquecido seus temores por sua própria vida. Nesse momento, tudo em que ela estava pensando era na ameaça de perdê-lo.



O que significava que Jo... se *importava* com ele. Não era exatamente uma declaração de amor eterno, mas era muito diferente de seus gritos *Eu te odeio* dias atrás.

— Por favor, Aric, confie em mim só desta vez, — ela implorou.

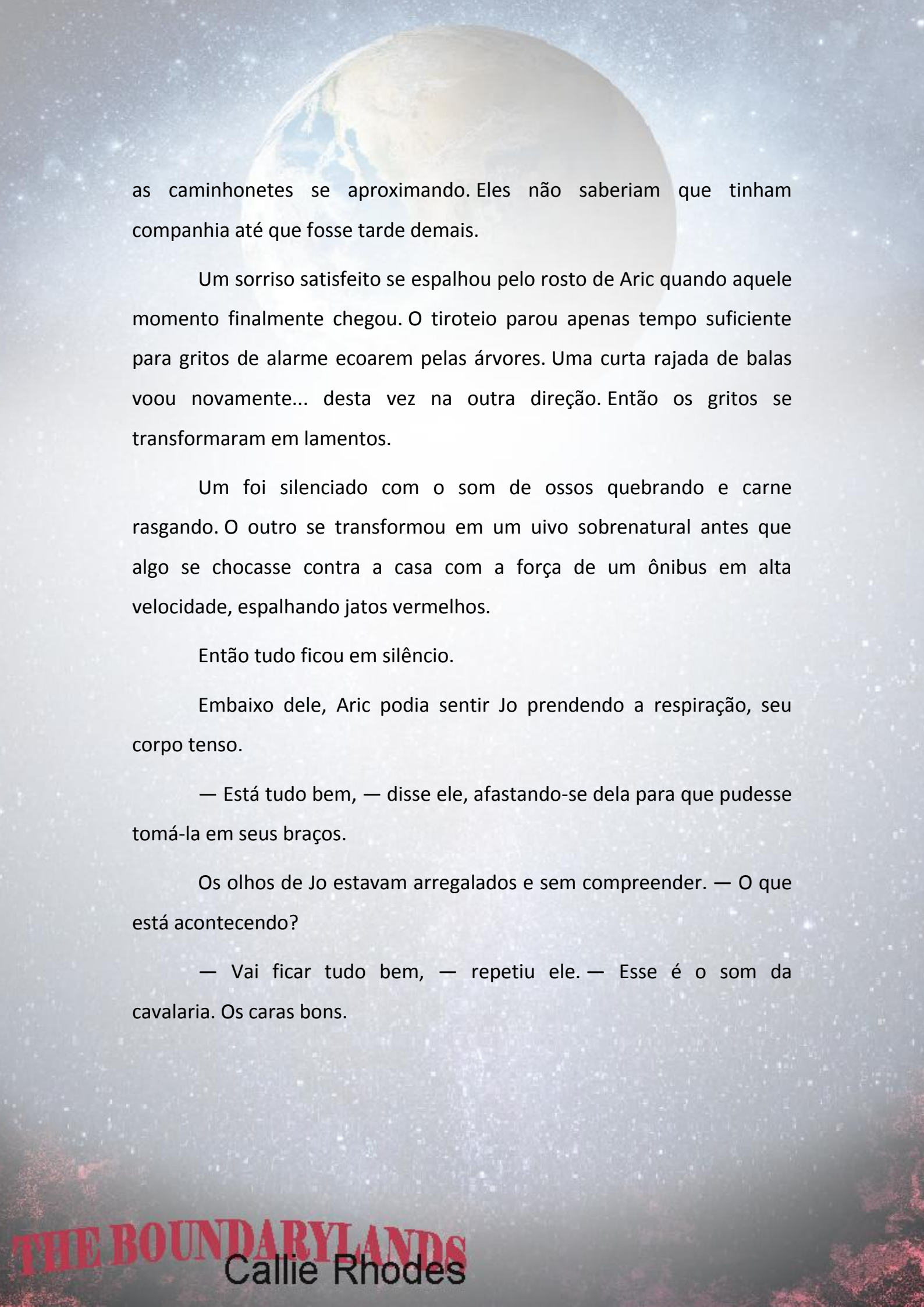
Um profundo resmungo estremeceu em sua garganta, mas Aric afundou de volta no chão, incapaz de recusar. Ele teve apenas um momento para questionar sua decisão quando o tiroteio recomeçou, mais ensurdecedor do que nunca.

Jo estava certa. John não estava nem perto de terminar... ele e seus homens pararam apenas o tempo suficiente para recarregar. Se sua Ômega não o tivesse parado, Aric teria matado os dois.

Mas antes que pudesse processar isso, ele detectou um novo som sob a tempestade de balas. Apressando-se em seu caminho de terra era o rugido dos motores das caminhonetes. Tão alto quanto os velhos soaram, Aric sabia que deveriam pertencer a seus irmãos Alfa.

Graças a Deus.

Eles tinham acabado de receber sua primeira vantagem nesta maldita luta. Os atiradores tinham mais armas e mais número do que ele... mas ainda eram Betas. Sem suas armas, eles representavam tanta ameaça quanto um enxame de mosquitos. E com seus sentidos Beta entorpecidos, não havia nenhuma maneira no inferno que os bastardos pudessem ouvir



as caminhonetes se aproximando. Eles não sabiam que tinham companhia até que fosse tarde demais.

Um sorriso satisfeito se espalhou pelo rosto de Aric quando aquele momento finalmente chegou. O tiroteio parou apenas tempo suficiente para gritos de alarme ecoarem pelas árvores. Uma curta rajada de balas voou novamente... desta vez na outra direção. Então os gritos se transformaram em lamentos.

Um foi silenciado com o som de ossos quebrando e carne rasgando. O outro se transformou em um uivo sobrenatural antes que algo se chocasse contra a casa com a força de um ônibus em alta velocidade, espalhando jatos vermelhos.

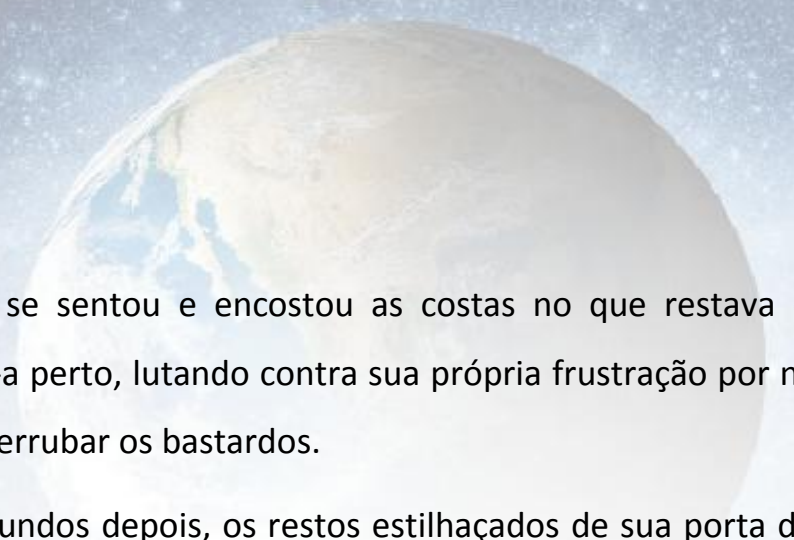
Então tudo ficou em silêncio.

Embaixo dele, Aric podia sentir Jo prendendo a respiração, seu corpo tenso.

— Está tudo bem, — disse ele, afastando-se dela para que pudesse tomá-la em seus braços.

Os olhos de Jo estavam arregalados e sem compreender. — O que está acontecendo?

— Vai ficar tudo bem, — repetiu ele. — Esse é o som da cavalaria. Os caras bons.



Ele se sentou e encostou as costas no que restava da parede, segurando-a perto, lutando contra sua própria frustração por não ter sido o único a derrubar os bastardos.

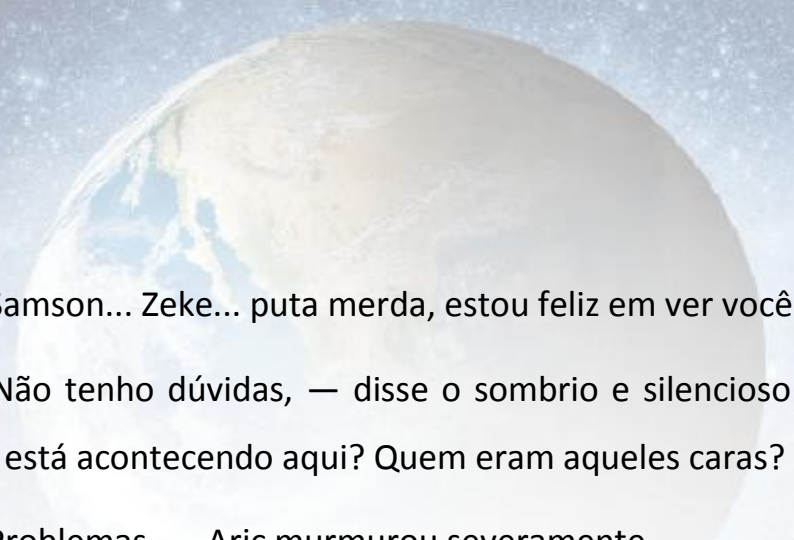
Segundos depois, os restos estilhaçados de sua porta da frente se abriram, e dois dos irmãos Alfa de Aric estavam na porta.

Samson avistou Aric primeiro e assobiou ao vê-lo no chão com uma Ômega nos braços. — Que porra de tipo de festa você começou a dar por aqui, irmão?

Jocelyn

Com a visão dos dois Alfas enormes na porta, Jocelyn se desvencilhou dos braços de Aric e rastejou para trás da bancada da cozinha, espiando ao virar da esquina. Apesar de Aric repetir garantias de que os Alfas eram amigáveis e não tinha nada a temer, ela disse a ele que sairia quando estivesse pronta. Depois do que eles acabaram de passar, ela precisava de alguns momentos para se recompor.

Aric, por outro lado, não tinha tais reservas. Depois de se certificar de que ela não estava ferida, ele foi saudar os Alfas, abraçando-os por sua vez.



— Samson... Zeke... puta merda, estou feliz em ver vocês dois.

— Não tenho dúvidas, — disse o sombrio e silencioso Zeke. — O que diabos está acontecendo aqui? Quem eram aqueles caras?

— Problemas, — Aric murmurou severamente.

O primeiro Alfa, um gigante com coloração clara e um sorriso fácil, balançou a cabeça. — De jeito nenhum. 'Problema' é o motorista de caminhão de merda que pensou que poderia roubar as remessas de suprimentos sem que Ty percebesse. Aqueles Betas com fuzis de assalto cujos crânios nós acabamos de esmagar?... aqueles caras eram outra coisa.

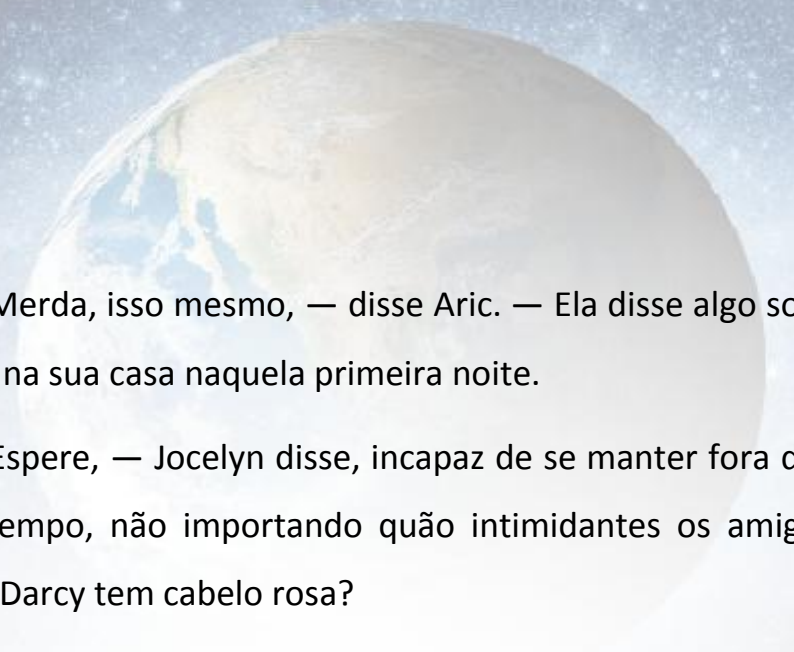
— Sim... problema de nível Ômega, — o moreno concordou, seus olhos se estreitando na direção dela. Jocelyn recuou para trás da ilha, um arrepio percorrendo sua espinha.

— Eu deveria saber, — disse Samson, seu sorriso cada vez mais amplo.

— Então, *este* é o lugar onde você acabou.

— 'Onde ela foi parar'? — Aric ecoou. — Você sabe sobre Jo?

— Sabe sobre ela? — Zeke sorriu afetadamente. — Darcy não parou me importunar sobre ela na última semana. Ela tem estado desesperada para descobrir para onde sua pequena fugitiva fugiu.



— Merda, isso mesmo, — disse Aric. — Ela disse algo sobre pensar que estava na sua casa naquela primeira noite.

— Espere, — Jocelyn disse, incapaz de se manter fora da conversa por mais tempo, não importando quão intimidantes os amigos de Aric fossem. — Darcy tem cabelo rosa?

— Ela tem, — Zeke disse, olhando-a lentamente de cima a baixo. — Quando você não apareceu, ela ficou preocupada. Está puxando o cabelo tentando descobrir o que aconteceu com você.

Ela estava preocupada. Estava puxando o cabelo. O tom do Alfa deixou claro que não compartilhava das preocupações de sua Ômega.

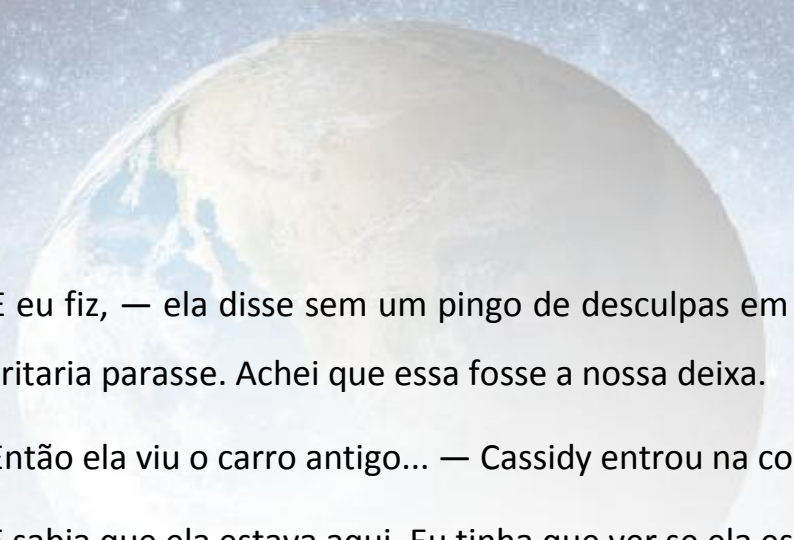
— Onde está Darcy agora? — Jocelyn perguntou.

— Lá fora na minha caminhonete, — disse ele.

— E eu tenho Cassidy na minha, — Samson acrescentou. — Não havia nenhuma maneira no inferno que íamos deixar qualquer uma delas chegar mais perto do show de merda que paramos.

Nesse momento, duas mulheres passaram pelos Alfas e entraram na casa. Uma delas era a simpática senhora de cabelo rosa do bar... Darcy... e a outra era uma ruiva esguia.

— Maldição, Darcy, — Zeke reclamou. — Eu disse para você ficar na caminhonete.



— E eu fiz, — ela disse sem um pinga de desculpas em sua voz. — Até que a gritaria parasse. Achei que essa fosse a nossa deixa.

— Então ela viu o carro antigo... — Cassidy entrou na conversa.

— E sabia que ela estava aqui. Eu tinha que ver se ela estava bem.

Os ombros de Darcy cederam de alívio quando seus olhos pousaram em Jocelyn do outro lado da sala, parada sem jeito na cozinha. — Oh, graças a Deus. Você está bem.

Jocelyn deu um passo involuntário para trás. — Por que você estava tão preocupado comigo?

Ela sabia que estava sendo rude, mas só conversou com Darcy por alguns minutos, curtos demais para criar laços duradouros.

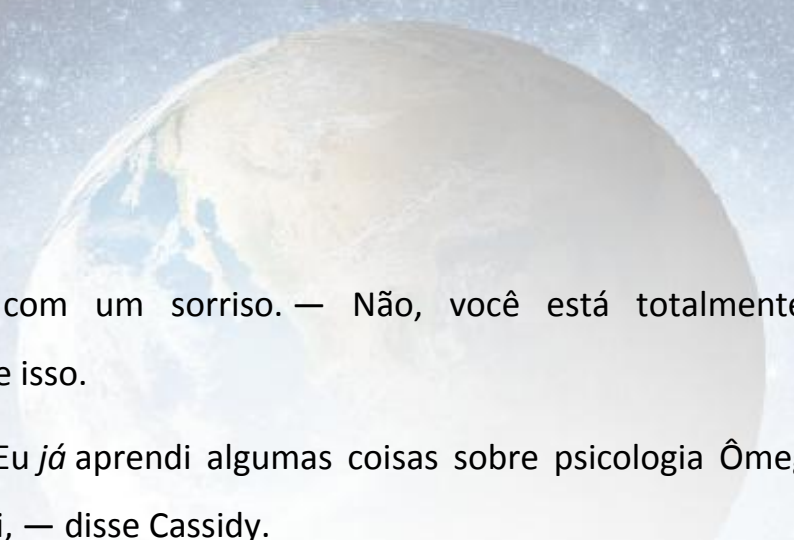
Embora... um único toque entre ela e Aric tivesse mudado toda a sua vida.

— Porque...

— Porque ela pensa que você é igual a ela e pode salvá-la, — Cassidy interrompeu.

— O quê? — Darcy se voltou para a outra Ômega. — Isso é ridículo.

Cassidy se manteve firme, as mãos nos quadris. — Oh, vamos, Darcy. — O concurso de olhares terminou rapidamente quando Darcy



concedeu com um sorriso. — Não, você está totalmente certa. É exatamente isso.

— Eu *já* aprendi algumas coisas sobre psicologia Ômega no meu tempo aqui, — disse Cassidy.

— Espere, — Jocelyn interrompeu. — Você... *não* é uma Ômega?

— Não, — Cassidy respondeu sacudindo suas mechas vermelhas. — Eu sou uma Beta orgulhosa.

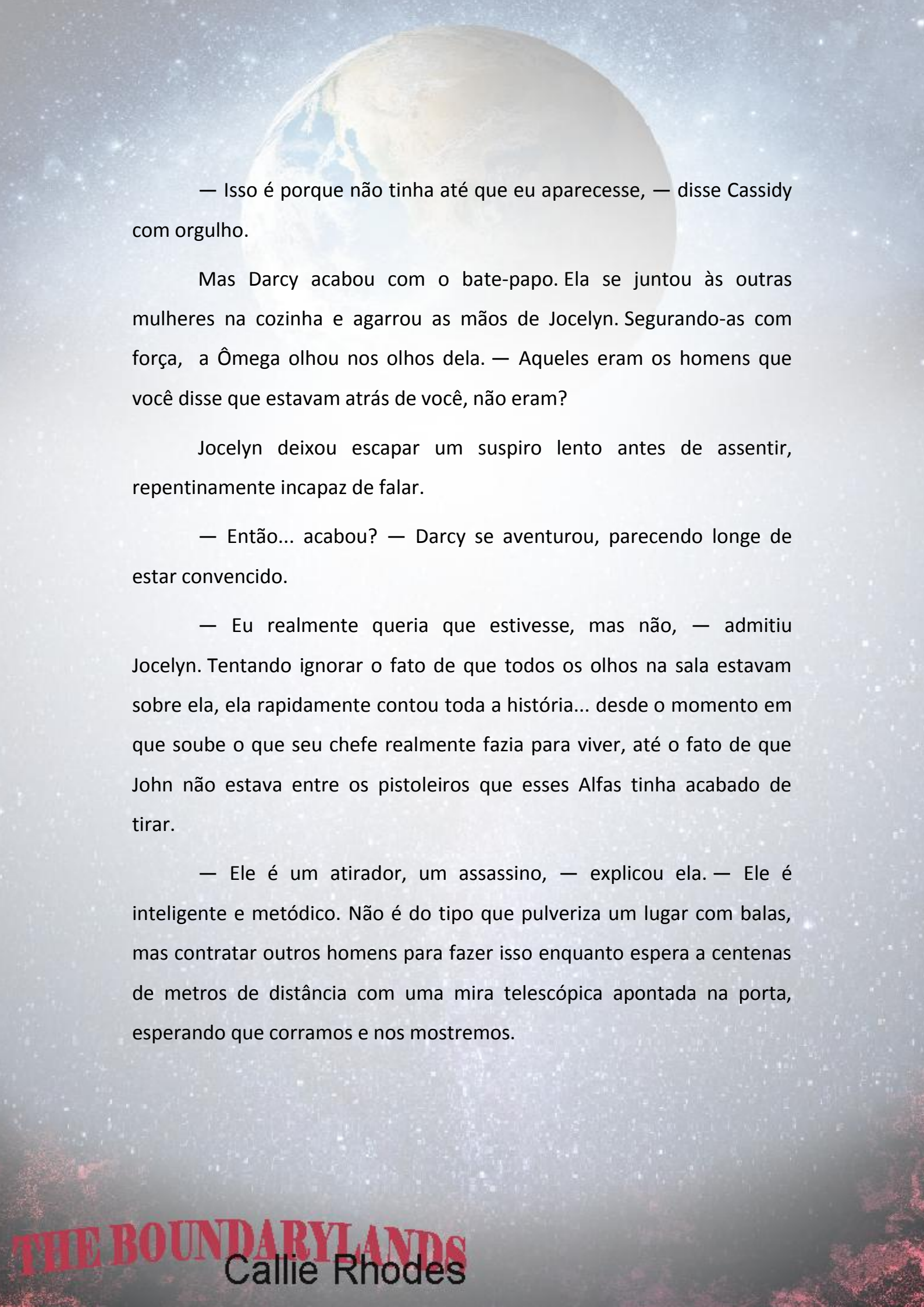
Atrás dela, todos os Alfas, exceto Samson, gemeram.

Cassidy riu e baixou a voz ao se juntar a Jocelyn na cozinha. — Não sou realmente tão orgulhosa, só gosto de fazê-los fazer isso. Darcy me pediu para ir junto porque pensou que você gostaria de ver outro rosto Beta depois de estar cercada por nada além de Alfas e Ômegas... mas estou supondo isso não é mais um problema, é?

Não, Jocelyn adivinhou que não era. Mas isso não significava que ela não estava confusa. — Mas Samson fez soar como se você fosse sua companheira.

Os olhos de Cassidy enrugaram nos cantos. — Sim, sou sua companheira. Também tenho um doutorado em estudos Ômega.

— Eu nem sabia que tal coisa existia, — Jocelyn admitiu. Claro, ela nunca tinha prestado muita atenção em Boundarylands antes de sua visita surpresa aqui.



— Isso é porque não tinha até que eu aparecesse, — disse Cassidy com orgulho.

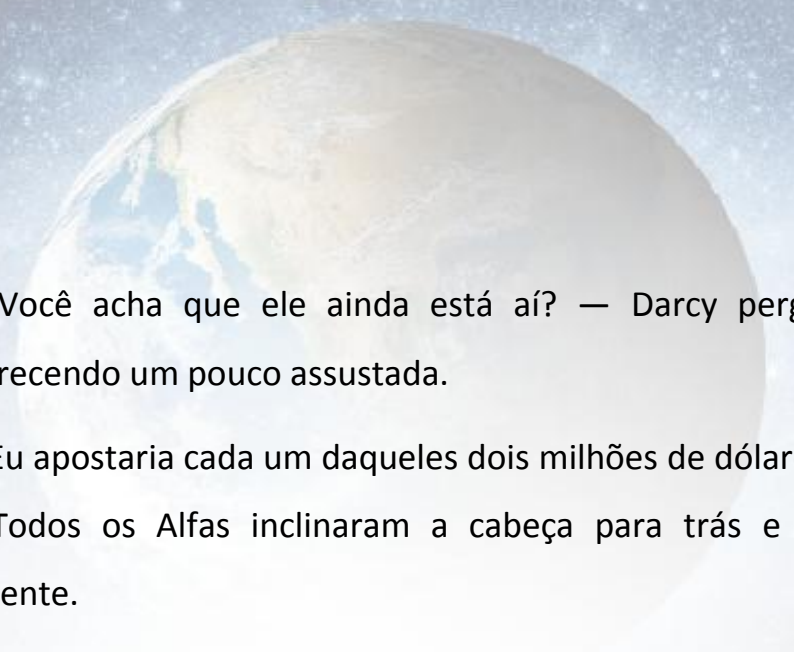
Mas Darcy acabou com o bate-papo. Ela se juntou às outras mulheres na cozinha e agarrou as mãos de Jocelyn. Segurando-as com força, a Ômega olhou nos olhos dela. — Aqueles eram os homens que você disse que estavam atrás de você, não eram?

Jocelyn deixou escapar um suspiro lento antes de assentir, repentinamente incapaz de falar.

— Então... acabou? — Darcy se aventurou, parecendo longe de estar convencido.

— Eu realmente queria que estivesse, mas não, — admitiu Jocelyn. Tentando ignorar o fato de que todos os olhos na sala estavam sobre ela, ela rapidamente contou toda a história... desde o momento em que soube o que seu chefe realmente fazia para viver, até o fato de que John não estava entre os pistoleiros que esses Alfas tinha acabado de tirar.

— Ele é um atirador, um assassino, — explicou ela. — Ele é inteligente e metódico. Não é do tipo que pulveriza um lugar com balas, mas contratar outros homens para fazer isso enquanto espera a centenas de metros de distância com uma mira telescópica apontada na porta, esperando que corramos e nos mostremos.



— Você acha que ele ainda está aí? — Darcy perguntou, de repente parecendo um pouco assustada.

— Eu apostaria cada um daqueles dois milhões de dólares nisso, — disse ela. Todos os Alfas inclinaram a cabeça para trás e inspiraram profundamente.

— Ela está certa, — disse Zeke. — Tem alguém aí fora. Longe e coberto de bloqueadores de cheiro, muito bons, mas ele está lá.

— Então, por que ele não atirou em todos nós?, — perguntou Cassidy. — Afinal, nós éramos alvos fáceis.

— Porque todos o estamos subestimando, — Aric interrompeu de repente, sua voz tensa de fúria. — Ele quer Jocelyn morta. Provavelmente eu também... mas este Beta é inteligente. A última coisa que ele quer é uma guerra Alfa. Ele sabe que é o único cenário que não pode ganhar.

Samson olhou de um irmão para o outro. — Então vocês sabem que é o que temos para dar a ele, certo, irmãos?

Zeke gemeu em resposta. — A vida era muito mais simples antes de todas as malditas Ômegas começarem a aparecer. Sem tiroteios. Sem conversa sobre guerra.

Samson riu, o som ecoando pela casa destruída. — Vou lembrar que você disse isso da próxima vez que me criticar sobre o acasalamento com uma Beta.



CAPÍTULO 15

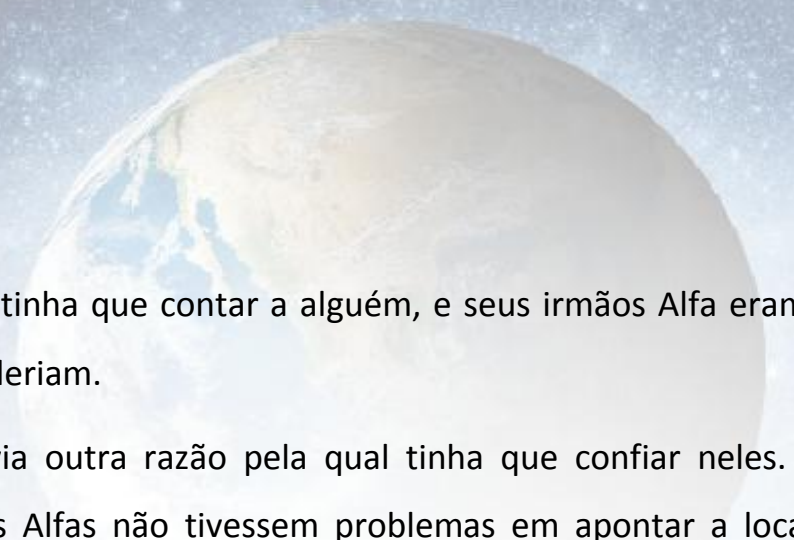
Aric

Aric preparou um jantar simples enquanto Samson arrastava os corpos para servir de lanche para os comedores de carniça, e Zeke limpava o pior da bagunça. As mulheres levaram seus pratos e se retiraram para o quarto, falando a mil por hora. Os Alfas comiam encostados nas paredes, pois a mesa e as cadeiras estavam em cacos.

As sombras estavam ficando longas quando terminaram de comer. Aric serviu copos de seu precioso luar de reserva, mas ele mal o provou, meditando enquanto Zeke e Samson falavam merda. Finalmente, ele não aguentou mais.

— Eu não o senti. Em nenhuma das vezes... não antes que fosse tarde demais.

Aric tinha escondido essa verdade vergonhosa de seus irmãos, e isso o pressionava mais e mais a cada segundo que passava. Admitir para seus irmãos que falhou já era ruim o suficiente... mas admitir para si mesmo que falhou com Jo era muito pior. De que adiantava prometer sua vida para protegê-la, se não podia nem mesmo sentir uma ameaça quando aparecesse?



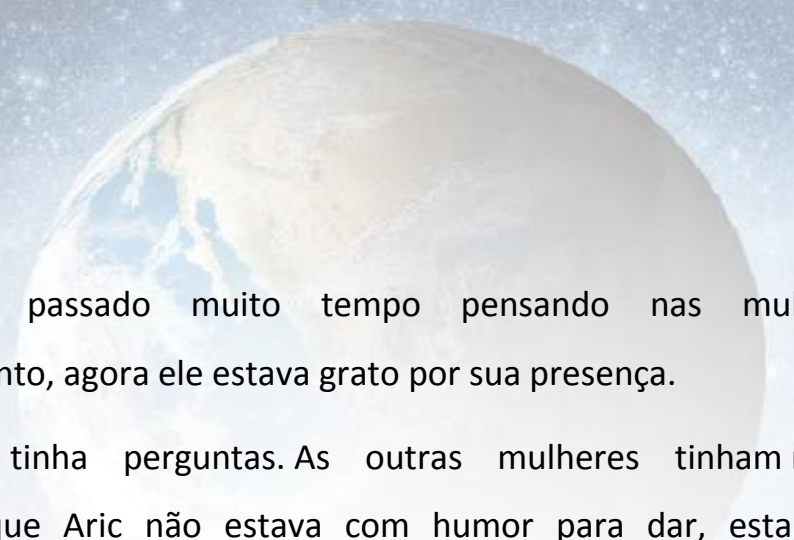
Ele tinha que contar a alguém, e seus irmãos Alfa eram os únicos que entenderiam.

Havia outra razão pela qual tinha que confiar neles. Embora os outros dois Alfas não tivessem problemas em apontar a localização do atirador Beta pelo leve traço químico de seus bloqueadores, Aric não podia... o que significava que ele seria um risco.

Ele não podia deixar de rastrear o Beta, que ainda estava sentado pacientemente nas colinas acima de sua cabana, nem poderia se defender de um ataque quando não sabia de qual direção viria. E como planejavam sair quando estivesse totalmente escuro, o tempo estava se esgotando para admitir a verdade.

Aric concordou em esperar até o anoitecer, apesar do fato de que a ideia de deixar um intruso continuar respirando em sua terra... especialmente um com intenções assassinas para sua Ômega... era quase insuportável. Mas sabia que este Beta era paciente, então ele tinha que ser paciente também. Quanto mais os Alfas esperassem, mais cansado o atirador se tornaria. E uma presa cansada era mais fácil de pegar.

Samson e Zeke trocaram um olhar. A noite estava silenciosa, exceto pelo zumbido dos insetos e o zumbido das conversas das mulheres através da parede. Embora Aric não se concentrasse em suas palavras, querendo dar a Jo sua privacidade, ao que parecia, ela estava se dando muito bem com as outras companheiras. Embora Aric nunca tivesse



realmente passado muito tempo pensando nas mulheres do assentamento, agora ele estava grato por sua presença.

Jo tinha perguntas. As outras mulheres tinham respostas... respostas que Aric não estava com humor para dar, estando muito preocupado com sua própria vergonha e raiva.

Infelizmente, nenhum de seus irmãos Alfa parecia saber o que fazer com seu problema enquanto continuavam a beber sua bebida alcoólica em silêncio. Mas a culpa de Aric não o deixou mudar de assunto.

— Havia três deles desta vez, — ele vociferou, mais irritado consigo mesmo do que jamais esteve com qualquer intruso. — *Três*. E eu não os ouvi até que estivessem a um segundo de disparar. O que diabos há de errado comigo?

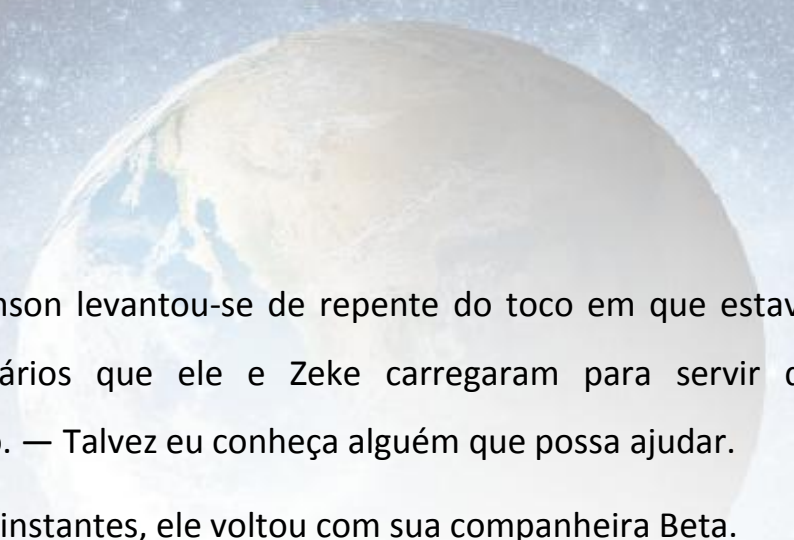
— Eu não sei, — disse Zeke pesadamente. — Isso é uma merda assustadora. Um Alfa sem seus sentidos é...

Ele parou antes de dizer a palavra que Aric mais temia. *Nada*.

Sem seus sentidos, um Alfa não era nada. Incapaz de proteger sua propriedade, ele mesmo, sua Ômega. Não melhor do que um Beta.

— O que diabos eu farei? — Aric disse, principalmente para si mesmo.

— Não tenho certeza, irmão, — Zeke disse com simpatia. — Eu nunca ouvi de qualquer coisa parecida.



Samson levantou-se de repente do toco em que estava sentado, um dos vários que ele e Zeke carregaram para servir de assento temporário. — Talvez eu conheça alguém que possa ajudar.

Em instantes, ele voltou com sua companheira Beta.

— Ei — Cassidy disse com sua voz eternamente alegre, azedando ainda mais o humor de Aric.

— E aí?

— Eu não preciso da ajuda dela, — Aric resmungou, olhando para o outro lado da sala.

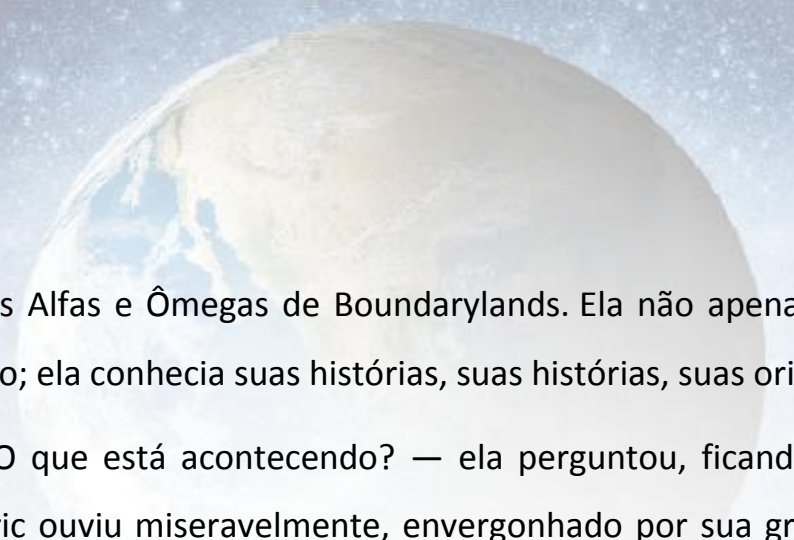
— Sim, precisa, — Samson o assegurou.

— Ela é uma maldita *Beta*, — Aric rebateu, seu temperamento dominando-o. — Se nenhum de nós puder dar uma resposta, o que diabos ela vai saber?

A expressão no rosto de Samson escureceu. — Ela é minha maldita companheira, então tome cuidado. Ela compilou mais pesquisas sobre a vida em Boundarylands do que qualquer outra pessoa. Se você quer respostas, Aric, então você a quer.

Porra. Samson estava certo.

Por mais que Aric odiasse admitir... e por mais que odiasse a ideia de compartilhar seus problemas com uma mulher Beta, entre todas as pessoas... Cassidy era a única estudiosa que já havia passado algum tempo



real com os Alfas e Ômegas de Boundarylands. Ela não apenas conhecia todo mundo; ela conhecia suas histórias, suas histórias, suas origens.

— O que está acontecendo? — ela perguntou, ficando perto de Samson. Aric ouviu miseravelmente, envergonhado por sua grosseria e a terrível revelação quando Sansão explicou rapidamente a situação. Cassidy ouviu com atenção, franzindo a testa em concentração.

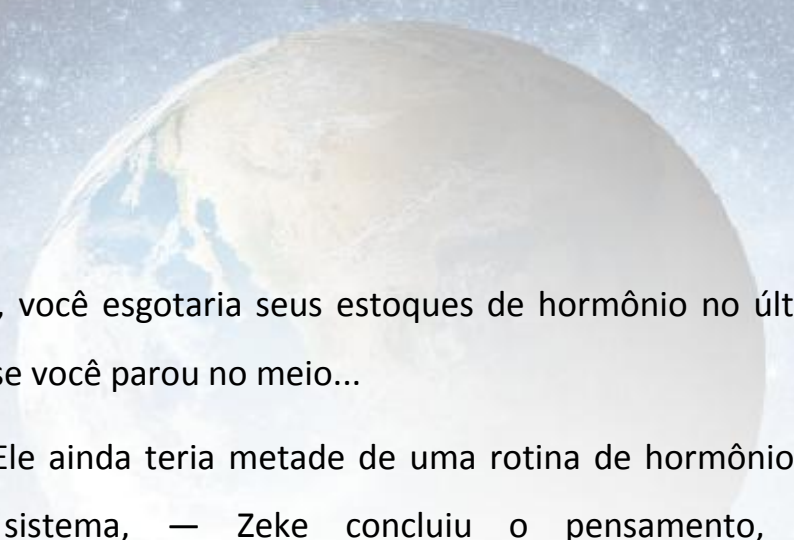
— Bem, nunca ouvi falar de outro Alfa perdendo seus sentidos assim, — ela disse quando Samson terminou, — Mas honestamente, não estou totalmente surpresa de que tenha acontecido.

— Por quê? — Aric exigiu, grato que seu tom não traiu nenhuma pena. Aric não achava que poderia tirar isso de ninguém, muito menos de uma Beta.

— Jocelyn mencionou que você perseguiu esse cara John no meio do cio, mas depois ficou fora da cama nos últimos dois dias.

— Eu não poderia voltar com ela enquanto ele estava lá, — Aric disse defensivamente. — Eu precisava estar alerta. Se ele tivesse voltado enquanto estava no cio, eu poderia ter perdido os sinais novamente.

— Exatamente, — disse Cassidy. — Alguns de seus sentidos estavam entorpecidos por causa do foco natural do seu corpo em sua Ômega. Agora, o calor dela o ciclo dura quatro dias, faça chuva ou faça sol. Mas sua rotina é diferente. Ele foge dos níveis hormonais. Durante um



cio normal, você esgotaria seus estoques de hormônio no último dia do ciclo. Mas se você parou no meio...

— Ele ainda teria metade de uma rotina de hormônios restantes em seu sistema, — Zeke concluiu o pensamento, parecendo impressionado com a conclusão dela.

— E meu palpite é que eles estão bloqueando muitos outros estímulos sensoriais, — disse ela.

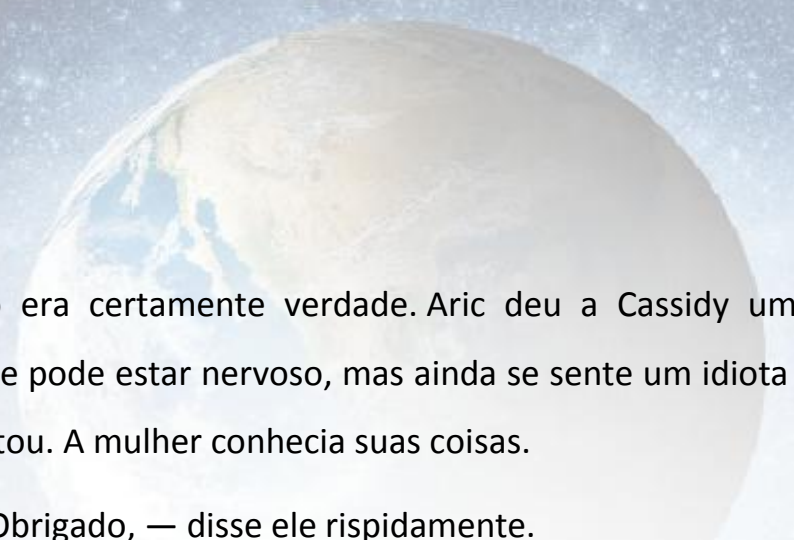
— Então, o que ele pode fazer para consertar? — Samson perguntou.

O olhar de Cassidy caiu no chão, um rubor rosa subindo por suas bochechas. Aric foi lembrado de que ela não era apenas uma médica, apesar de seu tom clínico... ela era uma mulher e a companheira de um Alfa. — Hum... eu realmente tenho que dizer isso?

Samson riu e lançou o braço ao redor de sua companheira como se para protegê-la fisicamente de seu constrangimento. — O que você está dizendo é que a única maneira de Aric melhorar é voltar a foder sua Ômega por dois dias seguidos.

— Sim, — disse Cassidy. — Esse é o meu melhor palpite, de qualquer maneira.

— Bem, — disse Zeke com um raro sorriso divertido, — Poderia ser muito pior.

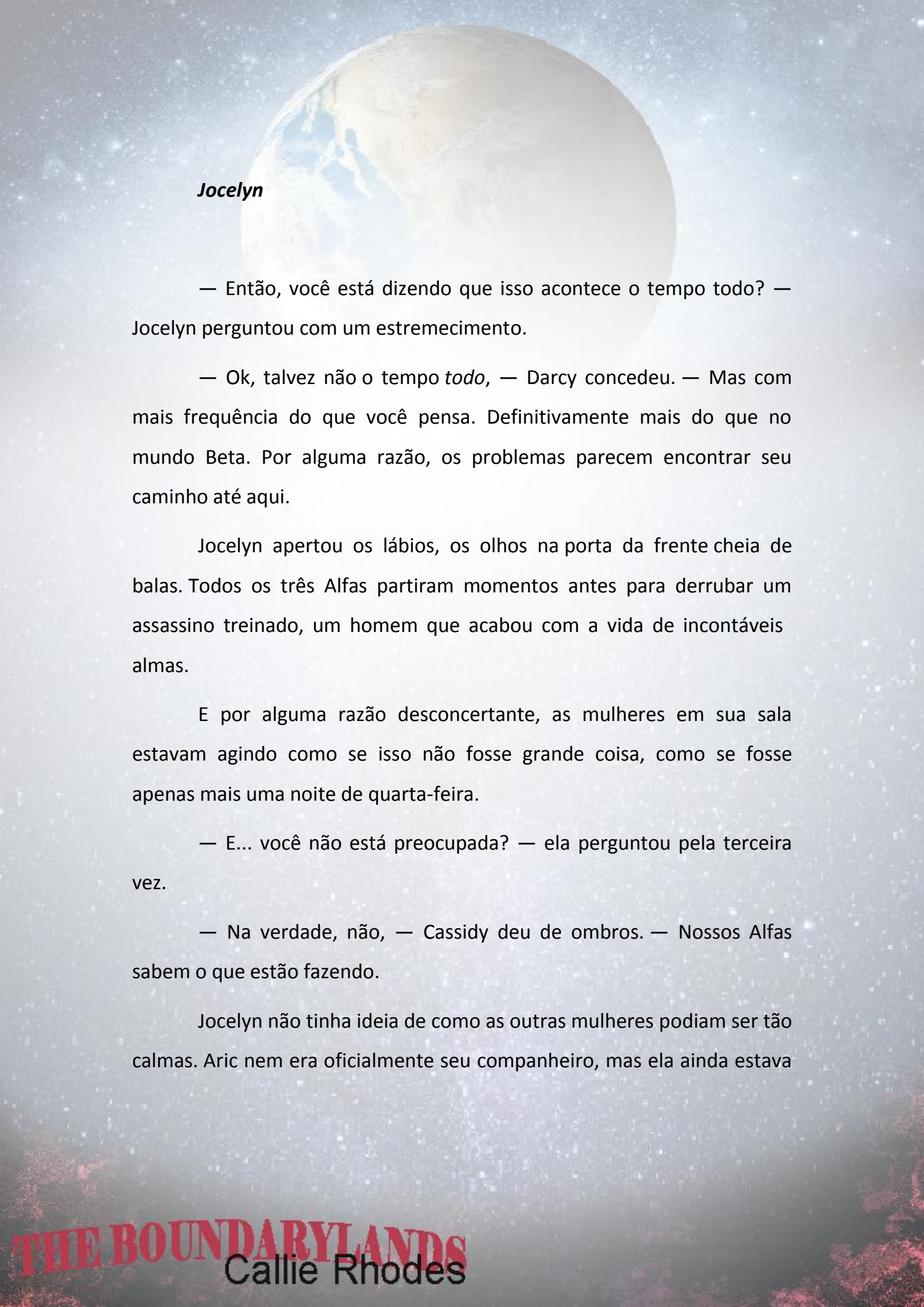


Isso era certamente verdade. Aric deu a Cassidy um aceno de respeito. Ele pode estar nervoso, mas ainda se sente um idiota pela forma como a tratou. A mulher conhecia suas coisas.

— Obrigado, — disse ele rispidamente.

— O prazer é meu, — respondeu Cassidy. — E prometo que sairemos da sua frente assim que todos vocês cuidarem do seu probleminha de pragas.

Eles não poderiam partir logo, Aric pensou. Porque mesmo que Cassidy tivesse chegado à conclusão errada, a ideia de resolver toda a sua frustração na cama com sua companheira por dois dias seguidos parecia muito boa para resistir.



Jocelyn

— Então, você está dizendo que isso acontece o tempo todo? —
Jocelyn perguntou com um estremecimento.

— Ok, talvez não o tempo *todo*, — Darcy concedeu. — Mas com mais frequência do que você pensa. Definitivamente mais do que no mundo Beta. Por alguma razão, os problemas parecem encontrar seu caminho até aqui.

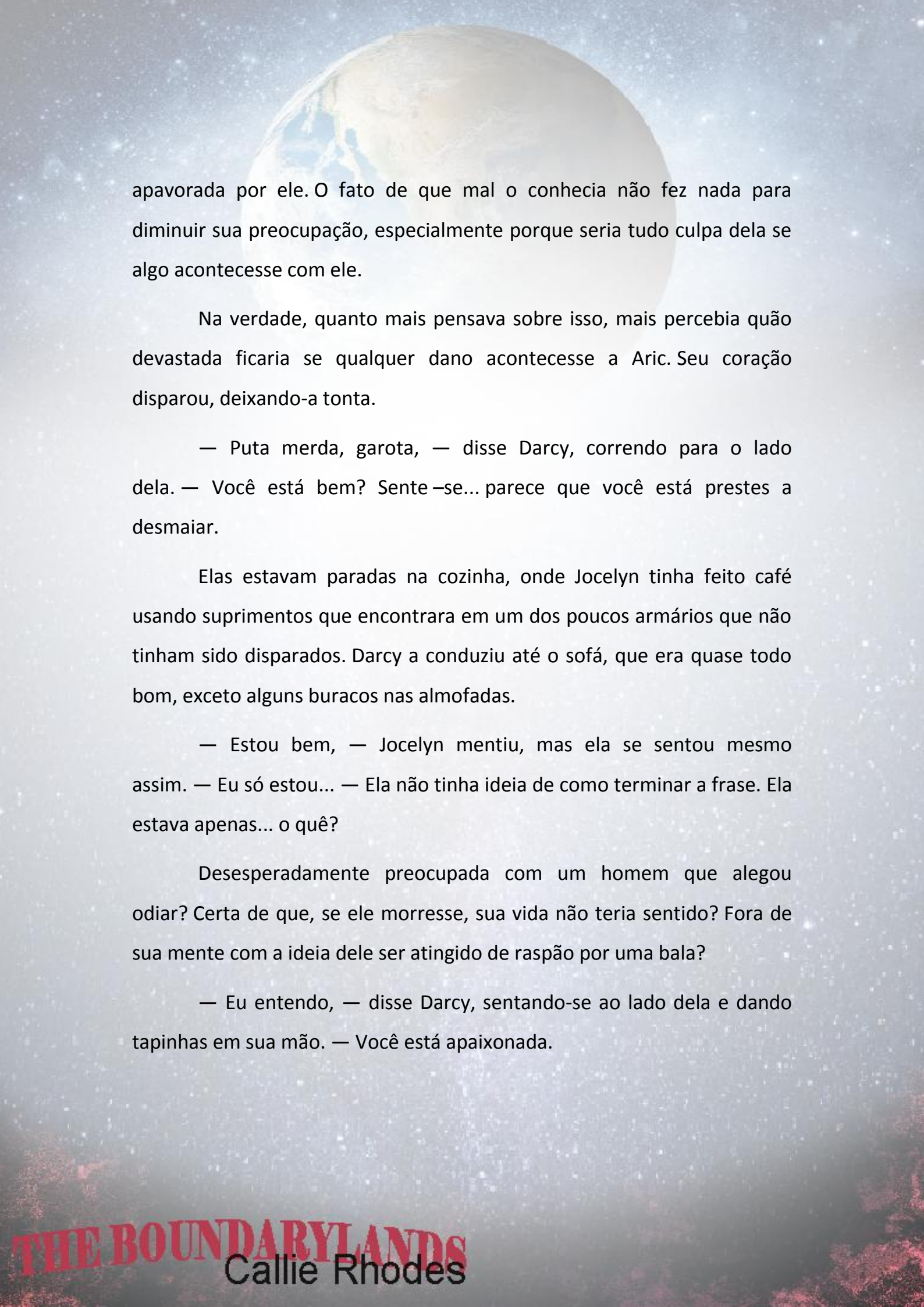
Jocelyn apertou os lábios, os olhos na porta da frente cheia de balas. Todos os três Alfas partiram momentos antes para derrubar um assassino treinado, um homem que acabou com a vida de incontáveis almas.

E por alguma razão desconcertante, as mulheres em sua sala estavam agindo como se isso não fosse grande coisa, como se fosse apenas mais uma noite de quarta-feira.

— E... você não está preocupada? — ela perguntou pela terceira vez.

— Na verdade, não, — Cassidy deu de ombros. — Nossos Alfas sabem o que estão fazendo.

Jocelyn não tinha ideia de como as outras mulheres podiam ser tão calmas. Aric nem era oficialmente seu companheiro, mas ela ainda estava



apavorada por ele. O fato de que mal o conhecia não fez nada para diminuir sua preocupação, especialmente porque seria tudo culpa dela se algo acontecesse com ele.

Na verdade, quanto mais pensava sobre isso, mais percebia quão devastada ficaria se qualquer dano acontecesse a Aric. Seu coração disparou, deixando-a tonta.

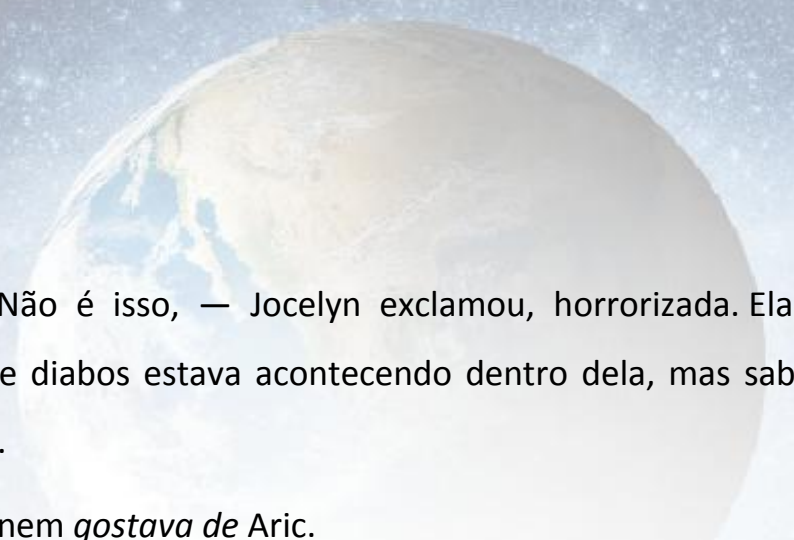
— Puta merda, garota, — disse Darcy, correndo para o lado dela. — Você está bem? Sente-se... parece que você está prestes a desmaiar.

Elas estavam paradas na cozinha, onde Jocelyn tinha feito café usando suprimentos que encontrara em um dos poucos armários que não tinham sido disparados. Darcy a conduziu até o sofá, que era quase todo bom, exceto alguns buracos nas almofadas.

— Estou bem, — Jocelyn mentiu, mas ela se sentou mesmo assim. — Eu só estou... — Ela não tinha ideia de como terminar a frase. Ela estava apenas... o quê?

Desesperadamente preocupada com um homem que alegou odiar? Certa de que, se ele morresse, sua vida não teria sentido? Fora de sua mente com a ideia dele ser atingido de raspão por uma bala?

— Eu entendo, — disse Darcy, sentando-se ao lado dela e dando tapinhas em sua mão. — Você está apaixonada.



— Não é isso, — Jocelyn exclamou, horrorizada. Ela pode não saber o que diabos estava acontecendo dentro dela, mas sabia que não era... *amor*.

Ela nem *gostava de Aric*.

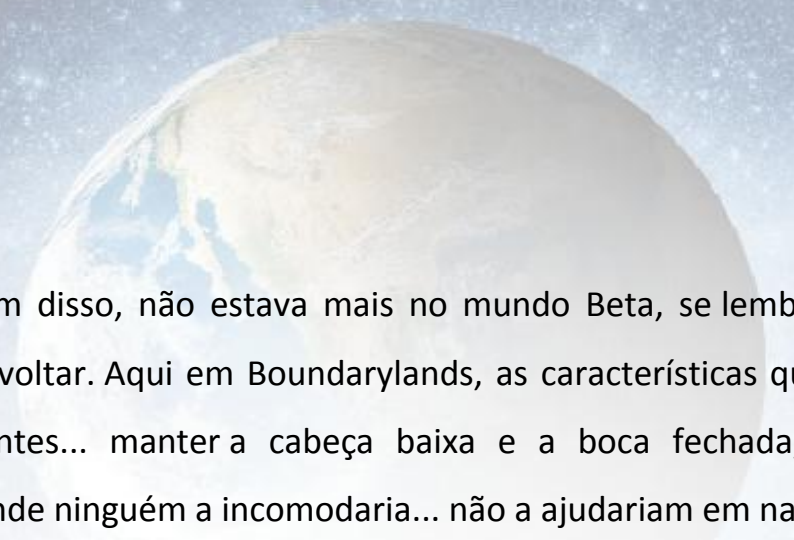
Tudo bem, então ele era bom de cama. Melhor do que bom. Na verdade, Darcy tinha certeza de que nenhum Beta vivo poderia dar-lhe prazer como Aric fazia.

E ele foi, sem dúvida, corajoso, indo lá para caçar um assassino obstinado. Poucos homens estariam tão dispostos a colocar suas vidas em risco por ela.

Mas ele também era impossível. Contudente a ponto de não ter filtros. Definitivamente arrogante. E obviamente acostumado a fazer o que quer, dado quão agressivo ele poderia ser. Em outras palavras, dificilmente material para namorado.

Embora... talvez não fosse uma coisa tão ruim ser empurrada para fora de sua zona de conforto de vez em quando. Aric tinha uma maneira de trazer à tona elementos de sua personalidade que Jocelyn geralmente tentava manter ocultos, as partes que tornavam difícil navegar no mundo Beta.

Quando estava perto dele, ela se sentia corajosa, confiante, como se pudesse falar o que pensava. Não importava se Aric gostasse do que tinha a dizer, ela se sentia livre para dizê-lo.



Além disso, não estava mais no mundo Beta, se lembrou... e ela não podia voltar. Aqui em Boundarylands, as características que tinha se inclinado antes... manter a cabeça baixa e a boca fechada, ficar nas sombras onde ninguém a incomodaria... não a ajudariam em nada.

No passado, o medo a tornava cuidadosa. Aqui, o medo a tornava vulnerável e, pior, inútil.

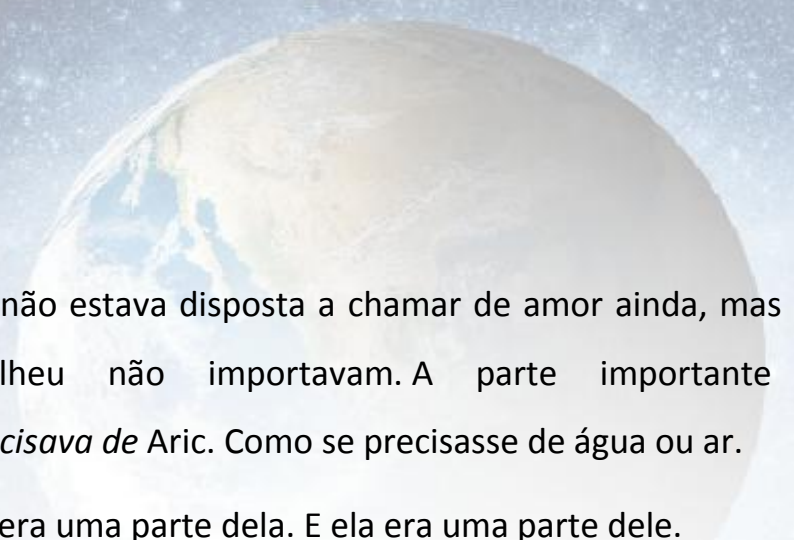
Suas novas amigas não criaram vidas para si mesmas aqui por serem tímidas. E não importa o quanto ela tentasse se esconder, Aric provou que ainda a via. *Realmente a vi.*

E ele queria o que viu.

Isso, também, ele tinha provado repetidas vezes... até mesmo pensar nisso alimentava o desejo de Jocelyn e liberava sua esperteza. Lutar contra isso não adiantava. Ela o queria, e não apenas no nível físico.

Ela não podia fingir que era apenas uma vítima de seus hormônios. As emoções de Jocelyn estavam completamente entrelaçadas com seu desejo. Aric de alguma forma se tornou o pano de fundo de todos os seus pensamentos ao acordar e... se conseguisse dormir novamente... seus sonhos também.

A simples verdade era que Jocelyn temia a ideia de Aric se colocando em perigo. Ela o queria seguro em casa com ela. Não importa que não entendesse seus sentimentos; ela não podia negar.



Ela não estava disposta a chamar de amor ainda, mas as palavras que escolheu não importavam. A parte importante era que Jocelyn *precisava de Aric*. Como se precisasse de água ou ar.

Ele era uma parte dela. E ela era uma parte dele.

E não importava o que as outras mulheres dissessem, não havia nenhuma maneira no inferno que ela seria capaz de relaxar até que ele voltasse para ela.



CAPÍTULO 16

Aric

Jo tinha razão em temer o antigo patrão: o filho da puta não caía fácil.

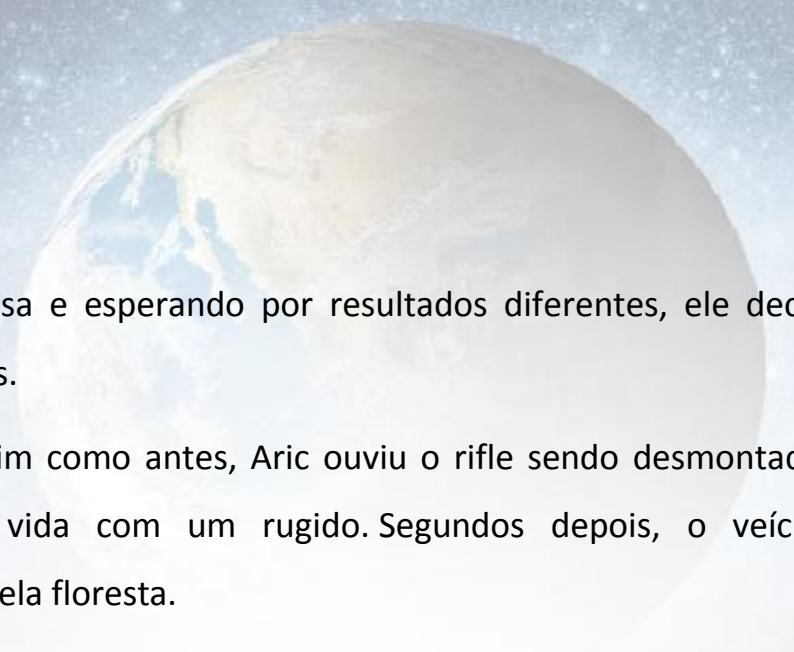
Os Alfas se espalharam ao sair da casa, Samson e Zeke cercando Aric em ambos os lados.

Eles correram apenas alguns metros na floresta quando a primeira bala passou zunindo pela orelha de Aric. O bastardo estava mirando na cabeça... e se Aric fosse um Beta, ele teria sido um caso perdido.

Mas o atirador cometeu um erro crucial: ele estava acostumado a medir seus tiros com os movimentos de um Beta. E um Beta em movimento era muito diferente de um Alfa em movimento, especialmente um Alfa com pressa.

Caçar Alfas... especialmente à distância e através da folhagem densa... era uma habilidade que o assassino da máfia claramente nunca tinha desenvolvido.

O Beta disparou mais dois tiros antes de aparentemente chegar à mesma conclusão. E sendo muito inteligente para continuar fazendo a



mesma coisa e esperando por resultados diferentes, ele decidiu cortar suas perdas.

Assim como antes, Aric ouviu o rifle sendo desmontado e o ATV ganhando vida com um rugido. Segundos depois, o veículo estava rasgando pela floresta.

Mas não foi exatamente como da última vez.

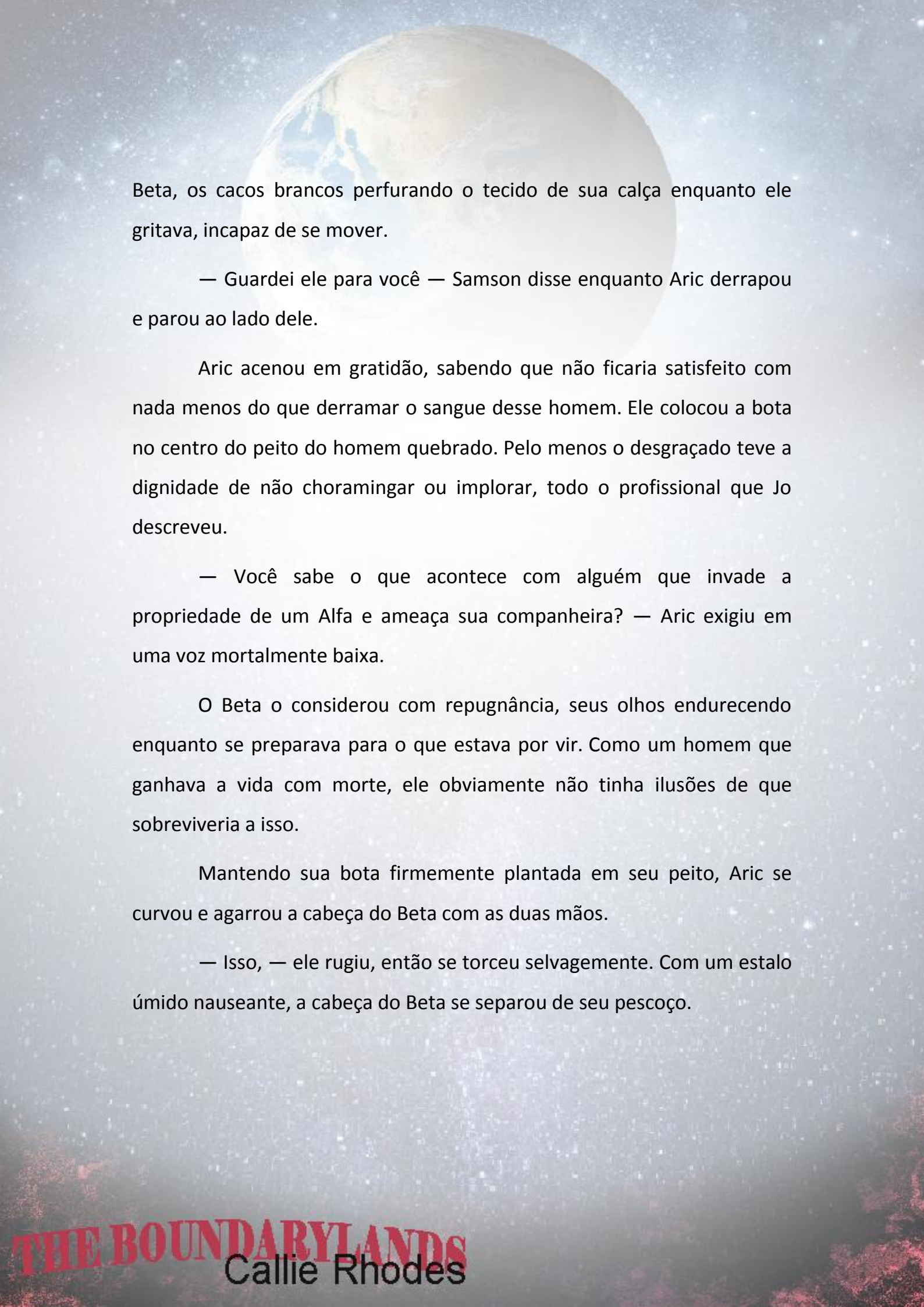
O Beta arrogante cometeu muitos erros, perdendo muito tempo atirando, deixando Aric avançar muito. E ele também claramente subestimou quão mortíferos os Alfas podiam ser quando caçavam. Uma vez que focavam em seu alvo, havia pouca chance de escapar.

Mesmo com o benefício do ATV e toda a sua potência, não havia nenhum lugar para o bastardo ir. Cinquenta metros à frente havia uma crista rochosa com vista para uma queda mortal. Com Alfas em todos os outros lados, ele estava preso.

O Beta não era covarde, Aric tinha que admitir. Ele caiu em uma explosão de desafio, nunca tirando o pé do pedal do acelerador enquanto apontava direto para Samson, aparentemente planejando derrubar o enorme Alfa.

Claro, não funcionou.

Samson se esquivou facilmente do ATV, arrancando o atirador de seu assento enquanto ele passava voando e jogando-o no chão, deixando o ATV colidir com uma árvore. O impacto quebrou o osso do quadril do



Beta, os cacos brancos perfurando o tecido de sua calça enquanto ele gritava, incapaz de se mover.

— Guardei ele para você — Samson disse enquanto Aric derrapou e parou ao lado dele.

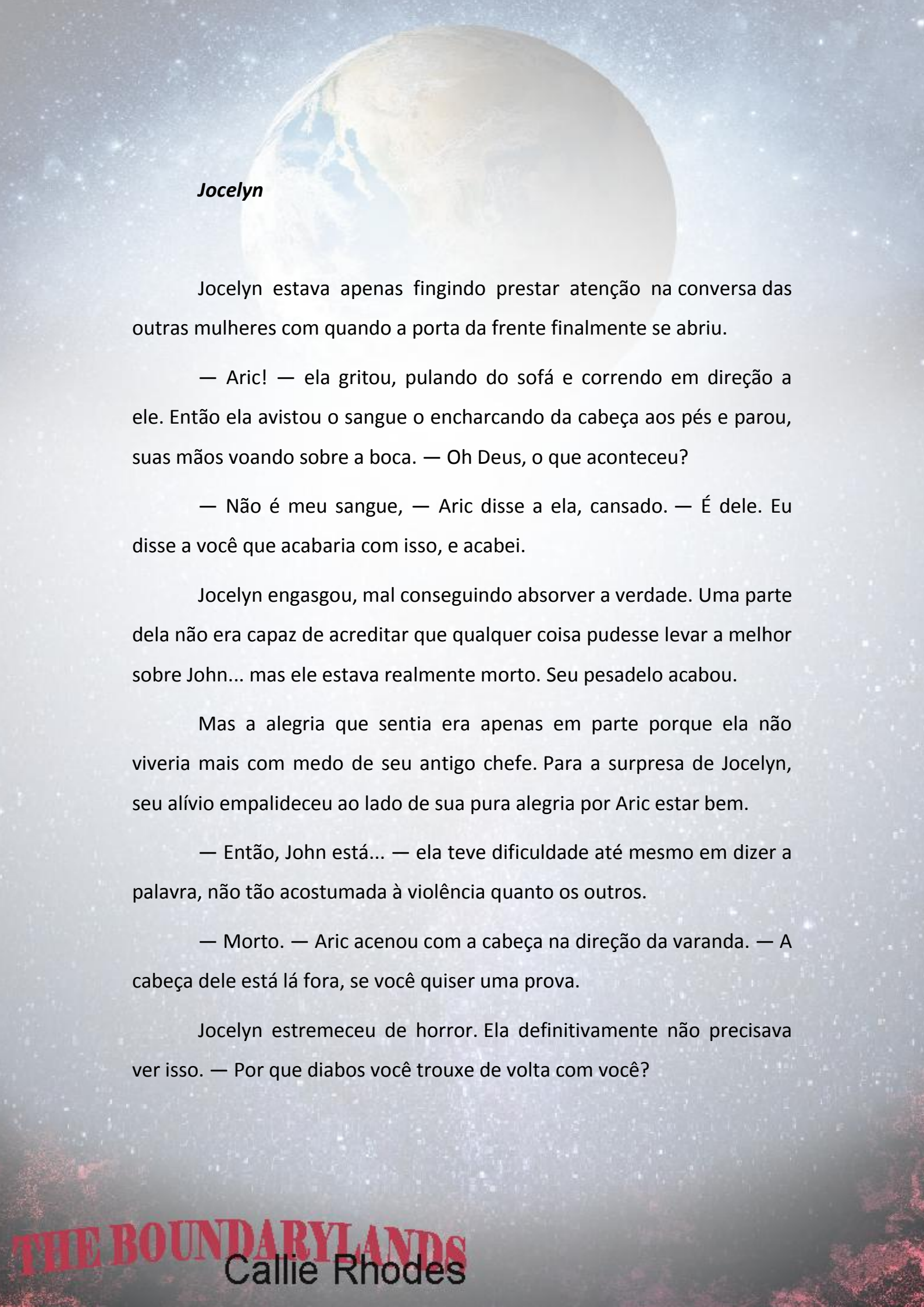
Aric acenou em gratidão, sabendo que não ficaria satisfeito com nada menos do que derramar o sangue desse homem. Ele colocou a bota no centro do peito do homem quebrado. Pelo menos o desgraçado teve a dignidade de não choramingar ou implorar, todo o profissional que Jo descreveu.

— Você sabe o que acontece com alguém que invade a propriedade de um Alfa e ameaça sua companheira? — Aric exigiu em uma voz mortalmente baixa.

O Beta o considerou com repugnância, seus olhos endurecendo enquanto se preparava para o que estava por vir. Como um homem que ganhava a vida com morte, ele obviamente não tinha ilusões de que sobreviveria a isso.

Mantendo sua bota firmemente plantada em seu peito, Aric se curvou e agarrou a cabeça do Beta com as duas mãos.

— Isso, — ele rugiu, então se torceu selvagememente. Com um estalo úmido nauseante, a cabeça do Beta se separou de seu pescoço.



Jocelyn

Jocelyn estava apenas fingindo prestar atenção na conversa das outras mulheres com quando a porta da frente finalmente se abriu.

— Aric! — ela gritou, pulando do sofá e correndo em direção a ele. Então ela avistou o sangue o encharcando da cabeça aos pés e parou, suas mãos voando sobre a boca. — Oh Deus, o que aconteceu?

— Não é meu sangue, — Aric disse a ela, cansado. — É dele. Eu disse a você que acabaria com isso, e acabei.

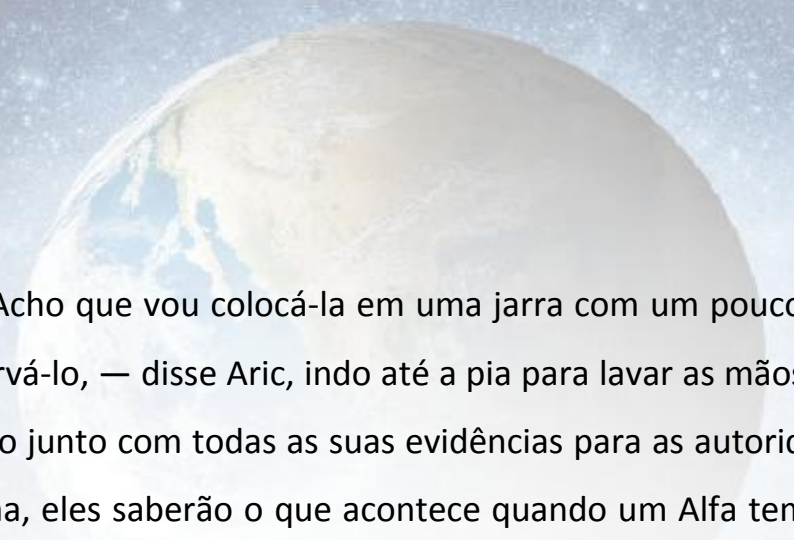
Jocelyn engasgou, mal conseguindo absorver a verdade. Uma parte dela não era capaz de acreditar que qualquer coisa pudesse levar a melhor sobre John... mas ele estava realmente morto. Seu pesadelo acabou.

Mas a alegria que sentia era apenas em parte porque ela não viveria mais com medo de seu antigo chefe. Para a surpresa de Jocelyn, seu alívio empalideceu ao lado de sua pura alegria por Aric estar bem.

— Então, John está... — ela teve dificuldade até mesmo em dizer a palavra, não tão acostumada à violência quanto os outros.

— Morto. — Aric acenou com a cabeça na direção da varanda. — A cabeça dele está lá fora, se você quiser uma prova.

Jocelyn estremeceu de horror. Ela definitivamente não precisava ver isso. — Por que diabos você trouxe de volta com você?



— Acho que vou colocá-la em uma jarra com um pouco de uísque para preservá-lo, — disse Aric, indo até a pia para lavar as mãos. — Então, vou enviá-lo junto com todas as suas evidências para as autoridades Beta. Dessa forma, eles saberão o que acontece quando um Alfa tem que fazer seu trabalho por eles. Se forem inteligentes, começarão a trabalhar em sua lista de nomes antes que mais potes comecem a aparecer no e-mail.

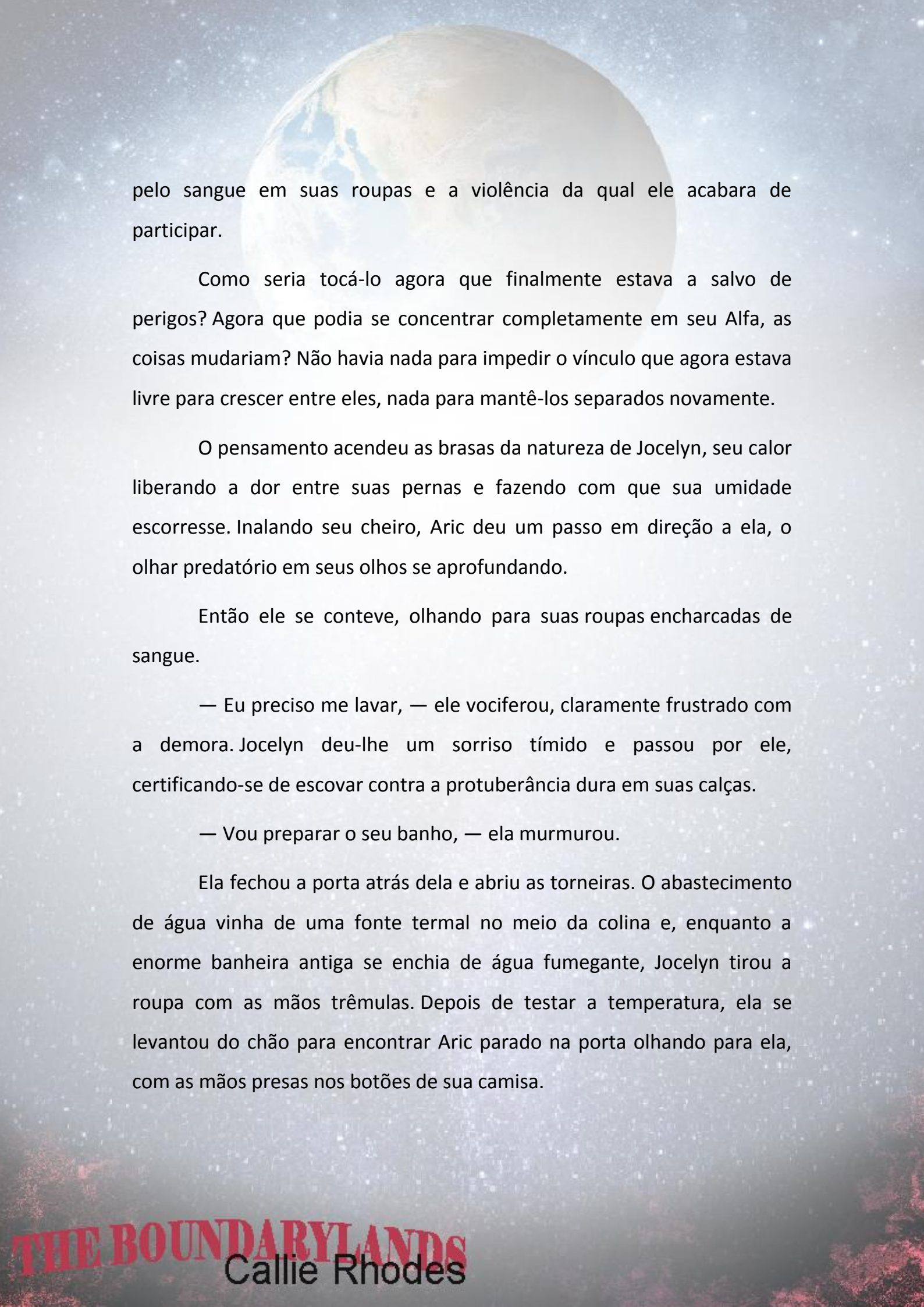
Jocelyn abriu a boca, então fechou novamente. Pode ser brutal, mas ainda assim era justa. E o mundo era um lugar melhor e mais seguro como resultado. Quando os associados de John soubessem do que havia acontecido com ele, ela tinha a sensação de que não fariam fila para ir atrás dela.

Ela aceitou os abraços e os parabéns de Cassidy e Darcy enquanto se sentia ligeiramente entorpecida. Zeke e Samson estavam de alto astral quando partiram para levar suas companheiras para casa, ignorando os agradecimentos de Aric como se não tivessem feito nada mais do que ajudá-lo a mover um sofá.

Logo ela e Aric estavam sozinhos novamente.

Sozinho... pela primeira vez sem segredos entre eles, sem o perigo os perseguindo.

Jocelyn sentiu-se repentinamente insegura de si mesma. Aric a observou avidamente, como se não quisesse nada mais do que carregá-la para a cama e violá-la. Estranhamente, Jocelyn estava pronta, destemida



pelo sangue em suas roupas e a violência da qual ele acabara de participar.

Como seria tocá-lo agora que finalmente estava a salvo de perigos? Agora que podia se concentrar completamente em seu Alfa, as coisas mudariam? Não havia nada para impedir o vínculo que agora estava livre para crescer entre eles, nada para mantê-los separados novamente.

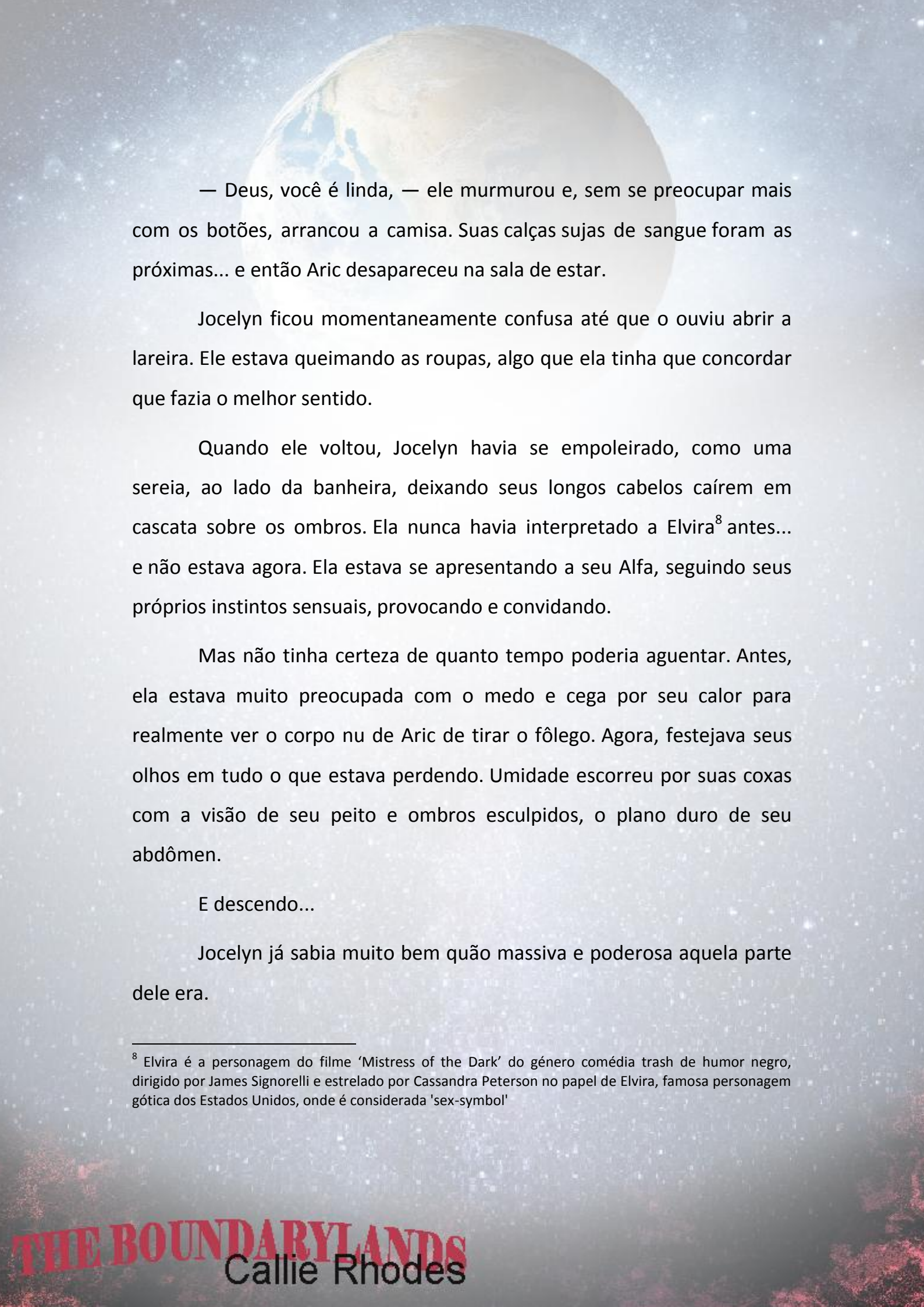
O pensamento acendeu as brasas da natureza de Jocelyn, seu calor liberando a dor entre suas pernas e fazendo com que sua umidade escorresse. Inalando seu cheiro, Aric deu um passo em direção a ela, o olhar predatório em seus olhos se aprofundando.

Então ele se conteve, olhando para suas roupas encharcadas de sangue.

— Eu preciso me lavar, — ele vociferou, claramente frustrado com a demora. Jocelyn deu-lhe um sorriso tímido e passou por ele, certificando-se de escovar contra a protuberância dura em suas calças.

— Vou preparar o seu banho, — ela murmurou.

Ela fechou a porta atrás dela e abriu as torneiras. O abastecimento de água vinha de uma fonte termal no meio da colina e, enquanto a enorme banheira antiga se enchia de água fumegante, Jocelyn tirou a roupa com as mãos trêmulas. Depois de testar a temperatura, ela se levantou do chão para encontrar Aric parado na porta olhando para ela, com as mãos presas nos botões de sua camisa.



— Deus, você é linda, — ele murmurou e, sem se preocupar mais com os botões, arrancou a camisa. Suas calças sujas de sangue foram as próximas... e então Aric desapareceu na sala de estar.

Jocelyn ficou momentaneamente confusa até que o ouviu abrir a lareira. Ele estava queimando as roupas, algo que ela tinha que concordar que fazia o melhor sentido.

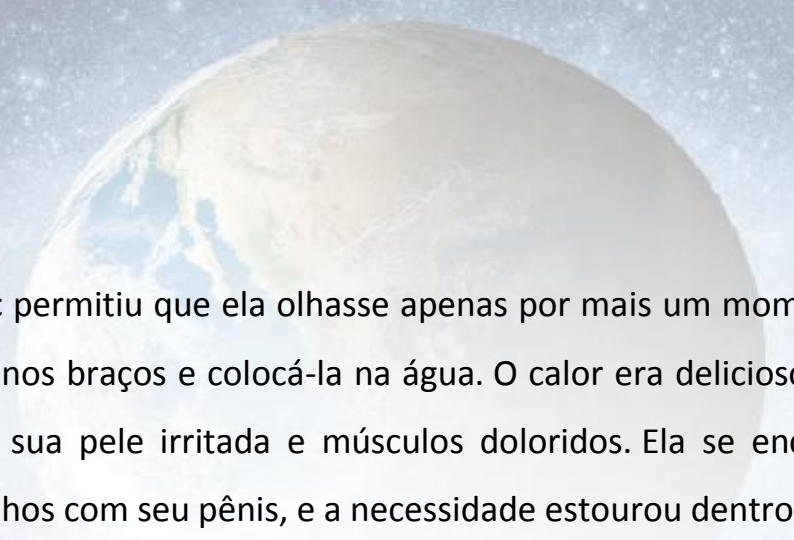
Quando ele voltou, Jocelyn havia se empoleirado, como uma sereia, ao lado da banheira, deixando seus longos cabelos caírem em cascata sobre os ombros. Ela nunca havia interpretado a Elvira⁸ antes... e não estava agora. Ela estava se apresentando a seu Alfa, seguindo seus próprios instintos sensuais, provocando e convidando.

Mas não tinha certeza de quanto tempo poderia aguentar. Antes, ela estava muito preocupada com o medo e cega por seu calor para realmente ver o corpo nu de Aric de tirar o fôlego. Agora, festejava seus olhos em tudo o que estava perdendo. Umidade escorreu por suas coxas com a visão de seu peito e ombros esculpidos, o plano duro de seu abdômen.

E descendo...

Jocelyn já sabia muito bem quão massiva e poderosa aquela parte dele era.

⁸ Elvira é a personagem do filme 'Mistress of the Dark' do gênero comédia trash de humor negro, dirigido por James Signorelli e estrelado por Cassandra Peterson no papel de Elvira, famosa personagem gótica dos Estados Unidos, onde é considerada 'sex-symbol'



Aric permitiu que ela olhasse apenas por mais um momento antes de pegá-la nos braços e colocá-la na água. O calor era delicioso, trazendo alívio para sua pele irritada e músculos doloridos. Ela se encontrou no nível dos olhos com seu pênis, e a necessidade estourou dentro dela.

Mas se forçou a esperar. Ela pegou uma esponja natural da borda ao lado da banheira e mergulhou-a sob a superfície.

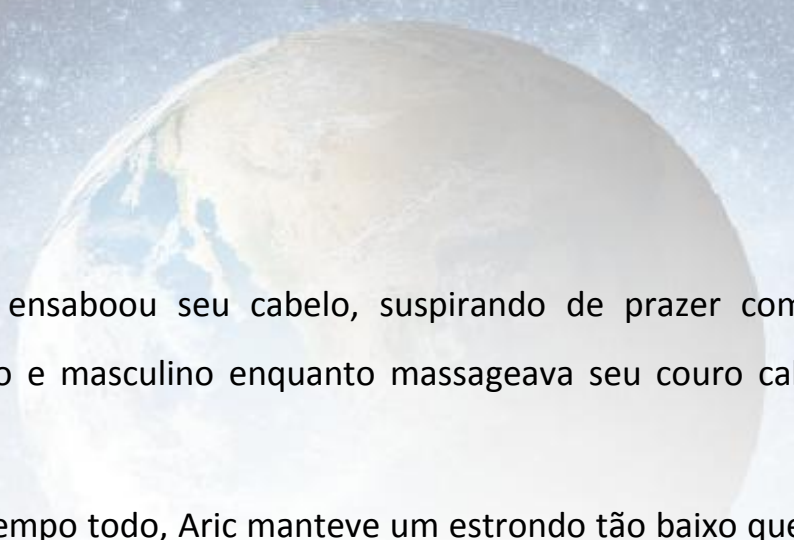
— Venha aqui, — disse ela com voz rouca, não mais posando. Sua boca encheu de água e sua boceta gritava por atenção, mas o que mais precisava agora, o que ansiava, era servir a seu Alfa.

Aric obedeceu, entrando na enorme banheira e se sentando, observando-a o tempo todo. Jocelyn ergueu a esponja gotejante até os ombros e lentamente a torceu, deixando a água quente cair em cascata sobre sua pele.

Aric gemeu. Suas pálpebras se fecharam. Suas mãos se contraíram com a necessidade de tocá-la, mas Jocelyn as acalmou.

— Ainda não, — ela sussurrou.

Ela levou um tempo lavando-o, começando pelos ombros e peito, depois pelas costas. Ela gentilmente enxugou seu rosto e pescoço, tomando cuidado ao redor dos cortes e hematomas que ele obteve ao rasgar na floresta, até que ele agarrou a mão dela e esfregou a esponja com força no rosto.



Ela ensaboou seu cabelo, suspirando de prazer com o aroma amadeirado e masculino enquanto massageava seu couro cabeludo e o enxaguava.

O tempo todo, Aric manteve um estrondo tão baixo que era quase um ronronar, inclinando-se ao toque dela. Quando terminou de lavar o cabelo dele, ela deslizou a esponja sobre a crista dura e muscular de sua barriga, e então mais baixo, para seu enorme pênis, tão duro como ela já experimentou. Deslizando a mão em torno dele, alguma parte profunda e oculta dela ganhando vida.

Uma parte animal.

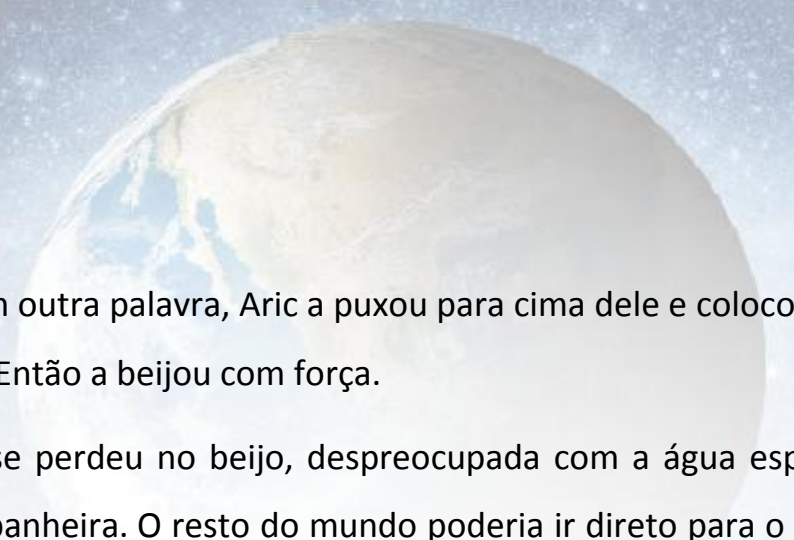
Uma parte primordial.

Uma que não seria negada.

Aric deve ter sentido também, porque agarrou os pulsos dela com suas mãos enormes, quase forte o suficiente para machucar. — Olhe para mim, — ele ordenou, e ela se viu olhando diretamente nos olhos escuros em chamas de desejo cru.

O corpo inteiro de Jo estremeceu de antecipação. Ela sabia agora que não precisava entender *por* que o queria tanto... a única coisa que importava era que ela queria.

E que ele a queria de volta.



Sem outra palavra, Aric a puxou para cima dele e colocou a mão na nuca dela. Então a beijou com força.

Jo se perdeu no beijo, despreocupada com a água espirrando na lateral da banheira. O resto do mundo poderia ir direto para o inferno, no que dizia respeito a ela.

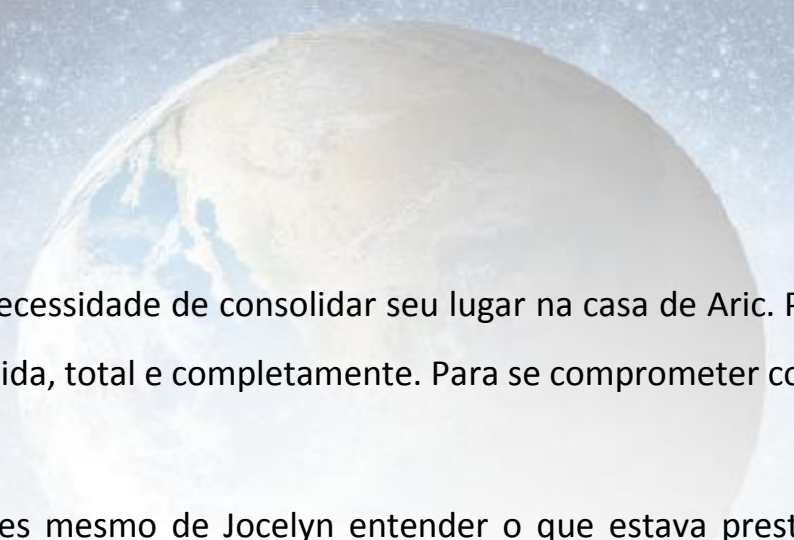
Ela estava exatamente onde deveria estar. Aric a ergueu acima de seu pau duro.

Não havia necessidade de esperar mais. Eles estavam prontos... *além de* prontos. Como se suas vidas inteiras os tivessem conduzido a este momento preciso.

Jocelyn sentiu sua corrida para dar as boas-vindas ao primeiro impulso de seu pênis, gritando enquanto ele se enterrava completamente dentro dela. Ela se ergueu e acompanhou seu ritmo, montando-o o mais longo e forte que pôde. E quando sua força acabou, e desabou contra o peito de Aric em uma névoa de prazer, ele assumiu e levou seu frenesi mais alto.

Jocelyn não tinha ideia de quantas vezes ela veio. Não havia sentido em manter o controle. Tudo o que sabia era que quando finalmente sentiu o nó começando a se formar dentro dela, algo mudou.

Ela sentiu um novo desejo, que nunca tinha imaginado.



A necessidade de consolidar seu lugar na casa de Aric. Para aceitá-lo em sua vida, total e completamente. Para se comprometer com ele para sempre.

Antes mesmo de Jocelyn entender o que estava prestes a fazer, sua boca se fechou ao redor do ombro dele. E então o mordeu com a força de cada pedaço que tinha.

Aric explodiu com um rugido primitivo que açoitou a água, e então ele abaixou a cabeça. E meio segundo depois, ela sentiu a picada de sua própria mordida.

Mas não acabou então. Oh infernos não.

Mesmo depois que seu nó desapareceu, Aric a pegou no colo e a carregou para a cama, onde continuou a fazer amor com ela por dois dias celestiais seguidos.

E Jocelyn não se importou nem um pouco.



CAPÍTULO 17

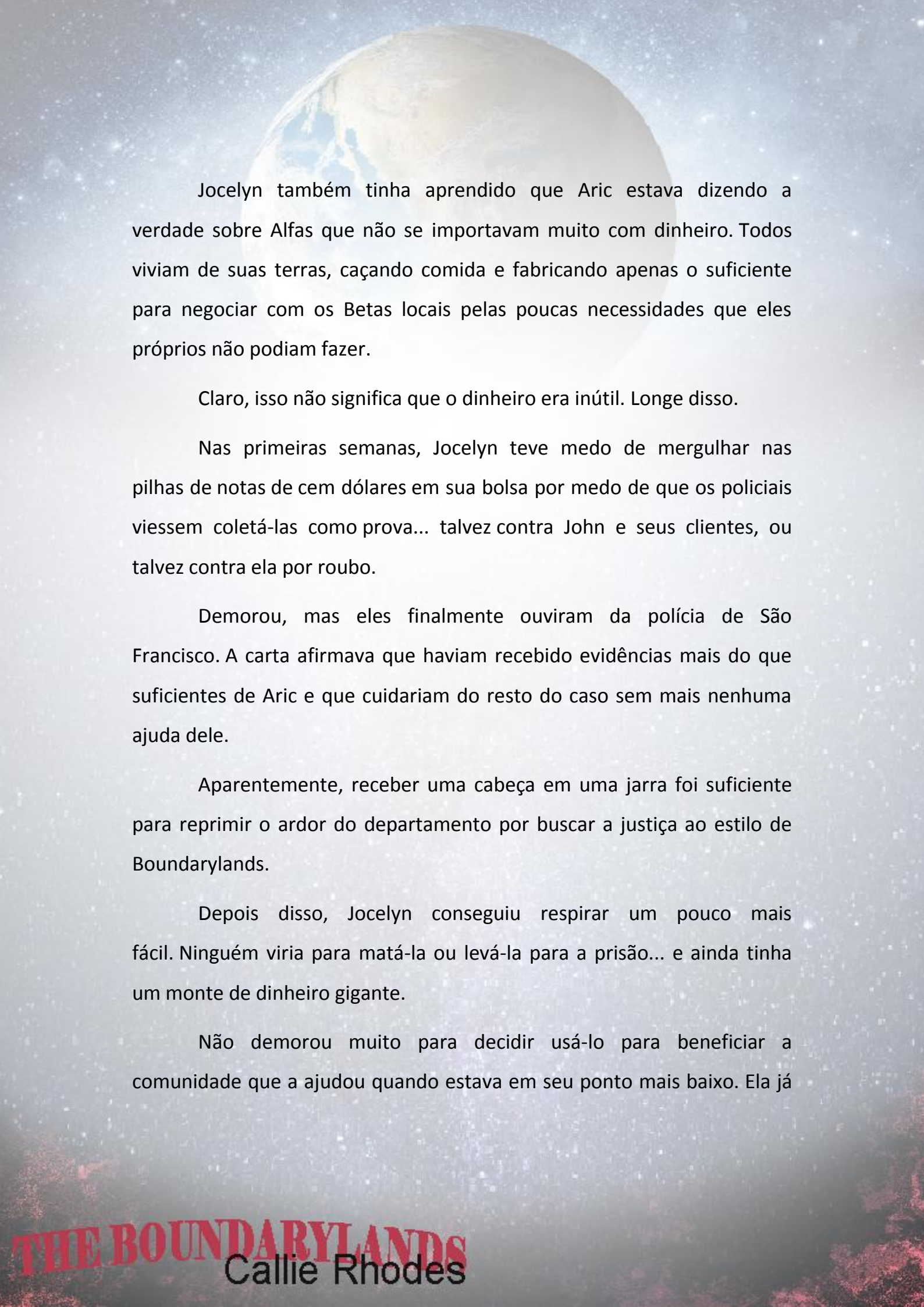
Jocelyn

E o segundo mês da nova vida de Jocelyn em Boundarylands chegou ao fim, Cassidy disse a ela admiravelmente que tinha ganhado um grau honorário nos estudo Alfas e Ômegas.

Era verdade que Jocelyn havia aprendido mais do que jamais imaginou ser possível em tão pouco tempo. Ela agora entendia o verdadeiro significado do territorialismo, em que a propriedade de um homem perdia apenas para sua companheira em termos de quão duro ele lutaria por ela. Ela entendia a natureza sagrada da irmandade Alfa, que era tão profunda que mesmo aqueles que não gostavam um do outro não hesitariam em ajudar um ao outro quando necessário.

As Ômegas eram muito parecidas. Com elas, Jocelyn encontrou a irmandade que faltava em sua vida Beta anterior. Antes, tinha conhecido, mulheres que se vestiam e falavam da mesma forma e a convidavam para um jantar ou chá de panela ocasional.

Agora Jocelyn tinha verdadeiras amigas com todos os tipos de origens e personalidades diferentes, cuja generosidade nunca parava de surpreendê-la.



Jocelyn também tinha aprendido que Aric estava dizendo a verdade sobre Alfas que não se importavam muito com dinheiro. Todos viviam de suas terras, caçando comida e fabricando apenas o suficiente para negociar com os Betas locais pelas poucas necessidades que eles próprios não podiam fazer.

Claro, isso não significa que o dinheiro era inútil. Longe disso.

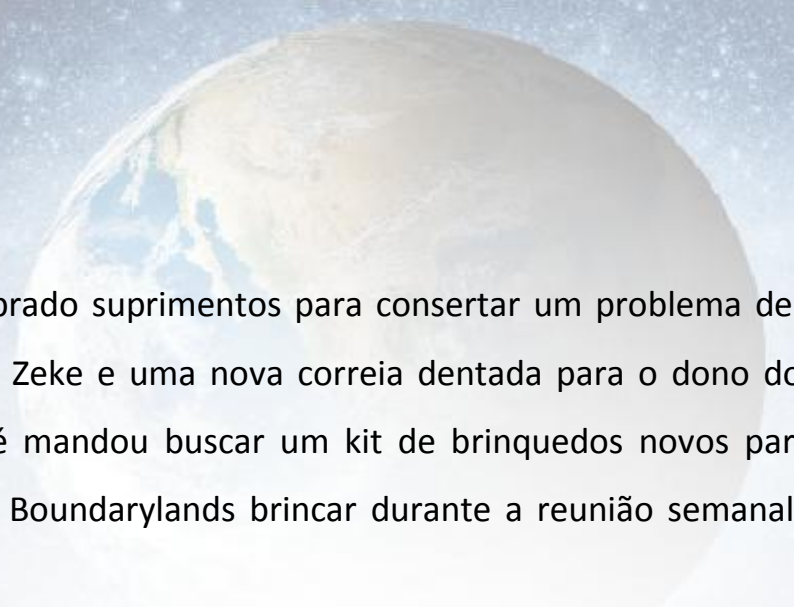
Nas primeiras semanas, Jocelyn teve medo de mergulhar nas pilhas de notas de cem dólares em sua bolsa por medo de que os policiais viessem coletá-las como prova... talvez contra John e seus clientes, ou talvez contra ela por roubo.

Demorou, mas eles finalmente ouviram da polícia de São Francisco. A carta afirmava que haviam recebido evidências mais do que suficientes de Aric e que cuidariam do resto do caso sem mais nenhuma ajuda dele.

Aparentemente, receber uma cabeça em uma jarra foi suficiente para reprimir o ardor do departamento por buscar a justiça ao estilo de Boundarylands.

Depois disso, Jocelyn conseguiu respirar um pouco mais fácil. Ninguém viria para matá-la ou levá-la para a prisão... e ainda tinha um monte de dinheiro gigante.

Não demorou muito para decidir usá-lo para beneficiar a comunidade que a ajudou quando estava em seu ponto mais baixo. Ela já



havia comprado suprimentos para consertar um problema de inundação na casa de Zeke e uma nova correia dentada para o dono do Evander's Bar. Ela até mandou buscar um kit de brinquedos novos para todos os filhotes de Boundarylands brincar durante a reunião semanal de chá da Ômega.

Nada disso afetou o estoque de dinheiro. Jocelyn calculou que, a este ritmo, ela e Aric seriam capazes de cobrir qualquer problema, grande ou pequeno, que surgisse na comunidade pelos próximos cinquenta anos.

Embora agora mesmo, ela daria cada centavo se isso significasse que não teria que ouvir Zeke e sua amiga Ômega, Faith, discutindo sobre quem havia ganhado seu maldito jogo de sinuca.

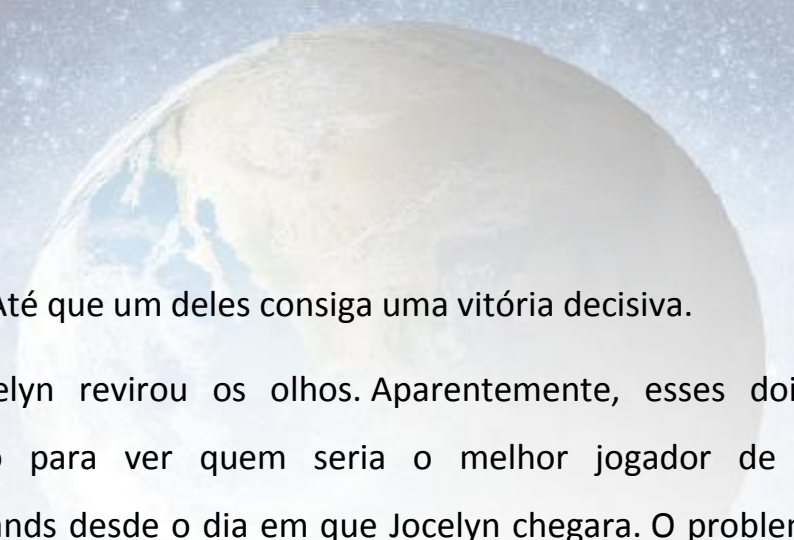
— Você trapaceou, — Zeke uivou, sua voz estrondosa virando cada cabeça no bar. — Você tocou na minha vara.

— Eu não fiz, — Faith atirou de volta. Para uma mulher geralmente de fala mansa e graciosa, ela certamente poderia se controlar. — Você está mentindo e sabe disso.

— Não me chame de mentiroso.

— E não acuse minha Ômega de tocar em seu bastão, — vociferou o Alfa Troy de Faith, inserindo-se na discussão com um olhar ameaçador.

— Oh meu Deus, quantas vezes você acha que teremos que passar por esta mesma discussão? — Jocelyn sussurrou para Aric.



— Até que um deles consiga uma vitória decisiva.

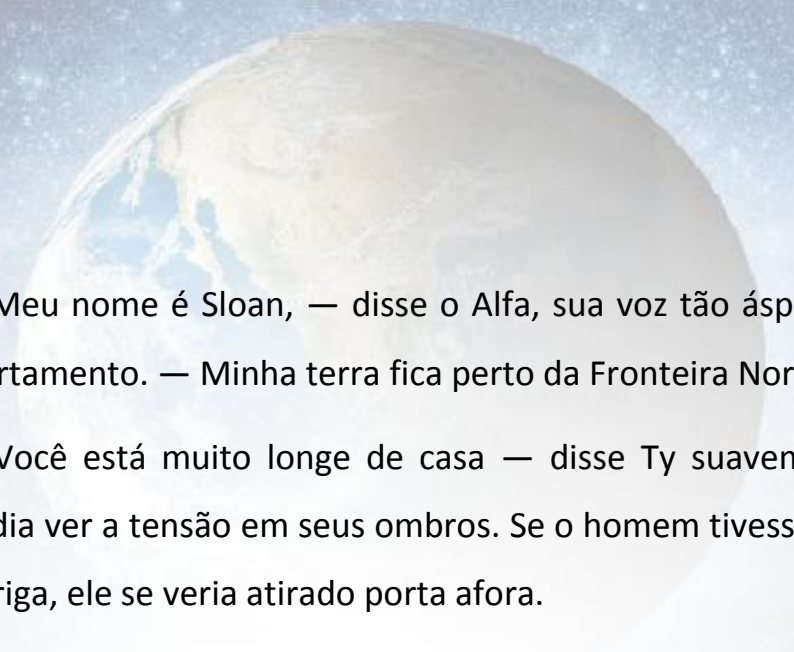
Jocelyn revirou os olhos. Aparentemente, esses dois estavam batalhando para ver quem seria o melhor jogador de sinuca de Boundarylands desde o dia em que Jocelyn chegara. O problema era que eles estavam tão equilibrados que alternavam as vitórias, nunca conseguindo uma vantagem de mais de um jogo... e nunca sem uma discussão. Alguma falta imaginária seria mencionada no final, e todo o bar teria que sofrer com a discussão.

Secretamente, Jocelyn tinha a sensação de que Faith e Zeke eram melhores amigos do que qualquer um deles jamais admitiria.

Ela estava prestes a pedir outra cerveja para ajudá-la a suportar as brigas quando a porta da frente do bar se abriu, e um Alfa desconhecido entrou. Ele usava seu longo cabelo loiro sujo solto e sua barba estava indomada e oleosa. Ele tinha o início de uma pança, um atributo incomum para um Alfa.

Todos pararam o que estavam fazendo para assistir. Você não precisava ter os sentidos afinados de um Alfa para notar a fúria fervente que impulsionou o estranho pela sala. Jocelyn instintivamente se aproximou de Aric.

O estranho alcançou o bar e bateu com a mão nele enquanto o barman, Ty, olhava com cautela.



— Meu nome é Sloan, — disse o Alfa, sua voz tão áspera quanto seu comportamento. — Minha terra fica perto da Fronteira Norte.

— Você está muito longe de casa — disse Ty suavemente, mas Jocelyn podia ver a tensão em seus ombros. Se o homem tivesse vindo em busca de briga, ele se veria atirado porta fora.

— Eu vim porque ouvi que você tinha Ômegas aqui.

Cada Alfa no local enrijeceu, aqueles com companheiras se movendo protetoramente entre elas e o estranho.

— Calma, irmãos, — disse o estranho. — Eu não quero suas mulheres. Eu tenho minha própria desculpa para uma, e estava pensando que as suas poderiam falar um pouco com ela.

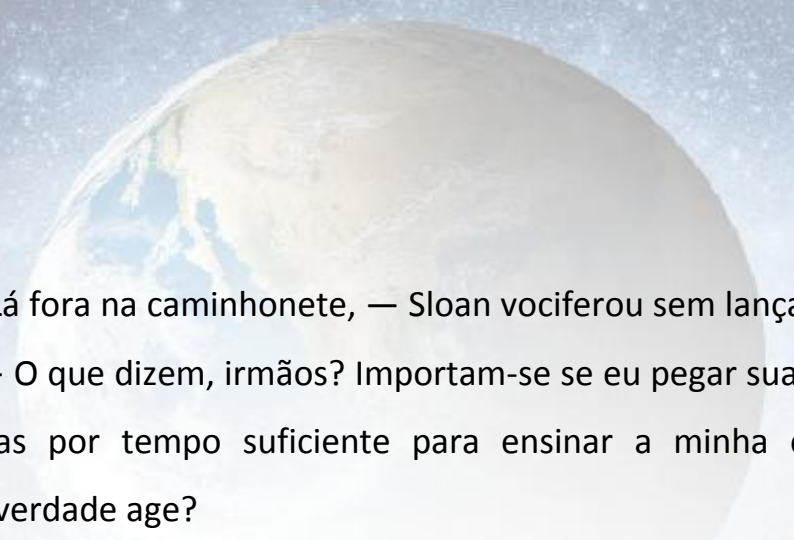
A atenção de Jocelyn foi atraída para as mãos do estranho. Os nós dos dedos tinham marcas vermelhas inconfundíveis... o tipo que vem de socos.

Ah merda. Isso não era bom.

As Ômegas na sala... Faith, Darcy, Mia e Jocelyn... se reconheceram em silêncio, unidas em sua preocupação. Todas elas sabiam o que isso significava: uma das suas estava em apuros.

Grandes problema.

— Onde está a sua Ômega agora? — Jocelyn perguntou.



— Lá fora na caminhonete, — Sloan vociferou sem lançar um olhar para ela. — O que dizem, irmãos? Importam-se se eu pegar suas mulheres emprestadas por tempo suficiente para ensinar a minha como uma Ômega de verdade age?

Um arrepio percorreu a espinha de Jocelyn quando percebeu que deve ter sido assim que Darcy se sentiu na noite em que a descobriu desmoronando atrás do bar... sabendo que precisava intervir, mas sem saber como.

Alguns dos Alfas levantaram-se das cadeiras, um estrondo baixo enchendo a sala quando a porta foi aberta novamente.

Não um estranho desta vez... mas Jocelyn não estava muito mais feliz em ver esse Alfa do que o primeiro. Cade era o tipo de jovem Alfa cabeça quente que sempre parecia estar ansioso para uma luta.

— Você é Sloan? — Cade se dirigiu ao estranho da porta, sem se preocupar em manter o desprezo fora de sua voz.

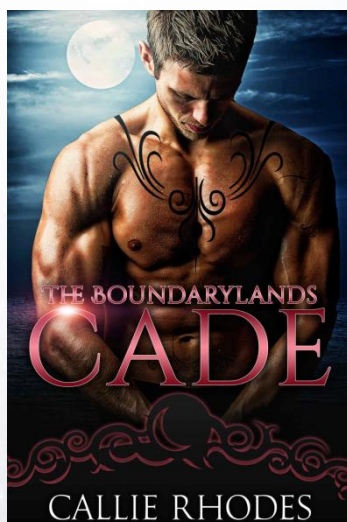
O estranho se virou e sorriu com desprezo, mostrando os dentes amarelos. — Quem diabos quer saber?

— O Alfa que está roubando sua maldita Ômega, — Cade respondeu antes de puxar o punho para trás e jogar o filho da puta no chão.

FIM

Próximo Livro

A história de Cade e Emily



THE BOUNDARYLANDS
Callie Rhodes